

GRACILIANO RAMOS

S. Bernardo



GRACILIANO
RAMOS

S. Bernardo

88ª EDIÇÃO


E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2009

R143c Ramos, Graciliano, 1892-1953
S. Bernardo [recurso eletrônico] / Graciliano Ramos; posfácio de Godofredo de Oliveira Neto. – 88ª ed. – Ed. revista. – Rio de Janeiro:
88ª ed. Record, 2009.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-01-09125-3 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

10-6426 CDD – 869.93
CDU – 821.134.3(81)-3
09.12.10
20.12.10 02399

Copyright © by herdeiros de Graciliano Ramos

<http://www.graciliano.com.br>

Reservados todos os direitos de tradução e adaptação

posfácio Godofredo de Oliveira Neto
capa eg.design / Evelyn Grumach
ilustração Darel
foto do autor Arquivo da família
finalização da capa eg.design / Fernanda Garcia
projeto gráfico de miolo da versão impressa eg.design / Evelyn Grumach e Fernanda Garcia

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09125-3
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



Nota do editor

Esta nova edição de S. Bernardo teve como base a 3ª edição do romance, publicado pela J. Olympio, com as últimas correções feitas por Graciliano Ramos. E, também, retoma a grafia original do título. Os originais estão no Fundo Graciliano Ramos, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Este projeto de reedição da obra de Graciliano Ramos é supervisionado por Wander Melo Miranda, professor titular de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais.

A

ntes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.

Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa.

Estive uma semana bastante animado, em conferências com os principais colaboradores, e já via os volumes expostos, um milheiro vendido graças aos elogios que, agora com a morte do Costa Brito, eu meteria na esfomeada Gazeta, mediante lambujem. Mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos.

João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem.

Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de Outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos. Torceu-me a cara. E éramos amigos. Patriota. Está direito: cada qual tem as suas manias.

Afastei-o da combinação e concentrei as minhas esperanças em Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam.

Trabalhamos alguns dias. À tardinha Azevedo Gondim entregava a redação ao Arquimedes, trancava a gaveta onde guarda os níqueis e as pratas, tomava a bicicleta e, pedalando meia hora pela estrada de rodagem que ultimamente Casimiro Lopes andava a consertar com dois ou três homens, alcançava S. Bernardo. Comentava os telegramas dos jornais, atacava o governo, bebia um copo de conhaque que Maria das Dores lhe trazia e, sentindo-se necessário, comandava com submissão:

— Vamos a isso.

Íamos para o alpendre, mergulhávamos em cadeiras de vime e ajeitávamos o enredo, fumando, olhando as novilhas caracus que pastavam no prado, embaixo, e mais longe, à entrada da mata, o telhado vermelho da serraria.

A princípio tudo correu bem, não houve entre nós nenhuma divergência. A conversa era longa, mas cada um prestava atenção às próprias palavras, sem ligar importância ao que o outro dizia. Eu por mim, entusiasmado com o assunto, esquecia constantemente a natureza do Gondim e chegava a considerá-lo uma espécie de folha de papel destinada a receber as ideias confusas que me fervilhavam na cabeça.

O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguei:

— Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

— Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

— Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Levantei-me e encostei-me à balaustrada para ver de perto o touro limosino que Marciano conduzia ao estábulo. Uma cigarra começou a chiar. A velha Margarida veio vindo pelo paredão do açude, curvada em duas. Na torre da igreja uma coruja piou. Estremeci, pensei em Madalena. Em seguida enchi o cachimbo:

— É o diabo, Gondim. O mingau virou água. Três tentativas falhadas num mês! Beba conhaque, Gondim.

A

bandonei a empresa, mas um dia destes ouvi novo pio de coruja — e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta.

Afinal foi bom privar-me da cooperação de padre Silvestre, de João Nogueira e do Gondim. Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo. E se souberem que o autor sou eu, naturalmente me chamarão potoqueiro.

Continuemos. Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis. Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores e repita passagens insignificantes. De resto isto vai arranjado sem nenhuma ordem, como se vê. Não importa. Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda.

Aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, olho a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar. Levanto-me, chego à janela que deita para a horta. Casimiro Lopes pergunta se me falta alguma coisa.

— Não.

Casimiro Lopes acocora-se num canto. Volto a sentar-me, releio estes períodos chinfrins.

Ora vejamos. Se eu possuísse metade da instrução de Madalena, encoivara isto brincando. Reconheço finalmente que aquela papelada tinha préstimo.

O que é certo é que, a respeito de letras, sou versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil, conhecimentos inúteis neste gênero. Recorrendo a eles, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante. Saindo daí, a minha ignorância é completa. E não vou, está claro, aos cinquenta anos, munir-me de noções que não obtive na mocidade.

Não obtive, porque elas não me tentavam e porque me orientei num sentido diferente. O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. Tudo isso é fácil quando está terminado e embira-se em duas linhas, mas para o sujeito que vai começar, olha os quatro cantos e não tem em que se pegue, as dificuldades são terríveis. Há também a capela, que fiz por insinuações de padre Silvestre.

Ocupado com esses empreendimentos, não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices do Gondim. As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde. Não pretendo bancar escritor. É tarde para mudar de profissão. E o pequeno que ali está chorando necessita quem o encaminhe e lhe ensine as regras de bem viver.

— Então para que escreve?

— Sei lá!

O pior é que já estraguei diversas folhas e ainda não principiei.

— Maria das Dores, outra xícara de café.

Dois capítulos perdidos. Talvez não fosse mau aproveitar os do Gondim, depois de expurgados.



omeço declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro. A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor.

Para falar com franqueza, o número de anos assim positivo e a data de S. Pedro são convencionais: adoto-os porque estão no livro de assentamentos de batizados da freguesia. Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivos para não desejarem ser conhecidos. Não posso, portanto, festejar com exatidão o meu aniversário. Em todo o caso, se houver diferença, não deve ser grande: mês a mais ou mês a menos. Isto não vale nada: acontecimentos importantes estão nas mesmas condições.

Sou, pois, o iniciador de uma família, o que, se por um lado me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinário escorregam com uma sem-vergonheza da peste na intimidade dos que vão trepando.

Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. O cego desapareceu. A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia destes compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela.

Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Aí pratiquei o meu primeiro ato digno de referência. Numa sentinela, que acabou em furdunço, abreequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes.

Joaquim sapateiro morreu. Germana arruinou. Quando me soltaram, ela estava na vida, de porta aberta, com doença do mundo.

Nesse tempo eu não pensava mais nela, pensava em ganhar dinheiro. Tirei o título de eleitor, e seu Pereira, agiota e chefe político, emprestou-me cem mil-réis a juro de cinco por cento ao mês. Paguei os cem mil-réis e obtive duzentos com o juro reduzido para três e meio por cento. Daí não baixou mais, e estudei aritmética para não ser roubado além da conveniência.

De bicho na capação (falando com pouco ensino), esperneeii nas unhas do Pereira, que me levou músculo e nervo, aquele malvado. Depois vinguei-me: hipotecou-me a propriedade e tomei-lhe tudo, deixei-o de tanga. Mas isso foi muito mais tarde.

A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas. Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas. Está um exemplo. O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. Andei, virei, mexi, procurei empenhos — e ele duro como beira de sino. Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações em penca, aquilo não era trato, e tal, enfim, etc. O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um esbregue. Não desanimei: escolhi uns rapazes em Cancelancó e quando o doutor ia para a fazenda, caí-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos-de-raposa.

— Vamos ver quem tem roupa na mochila. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa.

O doutor, que ensinou rato a furar almotolia, sacudiu-me a justiça e a religião.

— Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho.

Dr. Sampaio escreveu um bilhete à família e entregou-me no mesmo dia trinta e seis contos e trezentos. Casimiro Lopes foi o portador. Passei o recibo, agradei e despedi-me:

— Obrigado, Deus o acrescente. Sinto muito ter-lhe causado incômodo. Adeus. E não me venha com a sua justiça, porque se vier, eu viro cachorro doido e o senhor morre na faca cega.

Não tornei a aparecer por aquelas bandas. Se tornasse, era um tiro de pé de pau na certa, a cara esfolada para não ser reconhecido quando me encontrassem com os dentes de fora, fazendo munganga ao sol, e a supressão da minha fortuna, que eu conduzia dentro de um chocalho grande, arrolhado com folhas e pendurado no arção da sela. Ali estava em segurança: se o dinheiro e as folhas caíssem, o chocalho tocava.

Afinal, cansado daquela vida de cigano, voltei para a mata. Casimiro Lopes, que não bebia água na ribeira do Navio, acompanhou-me. Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão.

Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.

Meu antigo patrão, Salustiano Padilha, que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava. Como quem não quer nada, procurei avistar-me com Padilha moço (Luís). Encontrei-o no bilhar, jogando bacará, completamente bêbedo. Está claro que o jogo é uma profissão, embora censurável, mas o homem que bebe jogando não tem juízo. Aperuei meia hora e percebi que o rapaz era pexote e estava sendo roubado descaradamente.

Travei amizade com ele e em dois meses emprestei-lhe dois contos de réis, que ele sapecou depressa na orelha da sota e em folias de bacalhau e aguardente, com fêmeas ratuínas, no Pão-sem-Miolo. Vi essas maluqueiras bastante satisfeito, e quando um dia, de novo quebrado, ele me veio convidar para um S. João na fazenda, afrouxei mais quinhentos mil-réis. Ao ver a letra, fingi desprendimento:

— Para que isso? Entre nós... Formalidades.

Mas guardei o papel.

Achei a propriedade em cacos: mato, lama e potó como os diabos. A casa-grande tinha paredes caídas, e os caminhos estavam quase intransitáveis. Mas que terra excelente!

À noite, enquanto a negrada sambava, num forrobodó empestado, levantando poeira na sala, e a música de zabumba e pífanos tocava o hino nacional, Padilha andava com um lote de caboclas fazendo voltas em redor de um tacho de canjica, no pátio que os muçambês invadiam. Tirei-o desse interessante divertimento:

— Por que é que você não cultiva S. Bernardo?

— Como? perguntou Padilha esfregando os olhos por causa da fumaça e encostando-se a um mamoeiro que murchava ao calor do fogo.

— Tratores, arados, uma agricultura decente. Você nunca pensou? Quanto julga que isto rende, sendo bem aproveitado?

Luís Padilha revelou com a mão e com o beijo ignorância lastimável num proprietário e, sem ligar importância ao assunto, voltou às rodas interrompidas e às caboclas. Mas de madrugada, numa carraspana terrível, importunou-me gemendo palavras desconexas. A cada solavanco do carro de bois que nos conduzia à cidade, levantava a cabeça:

— Tudo rico, seu Paulo. Vai ser uma desgraceira.

Agarrava-se a um fueiro do carro e punha-se a vomitar. Depois pegava no sono para acordar agoniado e arrotando:

— Arados, não há nada como os arados.

Apareceu-me no dia seguinte, ainda com vestígios do pifão:

— Seu Paulo Honório, venho consultá-lo. O senhor, homem prático...

— Às ordens.

— Creio que já lhe disse que resolvi cultivar a fazenda.

— Mais ou menos.

— Resolvi. Aquilo como está não convém. Produz bastante, mas poderá produzir muito mais. Com arados... O senhor não acha? Tenho pensado numa plantação de mandioca e numa fãbrica de farinha, moderna. Que diz?

Burrice. Estragar terra tão fértil plantando mandioca!

— É bom.

E não prestei mais atenção ao caso, deixei que ele se entusiasmasse só e fosse discutir o seu projeto no Gurganema, à noite, ao som do violão. Realmente transformou-se. Nas pedras do Paraíba, com uma garrafa de cachaça, aperreava os companheiros de farra — declamando sementes e adubos químicos. Tornou-se regularmente vaidoso, desejava aprender agronomia, e em pouco tempo a cidade inteira conheceu as plantações, as máquinas, a fãbrica de farinha.

— Como vai a lavoura, Padilha?

A princípio respondia, depois compreendeu o ridículo e deu para se esquivar, magoado com as perfídias dos amigos.

— Selvagens! rosnava aguentando as batotas no bacará. Vamos para diante.

E a gente ficava sem saber se ele se referia aos parceiros que o pelavam ou aos camaradas que mangavam dele. Procurou-me e desabafou:

— Selvagens! Um empreendimento de vulto, o senhor está vendo, e esses burros vêm com picuinha. Aqui ninguém entende nada, seu Paulo, isto é um lugar infeliz. Aqui só se cogita de safadeza e pulhice.

Cheio de amargura, abalada a decisão dos primeiros dias, confessou-me que tinha tentado contrair um empréstimo com o Pereira.

— Cavalos! Fiz uma exposição minuciosa, demonstrei cabalmente que o negócio é magnífico. Não acreditou, disse que estava no pau da arara. E eu calculei que talvez a transação lhe interessasse. Quer desembolsar aí uns vinte contos?

Examinei sorrindo aquele bichinho amarelo, de beiços delgados e dentes podres.

— Ó Padilha, gracieje, você já fechou cigarros?

Padilha comprava cigarros feitos.

— É mais cômodo, concordei, mas é mais caro. Pois, Padilha, se você tivesse fechado cigarros, sabia como é difícil enrolar um milheiro deles. Imagine agora que dá mais trabalho ganhar dez tostões que fechar um cigarro. E um conto de réis tem mil notas de dez tostões. Vinte contos de réis são vinte mil notas de dez tostões. Parece que você ignora isto. Fala em vinte contos assim com essa carinha, como se dinheiro fosse papel sujo. Dinheiro é dinheiro.

Padilha baixou a cabeça e resmungou amuado que sabia contar. Saiu, voltou outras vezes, insistindo.

— Eu sou capitalista, homem? Você quer-me arrasar?

Padilha rezingava e oferecia a hipoteca de S. Bernardo.

— Bobagem! S. Bernardo não vale o que um periquito rói. O Pereira tem razão. Seu pai esbagaçou a propriedade. Afinal prometi vagamente:

— Está bem. Vou refletir.

No outro dia ainda estava refletindo:

— Vamos ver, Padilha. Dinheiro é dinheiro.

Passei uma semana nesse jogo, colhendo informações sobre a idade, a saúde e a fortuna do velho Mendonça. Quando me decidi, sujeitos prudentes juraram que eu estava doido.

Padilha recebeu os vinte contos (menos o que me devia e os juros), comprou uma tipografia e fundou o Correio de Viçosa, folha política, noticiosa, independente, que teve apenas quatro números e foi substituída pelo Grêmio Literário e Recreativo. Azevedo Gondim elaborou os estatutos, e na primeira sessão de assembleia geral Padilha foi aclamado sócio benemérito e presidente honorário perpétuo.

Relativamente à agricultura Luís Padilha acuou, esperando uns catálogos de máquinas, que nunca chegaram. Começou a fugir de mim. Se me encontrava, encolhia-se, fingia-se distraído, embicava o chapéu. No vencimento da primeira letra adoeceu. Fui visitá-lo e achei-o escondido na sala de jantar, jogando gamão com João Nogueira. Vendo-me, atrapalhou-se tanto que os dedos magros, queimados, de unhas roídas, tremiam chocalhando os dados.

Daí em diante encantou-se. Disseram-me que tinha enebado as canelas para S. Bernardo.

— Que estará fazendo por lá?

A última letra se venceu num dia de inverno. Chovia que era um deus nos acuda. De manhã cedinho mandei Casimiro Lopes selar o cavalo, vesti o capote e parti. Duas léguas em quatro horas. O caminho era um atoleiro sem fim. Avistei as chaminés do engenho do Mendonça e a faixa de terra que sempre foi motivo de questão entre ele e Salustiano Padilha. Agora as cercas de Bom-Sucesso iam comendo S. Bernardo.

Dirigi-me à casa-grande, que parecia mais velha e mais arruinada debaixo do aguaceiro. Os muçambês não tinham sido cortados. Apeei-me e entrei, batendo os pés com força, as esporas tinindo. Luís Padilha dormia na sala principal, numa rede encardida, insensível à chuva que açoitava as janelas e às goteiras que alagavam o chão. Balancei o punho da rede. O ex-diretor do Correio de Viçosa ergueu-se, atordoado:

— Por aqui? Como vai?

— Bem, agradecido.

Sentei-me num banco e apresentei-lhe as letras. Padilha, com um estremecimento de repugnância, mudou a vista:

— Eu tenho pensado nesse negócio, tenho pensado muito. Até perdi o sono. Ontem amanheci com vontade de lhe aparecer, para combinar. Mas não pude. Semelhante chuva...

— Deixemos a chuva.

— Estou em dificuldades sérias. Ia propor uma prorrogação com juros acumulados. Recurso não tenho.

— E a fábrica, os arados?

Luís Padilha respondeu ambigualmente:

— Um inverno deste esculhamba tudo. Recurso não tenho, mas o negócio está garantido. A prorrogação...

— Não vale a pena. Vamos liquidar.

— Ora liquidar! Já não lhe disse que não posso? Salvo se quiser aceitar a tipografia.

— Que tipografia! Você é besta?

— É o que tenho. Cada qual se remedeia com o que tem. Devo, não nego, mas como hei de pagar assim de faca no peito? Se me virarem hoje de cabeça para baixo, não cai do bolso um níquel. Estou liso.

— Isso não são maneiras, Padilha. Olhe que as letras se venceram.

— Mas se não tenho! Hei de furtar? Não posso, está acabado.

— Acabado o quê, meu sem-vergonha! Agora é que vai começar. Tomo-lhe tudo, seu cachorro, deixo-o de camisa e ceroula.

O presidente honorário perpétuo do Grêmio Literário e Recreativo assustou-se:

— Tenha paciência, seu Paulo. Com barulho ninguém se entende. Eu pago. Espere uns dias. A dívida só é ruim para quem deve.

— Não espero nem uma hora. Estou falando sério, e você com tolices! Despropósito não! Quer resolver o caso amigavelmente? Faça preço na propriedade.

Luís Padilha abriu a boca e arregalou os olhos miúdos. S. Bernardo era para ele uma coisa inútil, mas de estimação: ali escondia a amargura e a quebradeira, matava passarinhos, tomava banho no riacho e dormia. Dormia demais, porque receava encontrar o Mendonça.

— Faça o preço.

— Aqui entre nós, murmurou o desgraçado, sempre desejei conservar a fazenda.

— Para quê? S. Bernardo é uma pinoia. Falo como amigo. Sim senhor, como amigo. Não tenciono ver um camarada com a corda no pescoço. Esses bacharéis têm fome canina, e se eu mandar o Nogueira tocar fogo na binga, você fica de saco nas costas. Despesa muita, Padilha. Faça preço. Debates a transação até o lusco-fusco. Para começar, Luís Padilha pediu oitenta contos.

— Você está maluco! Seu pai dava isto ao Fidélis por cinquenta. E era caro. Hoje que o engenho caiu, o gado dos vizinhos rebentou as porteiras, as casas são taperas, o Mendonça vai passando as unhas nos babados...

Perdi o fôlego. Respirei e ofereci trinta contos. Ele baixou para setenta e mudamos de conversa. Quando tornamos à barganha, subi a trinta e dois. Padilha fez abate para sessenta e cinco e jurou por Deus do céu que era a última palavra. Eu também asseverei que não pingava mais um vintém, porque não valia. Mas lancei trinta e quatro. Padilha, por camaradagem, consentiu em receber sessenta. Discutimos duas horas, repetindo os mesmos embelecões, sem nenhum resultado.

Resolvi discorrer sobre as minhas viagens ao sertão. Depois, com indiferença, insisti nos trinta e quatro contos e obtive modificação para cinquenta e cinco. Mostrei generosidade: trinta e cinco. Padilha endureceu nos cinquenta e cinco, e eu injuriei-o, declarei que o velho Salustiano tinha deitado fora o dinheiro gasto com ele, no colégio. Cheguei a ameaçá-lo com as mãos. Recuou para cinquenta. Avancei a quarenta e afirmei que estava roubando a mim mesmo. Nesse ponto cada um puxou para o seu lado. Finca-pé. Chamei em meu auxílio o Mendonça, que engolia a terra, o oficial de justiça, a avaliação e as custas. O infeliz, apavorado, desceu a quarenta e oito. Arrependi-me de haver arriscado quarenta: não valia, era um roubo. Padilha escorregou a quarenta e cinco. Firmei-me nos quarenta. Em seguida roí a corda:

— Muito por baixo. Pindaíba.

Descontado o que ele me devia, o resto seria dividido em letras. Padilha endoideceu: chorou, entregou-se a Deus e desmanchou o que tinha feito. Viesse o advogado, viesse a justiça, viesse a polícia, viesse o diabo. Tomassem tudo. Um fumo para o acordo! Um fumo para a lei!

— Eu me importo com lei? Um fumo!

Tinha meios. Perfeitamente, não andava com a cara para trás. Tinha meios. Ia à tribuna da imprensa, reclamar os seus direitos, protestar contra o esbulho. Afetei comiseração e prometi pagar com dinheiro e com uma casa que

possuía na rua. Dez contos. Padilha botou sete contos na casa e quarenta e três em S. Bernardo. Arranquei-lhe mais dois contos: quarenta e dois pela propriedade e oito pela casa. Arengamos ainda meia hora e findamos o ajuste.

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos.

—O

senhor andou mal adquirindo a propriedade sem me consultar, gritou Mendonça do outro lado da cerca.

— Por quê? O antigo proprietário não era maior?

— Sem dúvida, respondeu Mendonça avançando as barbas brancas e o nariz curvo. Mas o senhor devia ter-se informado antes de comprar questão.

— Eu por mim não desejo questionar. Creio que nos entendemos.

— Depende do senhor. Os limites atuais são provisórios, já sabe? É bom esclarecermos isto. Cada qual no que é seu. Não vale a pena consertar a cerca. Eu vou derrubá-la para acertarmos onde deve ficar.

Ponderei ao velho Mendonça que ele já tinha encolhido muito as terras de S. Bernardo. Pedi-lhe que mostrasse os seus papéis. Não sendo possível acordo, era melhor vir o advogado e vir o agrimensor.

— Ótimo! Arranjava-se com os tabeliães e metia-me no bolso. Mas eu não vou nisso. Derruba-se a cerca.

Contei rapidamente os caboclos que iam com ele, contei os meus e asseverei que a cerca não se derrubava. Explicações, com bons modos, sim; gritos não.

E abrandei, meio arrependido, porque não me convinha uma briga com Mendonça, homem reimoso. O que eu não queria era baixar a crista logo no primeiro encontro.

Casimiro Lopes deu um passo; toquei-lhe no ombro e ele recuou. Mendonça compreendeu a situação, passou a tratar-me com amabilidade excessiva. Paguei na mesma moeda, e como ele precisasse de uns cedros que havia perto de Bom-Sucesso, ofereci-lhe os cedros. Recusou, propôs trocá-los por novilhas zebus. Declarei que não tencionava criar gado indiano, falei com entusiasmo sobre o limosino e o Schwitz. Mendonça desdenhava as raças finas, que comem demais e não aguentam o carrapato: engordava garrotes para açougue.

Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu. A nossa conversa era seca, em voz rápida, com sorrisos frios. Os caboclos estavam desconfiados. Eu tinha o coração aos baques e avaliava as consequências daquela falsidade toda. Mendonça coçava a barba.

— Relativamente aos limites, julgo que podemos resolver isso depois, com calma.

— Perfeitamente, concordou Mendonça.

Despedimo-nos. Continuei a estirar o arame farpado e a substituir os grampos velhos por outros novos. Mendonça, de longe, ainda se virou, sorrindo e pregando-me os olhos vermelhos.

À tarde, quando voltei para casa, Casimiro Lopes acompanhou-me, carrancudo. Como eu não dissesse nada, tossiu, parou. Encostei-me a um limoeiro e espalhei ideias ruins que me perseguiram:

— Amanhã traga quatro homens, venha aterrar este charco. E limpe aqui o riacho para as águas não entrarem na várzea.

— Só?

Pensei que, em vez de aterrar o charco, era melhor mandar chamar mestre Caetano para trabalhar na pedreira. Mas não dei contraordem, coisa prejudicial a um chefe.

— Só? tornou a perguntar Casimiro Lopes.

Apanhei o pensamento que lhe escorregava pelos cabelos emaranhados, pela testa estreita, pelas maçãs enormes e pelos beiços grossos. Talvez ele tivesse razão. Era preciso mexer-me com prudência, evitar as moitas, ter cuidado com os caminhos. E aquela casa esburacada, de paredes caídas...

Decidi convidar mestre Caetano e cavouqueiros.

Diabo! Agitei a cabeça e afastei um plano mal esboçado.

— Por enquanto, só.

Naquele segundo ano houve dificuldades medonhas. Plantei mamona e algodão, mas a safra foi ruim, os preços baixos, vivi meses aperreado, vendendo macacos e fazendo das fraquezas forças para não ir ao fundo. Trabalhava danadamente, dormindo pouco, levantando-me às quatro da manhã, passando dias ao sol, à chuva, de facão, pistola e cartucheira, comendo nas horas de descanso um pedaço de bacalhau assado e um punhado de farinha. À noite, na rede, explicava pormenores do serviço a Casimiro Lopes. Ele acocorava-se na esteira e, apesar da fadiga, ouvia atento. Às vezes Tubarão ladrava lá fora e nós aguçávamos o ouvido.

Uma feita distinguimos passos em redor da casa. Olhei por uma fresta na parede. A escuridão era grande, mas percebi um vulto. E as pisadas continuaram. O cachorro latiu e rosnou.

— Mais esta! cochichou Casimiro Lopes.

No dia seguinte visitei Mendonça, que me recebeu inquieto. Conversamos sobre tudo, especialmente sobre votos. Dirigi amabilidades às filhas dele, duas solteironas, e lamentei a morte da mulher, excelente pessoa, caridosa, amiga de servir, sim senhor. Mendonça, espantado, perguntou onde eu tinha visto d. Alexandrina.

— Faz tempo. Fui morador do velho Salustiano. Arrastei a enxada, no eito.

As moças acanharam-se, mas o pai achou que eu procedia com honestidade revelando francamente a minha origem. Depois queixou-se dos vizinhos (nenhum se dava com ele).

— Há por aí umas pestes que principiaram como o senhor e arrotam importância. Trabalhar não é desonra. Mas se eu tivesse nascido na poeira, por que havia de negar?

Tentou envergonhar-me:

— Trabalhador alugado, hem? Não se incomode. O Fidélis, que hoje é senhor de engenho, e conceituado, furtou galinhas.

Enquanto ele tesourava o próximo, observei-o. Pouco a pouco ia perdendo os sinais de inquietação que a minha presença lhe tinha trazido. Parecia à vontade catando os defeitos dos vizinhos e esquecido do resto do mundo, mas não sei se aquilo era tapeação. Eu me insinuava, discutindo eleições. É possível, porém, que não conseguisse enganá-lo convenientemente e que ele fizesse comigo o jogo que eu fazia com ele. Sendo assim, acho que representou bem, pois cheguei a capacitar-me de que ele não desconfiava de mim. Ou então quem representou bem fui eu, se o convenci de que tinha ido ali politicar. Se ele pensou isso, era doido. Provavelmente não pensou. Talvez tenha pensado depois de iludir-se e julgar que estava sendo sincero. Foi o que me sucedeu. Repetindo as mesmas palavras, os mesmos gestos, e ouvindo as mesmas histórias, acabei gostando do proprietário de Bom-Sucesso.

Continuava a observá-lo, mas a observação era instintiva. Despertou. Bocejando, mostrando os caninos amarelos e pontudos, Mendonça bateu palmas e esfarelou um mosquito. Mosquito como bala! Tinha passado uma noite horrível.

Respondi que havia dormido como pedra. Os pântanos em S. Bernardo estavam aterrados, não restava um mosquito para remédio. Arrependi-me de ter falado precipitadamente. Mendonça examinou-me de través, e suponho que não ficou satisfeito. Tornou a referir-se à noite de insônia, e eu repeti que tinha dormido. Pouco seguro, com a cara mexendo. Naturalmente ele compreendeu que era mentira.

Cada um de nós mentiu stupidamente. Empurrei de novo na palestra a minha vida de trabalhador. Resultado medíocre: as moças cochilaram e Mendonça estirou o beijo.

Um caboclo mal-encarado entrou na sala. Mendonça franziu a testa. Quis despedir-me; receei, porém, que o momento fosse impróprio e conservei-me sentado, esperando modificar a impressão desagradável que produzia. As moças me achavam maçador, evidentemente.

— Se o inverno vindouro for como este, desgraça-se tudo: isto vira lama e não nasce um pé de mandioca.

— Decerto, concordou Mendonça, visivelmente aporrinhado com o caboclo, que me olhava tranquilo, sem levantar a cabeça.

— Pois até logo, exclamei de chofre. A eleição domingo, hem? Entendido. Mato um... (Ia dizer um boi. Moderei-me: todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores) um carneiro. Um carneiro é bastante, não? Está direito. Até domingo.

E saí, descontente. Creio que foi mais ou menos o que aconteceu. Não me lembro com precisão.

Atravessei o pátio e entrei no atalho que ia ter a S. Bernardo. Que vergonha! Tomar a terra dos outros e deixá-la com aquelas veredas indecentes, cheias de camaleões, o mato batendo no rosto de quem passava!

Percorri a zona da encrenca. A cerca ainda estava no ponto em que eu a tinha encontrado no ano anterior. Mendonça forcejava por avançar, mas continha-se; eu procurava alcançar os limites antigos, inutilmente. Discórdia séria só esta: um moleque de S. Bernardo fizera mal à filha do mestre de açúcar de Mendonça, e Mendonça, em consequência, metera o alicate no arame; mas eu havia consertado a cerca e arranjado o casamento do moleque com a cabrochinha.

Dei uma vista no algodoad e encaminhei-me ao paredão do açude. Poucos trabalhadores.

Subi a colina. Tinham-se concluído os alicerces desta nossa casa, as paredes começavam a elevar-se. De repente um tiro. Estremeci. Era na pedreira, que mestre Caetano escavacava lentamente, com dois cavouqueiros. Outro tiro, ruim: pedra miúda voando.

Quando se acabariam aqueles serviços moles? Desgraçadamente faltavam-me recursos para atacá-los firme. Assim mesmo, lidando com pessoal escasso, às vezes na sexta-feira eu não sabia onde buscar dinheiro para pagar as folhas no sábado.

Fiz algumas perguntas ao pedreiro. Um pedreiro só. As paredes tinham um metro de altura. Se eu empregasse muitos operários, as obras sairiam mais baratas. O paredão do açude não ia para a frente, acuava. E a pedreira, onde uns vultos miudinhos se moviam, era como se em seis meses de trabalho não tivesse sido desfalcada.

Um carro de bois passou lá embaixo; outro carro de bois veio vindo, carregado de tijolos.

Onde andaria a velha Margarida? Seria bom encontrar a velha Margarida e trazê-la para S. Bernardo. Devia estar pegando um século, pobre da negra.

Demorei-me até que os serventes lavaram as colheres e guardaram as ferramentas. Fiquei só. Os homens da lavoura e os do açude foram debandando também.

Mais tiros na pedreira, os últimos. Pensei no Mendonça. Canalha. Do lado de cá da cerca o algodão pintava, a mamona crescia nos aceiros da roça; do lado de lá, sapé e espinho. Quantas braças de terra aquele malandro tinha furtado! Felizmente estávamos em paz. Aparentemente. De qualquer forma era-me necessário caminhar depressa.

Desci a ladeira e fui jantar. Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes, a princípio com panos mornos, depois delineando um projeto. Casimiro Lopes desviou-se dos panos mornos e colaborou no projeto.

Deixei o negócio entabulado, fechei as portas e escrevi algumas cartas aos bancos da capital e ao governador do Estado. Aos bancos solicitei empréstimos, ao governador comuniquei a instalação próxima de numerosas indústrias e pedi a dispensa de imposto sobre os maquinismos que importasse. A verdade é que os empréstimos eram improváveis e eu não imaginava a maneira de pagar os maquinismos. Mas havia-me habituado a considerá-los meio comprados.

Em seguida consultei o Aprendizado Agrícola da Satuba relativamente à possível aquisição de um bezerro limosino.

Quando ia terminando, ouvi pisadas em redor da casa. Levantei-me e olhei pela fresta. Lá estava um tipo dando estalos com os dedos, enganando o Tubarão. Reparando, julguei reconhecer o freguês carrancudo que tinha entrado na sala do Mendonça. Abandonei a espreita e chamei Casimiro Lopes, que me substituiu. Deitei-me pensando em mestre Caetano e na pedreira. Marretas, alavancas, aço para broca, pólvora, estopim.

— Gente de lá, murmurou Casimiro Lopes balançando o punho da rede.

— Com certeza.

No outro dia, sábado, matei o carneiro para os eleitores. Domingo à tarde, de volta da eleição, Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada, perto de Bom-Sucesso. No lugar há hoje uma cruz com um braço de menos.

Na hora do crime eu estava na cidade, conversando com o vigário a respeito da igreja que pretendia levantar em S. Bernardo. Para o futuro, se os negócios corressem bem.

— Que horror! exclamou padre Silvestre quando chegou a notícia. Ele tinha inimigos?

— Se tinha! Ora se tinha! Inimigo como carrapato. Vamos ao resto, padre Silvestre. Quanto custa um sino?

P

or esse tempo encontrei em Maceió, chupando uma barata na Gazeta do Brito, um velho alto, magro, curvado, amarelo, de suíças, chamado Ribeiro. Via-se perfeitamente que andava com fome. Simpatizei com ele e, como necessitava um guarda-livros, trouxe-o para S. Bernardo. Dei-lhe alguma confiança e ouvi a sua história, que aqui reproduzo pondo os verbos na terceira pessoa e usando quase a linguagem dele.

Seu Ribeiro tinha setenta anos e era infeliz, mas havia sido moço e feliz. Na povoação onde ele morava os homens descobriam-se ao avistá-lo e as mulheres baixavam a cabeça e diziam:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, seu major.

Quando alguém recebia cartas, ia pedir-lhe a tradução delas. Seu Ribeiro lia as cartas, conhecia os segredos, era considerado e major.

Se dois vizinhos brigavam por terra, seu Ribeiro chamava-os, estudava o caso, traçava as fronteiras e impedia que os contendores se grudassem.

Todos acreditavam na sabedoria do major. Com efeito, seu Ribeiro não era inocente: decorava leis, antigas, relia jornais, antigos, e, à luz da candeia de azeite, queimava as pestanas sobre livros que encerravam palavras misteriosas de pronúncia difícil. Se se divulgava uma dessas palavras esquisitas, seu Ribeiro explicava a significação dela e aumentava o vocabulário da povoação.

Os outros homens, sim, eram inocentes.

Acontecia às vezes que uma dessas criaturas inocentes aparecia morta a cacete ou a faca. Seu Ribeiro, que era justo, procurava o matador, amarrava-o, levava-o para a cadeia da cidade. E a família do defunto ficava sob a proteção do major.

Também acontecia que uma sujeitinha começava a chorar e acabava confessando que estava pejada. Seu Ribeiro descobria o sedutor, chamava o padre, e o casamento se realizava na capela da povoação. Nascia um menino — e seu Ribeiro era o padrinho.

O major decidia, ninguém apelava. A decisão do major era um prego.

Não havia soldados no lugar, nem havia juiz. E como o vigário residia longe, a mulher de seu Ribeiro rezava o terço e contava histórias de santos às crianças. É possível que nem todas as histórias fossem verdadeiras, mas as crianças daquele tempo não se preocupavam com a verdade.

Seu Ribeiro tinha família pequena e casa grande. A casa estava sempre cheia. Os algodoais do major eram grandes também. Nas colheitas a população corria para eles. E os pretos não sabiam que eram pretos, e os brancos não sabiam que eram brancos.

Na verdade seu Ribeiro infundia respeito. Se havia barulho na feira, levantava o braço e gritava:

— Quem for meu me acompanhe.

E a feira se desmanchava, o barulho findava, todo o mundo seguia o major porque todo o mundo era do major.

Nas noites de S. João uma fogueira enorme iluminava a casa de seu Ribeiro. Havia fogueiras diante das outras casas, mas a fogueira do major tinha muitas carradas de lenha. As moças e os rapazes andavam em redor dela, de braço dado. Assava-se milho verde nas brasas e davam-se tiros medonhos de bacamarte. O major possuía um bacamarte, mas o bacamarte só se desenferrujava pelos festejos de S. João.

Ora, essas coisas se passaram antigamente.

Mudou tudo. Gente nasceu, gente morreu, os afilhados do major cresceram e foram para o serviço militar, em estrada de ferro.

O povoado transformou-se em vila, a vila transformou-se em cidade, com chefe político, juiz de direito, promotor e delegado de polícia.

Trouxeram máquinas — e a bolandeira do major parou.

Veio o vigário, que fechou a capela e construiu uma igreja bonita. As histórias dos santos morreram na memória das crianças.

Chegou o médico. Não acreditava nos santos. A mulher de seu Ribeiro entristeceu, emagreceu e finou-se.

O advogado abriu consultório, a sabedoria do major encolheu-se — e surgiram no foro numerosas questões.

Efetivamente a cidade teve um progresso rápido. Muitos homens adotaram gravatas e profissões desconhecidas. Os carros de bois deixaram de chiar nos caminhos estreitos. O automóvel, a gasolina, a eletricidade e o cinema. E impostos.

As moças e os rapazes não rodeavam, de braço dado, as fogueiras de S. João: dançavam o tango, no frevo.

Um dia seu Ribeiro reconheceu que vivia numa casa grande demais. Vendeu-a e adquiriu outra, pequena. Como havia agora liberdade excessiva, a autoridade dele foi minguando, até desaparecer.

Seu Ribeiro tinha um filho, que jogava futebol, e uma filha, que usava fitas, muitas fitas. Acharam o lugar atrasado e fugiram. Seu Ribeiro escondeu-se, cheio de vergonha. Amofinou-se uma semana, desfez-se dos cacarecos e foi procurar os filhos. Não os encontrou: andavam por aí, ela pelas fábricas, ele no exército.

Seu Ribeiro enraizou-se na capital. Conheceu enfermarias de indigentes, dormiu nos bancos dos jardins, vendeu bilhetes de loterias, tornou-se bicheiro e agente de sociedades ratoeiras. Ao cabo de dez anos era gerente e guarda-livros da Gazeta, com cento e cinquenta mil-réis de ordenado, e pedia dinheiro aos amigos.

Quando o velho acabou de escorrer a sua narrativa, exclamei:

— Tenho a impressão de que o senhor deixou as pernas debaixo de um automóvel, seu Ribeiro. Por que não andou mais depressa? É o diabo.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca — e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

— Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando direito. Respeitei o engenho do dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram. Enquanto estive esburacando S. Bernardo, tudo andou bem; mas quando vareei quatro ou cinco propriedades, caiu-me em cima uma nuvem de maribondos. Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada. Ferimento leve, tenho a cicatriz no ombro. Exasperado, mandei mais cem mil-réis a Costa Brito e procurei João Nogueira e Gondim:

— Desorientem essas cavalgadas. Olhem que estou fazendo obra pública e não cobro imposto. É uma vergonha. O município devia auxiliar-me. Fale com o prefeito, dr. Nogueira. Veja se ele me arranja umas barricas de cimento para os mata-burros.

Não recebi o cimento, mas construí os mata-burros. Como os meus planos eram volumosos e adotei processos

irregulares, as pessoas comodistas julgaram-me doido e deixaram-me em paz.

Tive por esse tempo a visita do governador do Estado. Fazia três anos que o açude estava concluído — burrice, na opinião do Fidélis.

Para que açude onde corre um riacho que não seca?

Realmente parecia não servir. Mas saiu dali, numa levada, a água que foi movimentar as máquinas do descaroador e da serraria.

O governador gostou do pomar, das galinhas Orpington, do algodão e da mamona, achou conveniente o gado limosino, pediu-me fotografias e perguntou onde ficava a escola. Respondi que não ficava em parte nenhuma. No almoço, que teve champanhe, o dr. Magalhães gemeu um discurso. S. excia. tornou a falar na escola. Tive vontade de dar uns apartes, mas contive-me.

Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?

— Esses homens de governo têm um parafuso frouxo. Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Hão de ver a colheita.

Levantando-se da mesa, Padilha, de olho vidrado, pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.

— Nem um tostão.

E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroador e o estábulo. Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras e o banheiro carrapaticida. De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar.

— Pois sim senhor. Quando V. excia. vier aqui outra vez, encontrará essa gente aprendendo cartilha.

Mais tarde, enquanto dos alicerces da igreja olhávamos a paisagem, chamei de parte o advogado:

— Ó dr. Nogueira, mande-me cá o Padilha amanhã. Preciso falar com ele, mas esse desgraçado nem se aguenta nas pernas. Não se esqueça, ouviu? Amanhã, quando ele curtir o pileque.

S. excia. despediu-se, e aquela data ficou célebre. Os automóveis rolaram na estrada. Olhando a nuvem de poeira que levantavam, esfreguei as mãos:

— Com os diabos! Esta visita me traz uma penca de vantagens. Um capital. Quero ver quanto rende.

A verdade é que, aparentando segurança, eu andava assustado com os credores. Ia bem, sem dúvida, o ativo era superior ao passivo, mas se aqueles malvados quisessem, capavam-me. Agora os receios diminuía. A escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também capital.

Continuei a esfregar as mãos. Com os diabos! E decidi proteger as Mendonça. A minha prosperidade começara depois da morte do pai delas. Naquele tempo algumas braças de massapê valiam muito para mim. Ninharia o massapê.

Senti pena das Mendonça. Mandaria no dia seguinte dar uma limpa no algodão de Bom-Sucesso, enfezado, coberto de mato. Muito por baixo, as Mendonça. O pai era safado, mas que culpa tinham as pobres? Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem escrúpulos não se apoderassem do que era delas. Mulheres quase nunca se defendem. Pois se qualquer daqueles patifes tentasse prejudicá-las, estava embrulhado comigo.

N

o outro dia, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim elogiando umas pernas e uns peitos. Elevaram a conversa.

— Mulher educada, afirmou João Nogueira. Instruída.

— E sisuda, acrescentou Azevedo Gondim. Padilha não achou qualidade que se comparasse aos peitos e às pernas.

— Realmente, murmurou esgaravatando as unhas com um fósforo.

João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidades. Bacharel, mais de quarenta anos, uma calvície respeitável. Às vezes metia-se em badernas. Mas com os clientes só negócios. E a mim, que lhe dava quatro contos e oitocentos por ano para ajudar-me com leis a melhorar S. Bernardo, exhibia ideias corretas e algum pedantismo.

Eu tratava-o por doutor: não poderia tratá-lo com familiaridade. Julgava-me superior a ele, embora possuindo menos ciência e menos manha. Até certo ponto parecia-me que as habilidades dele mereciam desprezo. Mas eram úteis — e havia entre nós muita consideração.

— Acompanhamos o nosso Padilha, disse Nogueira. Viemos andando. Como o passeio era agradável, com a fresca da tarde, cheguei cá, para consultá-lo.

Convidei-o silenciosamente olhando uma janela por onde se viam, sobre livros de escrituração, as suíças brancas e os óculos de seu Ribeiro. Entramos no escritório. Estávamos em princípio de mês. Abri o cofre e entreguei ao advogado duas pelegas de duzentos. Seu Ribeiro tremeu no borrador um lançamento circunstanciado e afastou-se discretamente. João Nogueira sentou-se, passou o recibo, tirou papéis da pasta e explicou-me o estado de vários processos. Logo no primeiro convenci-me de que os quatrocentos mil-réis tinham sido gastos com proveito. Os outros também iam em bom caminho. O tabelião é que não inspirava confiança. E o oficial de justiça. Arame.

— Claro. Faça promessas, dr. Nogueira. Não adiante um vintém. Prometa. O pagamento no fim, se eles forem honestos.

Inteirei-me de particularidades pouco interessantes, dei umas instruções a seu Ribeiro e voltamos ao alpendre, onde Luís Padilha tinha recommçado com Azevedo Gondim os elogios às pernas.

— De quem são as pernas?

— Da Madalena, respondeu Gondim.

— Quem?

— Uma professora. Não conhece? Bonita.

— Educada, atalhou João Nogueira.

— Bonita, disse outra vez Gondim. Uma lourinha, aí de uns trinta anos.

— Quantos? perguntou João Nogueira.

— Uns trinta, pouco mais ou menos.

— Vinte, se tanto.

— É porque você não viu de perto, interrompeu Gondim. Se tivesse visto, não sustentava semelhante barbaridade.

— Como não? Vi muito de perto, em casa do Magalhães, no aniversário da Marcela. Tem vinte.

— É porque você viu à noite. De manhã é diferente. Tem trinta.

Padilha, observando com tristeza as novilhas que pastavam no capim-gordura, à margem do riacho, e o açude, onde patos nadavam, suspirou e propôs vinte e cinco:

— É o que ela tem. Vinte e cinco.

Estirei os braços, fatigado de haver passado o dia inteiro ao sol, brigando com os trabalhadores:

— Muito bem, Padilha, vinte e cinco para acabar. Vocês jantam, não jantam? Voltam no automóvel. Preciso falar com você, Padilha.

Luís Padilha tinha recebido o recado e desde a véspera remexia o quengo, curioso.

— É isto. Creio que estou com vontade de abrir uma escola.

— Magnífico! exclamou Azevedo Gondim com um sorriso que lhe achatou mais o nariz. Aceitou o meu conselho, hem? Não há nada como a instrução.

O advogado passou os dedos pela testa e pressagiou, distraído, que a escola teria grande utilidade.

Encolhi os ombros:

— Sei lá! Não acredito. Tanto que resolvi aproveitar o Padilha. Está claro que se poderia arranjar uma boa escola rural, com ensino razoável de agricultura e pecuária. Mas onde vou encontrar técnicos? E que dinheirão! Por enquanto é apenas um bocado de leitura, escrita e conta. Você estará em condições de encarregar-se disso, Padilha?

Luís Padilha informou-se do ordenado e declarou que vivia cheio de ocupações.

Devagarinho, foram clareando as lâmpadas da iluminação elétrica. Luzes também nas casas dos moradores. Se aqueles desgraçados que se apertavam lá embaixo, ao pé das cercas de Bom-Sucesso, tinham nunca pensado em alumiar-se com eletricidade! Luz até meia-noite. Conforto! E eu pretendia instalar telefones.

Casimiro Lopes aproximou-se, capengando.

— Vamos jantar. Mandeí chamá-lo porque julguei que você necessitasse, Padilha. Desde que está ocupado, ponto final. Vamos para a mesa.

Durante o jantar Azevedo Gondim referiu o motivo da sua visita: tinha-se descoberto o paradeiro da velha Margarida.

— Que está dizendo! E você calado, Gondim!

Azevedo Gondim encheu o copo:

— Mora em Jacaré-dos-Homens.

— Onde é isso?

— Em Pão-de-Açúcar. Recebi hoje uma carta. Os sinais, a idade, a cor, tudo confere. Vive com uma família que faz queijos. Já retirei o anúncio do Cruzeiro.

— Está direito. Vocês conhecem alguém em Pão-de-Açúcar? Conhece alguém em Pão-de-Açúcar, seu Ribeiro?

Não conheciam.

— Ó Gondim, já que tomou a empreitada, peça ao vigário que escreva ao padre Soares sobre a remessa da negra. Acho que acompanho vocês, vou falar a padre Silvestre. É conveniente que a mulher seja remetida com cuidado, para não se estragar na viagem. E quando ela chegar, pode encomendar as miçangas, Gondim. Como se chamam?

— Clichês. Clichês e vinhetas.

— Pois sim. Mande buscar os clichês e as vinhetas, quando tivermos a velha.

— Estava aqui pensando na escola, murmurou Padilha.

— E eu. Tirou-me a palavra da boca, atalhou João Nogueira. Convide a Madalena, seu Paulo Honório. Excelente aquisição, mulher instruída.

— Até lhe enfeita a casa, seu Paulo, gritou Azevedo Gondim.

— Tolice. Ando lá procurando bibelôs?

Padilha, meio desconcertado, rosnou, agarrando-se ao osso:

— Eu não disse que não aceitava. O que disse é que tenho muitas ocupações. Mas perguntei qual é o ordenado.

Entretido em desarticular uma asa de galinha, não respondi.

— Perguntei qual é o ordenado, tornou Padilha timidamente.

Coitado! Tão miúdo, tão chato, parecia um percevejo.

— Conforme. Nem sei quanto você vale. Uns cem mil-réis por mês. Ponhamos cento e cinquenta a título de experiência. Casa, mesa, boas conversas, cento e cinquenta mil-réis por mês e oito horas de trabalho por dia. Convém? Mas aviso logo: serviço é serviço, e aqui ninguém bebe. Aqui só bebem os hóspedes.

— Perfeitamente, mastigou Padilha encabulado. Vou refletir. Quanto à bebida dispenso recomendação, que não bebo. Bebo nas refeições, nem sempre, e lá uma vez ou outra um cálice, por insistência de amigos. Talvez aceite.

Acabamos o jantar em silêncio. Maria das Dores trouxe o café e retirou os pratos. Abri a caixa de charutos, acendi o cachimbo e fomos para o salão.

Seu Ribeiro desdobrou a Gazeta. Instintivamente escondi-me num canto, afastado das portas abertas. Não consegui evitar uma janela. Quis fechá-la, mas sosseguei: Casimiro Lopes, que vigiava a casa, sentou-se numa das paredes começadas da igreja, acomodou o rifle entre as pernas e ficou imóvel, farejando.

— Vai o nosso Padilha voltar a S. Bernardo, disse João Nogueira.

— E concluir o livro, acrescentou Azevedo Gondim. Você, com a vida regularizada, escreve à beça, Padilha.

— Qual nada!

Envergonha-se de compor uns contos que publica no Cruzeiro, com pseudônimo, e quando lhe falam neles, imagina que é esculhambação e atrapalha-se. Aprumou-se, lançou um olhar amargurado às cadeiras, ao soalho, às lâmpadas:

— O ordenado é pequeno, não chega para os livros. Mas venho. Venho porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério.

Seu Ribeiro virava a folha do jornal, movia os beiços, às vezes gesticulava.

Indecente, aquela Gazeta. E o Brito, a pedir dinheiro, estava-se tornando insuportável.

Azevedo Gondim, cansado por duas léguas a pé, bocejou e espreguiçou-se:

— Então os candidatos do Pereira são derrotados, hem? Eleição municipal.

— Não interessa. Bico de pena!

Torcidas de verdade, sim: mandava os meus eleitores às urnas e recebia em troca os agradecimentos do partido. Tricazinhas locais, não. Se o Pereira tinha pisado em casca de banana, pior para ele: caía, vinha outro e arranjava-se nova chapa.

— Bem feito, resmungou Padilha, que não perdoa ao Pereira ter desconfiado dos seus projetos de agricultura. Aquilo é um jumento.

— Que injustiça! bradou João Nogueira sorrindo. O Pereira até agora foi um sujeito de tino.

Todo o mundo gabava a prudência dele. Hoje o Padilha tacha-o de jumento.

— Homem, aventurou Azevedo Gondim coçando a barba, não é só o Padilha. Eu também. E você. Num momento como este dar murro em faca de ponta! Se tivéssemos uma eleição federal de cabala, vá. Mas quando o governo não faz caso de votos, querer sacudir padre Silvestre na prefeitura! O Padilha tem razão.

— Ora essa! atalhei. Você não sustentou a candidatura do vigário no jornal, Gondim?

— Sustentei. Sustentei por dever de solidariedade política. Mas particularmente discordei. O Nogueira está aí para atestar. E quanto a dizer que era disparate, era.

Sabia que padre Silvestre falara em cortar a subvenção de cento e cinquenta mil-réis mensais que o município dava ao Cruzeiro. Tinha esta ameaça atravessada na garganta. E, cheio de raiva, defendia o vigário, exaltando-lhe as virtudes e esquecendo o resto de propósito.

— Um desastre. Bom homem. É pouco. Muito ingênuo, emprenha pelos ouvidos, inteligência de peru novo, besta como aruá.

— Padres! exclamou Luís Padilha com desprezo.

Era ateu e transformista. Depois que eu o havia desembaraçado da fazenda, manifestava ideias sanguinárias e pregava, cochichando, o extermínio dos burgueses.

— Canalha!

E roeu as unhas com furor.

Seu Ribeiro, os óculos atentos, comentava em silêncio, com gestos de desagrado, a prosa ruim do Brito.

— O que eu não compreendo, estranhei, é a razão dessa rasteira no vigário. Estava quase eleito, reconhecido, empossado, e de repente — zás! — no chão. Por que foi?

— Padre Silvestre é revolucionário, explicou João Nogueira. Pretende salvar o país por processos violentos.

Estremeci. Casimiro Lopes, de binga na mão, acendia o cigarro. O luar estava muito branco. Um pedaço de mata aparecia, longe, e distinguiam-se as flores amarelas dos paus-d'arco.

Levantei-me, fiz um sinal a João Nogueira e aproximamo-nos da janela.

— Ó dr. Nogueira, diga-me cá, perguntei em voz baixa, essa história da queda do Pereira é certa?

João Nogueira aceitou um charuto e declarou que não havia dúvida nenhuma.

— O governador estava razoável e propôs um acordo metendo o padre no conselho. O Pereira jogou no padre e levou taboca.

— Pois, dr. Nogueira, murmurei abafando mais a voz, cuido que chegou a ocasião de liquidar os meus negócios com o Pereira. Tenho marombado, espiado maré, porque o chefe era ele. Mas se foi ao barro, acabou-se. Está aqui enrascado numa conta de cabelos brancos. Vou entregar-lhe a conta. Veja se me consegue uma hipoteca.

— Perfeitamente, concordou João Nogueira.

E entusiasmou-se:

— Perfeitissimamente! Passe a procuração. O senhor vai prestar ao partido um grande serviço. Aperte o Pereira, seu Paulo Honório.

A

qui nos dias santos surgem viagens, doenças e outros pretextos para o trabalhador gazejar. O domingo é perdido, o sábado também se perde, por causa da feira, a semana tem apenas cinco dias, que a Igreja ainda reduz. O resultado é a paga encolher e essa cambada viver com a barriga tinindo.

Num feriado de mentira, não tendo podido encontrar gente para tirar baronesas do açude e brocar um pedaço de capoeira, distraí-me ouvindo Padilha e Casimiro Lopes conversarem a respeito de onças.

Não se entendem. Padilha, homem da mata e franzino, fala muito e admira as ações violentas; Casimiro Lopes é coxo e tem um vocabulário mesquinho. Julga o mestre-escola uma criatura superior, porque usa livros, mas para manifestar esta opinião arregala os olhos e dá um pequeno assobio. Gagueja. No sertão passava horas calado, e quando estava satisfeito, aboiava. Quanto a palavras, meia dúzia delas. Ultimamente, ouvindo pessoas da cidade, tinha decorado alguns termos, que empregava fora de propósito e deturpados. Naquele dia, por mais que forcejasse, só conseguia dizer que as onças são bichos brabos e arteiros.

— Pintada. Dentão grande, peção grande, cada unha! Medonha!

Padilha exigia que o outro repetisse a descrição e ia intercalando nela, por conta própria, caracteres novos. Casimiro Lopes divergia; mas, confiado na ciência de Padilha, capitulava — e ao cabo de minutos a onça estava um animal como nunca se viu.

— Ó Casimiro, você vai levar um papel ao vigário.

E escrevi a padre Silvestre agradecendo o interesse que ele tinha tomado pela viagem difícil de Margarida. Chegara dias antes e estava alojada numa casinha cercada de bananeiras.

Entreguei a carta a Casimiro Lopes, tomei o chapéu e fui fazer a minha segunda visita à preta. Desci a ladeira. Ao atravessar o paredão do açude, amedrontei uma nuvem de marrecas e jaçanãs. Com as últimas chuvas a represa aumentara muito, os bancos de baronesa estavam com vontade de entupir o sangradouro. A levada que ia ter ao descaroçador e à serraria transbordava. Fechada a serraria, fechado o descaroçador. Dia perdido.

Encontrei Margarida sentada numa esteira, riscando os tijolos com carvões.

— Mãe Margarida, como vai a senhora?

Tentou endireitar o espinhaço emperrado e, antes de lançar-me os olhos brancos, reconheceu-me pela voz.

— Aqui gemendo e chorando, meu filho, cheia de pecados.

Pecados! Antigamente era uma santa. E agora, miudinha, encolhidinha, com pouco movimento e pouco pensamento, que pecados poderia ter? Como estava com a vista curta, falou sem levantar a cabeça, repetindo os conselhos que me dava quando eu era menino. Uma fraqueza apertou-me o coração, aproximei-me, sentei-me na esteira, junto dela.

— Mãe Margarida, procurei a senhora muito tempo. Nunca me esqueci. Foi uma felicidade encontrá-la. E carecendo de alguma coisa, é dizer. Mande buscar o que for necessário, mãe Margarida, não se acanhe.

Olhou com espanto as cadeiras, a mesinha, a lâmpada elétrica, os móveis do quarto próximo.

— Para que tanto luxo? Guarde os seus troços, que podem servir. Em cama não me deito. E quem dá o que tem a pedir vem.

— Não faz mal, mãe Margarida. Esteja sossegada, durma sossegada. Faltando lenha para o fogo, avise. Não deixe o fogo apagar-se, que as noites estão frias.

— É o que eu preciso, o fogo. O fogo e um pote.

Continuou a riscar figuras no chão. Curvada, um rosário de contas brancas e azuis aparecia pelo cabeção aberto e batia-lhe nas pelancas dos peitos.

— Queria também um tacho. O outro furtaram.

Lembrei-me do tacho velho, que era o centro da pequenina casa onde vivíamos. Mexi-me em redor dele vários anos, lavei-o, tirei-lhe com areia e cinza as manchas de azinhavre — e dele recebi sustento. Margarida utilizou-o durante quase toda a vida. Ou foi ele que a utilizou. Agora, decrépita, não podia ser doceira, e aquele traste se tornava inteiramente desnecessário.

— Está bem, mãe Margarida, terá um tacho igual ao outro.

A

manheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo.

Tentei fantasiar uma criatura alta, sadia, com trinta anos, cabelos pretos — mas parei aí. Sou incapaz de imaginação, e as coisas boas que mencionei vinham destacadas, nunca se juntando para formar um ser completo. Lembrei-me de senhoras minhas conhecidas: d. Emília Mendonça, uma Gama, a irmã de Azevedo Gondim, d. Marcela, filha do dr. Magalhães, juiz de direito.

Nesse ponto surgiu-me um pequeno contratempo. Uma tarde surpreendi no oitão da capela (a capela estava concluída; faltava pintura) Luís Padilha discursando para Marciano e Casimiro Lopes:

— Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.

Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas:

— O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é, Casimiro?

Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.

— Qual dono! gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros.

Sai da sacristia e estourei:

— Trabalhando em quê? Em que é que você trabalha, parasita, preguiçoso, lambaio?

— Não é nada não, seu Paulo, defendeu-se Padilha, trêmulo. Estava aqui desenvolvendo umas teorias aos rapazes.

Atirei uma porção de desaforos aos dois, mandei que arrumassem a trouxa, fossem para a casa do diabo.

— Em minha terra não, acabei já rouco. Puxem! Das cancelas para dentro ninguém mija fora do caco. Peguem as suas burundangas e danem-se. Com um professor assim, estou bonito. Dou por visto o que este sem-vergonha ensina aos alunos.

Mais tarde, porém, cheio de embromações e lamúrias, Padilha jurou por todos os santos que a escola funcionava normalmente e fazia cortar coração deixar tantas crianças sem o pão do saber. Quanto às teorias, aquilo era só para matar tempo e empulhar o Casimiro.

— Eu meto a mão em cumbuco? Sou lá capaz de propagar ideias subversivas?

No outro dia pela manhã, choramingando, balbuciando peditórios, a Rosa, com cinco filhos (três agarrados às saias, um nos braços, outro no bucho), atracou-me no pomar. E eu, que não tenho grande autoridade junto dela, sosseguei-a:

— Mande-me cá o Marciano, aquele cachorro. Até logo, vou ver.

À noite reuni Marciano e Padilha na sala de jantar, berrei um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles. Mas atrapalhei-me e contentei-me com injuriá-los:

— Mal-agraçados, estúpidos.

Amunhecaram, e baixei a pancada:

— Juízo de galinha. Embarcando em canoa furada! Tontos.

Dei-lhes conselhos. Encontrando macieza, Luís Padilha quis discutir; tornei a zangar-me, e ele se convenceu de que não tinha razão. Marciano encolhia-se, levantava os ombros e intentava meter a cabeça dentro do corpo. Parecia um cágado. Padilha roía as unhas.

— Por esta vez passa. Mas se me constar que vocês andam com saltos de pulga, chamo o delegado de polícia, que isto aqui não é a Rússia, estão ouvindo? E sumam-se.

Sumiram-se. Ficou-me um resto de indignação, depois serenei.

— Faz de conta que não houve nada.

Lorotas. Todos esses malucos dormem demais, falam à toa.

— Marciano, coitado, nem por isso. Trata bem do gado, é marido da Rosa.

Quanto ao Padilha, eu sentia prazer em humilhá-lo mostrando-lhe os melhoramentos que introduzia na propriedade.

E recomecei a elaborar mentalmente a mulher a que me referi no princípio deste capítulo. Revistei a Mendonça, a Gama, a irmã do Gondim (eu nem sabia como se chamava a Gondim) e d. Marcela do dr. Magalhães. D. Marcela era um pancadão. Cada olho! O que tinha de ruim era usar muita tinta no rosto e muitos ss na conversa. Paciência. Perfeito só Deus.

Bambeava para me dirigir ao dr. Magalhães quando Costa Brito voou para cima de mim, numa carta, com a intenção de avançar-me em duzentos mil-réis.

Costa Brito tinha virado. A Gazeta, que sempre louvara furiosamente o governo, fugira para a oposição, por causa de um emprego de deputado estadual, e achava a administração pública desorganizada, entregue a homens incompetentes. A nós que votávamos com o partido dominante, mas não éramos peixe nem carne — queixumes, nariz torcido, modos de enjoio. Da minha última viagem à capital, em troca de uma notícia besta de quatro linhas, o diretor da Gazeta ainda me lambera cinquenta mil-réis, no café, bebendo cerveja com indignação:

— Querem jornal de graça. Para o inferno! A vida inteira escrevendo como um condenado, mentindo, para esses moços subirem! Só a despesa que se tem! só o preço do papel! E na eleição, coice. Nem uma porcaria, uma desgraça que qualquer prefeito analfabeto consegue com facilidade. Querem elogios. Está aqui para eles.

Eu não precisava do Brito, mas passei o dinheiro, em atenção a serviços prestados anteriormente e porque não gosto de questões com gente de imprensa. Depois aludi à crise e dei a entender que não continuava a sangrar.

Mas o Brito tem barriga de ema: desprezou o aviso e mandou-me diversas cartas, as primeiras com choro, as últimas com exigências. Essa que me vinha embrulhar os planos de casamento trazia ameaças. Recusei o cobre, num telegrama: “Inútil insistir. Fartíssimo.”

Tinha graça viver aqui suando para sustentar um literato. Eu era pai dele?

— Quem pariu mateu que o balance. Uma ou outra facada razoável, com moderação, vá. Ameaças, não. Chantagem, não.

Que diabo diria ele contra mim na folha? Não sendo funcionário público, as minhas relações com o partido limitavam-se a aliciar eleitores, entregar-lhes a chapa oficial e contribuir para música e foguetes nas recepções do governador. O veneno da Gazeta não me atingia. Salvo se ela bulisse com os meus negócios particulares. Nesse caso só me restava pegar um pau e quebrar as costelas do Brito.

Recalquei as ideias violentas e esforcei-me por trazer de novo ao espírito as tintas e os ss de d. Marcela. Vieram. Mas afastavam-se de quando em quando — e nos intervalos apareciam Marciano, a Rosa com os meninos, Luís Padilha e Costa Brito.

A

questão do Pereira estava dormindo no cartório, esperando que o juiz de direito desse uma penada nos autos. João Nogueira disse-me isso uma tarde. Eu então, ligando o caso do Pereira aos predicados de d. Marcela, desci no dia seguinte à cidade, resolvido a visitar o dr. Magalhães.

Encontrei-o à noite no salão, que servia de gabinete de trabalho, com a filha e três visitantes: João Nogueira, uma senhora de preto, alta, velha, magra, outra senhora moça, loura e bonita.

Estavam calados, em dois grupos, os homens separados das mulheres.

O dr. Magalhães é pequenino, tem um nariz grande, um pince-nez e por detrás do pince-nez uns olhinhos risonhos. Os beiços, delgados, apertam-se. Só se descolam para o dr. Magalhães falar a respeito da sua pessoa. Também quando entra neste assunto, não para.

Naquele momento, porém, como já disse, conservavam-se todos em silêncio. D. Marcela sorria para a senhora nova e loura, que sorria também, mostrando os dentinhos brancos. Comparei as duas, e a importância da minha visita teve uma redução de cinquenta por cento.

Larguei, pois, d. Marcela e procurei, por meios indiretos, arrancar do juiz as linhas indispensáveis ao advogado.

O dr. Magalhães passou a mão pela testa e perguntou:

— Quais são os jornais que o senhor assina? Respondi que assinava revistas de agricultura, a folha do partido, o Cruzeiro e a Gazeta. Elogiei Azevedo Gondim e ataquei o Brito.

— Um caradura, não é?

O dr. Magalhães amoitou-se. João Nogueira foi à estante de duas prateleiras, tirou um livro, voltou a sentar-se e começou a ler.

Houve no outro lado da sala um sussurro entrecortado de risinhos.

Necessitando pensar, pensei que é esquisito este costume de viverem os machos apartados das fêmeas. Quando se entendem, quase sempre são levados por motivos que se referem ao sexo. Vem daí talvez a malícia excessiva que há em torno de coisas feitas inocentemente. Dirijo-me a uma senhora, e ela se encolhe e se arrepia toda. Se não se encolhe nem se arrepia, um sujeito que está de fora jura que há safadeza no caso.

— Não tem aparecido ultimamente no cinema, hem? disse em voz alta a senhora de preto.

— Faz quinze dias, d. Glória, respondeu d. Marcela. Acho que faz quinze dias. Ó papai, quanto tempo faz que nós fomos ao cinema?

O dr. Magalhães calculou. Tirou do bolso um cigarro, dividiu-o em duas partes, transformou uma delas num cigarrinho fino, acendeu-o:

— Duas semanas.

— É isso mesmo, quinze dias.

— Não, discordou o dr. Magalhães, duas semanas. Você está equivocada.

— Duas semanas não são quinze dias? perguntou d. Marcela.

— Não. Duas semanas são catorze dias.

D. Marcela não se convenceu:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o dr. Magalhães. Tenho ouvido até muitas vezes. Mas é engano. Uma semana tem sete dias. Sete e sete não são catorze? E então? São catorze.

João Nogueira soltou o livro. Talvez d. Marcela contasse com o dia do cinema.

— É possível, acedeu o dr. Magalhães. Não contando, são catorze.

— Mas contando, são quinze, gritou d. Marcela.

— É bom não contar, aconselhou o dr. Magalhães.

Despertaram todos, e a lourinha fez um movimento para se levantar.

— Muito cedo, murmurou d. Marcela.

A senhora de preto continuou sentada e entrou a discorrer sobre romances. D. Marcela tinha acabado um, de aventuras. Ia ver se se lembrava do enredo. Mas enganchou-se e não acertou com os nomes das personagens.

Recomeçou, tornou a enganchar-se:

— Um romance que faz gosto, d. Glória.

— Eu não gosto de literatura, disse o dr. Magalhães. Folheei algumas obras antigamente. Hoje não. Desconheço tudo isso. Sou apenas juiz, pchiu! juiz.

D. Marcela estava quase acertando com o enredo do romance de aventuras. D. Glória escutava. A loura tinha a cabecinha inclinada e as mãozinhas cruzadas, lindas mãos, linda cabeça.

— Quando julgo, anunciava o dr. Magalhães, abstraio-me, afasto os sentimentos.

— Estive comentando isso ontem à tarde com o dr. Nogueira, atalhei.

O dr. Magalhães agradeceu.

— Para proceder assim é necessário ter independência. Eu tenho independência. Que é que eles podem fazer comigo? Não preciso deles.

Ignoro a que pessoas se referia o dr. Magalhães. João Nogueira tocou-lhe no ombro e cochichou. Compreendi que se tratava do negócio do Pereira.

Levantei-me, arredei-me, para não prejudicar a integridade do juiz e para desemburrar-me um pouco. Fui à janela, acendi o cachimbo.

D. Marcela ia terminando a narração do romance. O advogado estava satisfeito. Apertei nos dentes o cachimbo e esfreguei as mãos com força:

— Ora muito bem. Que me dizem os senhores da chapa do partido? Não conheço os candidatos, mas suponho que há uns dois ou três oradores arrojados.

— O senhor acredita nisso? perguntou João Nogueira.

— Em quê?

— Eleições, deputados, senadores.

Retraí-me, indeciso, porque não tenho ideias seguras a respeito dessas coisas.

— A gente se acostuma com o que vê. E eu, desde que me entendo, vejo eleitores e urnas. Às vezes suprimem os eleitores e as urnas: bastam livros. Mas é bom um cidadão pensar que tem influência no governo, embora não tenha nenhuma. Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra. Eu cultivo a ilusão. E todos se interessam.

João Nogueira refletiu um instante:

— O que eu acho é que os deputados e os senadores são inúteis e comem demais.

Ia responder, mas notei que o dr. Magalhães se mexia. Fiquei com a resposta nas goelas. Ele conteve-se, e estivemos um minuto nesse jogo, cada um esperando pelo outro. Observei então que a mocinha loura voltava para nós, atenta, os grandes olhos azuis.

De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando — mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé de rabo, um toitiço!

Como o silêncio se prolongasse, repliquei ao Nogueira, quase me dirigindo à lourinha:

— Existem coisas inúteis que nós conservamos. Eu conservo este cachimbo, que é inútil e até me faz mal.

Enchi o cachimbo:

— Que, para ser franco, nem sei se ele é inútil. Talvez não seja. Por isso vou às eleições. O senhor com certeza não quer acabar com as leis.

O dr. Magalhães, para quem a lei escrita é como o ar, scandalizou-se:

— Oh!

— Não, tornou João Nogueira. Que essas do congresso ordinariamente não prestam. O que é bom acabar é o congresso. As leis deviam ser feitas por especialistas.

— Ah! suspirou o dr. Magalhães, aliviado. Leis ou decretos, desde que estivessem no papel, em forma, era tudo o mesmo. Cruzou as pernas, balançou a cabeça, estirou o beijo e levantou um dedo:

— O que precisamos é uma elite.

— Perfeitamente, apoiou João Nogueira, uma oligarquia.

Mas o dr. Magalhães embirrou com o nome:

— Ah! não.

— Ora essa! exclamou João Nogueira. Só podemos ter no governo uma elite de poucos indivíduos. É oligarquia.
— Mas que é que a oposição faz senão berrar nos jornais e nos meetings contra isso? perguntei.
— A oposição não sabe o que diz. Nós temos lá oligarquia? Temos uma quantidade enorme de cavadores no poder. Só os congressistas! E os ministros, os presidentes, os governadores, os secretários, os políticos do sul. Muito dente roendo o tesouro. E que súcia! Veja os nossos representantes no congresso federal. Que diz, seu Magalhães?

O dr. Magalhães não dizia nada.

— Nunca leio política. Sou apenas juiz. Estudo, compulso os meus livros, pchiu! Acordo cedo, tomo uma xícara de café, pequena, faço a barba, vou ao banho. Depois passeio pelo quintal, volto, distraio-me com as revistas e almoço, pouco, por causa do estômago. Descanso uma hora, escrevo, consulto os mestres. Janto, dou um giro pela cidade, à noite recebo os amigos, quando aparecem, durmo.

D. Glória não se conteve:

— Obra com acerto, é preciso preservar a saúde.

João Nogueira deu ao rosto uma expressão safada:

— Sem dúvida, é preciso preservá-la. Mas, como íamos dizendo, isto nunca foi oligarquia. Há gente demais.

— Pois se, havendo tanta, a oposição grita, imagine se o número fosse menor. Aí é que a gritaria não findava.

— Por quê?

— Porque muitos dos que estão em cima estariam embaixo, o descontentamento seria maior.

Como o advogado se aproximasse da janela, soprei-lhe ao ouvido:

— Ele prometeu o despacho?

João Nogueira afirmou com um gesto. Despedi-me:

— Não concordo com o senhor não, dr. Nogueira. A república vai bem. Só a justiça que temos... Reflita.

— Eu por mim sou apenas juiz, disse o dr. Magalhães. Estudo, consulto os bons autores...

Demorei-me até que ele terminasse, despedi-me pela segunda vez e saí.

Percorri a cidade, bestando, impressionado com os olhos da mocinha loura e esperando um acaso que me fizesse saber o nome dela. O acaso não veio, e decidi procurar João Nogueira, informar-me do nome, posição, família, as particularidades necessárias a quem pretende dar uma cabeçada séria. Às dez horas fui à redação do Cruzeiro, mas só encontrei Arquimedes, compondo. Estive no bilhar do Sousa. Não havia fregueses; apenas um, meio golado.

— O dr. Nogueira deve estar em casa da Ernestina.

Eu não sabia onde era a casa da Ernestina. Cerca de meia-noite descobri o advogado no hotel, discutindo poesia com Azevedo Gondim. Escutei uma hora, desejoso de instruir-me. Não me instruí.

— Dr. Nogueira, faz obséquio? É um instante, Gondim.

Mas tive acanhamento de tocar naquele assunto delicado, receei tornar-me ridículo, imaginei que podia o Nogueira andar também arrastando a asa para a lourinha e, sentindo uma espécie de despeito, pedi informações minuciosas sobre o processo do Pereira.

T

ornei a encontrar a mocinha loura. Eu voltava da capital, aonde tinha ido por causa do sem-vergonha do Brito.

A coisa se deu assim. Depois do meu telegrama (lembra-se: o telegrama em que recusei duzentos mil-réis àquele pirata), a Gazeta entrou a difamar-me. A princípio foram mofinas cheias de rodeios, com muito vinagre, em seguida o ataque tornou-se claro e saíram dois artigos furiosos em que o nome mais doce que o Brito me chamava era assassino. Quando li essa infâmia, armei-me de um rebenque e desci à cidade.

— O que o senhor deve fazer é processá-lo, aconselhou João Nogueira. É fácil metê-lo na cadeia.

— E querendo defender-se, tem cá o Cruzeiro, insinuou Azevedo Gondim. Pode escrever. Ou então escrevo eu, ou escreve o Nogueira. Infelizmente o Cruzeiro circula pouco. Mas é o que temos. Disponha.

— Obrigado, Gondim; obrigado, dr. Nogueira. Depois resolvemos. Não vale a pena quebrar a cabeça com uma tolice dessa.

E ficamos no hotel até onze da noite, jogando dominó a tostão o tento.

No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas, na estação central. Logo ali, com o rebenque debaixo do braço, comecei a examinar as caras.

Subi a rua do Comércio, dobrei o Livramento, a Alegria, parei em frente à Gazeta. Olhei um instante, pelas grades, as caixetas imundas, entrei, atravessei a sala de composição, a de impressão e, lá no fundo, desemboquei na redação, onde só estava um rapaz amarelo preparando telegramas com os jornais do Recife da véspera. O diretor tinha ido a Pajuçara.

— Obrigado.

Voltei pelo mesmo caminho e estive uma hora no relógio oficial, observando os passageiros dos bondes de Ponta-da-Terra. Afinal surgiu o focinho de rato do Brito.

— Olá!

Recuou, tentou retomar o estribo, mas o carro já ia longe. Franziu a testa com dignidade. Vendo o rebenque, empalideceu e gaguejou:

— Bons olhos o vejam. Que sorte! Sim senhor, precisamos conversar.

Agarrei-lhe o braço, puxei-o para junto do relógio e disse-lhe, quase cochichando para não espantar os transeuntes:

— Então, seu filho de uma égua, esses artigos...

— Aquilo é matéria paga, explicou o Brito. Seção livre, não viu logo? Vamos à redação, lá nos entendemos melhor.

Em resposta passei-lhe os gadanhos no cachaço e dei-lhe um bando de chicotadas. Juntaram-se muitas pessoas, um guarda civil apitou, houve protestos, gritos, afinal Costa Brito conseguiu escapulir-se e azulou pelo Comércio, em direção aos Martírios.

Encaminhei-me ao hotel, mas nem tive tempo de almoçar, porque fui chamado à polícia. Apertaram-me com interrogatórios redundantes, perdi o trem das três e não consegui demonstrar ao delegado que ele era ranzinza e estúpido. Aborrecido, aporrinhado, recorri a um bacharel (trezentos mil-réis, fora despesas miúdas com automóvel, gorjetas, etc.) e embarquei vinte e quatro horas depois, levando nos ouvidos um sermão do secretário do interior, que me seringou liberdade de imprensa e outros disparates.

No vagão comprei os jornais do dia. Nenhum noticiava o espalhafato. Camaradas. Comecei a ler umas coisas interessantes sobre a apicultura. Pouco a pouco esqueci as burrices do delegado e o liberalismo do secretário. E reconciliado com o Brito, confessei a mim mesmo que ele tinha bom coração e provavelmente não reincidiria. Concentrei-me na leitura. Efetivamente as abelhas seriam para nós uma fonte de riqueza.

Nesse ponto veio sentar-se a meu lado uma senhora vestida de preto. Como o sol a incomodasse, baixei a portinhola.

— Agradecida.

Reparando nela, reconheci a mulher que, um mês antes, em casa do dr. Magalhães, escutava o romance de d. Marcela.

— Não tem de quê, d. Glória.

Notei que ela estava com um pacote a furar-se nos joelhos agudos e pedi-o, coloquei-o junto à minha bagagem. Era uma velha acanhada: sorriso insignificante e modos de pobre. O trem pôs-se em movimento. E encetamos um diálogo que se foi animando até nos tornarmos amigos.

— Esta Great Western é uma joça. Porcaria! Isto nunca foi carro. Que chiqueiro!

Início de ordinário com frases assim as minhas viagens a trem. D. Glória sobressaltou-se, receando que a companhia ouvisse. Em tom confidencial, achou que os carros não eram bons.

— Péssimos, d. Glória.

Ela atentou em mim com respeito:

— Creio que já nos vimos. Não me lembro. A minha memória é uma lástima.

— Em casa do juiz, o mês passado. A senhora e uma mocinha loura...

Arregalou os olhos:

— Ah! sim.

E a conversa caiu. Para levantá-la, abri o jornal e preguei-lhe um dedo:

— Está aqui um artigo baita sobre a apicultura. O autor disto é osso.

Não compreendeu. De repente exclamou:

— Agora me recordo. O senhor estava com o dr. Nogueira, discutindo política.

— É isso mesmo.

Houve uma pausa.

— O senhor mora na capital?

— Não, moro no interior.

— Em Viçosa?

— É.

— Eu também, há pouco tempo. Mas cidade pequena... Horrível, não é?

— A cidade pequena? E a grande. Tudo é horrível. Gosto do campo, entende? do campo.

D. Glória fechou a cara:

— Mato? Santo Deus! Mato só para bicho. E o senhor vive no mato?

— Em S. Bernardo.

D. Glória não conhecia S. Bernardo, e essa ignorância me ofendeu, porque para mim S. Bernardo era o lugar mais importante do mundo.

— Uma boa fazenda. Não há lá essa água podre que se bebe por aí. Lama. Não senhora, há conforto, há higiene.

D. Glória retificou a espinha, ergueu a voz e desfez o ar apoucado:

— Não me dou. Nasci na cidade, criei-me na cidade. Saindo daí, sou como peixe fora da água. Tanto que estive cavando transferência para um grupo da capital. Mas é preciso muito pistolão. Promessas...

— Ah! É professora?

— Não. Professora é minha sobrinha.

— Aquela moça que estava com a senhora em casa do dr. Magalhães?

— Sim.

— E como é a graça de sua sobrinha, d. Glória?

— Madalena. Veja o senhor. Fez um curso brilhante...

— Espere lá. O Nogueira e o Gondim me falaram nela. Mulher prendada, bonita. Perfeitamente. O Gondim falou muito. O Gondim do Cruzeiro, um da venta chata.

— Sei.

E recolheu, sorrindo, os elogios à sobrinha.

— Pois uma menina como aquela encafuar-se num buraco, seu...

— Paulo Honório, d. Glória. Faz pena. Isso de ensinar bê-á-bá é tolice. Perdoe a indiscrição, quanto ganha sua sobrinha ensinando bê-á-bá?

D. Glória baixou a voz para confessar que as professoras de primeira entrância tinham apenas cento e oitenta mil-réis.

— Quanto?

— Cento e oitenta mil-réis.

— Cento e oitenta mil-réis? Está aí! É uma desgraça, minha senhora. Como diabo se sustenta um cristão com cento e oitenta mil-réis por mês? Quer que lhe diga? Faz até raiva ver uma pessoa de certa ordem sujeitar-se a semelhante miséria. Tenho empregados que nunca estudaram e são mais bem pagos. Por que não aconselha sua sobrinha a deixar essa profissão, d. Glória?

D. Glória referiu-se à dificuldade de arranjar empregos e ao montepio.

— Que montepio! Isso vale nada! E empregos... Vou indicar um meio de sua sobrinha e a senhora ganharem dinheiro a rodo. Criem galinhas.

D. Glória formalizou-se, e um passageiro próximo, como eu gritava entusiasmado, pôs-se a rir. Era um mocinho de bigodinho e rubi no dedo. Aproximei dele o rosto cabeludo e a mão cabeluda:

— O senhor está rindo sem saber de quê. Vejo que possui uma carta. Quanto lhe rende? Se não tem pai rico, deve ser promotor público. Faria melhor negócio criando galinhas.

O mocinho encabulou.

— Boa ocupação, d. Glória, ocupação decente. Se quiser dedicar-se a ela, recomendo-lhe a Orpington. Escola! Bestidade. Abri uma na fazenda e entreguei-a ao Padilha. Sabe quem é? Um idiota. Mas diz ele que há progresso. E eu acredito. Pelo menos o Gondim e padre Silvestre estiveram lá examinando a molecoreba e acharam tudo em ordem.

D. Glória enrugou e desenrugou a cara:

— Cada qual tem o seu meio de vida.

— História! Dê um salto a S. Bernardo para eu lhe mostrar o que é uma lavoura de fazer água na boca.

Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo como está no papel. Houve suspensões, repetições, mal-entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala sem pensar que aquilo vai ser lido. Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas passagens, modifiquei outras. O discurso que atirei ao mocinho do rubi, por exemplo, foi mais enérgico e mais extenso que as linhas chochas que aqui estão. A parte referente à enxaqueca de d. Glória (e a enxaqueca ocupou, sem exagero, metade da viagem) virou fumaça. Cortei igualmente, na cópia, numerosas tolices ditas por mim e por d. Glória. Ficaram muitas, as que as minhas luzes não alcançaram e as que me pareceram úteis. É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço. Ora vejam. Quando arrastei Costa Brito para o relógio oficial, apliquei-lhe uns quatro ou cinco palavrões obscenos. Esses palavrões, desnecessários porque não aumentaram nem diminuíram o valor das chicotadas, sumiram-se, conforme notará quem reler a cena da agressão, cena que, expurgada dessas indecências, está descrita com bastante sobriedade.

Uma coisa que omiti e produziria bom efeito foi a paisagem. Andei mal. Efetivamente a minha narrativa dá ideia de uma palestra realizada fora da terra. Eu me explico: ali, com a portinhola fechada, apenas via de relance, pelas outras janelas, pedaços de estações, pedaços de mata, usinas e canaviais. Muitos canaviais, mas este gênero de agricultura não me interessa. Vi também novilhos zebus, gado que, na minha opinião, está acabando de escangalhar os nossos rebanhos.

Hoje isso forma para mim um todo confuso, e se eu tentasse uma descrição, arriscava-me a misturar os coqueiros da lagoa, que apareceram às três e quinze, com as mangueiras e os cajueiros, que vieram depois. Essa descrição, porém, só seria aqui embutida por motivos de ordem técnica. E não tenho o intuito de escrever em conformidade com as regras. Tanto que vou cometer um erro. Presumo que é um erro. Vou dividir um capítulo em dois. Realmente o que se segue podia encaixar-se no que procurei expor antes desta digressão. Mas não tem dúvida, faço um capítulo especial por causa da Madalena.

N

a estação d. Glória apresentou-me a sobrinha, que tinha ido recebê-la. Atrapalhei-me e, para desocupar a mão, deixei cair um dos pacotes que ia entregar ao ganhador.

— Muito prazer. Eu já conhecia a senhora de nome. E de vista. Mas não sabia que era uma pessoa só. Encontramo-nos há dias.

— Há um mês.

— Perfeitamente. Estive conversando sobre isso com sua tia, ótima companheira de viagem. Sim senhora, muito prazer.

Dirigi-me ao hotel. E como a casa delas era no meu caminho, saímos juntos.

— D. Marcela disse-me que o senhor tem uma propriedade bonita, começou Madalena.

— Bonita? Ainda não reparei. Talvez seja bonita. O que sei é que é uma propriedade regular.

E embuchei, afobado. Até então os meus sentimentos tinham sido simples, rudimentares, não havia razão para ocultá-los a criaturas como a Germana e a Rosa. A essas azunia-se a cantada sem rodeios, e elas não se admiravam, mas uma senhora que vem da escola normal é diferente. Emburrei, pois, e contei os embrulhos que o ganhador equilibrava na cabeça. Fiz um esforço para endereçar amabilidades a d. Glória:

— O convite está de pé, sim senhora, e eu tenho a sua promessa de ir passar uns dias na fazenda. Espero que leve a professora. Vem um automóvel, em dez minutos estão lá.

D. Glória não tinha prometido nada. Madalena espantou-se:

— Ah! não.

— Por quê? Agora com as férias...

— Passeios... Isso é para rico.

E, sorrindo:

— Que diria sua família se o senhor metesse duas desconhecidas em casa?

Aí quem se espantou fui eu:

— Mas não tenho família, minha senhora, nunca tive. Vivo só, com Deus.

— Então é pior, respondeu Madalena.

— Inconveniente, declarou d. Glória.

Coei a barba:

— É pena. Um lugar tão bom para uma pessoa se refazer! Acabou-se. Se é inconveniente, fica o dito por não dito.

Depois tornei:

— Mas inconveniente por quê? Pois eu tinha muito gosto em mostrar a d. Glória uns marrecos-de-pequim que são mesmo uma beleza. Já viu os marrecos-de-pequim, d. Madalena?

— Ainda não.

— Está aí! resmunguei. Estudam a vida inteira nem sei para quê.

— Descansar um pouco? disse d. Glória.

Estávamos à porta da casa delas, na Canafistula.

— Obrigado. Vou chegando ao hotel.

Demorei-me ainda um minuto:

— Estão as senhoras aqui pessimamente instaladas. Adeus. E se resolverem ir a S. Bernardo, avisem, para mandar o automóvel.

— Perfeitamente, disse d. Glória. E muito agradecida pela companhia.

— Não tem de quê.

No hotel marchei para o banheiro, fui tirar o carvão e o suor. E ia-me sentando à mesa quando chegaram João Nogueira, Azevedo Gondim e padre Silvestre.

— Então que desordem foi essa? perguntou Azevedo Gondim. Soubemos ontem à noite.

— Imagine como nos assustamos, acrescentou o vigário. Um escândalo! É verdade que o Brito andou mal.

— Andou. Necessidade. Ele não é ruim. Queria duzentos mil-réis, coitado, e eu torci o corpo. Tolice: gastei bem

seiscentos, sem contar a aporrinhção de dois dias. O diabo é que, se ele recebesse os duzentos, havia de pedir mais duzentos e assim por diante.

— A notícia que circulou ontem foi que ele estava no hospital, com uma punhalada, informou padre Silvestre. Constou até que tinha morrido. Felizmente hoje sossegamos. Ferimentos leves, não?

— Que ferimentos! O que houve foi troca de palavras. O Brito disse uns desaforos, eu disse outros, juntou-se gente e a polícia entrou na questão, que não era com ela. Não houve nada.

— Logo vi, bradou padre Silvestre. Um homem prudente como o senhor não ia provocar barulho.

— Essa agora! gritou Azevedo Gondim. Pois eu tinha escrito duas colunas sobre o caso para o número de domingo. João Nogueira aproximou-se e falou-me ao ouvido:

— Francamente, que foi que houve?

— Uma arenga sem importância.

E, pegando a ocasião:

— Ó dr. Nogueira, quem é aquela d. Glória?

— A tia da professora?

— Sim. Que tal é essa família?

— Em que sentido?

— Em tudo, respondi evasivamente. A velha viajou hoje comigo, no trem. É simpática.

— Mas que interesse tem o senhor...

— É que a mulher, indiretamente, tocou-me numa pretensão: transferência da sobrinha. Eu nunca vi o diretor da instrução pública, mas dou-me com o Silveira, que faz regulamentos. Talvez não fosse impossível conseguir a transferência. Se elas merecem, está claro.

— Mas é uma excelente professora, seu Paulo, e um nobre caráter. O senhor quer retirá-la! Que lembrança! Se ela sair, sabe o que acontece? Mandam para cá uma velha analfabeta.

— Tem razão.

E, em voz alta:

— Jantar?

Agradeceram e despediram-se. Padre Silvestre abraçou-me:

— O amigo numa entalação dessa! A culpa foi do Brito. Ele é meio esquentado, mas ultimamente a orientação que vem dando à Gazeta é boa.

Acompanhei-os:

— Ó Gondim, eu precisava falar com você.

Ficou.

— Estou morrendo de fome, Gondim. Dois dias quase sem comer! Calcule. Vamos jantar?

Recusou o jantar, mas aceitou um copo de cerveja. Quando cheguei à sobremesa, ele ia na terceira garrafa.

— Ó Gondim, você me falou há tempo numa professora.

— A Madalena?

— Sim. Encontrei-a uma noite destas e gostei da cara. É moça direita?

Azevedo Gondim encetou a quarta garrafa de cerveja e desmanchou-se em elogios.

— Mulher superior. Só os artigos que publica no Cruzeiro!

Desanimei:

— Ah! faz artigos!

— Sim, muito instruída. Que negócio tem o senhor com ela?

— Eu sei lá! Tinha um projeto, mas a colaboração no Cruzeiro me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata.

— Essa agora! bradou Gondim picado. O senhor tem cada uma!

— Está bem. Para você não há segredo. Ouça. Estou aborrecido com o Padilha.

— Alguma carraspana que ele tomou?

— Pior. Anda querendo botar socialismo na fazenda. Surpreendi-o dizendo besteiras. Não liguei importância, tanto que o conservei, mas, o caso bem pensado, talvez fosse melhor arranjar para ele outra colocação, fora.

— E convidar a Madalena.

— Sim, estive pensando. Não sei. Se ela for moça de bons costumes.

— De bons costumes? Claro. O diabo é que talvez não aceite. Morar nas brenhas!

— Isso são bobagens da tia, uma velha tonta. Mas a outra, se tem juízo como você diz, aceita.

Azevedo Gondim mastigava amendoins torrados e bebia cerveja:

— É, pode ser. Vantagem para ela, com certeza, aumento de ordenado.

— Sem dúvida.

— Pode ser. Eu só tenho pena do pobre do Padilha.

— Não. Cavo uma colocação para ele. Já não lhe disse? É um canalha, coitado. E a respeito da moça...

— O senhor entendeu-se com ela?

— Não, homem. Se me tivesse entendido, não estava consultando você. Ó Gondim, faça-me um favor. Foi justamente para isso que lhe pedi que ficasse. Sonde a mulher.

Azevedo Gondim resistiu, encarecendo o serviço que ia prestar:

— Mas eu não tenho intimidade com ela. Fale o senhor.

— Impossível. Há dois dias que estou ausente. Preciso chegar a S. Bernardo hoje. E não sei a maneira de tratar com essa gente. Muitas voltas... Peite a moça, Gondim, faça-me o favor.

— Pois sim. Arrumo-lhe a paisagem, a poesia do campo, a simplicidade das almas. E se ela não se convencer, sapeco-lhe um bocado de patriotismo por cima.

D

epois do convite, tornei-me quase íntimo das duas mulheres. Madalena não se decidiu logo. E eu, a pretexto de saber a resposta, comecei a frequentar a casinha da Canafistula. Um dia dei uns toques a d. Glória:

— Por que é que sua sobrinha não procura marido?

Melindrou-se:

— Minha sobrinha não é feijão bichado para se andar oferecendo.

— Nem eu digo isso, minha senhora. Deus me livre. É um conselho de amigo. Garantir o futuro...

D. Glória empinou a coluna vertebral, e o peito cavado se achatou. Esse movimento de dignidade repentina fazia-lhe o vestido preto, já gasto, ficar esticado na barriga e frouxo nas costas. Resmungou palavras imperceptíveis. Pouco a pouco voltou à posição normal, a omoplata adaptou-se novamente ao pano coçado e o gargarejo tornou-se compreensível:

— Está visto que o casamento para as mulheres é uma situação...

— Razoável, d. Glória. E até é bom para a saúde.

— Mas há tantos casamentos desastrosos... Demais isso não é coisa que se imponha.

— Não, infelizmente. É preciso propor. Tudo mal organizado, d. Glória. Há lá ninguém que saiba com quem deve casar?

— Quanto a mim, acho que em questões de sentimento é indispensável haver reciprocidade.

— Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu manual de zootecnia.

Depois dessa conversa, a colheita do algodão prendeu-me duas semanas em S. Bernardo. Refleti algumas vezes no caso. Era provável que d. Glória houvesse batido com a língua nos dentes. Que teria dito? Apareci a Madalena com medo de ser mal recebido por causa da sugestão. Fui bem recebido:

— Como vai a lavoura?

— Vai regularmente. Creio que vai regularmente: ainda não posso prever o resultado da safra. E a sua escola? Os meninos, a d. Glória, sem novidade? Estimo. O que é certo é que a senhora não se importa com lavoura, e eu vinha tratar de outro assunto.

— O convite que me fez pelo Gondim?

Vacilei:

— Mais ou menos.

— Já lhe devia ter respondido que não aceito.

— Que diabo! Mas o aumento do ordenado, filha de Deus?

— Não convém. Estou em seis anos de magistério, não deixo o certo pelo duvidoso. Essas escolas particulares hoje se abrem, amanhã se fecham...

Fiz-lhe um cumprimento:

— Felicito-a pela sua prudência. Efetivamente a senhora arriscava a ficar sem mel nem cabaço.

— Se o senhor reconhece...

— Reconheço. E venho trazer-lhe outra proposta. Para ser franco, essa história de escola foi tapeação.

Madalena esperava, com uma rugazinha entre as sobrancelhas.

— O que vou dizer é difícil. Deve compreender... Enfim, para não estarmos com prólogos, arreio a trouxa e falo com o coração na mão.

Tossi, encalistrado:

— Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me quadra... Sim, como me engracei da senhora quando a vi pela primeira vez...

Engasguei-me. Séria, pálida, Madalena permaneceu calada, mas não parecia surpreendida.

— Já se vê que não sou o homem ideal que a senhora tem na cabeça.

Afastou a frase com a mão fina, de dedos compridos:

— Nada disso. O que há é que não nos conhecemos.

— Ora essa! Não lhe tenho contado pedaços da minha vida? O que não contei vale pouco. A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família.

Madalena foi à janela e esteve algum tempo debruçada, olhando a rua. Quando se voltou, eu passeava pela sala, enchendo o cachimbo.

— Deve haver muitas diferenças entre nós.

— Diferenças? E então? Se não houvesse diferenças, nós seríamos uma pessoa só. Deve haver muitas. Com licença, vou acender o cachimbo. A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo. Tenho quarenta e cinco anos. A senhora tem uns vinte.

— Não, vinte e sete.

— Vinte e sete? Ninguém lhe dá mais de vinte. Pois está aí. Já nos aproximamos. Com um bocado de boa vontade, em uma semana estamos na igreja.

— O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?

— Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.

U

ma semana depois, à tardinha, eu, que ali estava aboletado desde meio-dia, tomava café e conversava, bastante satisfeito. No melhor da conversa Azevedo Gondim entrou sem cerimônia e atirou uma inconveniência que não tinha tamanho:

— Ah! O senhor está aqui? Eu vinha dar os parabéns a d. Madalena. Foi bom encontrá-lo. Minhas felicitações.

— Que história é essa? perguntei estremecendo.

— O casamento, explicou Azevedo Gondim. É em que se fala. O senhor não tinha dito nada... Quando é isso?

Não respondi. Madalena contou os fios do bordado. D. Glória imobilizou-se, com uma xícara na mão. Tive desejo de torcer o pescoço do Gondim, que, percebendo a tolice, se encostou à parede, raspando o queixo. Levantei-me, cheguei à janela para disfarçar o constrangimento. Como Gondim se aproximasse, rosnei:

— Você está bêbedo?

— Julguei que não fosse segredo. Todo o mundo sabe.

— Idiota.

E voltei a sentar-me. Acanhado, as orelhas num fogaréu, agarrei-me ao hospital de Nossa Senhora da Conceição e ao Grêmio Literário e Recreativo, que levava uma existência precária, com as estantes cheias de traças e abrindo-se uma vez por ano para a posse da diretoria.

— Que utilidade tem isso?

Azevedo Gondim sentou-se, pouco a pouco serenou:

— É uma sociedade que presta bons serviços, seu Paulo.

— Lorota! O hospital, sim senhor. Mas biblioteca num lugar como este! Para quê? Para o Nogueira ler um romance de mês em mês. Uma literatura desgraçada...

Azevedo Gondim, aferrando-se a uma ideia, gira em redor dela, como peru:

— A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, d. Madalena?

— Quem se habitua aos livros...

— É não habituar-se, interrompi. E não confundam instrução com leitura de papel impresso.

— Dá no mesmo, disse Gondim.

— Qual nada!

— E como é que se consegue instrução se não for nos livros?

— Por aí, vendo, ouvindo, correndo mundo. O Nogueira veio da escola sabido como o diabo, mas não sabia inquirir uma testemunha. Hoje esqueceu o latim e é um bom advogado.

— Entretanto o senhor acha o hospital necessário. E por que não deita fora os seus tratados de agricultura?

— É diferente. Em todo o caso suponho que os médicos estudam menos nos livros que abrindo barrigas, cortando vivos e defuntos em experiências. Eu, nas horas vagas, leio apenas observações de homens práticos. E não dou valor demasiado a elas, confio mais em mim que nos outros. Os meus autores não vieram olhar de perto os homens e as terras de S. Bernardo.

Madalena balançava a cabeça:

— Perfeitamente. O que há é que não estamos acostumados a pensar assim. Assisti um dia destes a uma fita no cinema, e creio que aprendi mais que se visse aquilo escrito. Sem contar que se gasta menos tempo.

— E não se enche o quengo com estopadas, acrescentei. Vocês engolem muita bucha, Gondim. Há por aí volumes que cabem em quatro linhas.

D. Glória estava quase dormindo. Azevedo Gondim, aturdido, agastado, ergueu os ombros:

— Cá para mim os livros são úteis. Se o senhor julga que são inúteis, deve ter lá as suas razões.

— Você vê que me refiro às histórias fiadas do Grêmio.

— O pior é que o que é desnecessário ao senhor talvez seja necessário a muitos, disse Madalena.

— Sem dúvida, a beleza, triunfou Azevedo Gondim. É o que se quer. Harmonia, beleza, entende?

— Ora sebo!

D. Glória levantou-se e entrou. Como o assunto estivesse reduzido a cinza, calamo-nos. Azevedo Gondim tentou aticá-lo, inutilmente.

— Que poeira, hem? com o nordeste.

Retirou-se.

Animei-me e avizinhei-me de Madalena:

— Está vendo? Por aí já falam. E só em que falam, pelo que disse o Gondim.

Nenhuma resposta.

— Não torno a pôr os pés aqui. Primeiro porque não quero prejudicá-la, segundo porque é ridículo. Naturalmente a senhora já refletiu.

Madalena soltou o bordado:

— Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá um jardim, não? Mas por que não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

— Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

— Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me.

— Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas.

Ouvindo passos no corredor, baixei a voz:

— Podemos avisar sua tia, não?

Madalena sorriu, irresoluta.

— Está bem.

— Já acabaram aquela discussão pau? perguntou d. Glória da porta. Eu estava morrendo de sono.

— E eu. O culpado foi o Gondim, que tem ideias extravagantes.

Procurei maneira de formular o pedido, mas perturbei-me e não atinei com o que devia dizer:

— D. Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embirados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar. A senhora, está claro, acompanha a gente. Onde comem dois comem três. E a casa é grande, tem uma porção de caritós.

D. Glória começou a chorar.

Casou-nos o padre Silvestre, na capela de S. Bernardo, diante do altar de S. Pedro.

Estávamos em fim de janeiro. Os paus-d'arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das últimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a cascata em que se despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma.

Quando viu os arames da iluminação, o telefone, os móveis, vários trastes de metal, que Maria das Dores conservava areados, brilhando, d. Glória confessou que a vida ali era suportável.

— Eu não dizia?

Ofereci-lhe um quarto no lado esquerdo da casa, por detrás do escritório, com janela para o muro da igreja, vermelho. O muro está hoje esverdeado pelas águas da chuva, mas naquele tempo era novo e cor de carne crua. Eu e Madalena ficamos no lado direito — e da nossa varanda avistávamos o algodoal, o prado, o descaroador com a serraria e a estrada, que se torce contornando um morro.

— Vamos começar vida nova, hem? disse Madalena alegremente.,

Desde então comecei a fazer nela algumas descobertas que me surpreenderam. Como se sabe, eu me havia contentado com o rosto e com algumas informações ligeiras.

Tive, durante uma semana, o cuidado de procurar afinar a minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. Mudei de rumo. Tolice. Madalena não se incomodava com essas coisas. Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano. Enjoou o Padilha, que achou “uma alma baixa”. (Aí eu expliquei que a alma dele não tinha importância. Exigia dos meus homens serviços: o resto não me interessava.) Enjoou o Padilha. Mas gostou de seu Ribeiro: meteu-se no escritório, folheou os livros, examinou documentos, desarmou a máquina de escrever, que estava emperrada. E dois dias depois do casamento, ainda com um ar machucado, largou-se para o campo e rasgou a roupa nos garranchos do algodão. A hora do jantar encontrei-a no descaroador, conversando com o maquinista.

— Ora muito bem. Isto é mulher.

Mas aconselhei-a a não expor-se:

— Esses caboclos são uns brutos. Quer trabalhar? Combino. Trabalhe com Maria das Dores. A gente da lavoura só comigo.

— A ocupação de Maria das Dores não me agrada. E eu não vim para aqui dormir.

— São entusiasmos do princípio.

— Outra coisa, continuou Madalena. A família de mestre Caetano está sofrendo privações.

— Já conhece mestre Caetano? perguntei admirado. Privações, é sempre a mesma cantiga. A verdade é que não preciso mais dele. Era melhor ir cavar a vida fora.

— Doente...

— Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo.

— Ele já trabalhou demais. E está tão velho!

— Muito, perdeu a força. Põe a alavanca numa pedra pequena e chama os cavouqueiros para deslocá-la. Não vale os seis mil-réis que recebia. Mas não tem dúvida: mande o que for necessário. Mande meia cuia de farinha, mande uns litros de feijão. É dinheiro perdido.

— A

excelentíssima, declarou seu Ribeiro, entende de escrituração.

Seu Ribeiro morava aqui, trabalhava comigo, mas não gostava de mim. Creio que não gostava de ninguém. Tudo nele se voltava para o lugarejo que se transformou em cidade e que tinha, há meio século, bolandeira, terços, candeias de azeite e adivinhações em noites de S. João. Com mais de setenta anos, andava a pé, de preferência pelas veredas. E só falava ao telefone constrangido. Odiava a época em que vivia, mas tirava-se de dificuldades empregando uns modos cerimoniosos e expressões que hoje não se usam. O reduzido calor que ainda guardava servia para aquecer aqueles livros grossos, de cantos e lombadas de couro. Escrevia neles com amor lançamentos complicados, e gastava quinze minutos para abrir um título, em letras grandes e curvas, um pouco trêmulas, as iniciais cheias de enfeites.

— Entende muito, continuou. E embora eu não concorde integralmente com o método que preconiza, reconheço que poderá, querendo, encarregar-se da escrita.

— Obrigada.

— Não há de quê. A excelentíssima conhece a matéria e tem caligrafia. Eu sou uma ruína. Qualquer dia destes... Catou palavras:

— Qualquer dia destes estou com Deus.

— Sempre diz isso, resmungou Padilha. O senhor tem fôlego de sete gatos.

Pretendia acumular os cargos de professor e guarda-livros. E impacientava-se.

— Não duro, estou gasto, respondeu seu Ribeiro. E morreria tranquilo deixando os livros a uma pessoa que não viesse estragá-los com raspadelas.

— Isso é fácil, murmurou Padilha.

— Talvez, mas convém saber. Aqui a excelentíssima...

— Tinha graça, tornou Padilha, d. Madalena escrevendo os diversos a diversos.

— Nada mais natural, atalhou Madalena. Não desejo, Deus me livre. Seu Ribeiro está forte.

— Somos todos mortais, minha senhora. É verdade que ninguém pode penetrar os desígnios da Providência, mas na minha idade...

— Qual é o ordenado?

— Ora essa! estranhou Padilha. A senhora ocupar-se com essas migalhas! Receber ordenado! Era tirar de uma mão e deitar na outra.

— Por que não? Se seu Ribeiro tiver de aposentar-se... Quanto ganha o senhor, seu Ribeiro?

O guarda-livros afagou as suíças brancas:

— Duzentos mil-réis.

Madalena desanimou:

— É pouco.

— Como? bradei estremecendo.

— Muito pouco.

— Que maluqueira! Quando ele estava com o Brito, ganhava cento e cinquenta a seco. Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada.

— É exato, confessou seu Ribeiro. Não me falta nada, o que recebo chega.

— Se o senhor tivesse dez filhos, não chegava, disse Madalena.

— Naturalmente, concordou d. Glória.

— Ora gaitas! berrei. Até a senhora? Meta-se com os romances.

Madalena empalideceu:

— Não é preciso zangar-se. Todos nós temos as nossas opiniões.

— Sem dúvida. Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições. Vocês me fazem perder a paciência.

Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me. Um bate-boca oito dias depois do casamento! Mau sinal. Mas atirei a responsabilidade para d. Glória, que só tinha dito uma palavra.



onheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou obrigado a escrever.

Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas — e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel.

Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuo recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.

— Casimiro!

Casimiro Lopes estava no jardim, acorocado ao pé da janela, vigiando.

— Casimiro!

A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva. Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz.

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

— Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

— Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranquila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.

Agora seu Ribeiro está conversando com d. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.

— Casimiro!

Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com o chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela, mas ignoro se a visão que me dá é atual ou remota.

Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e entorneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar.

Aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito.

Distingo no ramerrão da fazenda as mais insignificantes minudências. Maria das Dores, na cozinha, dá lições ao papagaio. Tubarão rosna acolá no jardim. O gado muge no estábulo.

O salão fica longe: para irmos lá temos de atravessar um corredor comprido. Apesar disso a palestra de seu Ribeiro e d. Glória é bastante clara. A dificuldade seria reproduzir o que eles dizem. É preciso admitir que estão conversando sem palavras.

Padilha assobia no alpendre. Onde andará Padilha?

Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo.

Há um grande silêncio. Estamos em julho. O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau. E foram tapados os buracos de grilos.

Repito que tudo isso continua a azucrinar-me.

O que não percebo é o tique-taque do relógio. Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras. Quando me sentei aqui, ouviam-se as pancadas do pêndulo, ouviam-se muito bem. Seria conveniente dar corda ao relógio, mas não consigo mexer-me.

C

onforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram. E, como sabem, não sou homem de sensibilidades. É certo que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos. Mas isto passa.

As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram apenas vestígios da bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência. Eu não devia esperar nem esses sobejos — e o que viesse era lucro. Vivemos algum tempo muito bem.

Lembram-se de que deixei a mesa aborrecido com d. Glória. Pois, passados minutos, Madalena me trouxe uma xícara de café e deu a entender que estava arrependida de haver provocado o incidente.

— Foi uma leviandade.

— Foi, balbuciou Madalena vermelhinha, foi inconsideração.

— Antes de falar, a gente pensa.

— Com certeza, disse ela bastante perturbada. Esqueci que os dois eram empregados e deixei escapar aquela inconveniência. Ah! foi uma inconveniência e grande.

Aí eu peguei a xícara de café e amoleci:

— Não, assim também não. Para que exagerar? Houve apenas incompreensão. Obrigado, pouco açúcar. Incompreensão, é o termo. Eu explico. Aqui não é como lá fora. O cinema, o bar, os convites, a loteria, o bilhar, o diabo, não temos nada disso, e às vezes nem sabemos em que gastar dinheiro. Quer que lhe diga? Comecei a vida com cem mil-réis alheios. Cem mil-réis, sim senhora. Pois estiraram como borracha. Tudo quanto possuímos vem desses cem mil-réis que o ladrão do Pereira me emprestou. Usura de judeu, cinco por cento ao mês.

Madalena ouviu atenta, aprovando, com modos de menina bem-educada:

— Acredito, acredito. O que há é que ainda não conheço o meio. Preciso acostumar-me.

Chamei Casimiro Lopes, entreguei-lhe a xícara e a bandeja. Depois acendi o cachimbo:

— O que sinto...

Ergui-me:

— Nunca me arrependo de nada. O que está feito está feito. Mas enfim cara feia não bota ninguém para diante. E aquilo que eu azuni a d. Glória...

— Coitada! Ela nem estava prestando atenção à conversa. Falou por falar.

— Foi uma dos diabos. Pois faça-me um favor: mostre a ela, por alto, que não tive intenção de magoá-la. Uma pessoa idosa e respeitável... Que não tive intenção, ouviu? Eu sou mesmo um sujeito meio azuretado.

Veem que estávamos brandos como duas bananas. E assim passamos um mês. Por insistência dela, dei-lhe ocupação:

— Faça a correspondência. Quer ordenado. Perfeitamente, depois combinaremos isso. Seu Ribeiro que lhe abra uma conta.

Pois, apesar das precauções que tomamos, do asbesto que usamos para amortecer os atritos, veio nova desinteligência. Depois vieram muitas.

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear, percorria as casas dos moradores. Garotos empalamados e beijudos agarravam-se às saias dela.

Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios que não menciono porque não quero tomar o incômodo de examinar ali o arquivo. Um dia, distraidamente, ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. Calculem. Uma dinheirama tão grande gasta por um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia de capa preta, dos bodes. Mas contive-me. Contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidências com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo o caso era despesa supérflua.

Assinei a duplicata, pus o chapéu e saí. Ao passar pelo estábulo, notei que os animais não tinham ração.

— Isto vai mal.

E gritei:

— Marciano!

Gritei em vão. Desci a ladeira, com raiva. Lá embaixo, à porta da escola, descobri Marciano escanchado num tamborete, taramelando com o Padilha.

— Já para as suas obrigações, safado.

— Acabei o serviço, seu Paulo, gaguejou Marciano perfilando-se.

— Acabou nada!

— Acabei, senhor sim. Juro por esta luz que nos alumia.

— Mentiroso. Os animais estão morrendo de fome, roendo a madeira.

Marciano teve um rompante:

— Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa.

Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo.

— Você está se fazendo besta, seu corno?

Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zonzo, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue. Estive uns minutos soprando. Depois voltei-me para o Padilha:

— O culpado é você.

— Eu?

— Sim, você, que anda enchendo de folhas as ventas daquele sem-vergonha.

Padilha defendeu-se, pálido:

— Não ando enchendo nada não, seu Paulo. É injustiça. Ele veio de enxerido, acredite. Não chamei, até disse: “Marciano, é melhor que você vá dar comida aos bichos.” Não escutou e ficou aí, lesando. Eu estava enjoado, por Deus do céu, que não gosto da cara desse moleque.

la pregar-lhe uma descompostura, mas avistei Madalena, que, no paredão do açude, se virava para as ruínas do Marciano. Fui ao encontro dela, resmungando:

— Insolente! dá-se o pé, e quer tomar a mão.

Mas a cólera tinha desaparecido. O que agora me importunava eram as caixas com o material pedagógico inútil nestes cafundós. Para que aquilo? O governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor.

— Tomando fresca, hem? perguntei a Madalena, que tinha a vista presa no telhado escuro do estábulo.

Não deu resposta. Pus-me a olhar o bebedouro dos animais, o leito vazio do riacho além do sangradouro do açude e, longe, na encosta da serra, a pedreira, que era apenas uma nódoa alvacenta. A mata ia enegrecendo. Um vento frio começou a soprar. As últimas cargas de algodão chegaram ao descaroador. Houve um apito demorado e os trabalhadores largaram o serviço. Consultei o relógio: seis horas.

— É horrível! bradou Madalena.

— Como?

— Horrível! insistiu.

— Que é?

— O seu procedimento. Que barbaridade! Despropósito.

— Que diabo de história...

Estaria tresvariando? Não: estava bem acordada, com os beiços contraídos, uma ruga entre as sobrancelhas.

— Não entendo. Explique-se.

Indignada, a voz trêmula:

— Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?

— Ah! sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me.

Naquele momento não supus que um caso tão insignificante pudesse provocar desavença entre pessoas razoáveis.

— Bater assim num homem! Que horror!

Julguei que ela se aborrecesse por outro motivo, pois aquilo era uma frivolidade.

— Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem.

— Por quê?

— Eu sei lá! Foi vontade de Deus. É um molambo.

— Claro. Você vive a humilhá-lo.

— Protesto! exclamei alterando-me. Quando o conheci, já ele era molambo.

— Provavelmente porque sempre foi tratado a pontapés.

— Qual nada! É molambo porque nasceu molambo.

Madalena calou-se, deu as costas e começou a subir a ladeira. Acompanhei-a, embuchado. De repente voltou-se e, com voz rouca, uma chama nos olhos azuis, que estavam quase pretos:

— Mas é uma crueldade. Para que fez aquilo?

Perdi os estribos:

— Fiz aquilo porque achei que devia fazer aquilo. E não estou habituado a justificar-me, está ouvindo? Era o que faltava. Grande acontecimento, três ou quatro muxicões num cabra. Que diabo tem você com o Marciano para estar tão parida por ele?

D. Glória gostava de conversar com seu Ribeiro. Eram conversas intermináveis, em dois tons: ele falava alto e olhava de frente, ela cochichava e olhava para os lados. Quando me via, calava-se.

Compreendo perfeitamente essas mudanças. Fui trabalhador alugado e sei que de ordinário a gente miúda emprega as horas de folga depreciando os que são mais graúdos. Ora, as horas de folga de d. Glória eram quase todas.

Dormia, almoçava, jantava, ceava, lia romances à sombra das laranjeiras e atenazava Maria das Dores, que endoidecia com a colaboração dela. Queixava-se de tudo: dos ratos, dos sapos, das cobras, da escuridão. Afetava na minha presença uma atitude de vítima. Não se cansava de gabar a cidade, fora de propósito. Passava parte dos dias no escritório.

Seu Ribeiro tratava-a por excelentíssima senhora (Madalena era apenas excelentíssima). Julguei perceber, por certas palavras, gestos e silêncios, que ela ia ali deplorar a sorte da sobrinha. Estava sempre ao pé da carteira, amolando.

Madalena batia no teclado da máquina. Seu Ribeiro escrevia com lentidão trêmula, às vezes se aperreava procurando a régua, a borracha, o frasco de cola, que se ausentavam, porque d. Glória tinha o mau costume de mexer nos objetos e não os pôr nunca onde os encontrava. Eu me danava com essa desordem, fechava a cara, dava ordens secas rapidamente e saía para não estourar. Enfim desabafei. Num dia quatro o balancete do mês passado não estava pronto.

— Por que foi esse atraso, seu Ribeiro? Doença?

O velho esfregou as suíças, angustiado:

— Não senhor. É que há uma diferença nas somas. Desde ontem procuro fazer a conferência, mas não posso.

— Por quê, seu Ribeiro?

E ele calado.

— Está bem. Ponha um cartaz ali na porta proibindo a entrada às pessoas que não tiverem negócio. Aqui trabalha-se. Um cartaz com letras bem grandes. Todas as pessoas, ouviu? Sem exceção.

— Isso é comigo? disse d. Glória esticando-se.

— Prepare logo o cartaz, seu Ribeiro.

— Perguntei se era comigo, tornou d. Glória diminuindo um pouco.

— Ora, minha senhora, é com toda a gente. Se eu digo que não há exceção, não há exceção.

— Vim falar com minha sobrinha, balbuciou d. Glória reduzindo-se ao seu volume ordinário.

— Sua sobrinha, enquanto estiver nesta sala, não recebe visitas, é um empregado como os outros.

— Eu não sabia. Pensei que não interrompesse.

— Pensou mal. Ninguém pode escrever, calcular e conversar ao mesmo tempo.

D. Glória saiu descrevendo um ângulo reto: esgueirou-se da carteira até a parede e, beirando-a, alcançou a porta, que se abriu e fechou silenciosamente. Sentei-me e comecei a confrontar o diário com o razão. Seu Ribeiro aproximou-se para auxiliar-me.

— Obrigado.

Seu Ribeiro aprontou, com o canivete e a régua, um quadrado de papelão. Madalena levantou-se, cobriu a máquina, trouxe-me as cartas, esperou que eu terminasse a leitura delas e retirou-se. Assinei as cartas e meti-as nos envelopes.

— Que é que d. Glória vem fuxicar aqui, seu Ribeiro?

— Nada de importância, respondeu o guarda-livros. A senhora d. Glória é um coração de ouro e versa diferentes temas com proficiência, mas eu, para ser franco, não a tenho escutado com a devida atenção.

Achei ridículo interrogar aquele homem grave sobre os mexericos de d. Glória.

— Excelente senhora, afirmava seu Ribeiro pautando a lápis o quadrado de papelão.

— Mais ou menos.

Levantei-me:

— Cuidado com os intrusos.

— Perfeitamente, respondeu seu Ribeiro.

No salão encontrei Madalena caída no sofá, acabrunhada. Enxugou os olhos à pressa:

— Por que foi aquela brutalidade?

Madalena estava prenhe, e eu pegava nela como em louça fina. Ultimamente dizia-me coisas desagradáveis, que eu fingia não compreender. Via a barriga crescer-lhe. Uma compensação. Sentei-me e, para não desgostá-la:

— Foi realmente brutalidade. Brutalidade necessária, mas enfim brutalidade. É uma peste recorrer a isso.

— E para que recorre? chasqueou Madalena.

— Já você começa. Esses modos não, tenha paciência. Detesto picuinhas. Comigo é trás zás, nó cego. Subterfúgios não.

— Quem é que está com subterfúgios? Foi uma brutalidade.

— Necessária.

— Desnecessária. Vê-se bem que você não gosta de minha tia.

— Eu? Nem gosto nem desgosto. Pensei que ela quisesse alguma ocupação. A propósito, é bom você deixar a máquina. Aquilo é ruim para a barriga. Não se sente mal?

— Não.

— Em todo o caso uns meses antes e uns meses depois do parto tem férias.

— Obrigada.

— Como ia dizendo, julguei que sua tia quisesse trabalhar. Até uma vez dei a ela uns conselhos, no trem. Espinhouse. Vive aí com as mãos abanando, lendo bobagens. Não lhe quero mal por isso. Agora o que não acho direito é empatar o serviço dos outros.

— Escute, Paulo, soluçou Madalena. Está enganado. Não tem razão, garanto que não tem razão. Minha tia é uma criatura digna.

— Efetivamente, ela tem uma espécie de dignidade, às vezes, mas a dignidade nela dura pouco.

Madalena prosseguiu:

— Não conheço ninguém que trabalhe mais que d. Glória.

— Ora essa! bradei com um espanto que me levantou do sofá.

— Vai sair?

Pensando bem, creio que não foi o espanto que me levantou. Provavelmente foi o costume que eu tinha de me dirigir ao campo todos os dias pela manhã. É verdade que o meu espírito estava completamente afastado da lavoura, mas d. Glória e Madalena já me haviam retardado quase uma hora, e o movimento que fiz correspondia a uma necessidade que se tornou clara quando me pus em pé.

— Vamos?

Madalena acompanhou-me e em caminho falou desta forma:

— Você, pelo que me disse, principiou a vida muito pobre.

— Sei lá como principiei! Quando dei por mim, era guia de cego. Depois vendi as cocadas da velha Margarida. Já lhe contei.

— Já. Lutou muito. Mas acredite que d. Glória tem desenvolvido mais atividade que você.

— Estou esperando. Que fez ela?

— Tomou conta de mim, sustentou-me e educou-me.

— Só?

— Acha pouco? É porque você não sabe o esforço que isso custou. Maior que o seu para obter S. Bernardo. E o que é certo é que d. Glória não me troca por S. Bernardo.

Vaidade. Professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias. Uma propriedade como S. Bernardo era diferente.

— Não há comparação.

— Morávamos em casa de jogador de espada, disse Madalena. Havia duas cadeiras. Se chegava visita, d. Glória sentava-se num caixão de querosene. A saleta de jantar era o meu gabinete de estudo. A mesa tinha uma perna quebrada e encostava-se à parede. Trabalhei ali muitos anos. À noite baixava a luz do candeeiro, por economia. D.

Glória ia para a cozinha resmungar, chorar, lastimar-se. O hábito que ela tem de cochichar e caminhar nas pontas dos pés vem desse tempo. Dormíamos as duas numa cama estreita. Se eu adoecia, d. Glória passava a noite sentada; quando não aguentava o sono, deitava-se no chão.

Madalena calou-se. Impressionado com aquela pobreza, exclamei:

— Diabo! Vocês comeram uma cachorra insossa.

Quem não adoecia era d. Glória, continuou Madalena. Eu saía para a escola e ela punha o xale, ia cavar a vida. Tinha muitas profissões. Conhecia padres — e fazia flores, punha em ordem alfabética os assentamentos de batizados, enfeitava altares. Conhecia desembargadores — e copiava os acórdãos do tribunal. À noite vendia bilhetes no Floriano. E como o padeiro nosso vizinho era analfabeto, escriturava as contas dele num caderno de balcão. Está claro que, dedicando-se a tantas ocupações miúdas, era mal paga.

— Deve compreender... murmurei vagamente, olhando os dorsos vermelhos das novilhas mergulhadas no capim-gordura.

Madalena interrompeu-me:

— E nos exames ainda tinha tempo de cabalar os examinadores, Deus e o mundo para eu não ser reprovada. D. Glória é incansável. O que ela não pode é dedicar-se a um trabalho continuado: consome-se em trabalhos incompletos. É por isso a inquietação em que vive. Aqui não há os bilhetes do cinema, os acórdãos do tribunal, os assentamentos de batizados, o caderno de contas do padeiro. D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas. Entretanto, d. Glória procura ser útil: vai à igreja, põe flores nos altares e limpa os vidros das imagens na sacristia; tenta cozinhar e não se entende com Maria das Dores; oferece-se para ajudar seu Ribeiro; já experimentou escrever em máquina.

Um caminhão rodou em direção à serraria; vinham da mata pancadas secas de machado; carros de bois chiavam para os lados de Bom-Sucesso.

— Como tenho dito, não concordo com esse esbanjamento de energia. A gente deve habituar-se a fazer uma coisa só.

— D. Glória nada ganharia se se aperfeiçoasse em vender bilhetes no cinema ou escrever os batizados: a paga seria sempre insignificante.

— Por que não se empregou em ofício mais rendoso?

— Difícil. Demais é necessário haver quem venda os bilhetes e copie os acórdãos.

Calei-me — e não senti nenhuma simpatia à pobre da d. Glória. Continuei a julgá-la uma velha bisbilhoteira e de mãos lastimáveis, que deitavam a perder o que pegavam. Aquelas ocupações espalhadas aborreciam-me. Levantei os ombros. E, para não descontentar Madalena:

— Pode ser que você tenha razão. Eu discordo. Mas enfim cada qual tem lá o seu modo de matar pulgas.

XXIII

Era domingo, de tarde, e eu voltava do descaroçador e da serraria, onde tinha estado a arengar com o maquinista. Um volante empenado e um dínamo que emperrava. O homem prometera endireitar tudo em dois dias. Contratempo. Montes de madeira, algodão enchendo os paíóis.

— Desleixados.

À beira do riacho, topei a velha Margarida sentada numa pedra, lavando as canelas finas como gravetos.

— Boa tarde, mãe Margarida.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, respondeu a negra procurando reconhecer-me com o nariz e com a orelha.

Descobriu-me entre cheiros e ruídos:

— An!

— Como vai isso, mãe Margarida? A saúde?

— Aqui vamos dando, meu filho. Melhor do que mereço a Deus, disse a velha enxugando na saia de riscado os cambitos das pernas.

— Falta alguma coisa lá no rancho?

— Falta nada! Tem tudo, a sinhá manda tudo. Um despotismo de luxo: lençóis, sapatos, tanta roupa! Para que isso? Sapato no meu pé não vai. E não me cubro. Só preciso uma esteira. Uma esteira e o fogo.

— Está direito, mãe Margarida. Passe bem. E saí, agastado com Madalena. Avistei na outra banda Marciano, que tangia o gado.

— Espera lá.

Atravessei a pinguela e fui ver o último produto limosino-caracu.

— Magreirão.

Não estava, mas achei que estava.

— Não me responda, entupa-se.

A culpada era Madalena, que tinha oferecido à Rosa um vestido de seda. É verdade que o vestido tinha um rasgão. Mas era disparate.

— Deitasse fora, foi o que eu disse a Madalena. Se estava estragado, era deitar fora. Não é pelo prejuízo, é pelo desarranjo que traz a esse povinho um vestido de seda.

Madalena respondeu-me com quatro pedras na mão, e ficamos de venta inchada uma semana. Eu por mim remoi um rancor excessivo.

O telhado da serraria era uma nódoa vermelha que as chuvas, aqui e ali, haviam tingido de preto. Na outra margem do riacho a cabeça curvada de Margarida mexia-se lentamente por cima das hastes do capim. E, subindo uma vereda, a figurinha de Marciano colava-se às reses.

— Estúpida! exclamei com raiva.

E pensei no vestido da Rosa, nos sapatos e nos lençóis da velha Margarida.

— Desperdício.

Depois recordei o volante e o dínamo.

— Estúpida!

Está visto que Madalena não tinha nada com o descaroçador e a serraria, mas naquele momento não refleti nisso: misturei tudo e a minha cólera aumentou. Uma cólera despropositada. Esqueci os presentes que, há alguns anos, a Rosa me comeu (pó de arroz, voltas de conta) e as despesas que fiz com Margarida, até automóvel ao sertão, até clichês para o jornal do Gondim. O que me pareceu foi que Madalena estava gastando à toa.

— À toa, percebem?

Repeti para convencer-me:

— À toa. Desperdício.

Por cima do capim-gordura já não se via a cabecinha branca de Margarida. Num cotovelo do caminho o vulto de Marciano tinha desaparecido. Com o descambar do sol, o telhado da serraria estava mais vermelho.

Não seria mau despedir o maquinista.

— Que gente!

Concentrei-me no caso do dínamo, que era o que me havia predisposto a considerar prodigalidades os sapatos, os lençóis e o vestido de seda.

Depois tranquilizei-me. Arredar o maquinista, sim senhor, boa solução.

Demorei-me um instante vendo um casal de papa-capins namorando escandalosamente. Uma galinhagem desgraçada. Dentro de alguns dias aquilo se descasava, cada qual tomava seu rumo, sem dar explicações a ninguém. Que sorte!

E dirigi-me a casa. No alpendre Madalena, Padilha, d. Glória e seu Ribeiro conversavam. Com a minha chegada calaram-se.

Puxei uma cadeira e sentei-me longe deles. Era possível que a palestra não me interessasse, mas suspeitei que estivessem falando mal de mim. Provavelmente. D. Glória sempre com segredinhos ao ouvido de seu Ribeiro. E Madalena escutando o Padilha. O Padilha, que tinha uma alma baixa, na opinião dela. Para o inferno. Tão bom era um como o outro. Entretidos, animados. Conspiração. Talvez não fosse nada. Mas para quem, como eu, andava com a pulga atrás da orelha! Aborrecia.

Estavam constrangidos, certamente adivinhando o que eu pensava. Padilha mastigava com os dentes estragados o sorriso servil.

Levantei-me, encostei-me à balaustrada e comecei a encher o cachimbo, voltando-me para fora, que no interior da minha casa tudo era desagradável.

No fim do pátio um moleque passou, com um bodoque na mão. Estava ali para que servia a escola. Vadiando, matando passarinhos, num dia de descanso, bom para soletrar a cartilha e riscar papel.

Seis contos de tábuas, mapas, quadros e outros enfeites de parede. Seis contos!

Carrancudo, olhei de esguelha para Madalena, que ficou sossegada, como se aquilo não tivesse sido feito por ela.

Acendi o cachimbo, furiosamente, e procurei distrair-me. O rancho de Margarida escondia-se entre as folhas das bananeiras. Marciano saiu do estábulo e veio vindo, banzeiro, derreando-se; diante da casa-grande tirou o chapéu e escondeu o cigarro. A pedreira, lá em cima, estava quase invisível depois que o caminho para ela se tinha fechado.

A prefeitura não queria mais comprar pedras, as construções na fazenda estavam terminadas. E mestre Caetano, gemendo no catre, recebia todas as semanas um dinheirão de Madalena. Sim senhor, uma panqueca. Visitas, remédios de farmácia, galinhas.

— Não há nada como ser entrevado.

Necessitava, é claro, mas se eu fosse sustentar os necessitados, arrasava-me.

Além de tudo vestido de seda para a Rosa, sapatos e lençóis para Margarida. Sem me consultar. Já viram descaramento assim? Um abuso, um roubo, positivamente um roubo.

Voltei a sentar-me. Madalena entrou a falar com o Padilha, mas não percebi o que diziam. O constrangimento foi desaparecendo. Padilha tinha os olhos baixos.

Por que era que eu não punha o Padilha fora de casa, aquele parasita que me levava cento e cinquenta mil-réis por mês com a tapeação da escola e estava fuxicando, visivelmente fuxicando?

Virei o rosto e descansei a vista no pátio, muito alvo, coberto de pedra miúda e areia. Andavam ali àquela hora pombos como os diabos, voando baixo, passeando, emproados, beliscando o chão. Contei uns cinquenta. Perdi a conta, recomecei sem resultado. Eram bem duzentos.

Recordei o tempo em que aquilo só tinha muçambês e lama. O riacho, um pouco de água turva num sulco estreito e tortuoso, derramava-se pela várzea, empapando o solo. E as cercas do Mendonça avançando.

Que diferença! Senti desejo de levantar-me e exclamar:

— Vejam isto. Estão dormindo? Acordem. As casas, a igreja, a estrada, o açude, as pastagens, tudo é novo. O algodão tem quase uma légua de comprimento e meia de largura. E a mata é uma riqueza. Cada pé de amarelo! cada cedro! Olhem o descaroador, a serraria. Pensam que isto nasceu assim sem mais nem menos?

Padilha continuava tagarelando com Madalena. Ergui os ombros:

— Para o inferno, para a casa da peste!

Seu Ribeiro aprovava com gravidade as tolices de d. Glória.

Casimiro Lopes veio sentar-se num degrau da calçada. Picando fumo com a faca de ponta e preparando o cigarro de palha, deitava os olhos de cão ao prado, ao açude, à igreja, às plantações. Pobre do Casimiro Lopes. Ia-me esquecendo dele. Calado, fiel, pau para toda a obra, era a única pessoa que me compreendia. Mandou-me um sorriso triste. Estirei o beijo, dizendo em silêncio:

— Isto vai ruim, Casimiro.

Casimiro Lopes arregaçou as ventas numa careta desgostosa.

Os outros continuavam a zumbir. Sebo! Uns insetos. Não valia a pena prestar atenção a semelhantes insignificâncias. Gente besta.

Ergui-me, bocejando. O que eu estava era cansado. O dia inteiro no campo, inquirindo, esmiuçando. Senti as pernas bambas. Cansado.

A noite chegava. Um pretume no interior da casa. Lembrei-me do dínamo encrocado. Mais esta. Deixei o alpendre e entrei:

— Maria das Dores, acenda os candeeiros.

O pequeno berrava como bezerro desmamado. Não me contive: voltei e gritei para d. Glória e Madalena:

— Vão ver aquele infeliz. Isso tem jeito? Aí na prosa, e pode o mundo vir abaixo. A criança esgoelando-se! Madalena tinha tido menino.

Fazia dois anos que eu estava casado, e por isso João Nogueira, padre Silvestre e Azevedo Gondim jantavam conosco.

Ora exatamente nesse dia repreendi Padilha e ele me gaguejou umas desculpas a que não liguei importância, mas que depois de algumas horas cresceram muito.

— Ó Padilha, chegue cá, disse-lhe de manhã no jardim, onde ele colhia flores. Ninguém aqui está preso. Se o serviço lhe desagrada, é arribar.

— Por quê, seu Paulo? exclamou Luís Padilha atordoado.

— Ora por quê! Apanhando flores, homem! Olhe o relógio.

— Foi a d. Madalena que mandou tirar umas rosas.

— Você é jardineiro? A d. Madalena não dá ordens. Você me anda gastando o tempo com falatórios!

— Isso não é comigo, defendeu-se Padilha. Queixe-se dela. A moça me pediu umas flores para enfeitar a mesa, à tarde. Que é que eu havia de fazer? Havia de negar? E quanto às conversas, seu Paulo compreende. Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas! Precisa uma pessoa com quem possa entreter de vez em quando palestras amenas e variadas.

Achei graça. E não prestei mais atenção a Padilha, que, espetando os dedos nos espinhos, devastou uma roseira, à pressa, e escapuliu-se. Palestras amenas!

Mais tarde, no escritório, uma ideia indeterminada saltou-me na cabeça, estive por lá um instante quebrando louça e deu o fora. Quando tentei agarrá-la, ia longe. Interrompi a leitura da carta que tinha diante de mim e, sem saber por quê, olhei Madalena desconfiado. Estava de pé, encostada à carteira, mexia distraída as folhas do razão e contemplava pela janela os paus-d'arco distantes.

Maquinalmente, assinei o papel; Madalena estendeu-me outro, maquinalmente. Nisto a ideia voltou. Movia-se, porém, com tanta rapidez que não me foi possível distingui-la. Estremeci, e pareceu-me que a cara de Madalena estava mudada. Mas a impressão durou pouco.

Embrenhei-me no trabalho e, à tarde, quando os amigos desceram do automóvel, sentia-me perfeitamente tranquilo.

— Ora, sejam bem aparecidos.

Como não eram de cerimônia, levei-os para o interior, fui matar a sede do Gondim, que, quando chega a S. Bernardo, exige conhaque.

Durante o jantar, estiveram todos muito animados. E até eu, que ignoro os assuntos que eles debatiam, entrei na dança.

Para começar, Azevedo Gondim, a quem o conhaque tinha tirado as peias da língua, elogiou a vida campestre:

— Isto é que é! Vejam se na cidade, ciscando no fundo dos quintais, se criava um peru deste tamanho. Que bicho fornido! Benza-o Deus.

D. Glória deu um muxoxo e desviou a vista do centro da mesa, onde, acorado na travessa, um peru recebia aqueles louvores despropositados.

Padre Silvestre acompanhou o movimento de d. Glória e deu com os olhos nos canteiros do jardim e nas alamedas do pomar.

— Realmente deve ser uma delícia viver neste paraíso. Que beleza!

— Para quem vem de fora, atalhei. Aqui a gente se acostuma. Afinal não cultivo isto como enfeite. É para vender.

— As flores também? perguntou Azevedo Gondim.

— Tudo. Flores, hortaliça, fruta...

— Está aí! exclamou padre Silvestre balançando a cabecinha grisalha e enrugando a testa estreita. O que é ter senso! Se todos os brasileiros pensassem assim, não estaríamos presenciando tanta miséria.

— Política, padre Silvestre? fez João Nogueira sorrindo.

Padre Silvestre arregalou os olhinhos baços:

— Por que não? O senhor há de confessar que estamos à beira de um abismo.

Padre Silvestre é desorientado. Com uma freguesia trabalhosa, anda no mundo da lua. Danadamente liberal.

Padilha meteu o bedelho na conversa:

— Apoiado.

— Um abismo, repetiu padre Silvestre.

— Que abismo? perguntou Azevedo Gondim.

O reverendo estudou uma resposta enérgica:

— Isso que se vê. É a falência do régimen. Desonestidades, patifarias.

— Quais são os patifes? inquiriu João Nogueira.

Padre Silvestre estirou o beijo inferior e amoitou-se. As opiniões dele são as opiniões dos jornais. Como, porém, essas opiniões variam, padre Silvestre, impossibilitado de admitir coisas contraditórias, lê apenas as folhas da oposição. Acredita nelas. Mas experimenta às vezes dúvidas. Elas juram que os homens do governo são malandros, e ele conhece alguns respeitáveis. Isso prejudica as convicções que a letra impressa lhe dá. Necessitando acomodar as suas observações com as afirmações alheias, acha que os políticos, individualmente, são criaturas como as outras, mas em conjunto são uns malfeitores.

— Ora essa! Não me compete denunciar ninguém. Os fatos são os fatos. Observe.

— É bom apontar, insistiu João Nogueira.

— Para quê? A facção dominante está caindo de podre. O país naufraga, seu doutor. É o que lhe digo: o país naufraga.

Passei-lhe uma garrafa e informei-me:

— Que foi que lhe aconteceu para o senhor ter essas ideias? Desgostos? Cá no meu fraco entender, a gente só fala assim quando a receita não cobre a despesa. Suponho que os seus negócios vão bem.

— Não se trata de mim. São as finanças do Estado que vão mal. As finanças e o resto. Mas não se iludam. Há de haver uma revolução!

— Era o que faltava. Escangalhava-se esta gangorra.

— Por quê? perguntou Madalena.

— Você também é revolucionária? exclamei com mau modo.

— Estou apenas perguntando por quê.

— Ora por quê! Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte. Sem falar na atrapalhão política.

— Seria magnífico, interrompeu Madalena. Depois se endireitava tudo.

— Com certeza, apoiou Luís Padilha.

— Vocês sabem o que estão dizendo?

— O que admira é padre Silvestre desejar a revolução, disse Nogueira. Que vantagem lhe traria ela?

— Nenhuma, respondeu o vigário. A mim não traria vantagem. Mas a coletividade ganharia muito.

— Esperem por isso, atalhou Azevedo Gondim. Os senhores estão preparando uma fogueira e vão assar-se nela.

— Literatura! resmungou Padilha.

— Literatura não, gritou Azevedo Gondim. Se rebentar a encrenca, há de sair boa coisa, hem, Nogueira?

— O fascismo.

— Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo.

D. Glória benzeu-se e seu Ribeiro opinou:

— Deus nos livre.

— Tem medo, seu Ribeiro? perguntou Madalena sorrindo.

— Já vi muitas transformações, excelentíssima, e todas ruins.

— Nada disso, asseverou padre Silvestre. Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós. O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome.

Seu Ribeiro passou os dedos pela careca lustrosa:

— No tempo de d. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis era rico. Mas havia fartura, a abóbora apodrecia na roça. Mamona, caroço de algodão, não tinham valor. Com a proclamação da república ficaram custando os olhos da cara. Por isso eu digo que essas mudanças só servem para atrapalhar a vida. A estrada de

ferro...

— Uma nação sem Deus! bradava padre Silvestre a d. Glória. Fuzilaram os padres, não escapou um. E os soldados, bêbedos, espatifavam os santos e dançavam em cima dos altares.

D. Glória gemia com as mãos no peito:

— Que horror! É possível! Nos altares!

— Espatifaram nada! interveio Padilha. Isso é propaganda contrarrevolucionária.

— E o senhor trabalha para isso, padre Silvestre, exclamou Gondim.

O vigário desculpou-se:

— Eu não. Estou quieto, no meu canto. Agora achar que o governo é mau, eu acho. Que há urgências de reforma, há. Quanto ao comunismo, lorota, não pega. Descansem: entre nós não pega. O povo tem religião, o povo é católico.

João Nogueira discordou:

— É o que ele não é. Ninguém conhece doutrina. Se um protestante canta hinos e prega o evangelho, os devotos das procissões vão escutá-lo; outros pendem para o espiritismo; e a canalha acredita em feitiçaria e até adora árvores. Muitos entram no catolicismo como num hotel, escolhem um prato, com fastio, e cruzam o talher. Os mais avançados são dispépticos. O senhor se engana, padre Silvestre; essa gente ouve missa, mas não é católica, e tanto se deixa levar para um lado como para outro.

Padre Silvestre desnorteou-se:

— Nesse caso...

Mas João Nogueira tinha terminado. E estava conversando comigo, em voz baixa, esculhambando o dr. Magalhães.

Madalena falava com seu Ribeiro:

— Que é que o senhor perdia?

— Não sei, excelentíssima. Talvez perdesse. A mim só chegam desgraças. Enfim tenho aqui um pedaço de pão. E se essa infelicidade viesse, nem isso me davam.

Madalena procurava convencê-lo, mas não percebi o que dizia. De repente invadiu-me uma espécie de desconfiança. Já havia experimentado um sentimento assim desagradável. Quando?

João Nogueira aniquilava o dr. Magalhães. D. Glória, cheia de comida e de calor, ia cerrando os olhos, já indiferente ao perigo que anunciavam. Seu Ribeiro, cabeçudo, não queria inovações. E Azevedo Gondim, vermelho, afirmava a padre Silvestre:

— Não há. O Nogueira tem razão, não há. Conheço homens que defendem a religião nos jornais e nunca viram a Bíblia.

Quando? Num momento esclareceu-se tudo: tinha sido naquele mesmo dia, no escritório, enquanto Madalena me entregava as cartas para assinar.

Sim senhor! Conluiada com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando.

Levantamo-nos e fomos tomar café no salão.

— Sim senhor, comunista!

— É a corrupção, a dissolução da família, teimava padre Silvestre.

Ninguém respondeu.

Ignoro essas coisas, naturalmente, mas desejei saber o que Madalena pensava a respeito delas.

O vigário só fazia gritar.

Qual seria a opinião de Madalena?

— Aí padre Silvestre tem razão, concordou Gondim. A religião é um freio.

— Bobagem! disse Nogueira. Quem é cavalo para precisar freio?

Qual seria a religião de Madalena? Talvez nenhuma. Nunca me havia tratado disso.

— Monstruosidade.

E repeti baixinho, lentamente e sem convicção:

— Monstruosidade!

Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico?

A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus

trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível.

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo.

— Sem dúvida, respondi a uma lenga-lenga que padre Silvestre me infligia.

Seu Ribeiro e Azevedo Gondim amolavam-se, com pachorra. D. Glória cochilava. Padilha fumava a um canto.

— Provavelmente.

Creio que disse disparate, porque padre Silvestre divergiu e sapecou-me uma demonstração incompreensível.

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa benfeita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena — e comecei a sentir ciúmes.



omecei a sentir ciúmes. O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora, a pontapés. Mas conservei-o para vingar-me. Arredei-o de casa, a bem dizer prendi-o na escola. Lá vivia, lá dormia, lá recebia alimento, boia fria, num tabuleiro.

Estive quatro meses sem lhe pagar o ordenado. E quando o vi sucumbido, magro, com o colarinho sujo e o cabelo crescido, pilheriei:

— Tenha paciência. Logo você se desforra. Você é um apóstolo. Continue a escrever os contoziños sobre o proletário.

O infeliz defendia-se. Com as humilhações continuadas, limitava-se por fim a engolir em seco. Um dia chorou, pediu-me soluçando que lhe arranjasse uma colocação no fisco estadual.

— Impossível, Padilha. Espere o soviete. Você se colocará com facilidade na guarda vermelha. Quando isso acontecer, não se lembre de mim não, Padilha, seja camarada.

Na casa-grande, que Tubarão e Casimiro Lopes guardavam, a vida era uma tristeza, um aborrecimento. D. Glória passava as tardes debaixo das laranjeiras, empalhando-se com brochuras e folhetins. Madalena bordava e tinha o rosto coberto de sombras.

Às vezes as sombras se adelgaçavam. E findo o trabalho, tudo convidava a gente às conversas moles, aos cochilos, ao embrutecimento.

Uma aragem corria. Vinham-me arrepios bons, desejo de espreguiçar-me. Via o monte, que a fita vermelha da estrada contorna, a mata, o algodoal, a água parada do açude.

Madalena soltava o bordado e enfiava os olhos na paisagem. Os olhos cresciam. Lindos olhos.

Sem nos mexermos, sentíamos que nos juntávamos, cautelosamente, cada um receando magoar o outro. Sorrisos constrangidos e gestos vagos.

Eu narrava o sertão. Madalena contava fatos da escola normal. Depois vinha o arrefecimento. Infalível. A escola normal! Na opinião do Silveira, as normalistas pintam o bode, e o Silveira conhece instrução pública nas pontas dos dedos, até compõe regulamentos. As moças aprendem muito na escola normal.

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem:

— Me auxilia, meu bem.

Nunca me disseram isso, mas disseram ao Nogueira. Imagino. Aparecem nas cidades do interior, sorrindo, vendendo folhetos, discursos, etc. Provavelmente empestaram as capitais. Horríveis.

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estranhos.

E eu me retraía, murchava.

Requebrando-se para o Nogueira, ao pé da janela, sorrindo! Sorrindo exatamente como as outras, as que fazem conferências. Perigo. Quem se remexer para João Nogueira estrema-se. Bom advogado, negócios direitos, sim sim, não não; mas no gênero mulher é uma rede, não deita água a pinto. E aquela conversa teria sido a primeira? Antes da minha bruta cabeçada, eles se entendiam. Talvez namorassem. Quando, em casa do dr. Magalhães, eu tinha encontrado Madalena, João Nogueira estava lá. Tapado, o dr. Magalhães, tapadíssimo. Escutá-lo é pior que ouvir serrar madeira. “Sou juiz, entende? Juiz. Levanto-me pela manhã.” O Nogueira, de olho duro, gramando aquilo! Interesse. Começara a falar em política, Madalena levantara a cabeça, curiosa. E, com dois anos de casada, num vão de janela, desmanchava-se toda para ele.

Erguia-me, insultava-a mentalmente:

— Perua!

Até com o Padilha! Como diabo tinha ela coragem de se chegar a uma lazeira como o Padilha? A questão social.

— Está aqui para a questão social. O que há é sem-vergonheza.

Depois a colaboração no jornal do Gondim. Continuava a colaborar. Pouco, mas continuava. O Gondim e ela tinham sido unha com carne. Lembram-se da tarde em que ele me deu parabéns, estupidamente? Familiaridade. E discutiam as pernas e os peitos dela!

Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual.

E a minha cara devia ser terrível, porque Madalena empalidecia e dava para tremer.

Se eu soubesse... Soubesse o quê! Há lá marido que saiba nada?

Era possível que os caboclos do oito estivessem mangando de mim. Até Marciano e a Rosa comentariam o caso, na cama, de noite.

O Marciano conheceria as minhas relações com a Rosa? Não conhecia. Tive sempre o cuidado de mandá-lo à cidade, a compras, oportunamente. E talvez não quisesse conhecer. Também se podia admitir que fosse dotado de pouca penetração.

— Enfim certeza, certeza de verdade, ninguém tem.

Que diria seu Ribeiro? Que diria d. Glória?

Afastava-me, lento, ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o. Era magro. Tinha os cabelos louros, como os da mãe. Olhos agateados. Os meus são escuros. Nariz chato. De ordinário as crianças têm o nariz chato.

Interrompia o exame, indeciso: não havia sinais meus; também não havia os de outro homem.

E o pequeno continuava a arrastar-se, caindo, chorando, feio como os pecados. As perninhas e os bracinhos eram finos que faziam dó. Gritava dia e noite, gritava como um condenado, e a ama vivia meio doida de sono. Às vezes ficava roxo de berrar, e receei que estivesse morrendo quando padre Silvestre lhe molhou a cabeça na pia. Com a dentição encheu-se de tumores, cobriram-no de esparadrapos: direitinho uma rês casteada. Ninguém se interessava por ele. D. Glória lia. Madalena andava pelos cantos, com as pálpebras vermelhas e suspirando. Eu dizia comigo:

— Se ela não quer bem ao filho!

E o filho chorava, chorava continuamente. Casimiro Lopes era a única pessoa que lhe tinha amizade. Levava-o para o alpendre e lá se punha a papaguear com ele, dizendo histórias de onças, cantando para o embalar as cantigas do sertão. O menino trepava-lhe às pernas, puxava-lhe a barba, e ele cantava:

Eu nasci de sete meses,
Fui criado sem mamar.
Bebi leite de cem vacas
Na porteira do curral.

Boa alma, Casimiro Lopes. Nunca vi ninguém mais simples. Estou convencido de que não guarda lembrança do mal que pratica. Toda a gente o julga uma fera. Exagero. A ferocidade aparece nele raramente. Não compreende nada, exprime-se mal e é crédulo como um selvagem.

Fui indo sempre de mal a pior. Tive a impressão de que me achava doente, muito doente. Fastio, inquietação constante e raiva. Madalena, Padilha, d. Glória, que trempe! O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca. Pancada em d. Glória também, que tinha gasto anos trabalhando como cavalo de matuto para criar aquela cobrinha.

Os fatos mais insignificantes avultaram em demasia. Um gesto, uma palavra à toa logo me despertavam suspeitas. Mulher de escola normal! O Silveira me tinha prevenido, indiretamente. Agora era aguentar as consequências da topada, para não ser besta.

Aguentar! Ora aguentar! Eu ia lá continuar a aguentar semelhante desgraça? O que me faltava era uma prova: entrar no quarto de supetão e vê-la na cama com outro.

Atormentava-me a ideia de surpreendê-la. Comecei a mexer-lhe nas malas, nos livros, e a abrir-lhe a correspondência. Madalena chorou, gritou, teve um ataque de nervos. Depois vieram outros ataques, outros choros, outros gritos, choveram descomposturas e a minha vida se tornou um inferno.

Um dia, de passagem pela fazenda, o dr. Magalhães almoçou comigo. Espreitando-o, notei que as amabilidades dele para Madalena foram excessivas. Efetivamente nas palavras que disseram não descobri mau sentido; a intenção estava era nos modos, nos olhares, nos sorrisos. Houve, segundo me pareceu, cochichos e movimentos equívocos.

À noite não consegui dormir. Passei horas sentado, odiando Madalena, que se enroscava num canto da cama, as pernas encolhidas apertando o estômago.

Com o dr. Magalhães, homem idoso! Considerei que também eu era um homem idoso, esfreguei a barba, triste. Em parte, a culpa era minha: não me tratava. Ocupado com o diabo da lavoura, ficava três, quatro dias sem raspar a cara. E quando voltava do serviço, trazia lama até nos olhos: deem por visto um porco. Metia-me em água quente, mas não havia esfregação que tirasse aquilo tudo.

Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos!

As do dr. Magalhães, homem de pena, eram macias como pelica, e as unhas, bem aparadas, certamente não arranhavam. Se ele só pegava em autos!

Madalena ressonava. Tão franzina, tão delicada! Ultimamente ia emagrecendo.

Levantei-me e aproximei-me da luz. As minhas mãos eram realmente enormes. Fui ao espelho. Muito feio, o dr. Magalhães; mas eu, naquela vida dos mil diabos, berrando com os caboclos o dia inteiro, ao sol, estava medonho. Queimado. Que sobrelhas! O cabelo era grisalho, mas a barba embranquecia. Sem me barbear! Que desleixo!

No dia seguinte encontrei Madalena escrevendo. Avizinhei-me nas pontas dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.

— Faz favor de mostrar isso?

Madalena agarrou uma folha que ainda não havia sido dobrada.

— Não tem que ver. Só interessa a mim.

— Perfeitamente. Mas é bom mostrar. Faz favor?

— Já não lhe disse que só interessa a mim? Que arrelia!

— Mostra a carta, insisti segurando-a pelos ombros.

Madalena defendia-se, ora levantando o papel com os braços estirados, ora escondendo-o atrás das costas:

— Vá para o inferno, trate da sua vida.

Aquela resistência enfureceu-me:

— Deixa ver a carta, galinha.

Madalena desprende-se e entrou a correr pelo quarto, gritando:

— Canalha!

D. Glória chegou à porta, assustada:

— Pelo amor de Deus! Estão ouvindo lá fora.

Perdi a cabeça:

— Vá amolar a puta que a pariu. Está mouca, aí com a sua carinha de santa? É isto: puta que a pariu. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa de sua sobrinha, compreende? Puta que pariu as duas.

D. Glória fugiu com o lenço nos olhos.

— Miserável! bradou Madalena.

E eu só sabia dizer:

— Mostra a carta, perua.

Madalena rasgou o papel em pedacinhos e atirou-os pela janela:

— Miserável!

Saiu como um redemoinho. No corredor ainda gritou:

— Assassino!

Atordado, murmurei:

— Cachorra!

E fiquei olhando os pedaços de papel que na manhã de vento esvoaçavam pelo jardim, entre as folhas das roseiras. Longe, no salão ou na cozinha, Madalena continuava a gritar:

— Assassino!

Os outros nomes feios que ela me havia dito não tinham significação. Aquele tinha uma significação. Era o que me atormentava. Mulheres, criaturas sensíveis, não devem meter-se em negócios de homens.

Antes dela, a única pessoa que, na tábua da venta, me tachou de assassino foi Costa Brito, pela seção livre da Gazeta. Justamente quando acabava de dar-lhe o troco, tinha-me encangado a Madalena. Canga infeliz! Não era melhor que eu tivesse quebrado uma perna? Mais vale uma boa amigação que certos casamentos.

Assassino! Como achara ela uma ofensa tão inesperada? Acaso? Ou teria lido o jornal do Brito? O mais provável era Padilha haver referido alguns mexericos que por aí circulam. Sim senhor! Estava o Padilha mudado em indivíduo capaz de fazer mal. Que graça! O Padilha! Recordei-me do caso do Jaqueira, mas a recordação desapareceu, e comecei a dizer mentalmente:

— Assassino! Assassino!

Encolizei-me por estar perdendo tempo com tolices.

— Madalena, d. Glória, Padilha, puta que pariu a todos.

Ali malucando, e a gente do eito à vontade, cobrindo mato. Espreguicei-me. Uma noite sem dormir! Depois estremeci e olhei as mãos. As minhas mãos eram enormes, com efeito.

O Jaqueira... Ah! sim! tinha sido anos atrás.

De repente achei que Madalena estava sendo ingrata com o pobre do Casimiro Lopes. Afinal...

Assassino! Que sabia ela da minha vida? Nunca lhe fiz confidências. Cada qual tem os seus segredos. Seria interessante se andássemos dizendo tudo uns aos outros. Cada um tem os seus achaques. Madalena, que vinha da escola normal, devia ter muitos. Podia eu conhecer o passado dela? O presente era ruim, via-se que era ruim.

Ainda em cima ingrata. Casimiro Lopes levava o filho dela para o alpendre e embalava-o, cantando, aboiando. Que trapalhada! que confusão! Ela não tinha chamado assassino a Casimiro Lopes, mas a mim. Naquele momento, porém, não vi nas minhas ideias nenhuma incoerência. E não me espantaria se me afirmassem que eu e Casimiro Lopes éramos uma pessoa só.

O Padilha! Cabra ruim é que desgraça um homem. Quem havia de supor que o Jaqueira...

Outra vez o Jaqueira. Aqui vai, resumido, o caso do Jaqueira. Jaqueira era um sujeito empambado, e os moleques, as quengas de pote e esteira, batiam nele. Jaqueira recebia as pancadas e resmungava:

— Um dia eu mato um peste.

Toda a gente dormia com a mulher do Jaqueira. Era só empurrar a porta. Se a mulher não abria logo, Jaqueira ia abrir, bocejando e ameaçando:

— Um dia eu mato um peste.

Matou. Escondeu-se por detrás de um pau e descarregou a lazarina bem no coração de um freguês. No júri, cortaram a cabeça por seis votos (patifaria). Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado. Nunca mais ninguém buliu com o Jaqueira.



Quando serenei, pareceu-me que houvera barulho sem motivo. O dr. Magalhães tinha feitio para dirigir amabilidades a qualquer senhora sem que ninguém desconfiasse dele. E o papel endereçado ao Gondim devia ser literatura para composição. Não era senão isso. Coisas tão fúteis — e em consequência um arranca-rabo estúpido, com desaforo grosso, Maria das Dores ouvindo, seu Ribeiro ouvindo. Sebo!

Madalena era honesta, claro. Não mostrara o papel para não dar o braço a torcer, por dignidade, claríssimo. Ciúme idiota.

Mais bem-comportada que ela só num convento. Circumspecta, sem nó pelas costas. E caridosa, de quebra, até com os bichinhos do mato. A respeito de pensamento nada se sabia, que no pensamento de outra pessoa ninguém vai; mas quanto a palavras e obras era inatacável. Podia ter-me dito insultos piores. Pior que assassino? Muito duro. Mas não me queixava dela, queixava-me do Padilha, aquele descarado.

Depois da violência da manhã, sentia-me cheio de otimismo, e a brutalidade que há em mim virava-se para o mestre-escola.

Sem-vergonha! Era despedi-lo. À tarde fui tratar disso.

Padilha ofereceu-me a cadeira, sentou-se num tamborete e, sério, em atitude de galinha assada:

— Às suas ordens, seu Paulo Honório.

— Uma notícia desagradável. Não preciso mais dos seus serviços.

— Por quê? disse Padilha aturdido. Que foi que eu fiz?

— Ora essa! Pergunta a mim? Você deve saber o que fez.

— Não fiz nada. Que é que havia de fazer, trancado? A minha sujeição é maior que a dos presos da cadeia. Não saio. Se me afasto vinte passos, é com o Casimiro no cóis das calças. Que foi que eu fiz? Aponte uma falta.

— Não dou explicações.

Padilha baixou a cabeça:

— Está certo. Sempre na linha, e por fim uma desta! Entra ano, sai ano, e o trouxa do empregado no toco, direito como um fuso, cumprindo as obrigações, procurando agradar. Quando espera aumento de ordenado, lá vem pontapé.

Levantou-se:

— Dê-me ao menos alguns dias para arrumar os troços e cavar um osso. Eu não posso sair assim com uma mão atrás, outra adiante.

Ergui-me também:

— Tem um mês para se retirar.

— Muito obrigado, balbuciou Padilha. A gente ainda deve agradecer. Bem feito. Se eu não servisse de espoleta a sua mulher, não acontecia isto.

Indignou-se:

— Espoleta! “Vá buscar um livro, seu Padilha.” Eu ia. “Traga papel, seu Padilha.” Eu trazia. “Copie esta página, seu Padilha.” Eu copiava. “Apanhe umas laranjas, seu Padilha.” Até apanhar laranjas! Espoleta! Aquela mulher foi a causa da minha desgraça.

— Emende a língua, ordenei.

— Que foi que eu disse? Que era espoleta. Era. Por isso o senhor me demite.

— Nada! O que há é que você andava fazendo fuxicos, homem. Andava intrigando, homem. Andava tecendo enredos, homem.

Luís Padilha embatucou. Depois, de um fôlego:

— Quais são as intrigas, os fuxicos, os enredos? O senhor não mostra um. Eu sou culpado de sua mulher ter ideias avançadas? Se é isso...

— Não, não é isso.

— Então não sei.

— Escute, Padilha. Eu estou pegando cinquenta anos e tenho corrido mundo. Você não me bota papa na língua não. Vejo muita coisa e fecho os olhos, filho de Deus. Se eu afirmo que você vivia com fuxicos, é porque você vivia com fuxicos.

Padilha catava pulgas:

— Pois diga. A minha consciência não me acusa. Diga. Quando a gente sabe, diz.

— Deixe de chove não molha, repliquei troçando com ele. Você não contou invenções a Madalena? Você não falou de mim? Falou ou não falou?

— Não falei não, seu Paulo. Se eu não sei nada!

— Tire o cavalo da chuva, rapaz. Eu ouvi.

Padilha encabulou:

— Está bem. Se o senhor ouviu, não discutimos. Naturalmente ouviu o que eu não disse.

— Ouvi o que você disse. Não teime. Tenho bom ouvido.

— Se ouviu, concedeu Padilha, foi a história da morte do Mendonça. D. Madalena já sabia...

— Sabia o quê?

— O que o povo resmunga. Calúnias. Eu expliquei tudo e defendi o senhor: “D. Madalena, isso é um caso antigo, e mexer nele não dá vida a ninguém. O velho Mendonça era uma postema, furtava as terras dos vizinhos. Quanto ao que espalham por aí, não acredite: são aleives. Seu Paulo tem bom coração e é incapaz de matar um pinto.”

Lembrei-me da briga da manhã. Exatamente o que eu tinha presumido: mexericos daquele traste.

— Ó Padilha, por que foi que você disse que Madalena era a causa da sua desgraça?

— E o senhor quer negar? Se não fosse ela, eu não perdia o emprego. Foi ela. E, veja o senhor, eu não gostava daquilo. Muitas vezes opinei, sem rebuço: “D. Madalena, seu Paulo embirra com o socialismo. É melhor a senhora deixar de novidade. Essas conversas não servem.” Está aí. Papagaio come milho, periquito leva a fama. O periquito sou eu.

Fraquejei:

— Que diabo discutiam vocês?

O meu ciúme tinha-se tornado público. Padilha sorriu e respondeu, hipócrita:

— Literatura, política, artes, religião... Uma senhora inteligente, a d. Madalena. E instruída, é uma biblioteca. Afinal eu estou chovendo no molhado. O senhor, melhor que eu, conhece a mulher que possui.

“O

Senhor conhece a mulher que possui.”

Que frase!

Padilha sabia alguma coisa. Saberia? Ou teria falado à toa?

Conjecturas. O que eu desejava era ter uma certeza e acabar depressa com aquilo. Sim ou não.

“O senhor conhece a mulher que possui.” Conhecida nada! Era justamente o que me tirava o apetite. Viver com uma pessoa na mesma casa, comendo na mesma mesa, dormindo na mesma cama, e perceber ao cabo de anos que ela é uma estranha! Meu Deus! Mas se eu ignoro o que há em mim, se esqueci muitos dos meus atos e nem sei o que sentia naqueles meses compridos de tortura!

Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? não será?

Se eu tivesse uma prova de que Madalena era inocente, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava. Comprarlhe-ia vestidos que nunca mais se acabariam, chapéus caros, dúzias de meias de seda. Seria atencioso, muito atencioso, e chamaria os melhores médicos da capital para curar-lhe a palidez e a magrém. Consentiria que ela oferecesse roupa às mulheres dos trabalhadores.

E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro.

Mas logo me enjoava do pensamento feroz. Que rendia isso? Um crime inútil! Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus.

Seria? não seria?

Insignificâncias. No meio das canseiras a morte chega, o diabo carrega a gente, os amigos entortam o focinho na hora do enterro, depois esquecem até os pirões que filaram.

Que me importavam as opiniões do Padilha, de seu Ribeiro, de d. Glória, de Marciano? Casimiro Lopes é que não tinha opinião. Quem me dera ser como Casimiro Lopes!

— Isto vai mal, Casimiro, dizia eu com os olhos.

Casimiro Lopes concordava, erguendo os ombros.

Q

uando as dúvidas se tornavam insuportáveis, vinha-me a necessidade de afirmar. Madalena tinha manha encoberta, indubitavelmente.

— Indubitavelmente, indubitavelmente, compreendem? Indubitavelmente.

As repetições continuadas traziam-me uma espécie de certeza.

Esfregava as mãos. Indubitavelmente. Antes isso que oscilar de um lado para outro.

Via-se muito bem que d. Glória era alcoviteira. Passadas mansinhas, olhos baixos, voz sumida — estava mesmo a preceito para alcoviteira. Antigamente devia ter dado com os burros na água. Alcoviteira, desencaminhara a sobrinha. Sempre de acordo, aquelas duas éguas.

Enfim o Padilha tinha sido até camarada.

Monologava com raiva:

— Obrigado, Padilha.

Sim senhor, boa bisca. Não havia gato nem cachorro em S. Bernardo que ignorasse o procedimento dela.

“Aquela mulher foi a causa da minha desgraça.” Que falta de respeito! Há quem atire semelhante heresia em cima de uma senhora casada, nas barbas do marido? Há? Não há. Querem mais claro?

Padre Silvestre passou por S. Bernardo — e eu fiquei de orelha em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavalo amarrado também come.

A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, sim senhor.

Às vezes o bom-senso me puxava as orelhas:

— Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça.

Realmente, uma criatura branca, bem lavada, bem vestida, bem engomada, bem aprendida, não ia encostar-se àqueles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim. Os meus olhos me enganavam. Mas se os olhos me enganavam, em que me havia de fiar então? Se eu via um trabalhador de enxada fazer um aceno a ela!

Com esforço e procurando distração, conseguia reprimir-me. Era intuitivo que o aceno não podia ser para ela. Não podia.

Ora não podia!

— Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho.

Uma tarde em que a velha Margarida subiu a ladeira a vara e a remo para visitar-nos, vigiei-a uma hora, com receio de que a pobre fosse portadora de alguma carta.

Creio que estava quase maluco.



noite parecia-me ouvir passos no jardim. Por que diabo aquele Tubarão não ladrava? O safado do cachorro ia perdendo o faro.

Erguia-me, pegava o rifle, soprava a luz, abria a janela:

— Quem está aí?

Seria inimigo, gente dos Gama, do Pereira, do Fidélis? Pouco provável. As ameaças tinham cessado: eu e Casimiro Lopes criávamos ferrugem. Instintivamente, resguardava-me colado à parede. Julgava distinguir um vulto.

— Quem está aí? É bicho de fôlego ou é marmota? Não responde não?

E lá ia no silêncio um tiro que assustava os moradores, fazia Madalena saltar da cama, gritando.

Fechava a janela e acendia o candeeiro.

— Que foi? gemia Madalena aterrada.

— São os seus parceiros que andam rondando a casa. Mas não tem dúvida: qualquer dia fica um diabo aí estirado.

Madalena abraçava-se aos travesseiros, soluçando.

Um assobio, longe. Algum sinal convencionado.

— É assobio ou não é? Marcou entrevista aqui no quarto, em cima de mim? É só o que falta. Quer que eu saia? Se quer que eu saia, é dizer. Não se acanhe.

Madalena chorava como uma fonte.

Entristecia-me. Grosseiro, monstruosamente grosseiro.

E se as passadas e o assobio não fossem por causa dela? Ah! Sendo assim, eu picado para linguíça não pagava o que devia. E se as passadas e o assobio não existissem? Lembrava-me de uma noite em que me aperreei de verdade e puxei a lambedeira, com medo de um rato. Há neste mundo cada engano! E decidia corrigir-me:

— Vamos deixar de choradeira. Lá por assobiarem no pomar e passearem no jardim não é preciso a senhora se desmanchar em água. É melhor acabar com essa cavilação.

Madalena chorava, chorava, até que por fim, cansada de chorar, pegava no sono. Encolhia-me à beira da cama, para evitar o contacto dela. Quando ia adormecendo, percebia o ranger de chave em fechadura e o rumor de telhas arrastadas. Despertava num sobressalto e continha a respiração. Quem estaria futucando portas? Quem estaria destelhando a casa?

Aproximava-me de Madalena, observava-lhe o rosto. Teria ouvido? Ou estaria a fingir que dormia?

Levantava-me, arrastava uma cadeira, sentava-me. Madalena ressonava.

Com certeza ninguém tinha bulido na fechadura nem nas telhas. Maluqueiras de sonho. Talvez as pisadas também tivessem sido abuso de sonho. Um pesadelo. Isso. Um pesadelo. Era possível que o assobio fosse grito de coruja.

Uma pancada no relógio da sala de jantar. Que horas seriam? Meia? uma? uma e meia? ou metade de qualquer outra hora?

Não podia dormir. Contava de um a cem, e dobrava o dedo mindinho; contava de cem a duzentos, dobrava o seu vizinho; assim por diante, até completar mil e ter as duas mãos fechadas. Depois contava cem, e soltava o dedo grande; mais cem, o fura-bolo; e quando chegava a dois mil, as duas mãos estavam abertas. Repetia a leseira, imaginava para cada dedo que se movia um conto de réis de lucro no balanço, o que me rendia fortuna imensa, tão grande que me enjoava dela e interrompia a contagem.

Segunda pancada no relógio. Uma hora? uma e meia? Só vendo. Erguia-me, pisava com força. Madalena continuava a dormir.

Destrancava e trancava a porta do corredor. Tornava a destrancar, tornava a trancar. E examinava o rosto de Madalena. Que sono! Ali descansada, e eu me roendo por dentro. Descansada como se tudo estivesse muito direito. Tinha desejo de acordá-la, recomençar a contenda em que vivíamos. Dormir assim, quando eu estava preocupado, seriamente preocupado, não era justo. Preocupado com quê? Afinal que fazia ali, com a mão na chave e os olhos esbugalhados para Madalena?

— Por que diabo estou mexendo nisto?

Ah! sim! ver as horas. Empurrava a porta, atravessava o corredor, entrava na sala de jantar. Sempre era alguma coisa saber as horas.

Sentava-me no meu lugar à mesa. No começo das nossas desavenças todas as noites aqui me sentava, arengando com Madalena. Tínhamos desperdiçado tantas palavras!

— Para que serve a gente discutir, explicar-se? Para quê?

Para quê, realmente? O que eu dizia era simples, direto, e procurava de balde em minha mulher concisão e clareza. Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa.

U

ma tarde subi à torre da igreja e fui ver Marciano procurar corujas. Algumas se haviam alojado no forro, e à noite era cada pio de rebentar os ouvidos da gente. Eu desejava assistir à extinção daquelas aves amaldiçoadas.

Lá de cima escutava o barulho que Marciano, invisível, fazia. E, pelas quatro janelinhas abertas aos quatro cantos do céu, contemplava a paisagem. Por uma delas via embaixo um pedaço do escritório, uma banca e, sentada à banca, minha mulher escrevendo. Com um ligeiro desvio de olhos, afastava a cena familiar e corriqueira, divisava o oitão da casa, portas, janelas, a cama de d. Glória, um canto da sala de jantar. Levantava a cabeça — e o horizonte compunha-se de telhas, argamassa, lambrequins. Mais para cima, campos, serra, nuvens.

O capim-gordura tinha virado grama, e os bois que pastavam nele eram como brinquedos de celuloide. O algodão galgava colinas, descia, tornava a mostrar-se mais longe, desbotado. Numa clareira da mata escura, quase negra, desmaiavam na sombra figurinhas de lenhadores.

Uma coruja gritava. E Marciano surgia de esconderijos cheios de treva, o pixaim branco de teias de aranha:

— Mais uma. É um corujão da peste, seu Paulo.

Eu fungava:

— Em que estará pensando aquela burra? Escrevendo. Que estupidez!

Rosa do Marciano atravessava o riacho. Erguia as saias até a cintura. Depois que passava o lugar mais fundo, ia baixando as saias. Alcançava a margem, ficava um instante de pernas abertas, escorrendo água, e saía torcendo-se, com um remelexo de bunda que era mesmo uma tentação.

A distância arredondava e o sol dourava cocurutos de montes. Pareciam extraordinárias cabeças de santos.

— Se aquela mosca-morta prestasse e tivesse juízo, estaria aqui aproveitando esta catervagem de belezas.

Ali pelos cafus descí as escadas, bastante satisfeito. Apesar de ser um indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau. Quinze metros acima do solo, experimentamos a vaga sensação de ter crescido quinze metros. E quando, assim agigantados, vemos rebanhos numerosos a nossos pés, plantações estirando-se por terras largas, tudo nosso, e avistamos a fumaça que se eleva de casas nossas, onde vive gente que nos teme, respeita e talvez até nos ame, porque depende de nós, uma grande serenidade nos envolve. Sentimo-nos bons, sentimo-nos fortes. E se há ali perto inimigos morrendo, sejam embora inimigos de pouca monta que um moleque devasta a cacete, a convicção que temos da nossa fortaleza torna-se estável e aumenta. Diante disto, uma boneca traçando linhas invisíveis num papel apenas visível merece pequena consideração. Desci, pois, as escadas em paz com Deus e com os homens, e esperava que aqueles pios infames me deixassem enfim tranquilo.

Matutando, penetrei no jardim e encaminhei-me ao pomar, fazendo tenção de ver se a poda estava em regra.

Defronte do escritório descobri no chão uma folha de prosa, com certeza trazida pelo vento. Apanhei-a e corri à vista, sem interesse, pela bonita letra redonda de Madalena. Francamente, não entendi. Encontrei diversas palavras desconhecidas, outras conhecidas de vista, e a disposição delas, terrivelmente atrapalhada, muito me dificultava a compreensão. Talvez aquilo fosse bem feito, pois minha mulher sabia gramática por baixo da água e era fecunda em riscos e entrelinhas, mas estavam riscados períodos certos, e em vão tentei justificar as emendas.

— Ocultar com artifícios o que deve ser evidente!

Passeando entre as laranjeiras, esqueci a poda, reli o papel e agadanhei ideias indefinidas que se baralharam, mas que me trouxeram um arrepio. Diabo! Aquilo era trecho de carta, e de carta a homem. Não estava lá o nome do destinatário, faltava o princípio, mas era carta a homem, sem dúvida.

Li a folha pela terceira vez, atordoadado, detendo-me nas expressões claras e procurando adivinhar a significação dos termos obscuros.

— Está aqui a prova, balbuciei assombrado. A quem serão dirigidas estas porcarias?

As suspeitas voaram para cima de João Nogueira, do dr. Magalhães, de Azevedo Gondim, do Silveira da escola normal. Reli a carta um pelotão de vezes, e enquanto lia, praguejava como um condenado, e as fontes me latejavam.

Afinal a noite caiu, não enxerguei mais as letras.

Sim senhor! Carta a homem!

Estive um tempão caminhando debaixo das fruteiras.

— Eu sou algum Marciano, bando de filhos das putas?

E voltei furioso, decidido a acabar depressa com aquela infelicidade. Zumbiam-me os ouvidos, dançavam-me listras vermelhas diante dos olhos.

Ia tão cego que bati com as ventas em Madalena, que saía da igreja.

— Meia-volta, gritei segurando-lhe um braço. Temos negócio.

— Ainda? perguntou Madalena.

E deixou-se levar para a escuridão da sacristia.

Acendi uma vela e, encostando-me à mesa carregada de santos, sobre o estrado onde padre Silvestre se paramenta em dias de missa:

— Que estava fazendo aqui? Rezando? É capaz de dizer que estava rezando.

— Ainda? repetiu Madalena.

Esperei que ela me sacudisse desaforos, mas enganei-me: pôs-se a observar-me como se me quisesse comer com os olhos muito abertos. Ferviam dentro de mim violências desmedidas. As minhas mãos tremiam, agitavam-se em direção a Madalena. Apertei-as para conter os movimentos e, com os queixos contraídos:

— A senhora escreveu uma carta.

O vento frio da serra entrava pela janela, mordida-me as orelhas, e eu sentia calor. A porta gemia, de quando em quando dava no batente pancadas coléricas, depois continuava a gemer. Aquilo me irritava, mas não me veio a ideia de fechá-la. Madalena estava como se não ouvisse nada. E eu, dirigindo-me a ela e a uma litografia pendurada à parede:

— Cuidam que isto vai ficar assim?

O pequeno mais velho do Marciano entrou nas pontas dos pés. Sem me voltar para ele, bradei:

— Vai-te embora.

O menino aproximou-se da janela.

— Vai-te embora, berrei de novo.

Provavelmente o meu aspecto lhe causou estranheza. Balbuciou:

— Fechar a igreja, seu Paulo.

Percebi que os meus modos eram desarrazoados e respondi com simulada brandura:

— Perfeitamente. Volta mais tarde, ainda é cedo.

Nove horas no relógio da sacristia.

O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria. Mergulhei os dedos nos cabelos.

— Que estás fazendo, peste?

O cabrito fugiu.

Nem sei quanto tempo estive ali, em pé. A minha raiva se transformava em angústia, a angústia se transformava em cansaço.

— Para quem era a carta?

E olhava alternadamente Madalena e os santos do oratório. Os santos não sabiam, Madalena não quis responder.

O que me espantava era a tranquilidade que havia no rosto dela. Eu tinha chegado fervendo, projetando matá-la. Podia viver com a autora de semelhante maroteira?

À medida, porém, que as horas se passavam, sentia-me cair num estado de perplexidade e covardia.

As imagens de gesso não se importavam com a minha aflição. E Madalena tinha quase a impassibilidade delas. Por que estaria assim tão calma?

Afirmei a mim mesmo que matá-la era ação justa. Para que deixar viva mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos.

As minhas mãos contraíam-se, moviam-se para ela, mas agora as contrações eram fracas e espaçadas.

— Fale, exclamei com voz mal segura.

— Para quê?

— Há uma carta. Eu preciso saber, compreende?

Meti a mão no bolso e apresentei-lhe a folha, já amarrotada e suja. Madalena estendeu-a sobre a mesa, examinou-a, afastou-a para um lado.

— Então?

— Já li.

A vela acabou-se. Acendi outra e fiquei com o fósforo entre os dedos até queimar-me.

— Diga alguma coisa.

Pareceu-me que havia ali um equívoco e que, se Madalena quisesse, tudo se esclareceria. O coração dava-me coices desesperados, desejei doidamente convencer-me da inocência dela.

— Para quê? murmurou Madalena. Há três anos vivemos uma vida horrível. Quando procuramos entender-nos, já temos a certeza de que acabamos brigando.

— Mas a carta?

Madalena apanhou o papel, dobrou-o e entregou-mo:

— O resto está no escritório, na minha banca. Provavelmente esta folha voou para o jardim quando eu escrevi.

— A quem?

— Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. Você verá.

— Bem.

Respirei. Que fadiga!

— Você me perdoa os desgostos que lhe dei, Paulo?

— Julgo que tive as minhas razões.

— Não se trata disso. Perdoa?

Rosnei um monossílabo.

— O que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo.

Palavras de arrependimento vieram-me à boca. Engoli-as, forçado por um orgulho estúpido. Muitas vezes por falta de um grito se perde uma boiada.

— Seja amigo de minha tia, Paulo. Quando desaparecer essa quizília, você reconhecerá que ela é boa pessoa.

Eu era tão bruto com a pobre da velha!

— Consequência desse mal-entendido. Ela também tem culpa. Um bocado ranzinza.

— Seu Ribeiro é trabalhador e honesto, você não acha?

— Acho. Antigamente deu cartas e jogou de mão. Hoje é refugo. Um sujeito decente, coitado.

— E o Padilha...

— Ah! não! Um enredeiro. Nem está direito você torcer por ele. Safadíssimo.

— Paciência! O Marciano... Você é rigoroso com o Marciano, Paulo.

— Ora essa! exclamei enfadado. Que rosário!

— Não se zangue, disse Madalena sem erguer a voz.

— O que eu queria...

Sentei-me num banco.

O que eu queria era que ela me livrasse daquelas dúvidas.

— Que é que você queria? perguntou Madalena sentando-se também.

— Sei lá!

E encolhi-me, as mãos pesadas sobre os joelhos. Madalena, com ar meio sério, meio de brincadeira:

— Se eu morrer de repente...

— Que história é essa, mulher? Lembrança fora de propósito.

— Por que não? Quem sabe qual há de ser o meu fim? Se eu morrer de repente...

— Acabe com isso, criatura. Para que falar nessas coisas?

— Ofereça os meus vestidos à família de mestre Caetano e à Rosa. Distribua os livros com seu Ribeiro, o Padilha e o Gondim.

Levantei-me, impaciente:

— Que conversa sem jeito!

E agarrei-me a um assunto agradável para afugentar aquelas ideias tristes:

— Estou com vontade de viajar.

Sentei-me novamente, animei-me, acendi um cigarro:

— Depois da safra. Deixo seu Ribeiro tomando conta da fazenda. Vamos à Bahia. Ou ao Rio. O Rio é melhor. Passamos uns meses descansando, você cura a macacoa do estômago, engorda e se distrai. É bom a gente arejar. A vida inteira neste buraco, trabalhando como negro! E damos um salto a São Paulo. Valeu?

Madalena, olhando a luz, que tremia, agitando sombras nas paredes, saiu-se com esta:

— Hoje pela manhã já havia na mata alguns paus-d'arco com flores. contei uns quatro. Daqui a uma semana estão lindos. É pena que as flores caíam tão depressa.

— Efetivamente, resmunguei procurando relacionar o Rio e São Paulo com os paus-d'arco. E que me diz da viagem?

Madalena tinha os olhos presos na vela:

— Sim, estive rezando. Rezando, propriamente, não, que rezar não sei. Falta de tempo.

Meu Deus! como andava aquela cabeça! Era a resposta à minha primeira pergunta.

— Escrevia tanto que os dedos adormeciam. Letras miudinhas, para economizar papel. Nas vésperas dos exames dormia duas, três horas por noite. Não tinha proteção, compreende? Além de tudo a nossa casa na Levada era úmida e fria. No inverno levava os livros para a cozinha. Podia visitar igrejas? Estudar sempre, sempre, com medo das reprovações...

Estava perturbada, via-se perfeitamente que estava perturbada. Largou outras incoerências:

— As casas dos moradores, lá embaixo, também são úmidas e frias. É uma tristeza. Estive rezando por eles. Por vocês todos. Rezando... Estive falando só.

O relógio da sacristia tocou meia-noite.

— Meu Deus! Já tão tarde! Aqui, tagarelando...

Levantou-se e pôs-me a mão no ombro:

— Adeus, Paulo. Vou descansar.

Voltou-se da porta:

— Esqueça as raivas, Paulo.

Por que não acompanhei a pobrezinha? Nem sei. Porque guardava um resto de dignidade besta. Porque ela não me convidou. Porque me invadiu uma grande preguiça.

Fiquei remoendo as palavras desconexas e os modos esquisitos de Madalena. Depois pensei na carta que ela havia deixado no escritório, incompleta.

Para quem seria? Lá vinha novamente o ciúme. Aquilo ainda causaria infelicidades sem remédio.

Pouco a pouco me fui amadornando, até cair num sono embrulhado e penoso. Creio que sonhei com rios cheios e atoleiros.

Quando dei acordo de mim, a vela estava apagada e o luar, que eu não tinha visto nascer, entrava pela janela. A porta continuava a ranger, o nordeste atirava para dentro da sacristia folhas secas, que farfalhavam no chão de ladrilhos brancos e pretos. O relógio tinha parado, mas julgo que dormi horas. Galos cantaram, a lua deitou-se, o vento se cansou de gritar à toa e a luz da madrugada veio brincar com as imagens do oratório.

Ergui-me, o espinhaço doído da posição incômoda. Estirei os braços. Moído, como se tivesse levado uma surra.

Saí, dirigi-me ao curral, bebi um copo de leite. Conversei um instante com Marciano sobre as corujas. Em seguida fui passear no pátio, esperando que o dia clareasse de todo.

Realmente a mata, enfeitada de paus-d'arco, estava uma beleza.

Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme.

A serraria apitou; as suíças de seu Ribeiro surgiram a uma janela; Maria das Dores abriu as portas; Casimiro Lopes apareceu com uma braçada de hortaliças.

Desci ao açude. Derreado, as cadeiras doendo. Que noite! Despi-me entre as bananeiras, meti-me na água, mergulhei e nadei.

Quando cheguei a casa, o sol já estava alto. O espinhaço ainda me doía. Que noite!

Subindo os degraus da calçada, ouvi gritos horríveis lá dentro.

— Que diabo de chamego é este?

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos

da boca.

Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado.

No soalho havia manchas de líquido e cacos de vidro.

D. Glória, caída no tapete, soluçava, estrebuchando. A ama, com a criança nos braços, choramigava. Maria das Dores gemia.

Comecei a friccionar as mãos de Madalena, tentando reanimá-la. E balbuciava:

— A Deus nada é impossível.

Era uma frase ouvida no campo, dias antes, e que me voltava, oferecendo-me esperança absurda.

Pus um espelho diante da boca de Madalena, levantei-lhe as pálpebras. E repetia maquinalmente:

— A Deus nada é impossível.

— Que desastre, senhor Paulo Honório, que irreparável desastre! murmurou seu Ribeiro perto de mim.

E Padilha, encolhido por detrás dele:

— Num momento como este a minha obrigação era vir.

— Agradecido, muito agradecido.

E encaminhei-me ao escritório, levado pelo hábito, murmurando sempre:

— A Deus nada é impossível.

Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado. Abri-o. Era uma carta extensa em que se despedia de mim. Li-a, saltando pedaços e naturalmente compreendendo pela metade, porque topava a cada passo aqueles palavrões que a minha ignorância evita. Faltava uma página: exatamente a que eu trazia na carteira, entre faturas de cimento e orações contra maleitas que a Rosa anos atrás me havia oferecido.

Enterrou-se debaixo do mosaico da capela-mor.

Vesti-me de preto; encomendei uma lápida; o dr. Magalhães, padre Silvestre, João Nogueira, Azevedo Gondim, os proprietários vizinhos, vieram trazer-me pêsames. Deixei a cama de casal e mudei-me para um quarto pequeno que tinha, à beira do telhado, um ninho de carriças. Pela manhã as carriças pipilavam desesperadamente. Na mesa da cabeceira amontoavam-se telegramas e envelopes tarjados.

Como necessitava distração, dediquei-me nervosamente a uma derrubada de madeira na mata. Depois mandei consertar o paredão do açude, que vazava.

Mas o entusiasmo esfriou depressa. Aquilo era meio de vida, não era meio de morte.

E pensava em Madalena. Creio na verdade que a lembrança dela sempre esteve em mim. O que houve foi que, na atrapalhão dos primeiros dias, confundiu-se com uma chusma de azucrinações diferentes umas das outras. Mas quando essas azucrinações se tornaram apenas um sedimento no meu espírito, veio à superfície. Raramente conseguia agitar-me e dissolvê-la: recompunha-se logo e ficava em suspensão. E os assuntos mais atraentes me traziam enfado e bocejos.

Vivia agora a passear na sala, as mãos nos bolsos, o cachimbo apagado na boca. Ia ao escritório, olhava os livros com tédio, saía, atravessava os corredores, percorria os quartos, voltava às caminhadas na sala.

Certo dia, na horta, espiava um formigão que se exercitava em marchas e contramarchas inconsequentes. Inconsequentes para mim, está visto, que ignorava as intenções dele. A voz antipática de d. Glória interrompeu-me a observação:

— Vim dizer adeus. Vou-me embora.

Levantei a cabeça e vi-a diante de mim, tesa, enlutada naquele vestido velho malfeito, que entufava nos ombros quando ela se aprumava.

— Para onde?

D. Glória descreveu vagamente, com o dedo descarnado, um arco:

— Vou-me embora.

— A senhora não tem para onde ir.

E procurei o formigão, que tinha desaparecido.

— Vou, respondeu firme d. Glória.

Esforcei-me por dissuadi-la:

— Isso não tem cabimento, mulher. Ganhar o mundo sem destino! Crie juízo.

D. Glória continuou, direita como um cabo de vassoura:

— Não estou pedindo conselho. Vim despedir-me, que não saio como negro fugido. Mande-me as suas ordens.

Encetei um dos meus intermináveis passeios, de um lado para outro:

— Está bem. Cada qual é dono do seu nariz. Quando volta?

— Nunca.

— Está bem.

Apressei o passo:

— Com quem vai?

— Com Deus.

— Pois sim. O automóvel tem gasolina. Divirta-se.

— Obrigada. Vou a pé.

Aí eu queimeei as alpercatas:

— Vai nada!

Parei soprando:

— Largar-se pelo mundo, à toa, e dizer que eu botei a senhora de casa para fora, que sou morto a fome, que arribou

daqui com a roupa do corpo, não é?

D. Glória, cada vez mais espichada, agastou-se:

— E o senhor me prende? Não matei, não roubei, não difamei... Vou.

E eu:

— Quem está falando em prender a senhora? Deixe de doidice. Quer dar o fora? Perfeitamente, não lhe seguro as pernas. Se quisesse ficar, podia viver aí até criar canhão, que ninguém lhe pisava nos calos. Mas se não quer, acabou-se. Agora o que não tem jeito é escafeder-se como quem vai tangido. Isso não. Ao deus-dará, com uma no cano, outra no fecho, não. Prepare-se, arranje os seus picuás.

— Estão arranjados.

— Então é viajar como gente, com decência. É necessário que se saiba onde vai morar e quanto precisa para se manter.

— Não preciso de nada. Onde vou morar não sei. O que sei é que tenho de sair hoje.

— Não seja criança, disse eu arrastando as palavras. A senhora é capaz de pegar no pesado? Não dá meia missa. Encruou nos romances e até os assentamentos de batizados lhe seriam difíceis.

Pouco a pouco d. Glória abrandou. Ignoro se procedeu assim em conformidade com o hábito de abrandar ou se tinha vindo resolvida a abrandar.

— Pense no aluguel das casas na cidade, pense no preço dos remédios. Adoecer é fácil, d. Glória, mas tirar a moléstia do corpo é um trabalhão. Pense no mercado, no cobrador da luz, na pena-d'água. Hoje em dia a vida é difícil em toda a parte, mas na cidade a vida é um buraco, d. Glória.

D. Glória confessou que a vida na cidade é de fato um buraco. Tinha mostrado o desprendimento e a altivez indispensáveis. Não era justo exigir mais.

Declarei que devia a Madalena o ordenado de três anos. D. Glória acreditou, ou fingiu acreditar.

— É razoável a senhora receber isso.

D. Glória concordou.

Dei-lhe dinheiro para a viagem, marquei-lhe uma pensão de duzentos mil-réis mensais e remeti-a a João Nogueira, que a hospedou por uma noite e a embarcou.

Passados alguns dias seu Ribeiro demitiu-se.

— Está falando sisudo, seu Ribeiro?

— Esta casa me provoca recordações muito pungentes.

— E a mim, homem. Que diabo! Mas a sua saída é tolice.

— Não duvido, senhor Paulo Honório, não duvido.

— Ofereceram-lhe algum emprego?

— Nenhum.

— Então! É tolice. E o pior é que nem lhe posso dar uma recomendação. O senhor com essa idade não se coloca. Felizmente está aqui há anos e tem feito economia. Vai retirar uma fortuna. Sempre dá para ir roendo.

— Levo muita saudade, senhor Paulo Honório, gemeu seu Ribeiro limpando os olhos. Saudade cruciante. Parto com o coração dilacerado.

— Pois não vá, homem. Todos gostam do senhor. Fique.

— Impossível, inteiramente impossível. A minha resolução é inabalável.

— Está bem.

E olhei com tristeza o escritório, mais desatravancado depois que a banca de Madalena tinha sido afastada para um canto.

Assim o excelente seu Ribeiro, que eu esperava enterrar em S. Bernardo, foi terminar nos cafês e nos bancos dos jardins a sua velhice e as suas lembranças.

XXXIII

Padilha começou a andar no pátio, aproximando-se da casa e fazendo, quando me via, grandes cumprimentos. Afinal chegou ao alpendre e demorou-se um instante. Fingi não perceber esses manejos.

— Emboque, Padilha.

O prazo de um mês que eu tinha marcado para ele retirar-se voara. Padilha entrou, ficou. Deixá-lo.

Sempre era uma companhia.

Enquanto eu, carrancudo e cheio de preguiça, olhava as cercas de Bom-Sucesso e pensava nas duas Mendonça, que viviam quase na miséria, Padilha falava. Falava como quem bebeu água de chocalho. Eu não prestava atenção ao que ele dizia. Nada. Sempre era uma voz humana.

Afastou-se logo.

Um dia Azevedo Gondim trouxe boatos de revolução. O sul revoltado, o centro revoltado, o nordeste revoltado.

— É um fim de mundo.

Padilha esfregou as mãos:

— Afinal a postema rebentou, com os diabos!

À noite o chefe político escreveu-me pedindo armas e cabroeira. De madrugada enviei-lhe um caminhão com rifles e homens.

Depois os boatos engrossaram e viraram fatos: batalhões aderindo, regimentos aderindo, colunas organizando-se e deslocando-se rapidamente, bandeiras encarnadas por toda a parte, o governo da república encurralado no Rio.

— Uma invasão de bárbaros! gritava Azevedo Gondim. Estamos perdidos.

Padilha, numa agitação constante, devorava manifestos e roía as unhas. Enfim, quando a onda vermelha inundou o Estado, desapareceu subitamente. João Nogueira elucidou o caso:

— Padilha e padre Silvestre incorporaram-se às tropas revolucionárias e conseguiram galões.

N

a cidade havia um fuxico nojento. E eu, que nunca tive gosto para safadezinhas de lugar miúdo, entoquei-me.

Lamentava, sem dúvida, que o meu partido tivesse ido abaixo com um sopro. Que remédio!

— É comer agora da banda podre. E calado.

Os Gama, o Pereira, o Fidélis, iam serrar de cima e fazer-me picuinhas. Aborrecia-me de tudo isso. Também não fariam grande coisa. Cortar o arame da cerca, mandar o delegado de polícia tomar a faca de um cabra, na feira, e sapecar-lhe o zinco. Natural.

O pior era Padilha ter seduzido uns dez ou doze caboclos bestas, que haviam entrado com ele no exército revolucionário. Voltariam.

Para quê? Era melhor ficarem na malandragem, nos exercícios.

Bocejava. Cada bocejo de quebrar queixo. Vida estúpida! É certo que havia o pequeno, mas eu não gostava dele. Tão franzino, tão amarelo!

Se melhorar, entrego-lhe a serraria. Se crescer assim bambo, meto-o no estudo para doutor.

Lá vinham os projetos.

— Diabo leve os projetos.

O mundo que me cercava ia-se tornando um horrível estrupício. E o outro, o grande, era uma balbúrdia, uma confusão dos demônios, estrupício muito maior.

Os amigos e os jornais traziam-me a revolução.

— Uma peste! bradava Azevedo Gondim. Foi um bluff. Ameaças pelo telégrafo e pelo rádio, boletins jogados por aeroplanos — todo o mundo se pelava de medo. Isto é o povo mais covarde que Deus fabricou.

— Exagero, opinava o advogado. Houve bravura.

— Que bravura! berrava Gondim. Gente que devia pegar no pau-furado escondeu-se.

— Os da situação passada. Entre os revolucionários é diferente: há idealismo, há coragem. Não digo isto em público, mas há.

— Diabo leve o idealismo deles. E quanto a coragem...

— Vamos ser justos, Gondim, intervinha eu conciliador e murcho. Essa coisa estava na massa do sangue do povo. Não valia a pena brigar.

— Não valia! Ora não valia! Todos iam pensando assim e eles foram entrando. E que falta de vergonha! Figurões do governo apareceram de repente com lenços vermelhos no pescoço.

— Isso foi em Alagoas, atalhava João Nogueira.

— Foi em toda a parte, homem. E mesmo agora, muitos não se passam porque não são aceitos.

— Quanto a mim, declarava Nogueira, tanto me faz estar em cima como embaixo, que política nunca me rendeu nada. Estou embaixo e não pretendo subir. É verdade que sempre achei a democracia um contrassenso. Muitas vezes lhe disse. O diabo é que votei na chapa do governo. Mas, aqui entre nós, a ditadura só não presta porque estamos no chão.

Gondim protestava, indignava-se. E eu:

— Só queria ver padre Silvestre fardado de tenente.

— Que interesse tem ele em bancar o patriota? dizia Nogueira.

— Animal! resmungava Azevedo Gondim.

O Cruzeiro tinha perdido a subvenção.

Conversas assim, repetidas, distraíam-me. Uma vez por semana os dois jantavam comigo. E na cidade sujeitos exaltados começavam a espalhar que S. Bernardo era um ninho de reacionários.

— Como vai o fuzuê?

— Mal.

E lá vinham notícias de violências desnecessárias, vinganças, comissões de sindicâncias lavando roupa suja.

Nogueira, moderado, desejava um acordo entre vencedores e vencidos.

Gondim detestava acordos. Dente por dente, percebíamos? Dava-nos conselhos violentos, a mim, ao Nogueira, às árvores do pomar, e instigava-nos a uma contrarrevolução (quanto mais depressa melhor) que varresse do poder aquela cambada de parlapatões. Queria um governo enérgico, sim senhor, duro, sim senhor, mas sensato, um governo que trabalhasse, restabelecesse a ordem, a confiança do credor e a subvenção de cento e cinquenta mil-réis mensais ao Cruzeiro. Como íamos é que não podíamos continuar.

Atirava-nos palavrões encorpados que no jornal lhe serviam para tudo. São Paulo havia de se erguer, intrépido; em São Paulo ardia o fogo sagrado; de São Paulo, terra de bandeirantes, saíam novas bandeiras para a conquista da liberdade postergada.

— Você fala bem, Gondim, murmurava eu impressionado. Você havia de trepar, Gondim, se o nosso partido não tivesse virado de pernas para o ar.

João Nogueira metia as botas na eleição e inculcava os conselhos técnicos. Gondim gostava do voto como de um filho pequeno e só admitia técnicos nas comissões da câmara.

Casimiro Lopes, afastado, escutava-os com assombro. Eu olhava a torre da igreja. E o meu pensamento estirava-se pela paisagem, encolhia-se, descia as escadas, ia ao jardim, ao pomar, entrava na sacristia.

João Nogueira condenava a literatura revolucionária, a patriotice alambicada.

O oratório, sobre a mesa, estava cheio de santos; na parede penduravam-se litografias; a porta dava pancadas no batente; apagava-se a vela, eu acendia outra e ficava com o fósforo entre os dedos até queimar-me. As casas dos moradores eram úmidas e frias. A família de mestre Caetano vivia num aperto que fazia dó. E o pobre do Marciano tão esbodegado, tão escavacado, tão por baixo!

Azevedo Gondim reclamava liberdade, aos gritos. Contenta-se com a renda mofina do jornal e deve os cabelos da cabeça. Conforma-se com isso. O que deseja é ver a gazeta de mangas arregaçadas, espumando, e no bilhar do Sousa, quando a carambola falha, insultar os políticos, umas toupeiras.

Agora a vela estava apagada. Era tarde. A porta gemia. O luar entrava pela janela. O nordeste espalhava folhas secas no chão. E eu já não ouvia os berros do Gondim.

Entrei nesse ano com o pé esquerdo. Vários fregueses que sempre tinham procedido bem quebraram de repente. Houve fugas, suicídios, o Diário Oficial se empenhou com falências e concordatas. Tive de aceitar liquidações péssimas.

O resultado foi desaparecerem a avicultura, a horticultura e a pomicultura. As laranjas amadureciam e apodreciam nos pés. Deixá-las. Antes isso que fazer colheita, escolha, embalagem, expedição, para dá-las de graça.

Uma infelicidade não vem só. As fábricas de tecidos, que adiantavam dinheiro para a compra de algodão, abandonaram de chofre esse bom costume e até deram para comprar fiado. Vendi uma safra no fuso, e enganaram-me na classificação.

Era necessário adquirir novas máquinas para o descaroçador e para a serraria, mas na hora dos cálculos vi que ia gastar uma fortuna: o dólar estava pelas nuvens.

— Vamos deixar de novidade. Sacrificar-me e no fim entregar a mercadoria de mão beijada a esses velhacos!

Ainda por cima os bancos me fecharam as portas. Não sei por quê, mas fecharam. E olhem que nunca atrasei pagamentos. Enfim uma penca de caiporismos. Cheguei a dizer inconveniências a um gerente:

— Pois se os senhores não querem transigir, acabem com isso. Ou os papéis valem ou não valem. Se valem, é passar o arame. Pílulas! Eu encomendei revolução?

Em seis meses havia tão grande quebradeira que torrei nos cobres o automóvel para não me protestarem uma letra vagabunda de seis contos.

— Maré vazante. Agora ganham os preguiçosos. Quem devia estar vivo era o velho Mendonça, que deixava a propriedade coberta de capoeira e o engenho de fogo morto. Trabalhar para formiga! E cruzar os braços.

E cruzei os braços.

Um dia em que, assim de braços cruzados, contemplava melancolicamente o descaroçador e a serraria, João Nogueira me trouxe a notícia de que o Fidélis e os Gama iam remexer as questões dos limites. E o pior era que o dr. Magalhães estava noutra comarca.

— Belezas da revolução, comentou Nogueira. Um funcionário inamovível! E um juiz decente como o Magalhães! um juiz íntegro!

Encolhi os ombros, desanimado. João Nogueira desanimou também. Paciência.

E recomencei os meus passeios mecânicos pelo interior da casa. Às vezes empurrava a porta do escritório para dar uma ordem a seu Ribeiro.

Parecia-me ver d. Glória malucando no pomar, com o romance.

E os meus passos me levavam para os quartos, como se procurassem alguém.

Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável.

Foi aí que me surgiu a ideia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A ideia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja.

De repente voltou-me a ideia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.

Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova.

Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. Tentei debalde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto. Desgosto e a vaga compreensão de muitas coisas que sinto.

Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde. Quando o Costa Brito, por causa de duzentos mil-réis que me queria abafar, vomitou os dois artigos, chamou-me doente, aludindo a crimes que me imputam. O Brito da Gazeta era uma besta. Até hoje, graças a Deus, nunca um médico me entrou em casa. Não tenho doença nenhuma.

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.

Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo?

Sol, chuva, noites de insônia, cálculos, combinações, violências, perigos — e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa. O jardim, a horta, o pomar — abandonados; os marrecos-de-pequim — mortos; o algodão, a mamona — secando. E as cercas dos vizinhos, inimigos ferozes, avançam.

Está visto que, cessando esta crise, a propriedade se poderia reconstituir e voltar a ser o que era. A gente do eito se esfalfaria de sol a sol, alimentada com farinha de mandioca e barbatanas de bacalhau; caminhões rodariam novamente, conduzindo mercadorias para a estrada de ferro; a fazenda se encheria outra vez de movimento e rumor.

Mas para quê? Para quê? não me dirão? Nesse movimento e nesse rumor haveria muito choro e haveria muita praga. As criancinhas, nos casebres úmidos e frios, inchariam roídas pela verminose. E Madalena não estaria aqui para mandar-lhes remédio e leite. Os homens e as mulheres seriam animais tristes.

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escorram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes.

Se eu povoasse os currais, teria boas safras, depositaria dinheiro nos bancos, compraria mais terra e construiria novos currais. Para quê? Nada disso me traria satisfação.

Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais

necessários para engendrar esta narrativa. Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores que a literatura do Gondim. Sou, pois, superior a mestre Caetano e a outros semelhantes. Considerando, porém, que os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha.

Além disso estou certo de que a escrituração mercantil, os manuais de agricultura e pecuária, que forneceram a essência da minha instrução, não me tornaram melhor que o que eu era quando arrastava a peroba. Pelo menos naquele tempo não sonhava ser o explorador feroz em que me transformei.

Quanto às vantagens restantes — casas, terras, móveis, semoventes, consideração de políticos, etc. — é preciso convir em que tudo está fora de mim.

Julgo que me desnorteei numa errada.

Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite, na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus.

Se não tivesse ferido o João Fagundes, se tivesse casado com a Germana, possuiria meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almocreve. Teria crédito para comprar cem mil-réis de fazenda nas lojas da cidade e pelas quatro festas do ano a mulher e os meninos vestiriam roupa nova. Os meus desejos percorreriam uma órbita acanhada. Não me atormentariam preocupações excessivas, não ofenderia ninguém. E, em manhãs de inverno, tangendo os cargueiros, dando estalos com o buranhém, de alpercatas, chapéu de ouricuri, alguns níqueis na capanga, beberia um gole de cachaça para espantar o frio e cantaria por estes caminhos, alegre como um desgraçado.

Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam.

Penso no povoado onde seu Ribeiro morou, há meio século. Seu Ribeiro acumulava, sem dúvida, mas não acumulava para ele. Tinha uma casa grande, sempre cheia, o jerimum caboclo apodrecia na roça — e por aquelas beiradas ninguém tinha fome. Imagino-me vivendo no tempo da monarquia, à sombra de seu Ribeiro. Não sei ler, não conheço iluminação elétrica nem telefone. Para me exprimir recorro a muita perífrase e muita gesticulação. Tenho, como todo o mundo, uma candeia de azeite, que não serve para nada, porque à noite a gente dorme. Podem rebentar centenas de revoluções. Não receberei notícia delas. Provavelmente sou um sujeito feliz.

Com um estremecimento, largo essa felicidade que não é minha e encontro-me aqui em S. Bernardo, escrevendo.

As janelas estão fechadas. Meia-noite. Nenhum rumor na casa deserta.

Levanto-me, procuro uma vela, que a luz vai apagar-se. Não tenho sono. Deitar-me, rolar no colchão até a madrugada, é uma tortura. Prefiro ficar sentado, concluindo isto. Amanhã não terei com que me entreter.

Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa. Aperto as mãos de tal forma que me firo com a unhas, e quando caio em mim estou mordendo os beiços a ponto de tirar sangue.

De longe em longe sento-me fatigado e escrevo uma linha. Digo em voz baixa:

— Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente.

A agitação diminui.

— Estraguei a minha vida estupidamente.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.

A molecoreba de mestre Caetano arrasta-se por aí, lambuzada, faminta. A Rosa, com a barriga quebrada de tanto parir, trabalha em casa, trabalha no campo e trabalha na cama. O marido é cada vez mais molambo. E os moradores que me restam são uns cambembes como ele.

Para ser franco, declaro que esses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso, mas não vou além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou.

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!

A desconfiança é também consequência da profissão.

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.

Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio.

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas.

A vela está quase a extinguir-se.

Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e uma figura de lobisomem.

Lá fora há uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste furioso espalha folhas secas no chão.

É horrível! Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo.

Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!

Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo. Patifes!

E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos.

Posfácio

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

S. Bernardo é o segundo romance de Graciliano Ramos, lançado em 1934, um ano após a publicação de Caetés. A crítica o considera a mais importante obra de ficção do movimento modernista envolvendo o regime fundiário e os conflitos sociais no Nordeste brasileiro. S. Bernardo firmou Graciliano Ramos como um dos maiores romancistas de toda a literatura brasileira. A linguagem despojada do escritor é comumente comparada — numa visão impressionista e sem embasamento teórico — à aridez do sertão e ao reduzido vocabulário do sertanejo, personagem que mobilia a sua narrativa. De fato, são por todos sobejamente conhecidas, além da nobreza e da parcimônia com que Graciliano faz uso do idioma, as preocupações do autor com o uso da língua portuguesa. Chegou a escrever à esposa que, quando terminou de compor o romance, tratou de “traduzi-lo” para “brasileiro”, entenda-se variante brasileira da língua portuguesa. A aproximação entre língua escrita e língua falada incluía-se nas reivindicações dos autores contemporâneos de Graciliano, como mostra, por exemplo, a tentativa, frustrada, de Mário de Andrade de elaborar a sua Gramatiquinha da fala brasileira. Manuel Bandeira (“Evocação do Recife”) batia na mesma tecla.

Algumas desavenças em torno da autenticidade dos originais de Graciliano Ramos, que a Editora Record tratou de definitivamente resolver, são conhecidas dos especialistas. S. Bernardo padece menos dessa crítica por ter sido publicado várias vezes durante a vida do autor.

A história de S. Bernardo se passa na década de trinta. O narrador, Paulo Honório, cinquenta anos, tenta revisitar dramas da sua vida e conflitos internos que até o momento em que o livro era escrito permaneciam inexplicáveis. Nem a fazenda S. Bernardo, que Paulo Honório comprou por preço irrisório, nem a professora Madalena, a quem contratou para alfabetizar as crianças do seu empreendimento rural e com quem acaba se casando, deram-lhe o sossego que tanto buscava. Resta-lhe a escrita; talvez ela lhe devolva a paz desejada. Mas os fatos e o tempo não voltam. Há, assim, em função desse tipo de narrativa, uma constante transição entre passado e presente, já que o narrador, além de nós, leitores, é também o destinatário da história que ele tenta reeditar.

A referência a um projeto, a um imaginário, avulta logo no primeiro parágrafo, na frase: “Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.” Essa divisão do trabalho refere-se à divisão social das tarefas. Para Paulo Honório, a língua não constitui um território homogêneo, mas, ao contrário, ela se decompõe em linguagens especializadas: “Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa.”

Verifica-se, pois, que Paulo Honório encontra, na prática corrente da língua, estratos de conhecimento e de competência que devem estar presentes no seu livro, mas que ele próprio não pode assumir. Planejar foi fácil, materializar o plano, porém, em forma de livro, para alguém sem experiência literária, é outro capítulo, por isso o recurso às competências locais.

Dois capítulos do romance em apreço deixam entrever com clareza a composição intelectual da obra e, de quebra, a visão artística do Graciliano Ramos-escritor: o capítulo 1, já referido, onde vem exposta a questão arte/ linguagem, e o 19, a partir do qual tem início a metamorfose do corpo do narrador-personagem.

No primeiro capítulo o leitor enxerga com todas as letras a conflituosa relação entre a capacidade do narrador de imaginar o livro e a sua efetiva realização através da escrita. Um dos convidados para construir o livro S. Bernardo não entendeu o recado. “Vá para o inferno, Gondim. Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!” Se Gondim é pernóstico, é tanto pelo seu estilo — inadequação entre a escrita e a coisa a dizer — como também pela inadequação entre o que se diz e a experiência que se quer transmitir. A língua escrita não consegue dar conta do ímpeto de contador de Paulo Honório: “João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem.” A norma lusa é caricaturada, comparada à língua de Camões. É o peso da norma clássica impedindo que o narrador passe para a forma escrita a história que tem em mente. Resta a língua falada. A oralidade, aparentemente, é a única modalidade linguística que permitiria ao narrador

levar a cabo a sua tarefa. A escrita, entretanto, possui exigências que a afastam contínua e sistematicamente da oralidade. Graciliano não está procurando propriamente uma realidade oral, mas buscando aproximar a carga simbólica da escrita dos constituintes simbólicos da prática corrente, que são, esses, redutíveis a fórmulas orais. O essencial da história que o narrador tem na memória — ou na imaginação — não pode ser compartilhado. Aquela realidade, inevitavelmente encharcada de fantasia, só poderá ser descrita pelo próprio Paulo Honório.

Assim, em consequência da dificuldade em dominar a língua escrita, vale dizer as regras da arte, o empreendimento-livro S. Bernardo parece ameaçado. A arte, porém, é imperativa. Paulo Honório ouve o pio de uma coruja. Nesse momento o ato de escrever é exigido não pela técnica, não pelo livro, mas por um elemento exterior e mais profundo. A escrita, enquanto técnica, é relegada para plano inferior, ao passo que a cena passa a ser ocupada por uma motivação intransmissível. O impulso para a escrita é determinado por um elemento exterior, numa atmosfera noturna, onde o homem perde um pouco as fronteiras do cotidiano e do racional e se torna mais permeável aos signos da natureza. Paulo Honório, então, já não faz cálculos ligados à escrita, mas é antes a força da pulsão que o arrasta para essa escrita. O ato se torna isento de cálculo; gratuito, como um ato de autêntica criação. O narrador confessa que é a coruja a desencadeadora do processo narrativo. Ave noturna, animal pressago, portador de elementos conotando a morte ou a tragédia, mas também a possibilidade do conhecimento. Animal claramente negativo no texto, “aves amaldiçoadas”, por ele mesmo e pela noite que o envolve e na qual se afirma como animal essencial. A noite. Esta, por vezes, mas com menor impacto, é representada por outro símbolo: “Aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, olho a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado.” (cap. 2)

Com as laranjeiras vêm a noite e o processo da escrita. Tais árvores permitem abrir mais amplamente o leque do texto. São plantas domesticadas, que não podem assumir a carga negativa das corujas, mas vêm ligadas à noite. São, pois, elementos recorrentes no texto. Então, mesmo se eliminadas as corujas, a noite regressa sob a pressão das laranjeiras: “Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.” (cap. 36)

Já haviam, aliás, regressado, embora mais anônimas: “Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.” (cap. 19) No pomar se encontram também as laranjeiras, mas aqui elas perdem essa autonomia, e se confundem na escuridão. Mas são as sentinelas do tempo, tão presentes quanto as corujas. São testemunhas do poder da noite, ligadas à reflexão e sobretudo ao processo de narração. Mas é fundamentalmente o pio da coruja que pressiona Paulo Honório: “Foi aí que me surgiu a ideia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A ideia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.” (cap. 36)

Paulo Honório sente-se obrigado a escrever. Dias perdidos o são apenas em relação à escrita: “Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. Tentei debalde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto.” (cap. 36) Paulo Honório se desligou da prática e vive apenas encerrado no espaço ficcional. Se não escreve ou se a escrita não revela a tensão necessária, foi tempo perdido.

No capítulo 19 o relato clínico do narrador-personagem Paulo Honório mais parece relato de psiquiatra. O doente está aparentemente calmo, sentado à mesa, sem movimentos. Todavia, conta que está discutindo com a mulher, morta há já bastante tempo, e que a ameaça com o punho. Paulo Honório reage contra o delírio e busca restabelecer a diferença entre o sonhado e o real, luta cuja face mais visível se encontra na surpreendente alternância dos tempos verbais, no trecho já aqui destacado: “Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras. (...) A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva.” Paulo Honório está em pleno delírio auditivo e visual. Tudo isso suscitado pela conjugação entre os ruídos exteriores e a quebra de luminosidade. As confusões entre passado e presente, realidade e delírio podem ser verificadas ao longo de todo o capítulo. Por vezes, então, o leitor se vê jogado na história passada, outras no presente do narrador. Mas o elemento mais dramático, que tangencia o processo da loucura, está nas mutações sofridas pelo corpo do narrador-personagem, quando Paulo Honório começa a exprimir com clareza a distância entre o homem físico e o homem do imaginário e a entrar na zona do ciúme. O corpo está petrificado, mas não a imaginação.

A autovalorização do corpo já vinha apontada no capítulo 3: “Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro. A idade, o peso, as sobrelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor.” A partir do capítulo 19, porém, as deformações vão se sucedendo e Paulo Honório se transforma aos poucos num “monstro”: “Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio. Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas.” (cap. 36)

À medida que o ciúme se desenvolve, o narrador perde qualidades, levado a encontrar em si próprio as condições negativas que justifiquem o mau comportamento de Madalena. “Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos! (...) estava medonho. Queimado. Que sobrelhas!” (cap. 26)

As qualidades do corpo — quando havia uma convergência entre a renda material, a que se pode receber do capital, e a renda social que pode ser extraída de um corpo — vão perder-se a partir do instante em que se inicia a ruptura entre Madalena e o narrador. Agora já não se trata da conquista do capital, mas da conquista do outro. E o fetichismo do corpo se desfaz. O ciúme submete o dominador Paulo Honório. Ele, que até então soubera dominar a sua vida e sobretudo a dos outros, tropeça na sua própria existência e entra no plano da sujeição. Sujeição a Madalena e a sua própria imaginação. Aos elementos deletérios que, pouco a pouco, decompõem a sua razão. Quando o ciúme vai se apoderando do interior de Paulo Honório, surge sempre a coruja, esta força da zoomorfização da noite, que faz com que a ave seja o animal constantemente misturado à decomposição dos sentimentos, do corpo e da personalidade do narrador. E, como já dito, o força a escrever. A eliminação das corujas devia se traduzir por um retorno à relação normal com Madalena, e pelo fim da carga de alucinações visuais e auditivas colocadas sob a etiqueta do ciúme. E que provocam a carga do pesadelo. “Com certeza ninguém tinha bulido na fechadura nem nas telhas. Maluqueiras de sonho. Talvez as pisadas também tivessem sido abuso de sonho. Um pesadelo. Isso. Um pesadelo. Era possível que o assobio fosse grito de coruja.” (cap. 30)

Madalena, porém, se suicidou. “A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos. Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.” (cap 19)

O narrador — que vai dismantando e maldizendo partes do seu corpo — reforça a visão do monstro físico em que se transformou. Sabe que se trata de uma visão. O leitor, porém, também sabe que Paulo Honório, encerrado no seu universo, dificilmente poderá distinguir ficção de realidade. Até os objetos e partes da casa se fundem ou se destacam do todo em desordem. A desvalorização do corpo do narrador-personagem traduz a dificuldade do escritor em narrar objetivamente as suas memórias. Há um desajuste entre fatos a serem narrados e as lembranças desses fatos.

S. Bernardo, para muitos críticos, se aproxima das obras explicitamente ideológicas. Um conteúdo político estaria sempre acompanhando o autor. Tais exegetas veem, assim, no romance uma obra principalmente ideológica, cuja função precípua seria a de colaborar para a concretização dos ideais políticos que se manifestavam com exuberância na década de trinta. Graciliano tinha mesmo em vista contribuir, com a arte, para transformar a estrutura social. E é conhecido que julgava indispensável viver como um miserável para poder falar do ponto de vista desse miserável. A busca desse real é a expressão estética de S. Bernardo. Através da arte, aproximar-se do real, com a certeza de que tal verdade jamais será atingida na sua essência. O grito de cunho social de que S. Bernardo é portador se faz dentro dessa limitação.

Se Paulo Honório, por abraçar caminhos individuais, sem se entrosar nos movimentos coletivos, foi punido, resta ao se terminar a leitura de S. Bernardo a sensação de que o homem, ser político, não pode aspirar à absoluta isenção e à racionalidade. Traz com ele um emaranhado de conflitos internos que lhe turvam necessariamente a razão.

Vida e obra de Graciliano Ramos

Cronologia

1892 Nasce a 27 de outubro em Quebrangulo, Alagoas.

1895 O pai, Sebastião Ramos, compra a Fazenda Pintadinho, em Buíque, no sertão de Pernambuco, e muda com a família. Com a seca, a criação não prospera e o pai acaba por abrir uma loja na vila.

1898 Primeiros exercícios de leitura.

1899 A família se muda para Viçosa, Alagoas

1904 Publica o conto “Pequeno pedinte” em O Dilúculo, jornal do internato onde estudava.

1905 Muda-se para Maceió e passa a estudar no colégio Quinze de Março.

1906 Redige o periódico Echo Viçosense, que teve apenas dois números.

Publica sonetos na revista carioca O Malho, sob o pseudônimo Feliciano de Olivença.

1909 Passa a colaborar no Jornal de Alagoas, publicando o soneto “Céptico”, como Almeida Cunha. Nesse jornal, publicou diversos textos com vários pseudônimos.

1910-1914 Cuida da casa comercial do pai em Palmeira dos Índios.

1914 Sai de Palmeira dos Índios no dia 16 de agosto, embarca no navio Itassucê para o Rio de Janeiro, no dia 27, com o amigo Joaquim Pinto da Mota Filho. Entra para o Correio da Manhã, como revisor. Trabalha também nos jornais A Tarde e O Século, além de colaborar com os jornais Paraíba do Sul e O Jornal de Alagoas (cujos textos compõem a obra póstuma Linhas tortas).

1915 Retorna às pressas para Palmeira dos Índios. Os irmãos Otacílio, Leonor e Clodoaldo, e o sobrinho Heleno, morrem vítimas da epidemia da peste bubônica.

Casa-se com Maria Augusta de Barros, com quem tem quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta.

1917 Assume a loja de tecidos A Sincera.

1920 Morte de Maria Augusta, devido a complicações no parto.

1921 Passa a colaborar com o semanário O Índio, sob os pseudônimos J. Calisto, Anastácio Anacleto e Lambda.

1925 Inicia Caetés, concluído em 1928, mas revisto várias vezes, até 1930.

1927 É eleito prefeito de Palmeira dos Índios.

1928 Toma posse do cargo de prefeito.

Casa-se com Heloísa Leite de Medeiros, com quem tem outros quatro filhos: Ricardo, Roberto, Luiza e Clara.

1929 Envia ao governador de Alagoas o relatório de prestação de contas do município. O relatório, pela sua qualidade literária, chega às mãos de Augusto Schmidt, editor, que procura Graciliano para saber se ele tem outros escritos que possam ser publicados.

1930 Publica artigos no Jornal de Alagoas.

Renuncia ao cargo de prefeito em 10 de abril.

Em maio, muda-se com a família para Maceió, onde é nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas.

1931 Demite-se do cargo de diretor.

1932 Escreve os primeiros capítulos de S. Bernardo.

1933 Publicação de Caetés.

Início de Angústia.

É nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente a Secretário Estadual da Educação.

1934 Publicação de S. Bernardo.

1936 Em março, é preso em Maceió e levado para o Rio de Janeiro.

Publicação de Angústia.

1937 É libertado no Rio de Janeiro.

Escreve A terra dos meninos pelados, que recebe o prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação.

1938 Publicação de Vidas secas.

1939 É nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro.

1940 Traduz Memórias de um negro, do norte-americano Booker Washington.

1942 Publicação de Brandão entre o mar e o amor, romance em colaboração com Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Aníbal Machado, sendo a sua parte intitulada “Mário”.

1944 Publicação de Histórias de Alexandre.

1945 Publicação de Infância.

Publicação de Dois dedos.

Filia-se ao Partido Comunista Brasileiro.

1946 Publicação de Histórias incompletas.

1947 Publicação de Insônia.

1950 Traduz o romance A peste, de Albert Camus.

1951 Torna-se presidente da Associação Brasileira de Escritores.

1952 Viaja pela União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal.

1953 Morre no dia 20 de março, no Rio de Janeiro.

Publicação póstuma de Memórias do cárcere.

1954 Publicação de Viagem.

1962 Publicação de Linhas tortas e Videntes das Alagoas.

Vidas secas recebe o Prêmio da Fundação William Faulkner como o livro representativo da literatura brasileira contemporânea.

1980 Heloísa Ramos doa o Arquivo Graciliano Ramos ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, reunindo manuscritos, documentos pessoais, correspondência, fotografias, traduções e alguns livros.

Publicação de Cartas.

1992 Publicação de Cartas de amor a Heloísa.

Bibliografia

de autoria de Graciliano Ramos

Caetés

Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 6. ed. São Paulo: Martins, 1961. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1973. [31. ed., 2006]

S. Bernardo

Rio de Janeiro: Ariel, 1934. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 7. ed. São Paulo: Martins, 1964. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [86. ed., 2008]

Angústia

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. 8. ed. São Paulo: Martins, 1961. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [62. ed., 2007]

Vidas secas

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 6. ed. São Paulo: Martins, 1960. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [105. ed., 2008]

A terra dos meninos pelados

Ilustrações de Nelson Boeira Faedrich. Porto Alegre: Globo, 1939. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, INL, 1975. 4. ed. Ilustrações de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1981. 24. ed. Ilustrações Roger Mello. Rio de Janeiro: Record, 2000. [35. ed., 2006]

Histórias de Alexandre

Ilustrações de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Leitura, 1944. Ilustrações de André Neves. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Dois dedos

Ilustrações em madeira de Axel de Leskoschek. R. A., 1945. Conteúdo: Dois dedos, O relógio do hospital, Paulo, A prisão de J. Carmo Gomes, Silveira Pereira, Um pobre-diabo, Ciúmes, Minsk, Insônia, Um ladrão.

Infância (memórias)

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. 5. ed. São Paulo: Martins, 1961. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [38. ed., 2006]

Histórias incompletas

Rio de Janeiro: Globo, 1946. Conteúdo: Um ladrão, Luciana, Minsk, Cadeia, Festa, Baleia, Um incêndio, Chico Brabo, Um intervalo, Venta-romba.

Insônia

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 5. ed. São Paulo: Martins, 1961. Ed. Crítica. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1973. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [29. ed., 2003]

Memórias do cárcere

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953. 4 v. Conteúdo: v. 1 Viagens; v. 2 Pavilhão dos primários; v. 3 Colônia correccional;

v. 4 Casa de correção. 4. ed. São Paulo: Martins, 1960. 2 v. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. 2 v. Conteúdo: v. 1, pt. 1 Viagens; v. 1, pt. 2 Pavilhão dos primários; v. 2, pt. 3 Colônia correccional; v. 2, pt. 4 Casa de correção. Rio de Janeiro: Record, 2008, 1v., 44. ed.

Viagem

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 3. ed. São Paulo: Martins, 1961. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [21. ed., 2007]

Contos e novelas (organizador)

Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957. 3 v. Conteúdo: v. 1 Norte e Nordeste; v. 2 Leste; v. 3 Sul e Centro-Oeste.

Linhas tortas

São Paulo: Martins, 1962. 3. ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975. 280 p. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [21. ed., 2005]

Viventes das Alagoas

Quadros e costumes do Nordeste. São Paulo: Martins, 1962. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [19. ed., 2007]

Alexandre e outros heróis

São Paulo: Martins, 1962. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978. [52. ed., 2007]

Cartas

Desenhos de Portinari... [et al.]; caricaturas de Augusto Rodrigues, Mendez, Alvarus. Rio de Janeiro: Record, 1980. [9. ed., 1994]

Cartas de amor a Heloísa

Edição comemorativa do centenário de Graciliano Ramos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. [3. ed., 1996]

O estribo de prata

Ilustrado por Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1984. (Coleção Abre-te Sésamo). [4. ed., 2002]

Antologias, entrevistas e obras em colaboração

CHAKER, Mustafá (Org.). A literatura no Brasil. Graciliano Ramos ... [et al.]. Kuwait: [s. n.], 1986. 293 p.
Conteúdo: Dados biográficos de escritores brasileiros: Castro Alves, Joaquim de Souza Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Haroldo de Campos, Manuel Bandeira, Manuel de Macedo, José de Alencar, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Jorge Amado, Clarice Lispector e Zélia Gattai. Texto e título em árabe.

FONTES, Amando et al. 10 romancistas falam de seus personagens. Amando Fontes, Cornelio Penna, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Geraldo Vieira, José Lins do Rego, Lucio Cardoso, Octavio de Faria, Rachel de Queiroz; prefácio de Tristão de Athayde; ilustradores: Athos Bulcão, Augusto Rodrigues, Carlos Leão, Clóvis Graciano, Cornelio Penna, Luís Jardim, Santa Rosa. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946. 66 p., il., folhas soltas.

MACHADO, Aníbal M. et al. Brandão entre o mar e o amor. Romance por Aníbal M. Machado, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. São Paulo: Martins, 1942. 154 p. Título da parte de autoria de Graciliano Ramos: “Mário”.

QUEIROZ, Rachel de. Caminho de pedras. Poesia de Manuel Bandeira; Estudo de Olívio Montenegro; Crônica de Graciliano Ramos. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987. 96 p. Edição comemorativa do Jubileu de Ouro do Romance.

RAMOS, Graciliano. Coletânea: seleção de textos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. 315 p. (Coleção Fortuna Crítica, 2).

RAMOS, Graciliano. “Conversa com Graciliano Ramos”. Temário — Revista de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 24-29, jan.-abr., 1952. “A entrevista foi conseguida desta forma: perguntas do suposto repórter e respostas literalmente dos romances e contos de Graciliano Ramos.”

RAMOS, Graciliano. Graciliano Ramos. Coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. 316 p. (Coleção Fortuna Crítica, 2). Inclui bibliografia. Contém dados biográficos.

RAMOS, Graciliano. Graciliano Ramos. 1. ed. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: Vivina de Assis Viana. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 111 p., il. (Literatura Comentada). Bibliografia: p. 110-111.

RAMOS, Graciliano. Graciliano Ramos. Seleção e prefácio de João Alves das Neves. Coimbra: Atlântida, 1963. 212 p. (Antologia do Conto Moderno).

RAMOS, Graciliano. Graciliano Ramos: trechos escolhidos. Por Antonio Candido. Rio de Janeiro: Agir, 1961. 99 p. (Nossos Clássicos, 53).

RAMOS, Graciliano. Histórias agrestes: contos escolhidos. Seleção e prefácio de Ricardo Ramos. São Paulo: Cultrix, [1960]. 201 p. (Contistas do Brasil, 1).

RAMOS, Graciliano. Histórias agrestes: antologia escolar. Seleção e prefácio Ricardo Ramos; ilustrações de Quirino Campofiorito. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1967]. 207 p., il. (Clássicos Brasileiros).

RAMOS, Graciliano. “Ideias Novas”. Separata de: Rev. do Brasil, [s. l.], v. 5, n. 49, 1942.

RAMOS, Graciliano. Para gostar de ler: contos. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. 95 p., il.

RAMOS, Graciliano. Para gostar de ler: contos. 9. ed. São Paulo: Ática, 1994. 95 p., il. (Para Gostar de Ler, 8).

RAMOS, Graciliano. Relatórios. [Organização, Mário Hélio Gomes de Lima.] Rio de Janeiro: Editora Record, 1994. 140 p. Relatórios e artigos publicados entre 1928 e 1953.

RAMOS, Graciliano. Seleção de contos brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1966. 3 v. (333 p.), il. (Contos brasileiros).

RAMOS, Graciliano. [Sete] 7 histórias verdadeiras. Capa e ilustrações de Percy Deane; [prefácio do autor]. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1951. 73 p. Contém índice. Conteúdo: Primeira história verdadeira. O olho torto de Alexandre, O estribo de prata, A safra dos tatus, História de uma bota, Uma canoa furada, Moqueca.

RAMOS, Graciliano. “Seu Mota”. Temário — Revista de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 21-23, jan.-abr., 1952.

RAMOS, Graciliano et al. Amigos. Ilustrações de Zeflávio Teixeira. 8. ed. São Paulo: Atual, 1999. 66 p., il. (Vínculos), brochura.

RAMOS, Graciliano (Org.) Seleção de contos brasileiros. Ilustrações de Cleo. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1981]. 3 v.: il. (Ediouro. Coleção Prestígio). “A apresentação segue um critério geográfico, incluindo escritores antigos e modernos de todo o país.” Conteúdo: v. 1 Norte e Nordeste; v. 2 Leste; v. 3 Sul e Centro-Oeste.

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. Introdução de Paulo Rónai; poema de Carlos Drummond de Andrade; nota biográfica de Renard Perez; crônica de Graciliano Ramos. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. 176 p.

WASHINGTON, Booker T. Memórias de um negro. [Tradução de Graciliano Ramos.] São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940. 226 p.

Obras traduzidas

Alemão

Angst [Angústia]. Surkamp Verlag, 1978.
Nach eden ist es weit [Vidas secas]. Horst Erdmann Verlag, 1965.
São Bernardo: roman. Frankfurt: Fischer Bucherei, 1965.
Karges Leben [Vidas secas]. 1981.
Raimundo im Land Tatipirún [A terra dos meninos pelados].
Zürich: Verlag Nagel & Kimche. 1996.

Búlgaro

Cyx Knbot [Vidas secas]. 1969.

Dinamarquês

Tørke [Vidas secas]. 1986.

Espanhol

Angustia. Madri: Ediciones Alfaguara, 1978.
Angustia. México: Páramo Ediciones, 2008.
Angustia. Montevideú: Independencia, 1944.
Infância. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1948.
San Bernardo. Caracas. Monte Avila Editores, 1980.
Vidas secas. Buenos Aires: Editorial Futuro, 1947.
Vidas secas. Buenos Aires: Editora Capricornio, 1958.
Vidas secas. Havana: Casa de las Américas, [1964].
Vidas secas. Montevideú: Nuestra América, 1970.
Vidas secas. Madri: Espasa-Calpe, 1974.
Vidas secas. Buenos Aires: Corregidor, 2001.
Vidas secas. Montevideú: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

Finlandês

São Bernardo. Helsinki: Porvoo, 1961.

Flamengo

De Doem van de Droogte [Vidas secas]. 1971.
Vlucht Voor de Droogte [Vidas secas]. Antuérpia: Nederlandse vertaling Het Wereldvenster, Bussum, 1981.

Francês

Angoisse [Angústia]. Paris: Gallimard, 1992.
Enfance [Infância]. Paris: Gallimard.
Insomnie: Nouvelles [Insônia]. Paris: Gallimard, 1998.
Mémoires de Prison [Memórias do Cárcere]. Paris: Gallimard.
São Bernardo. Paris: Gallimard, 1936, 1986.
Secheresse [Vidas secas]. Paris: Gallimard, 1964.

Húngaro

Aszaly [Vidas secas]. Budapeste: Europa Könyvriadó, 1967.

Emberfarkas [S. Bernardo]. Budapeste, 1962.

Holandês

Dorre Levens [Vidas secas]. Amsterdam: Coppens & Frenks, Uitgevers, 1998.

São Bernardo. Amsterdam: Coppens & Frenks, Uitgevers, 1996.

Angst [Angústia]. Amsterdam: Coppens & Frenks, Uitgevers, 1995.

Inglês

Anguish [Angústia]. Nova York: A. A. Knopf, 1946; Westport, Conn.: Greenwood Press, 1972.

Barren Lives [Vidas secas]. Austin: University of Texas Press, 1965; 5. ed, 1999.

Childhood [Infância]. Londres: P. Owen, 1979.

São Bernardo: a novel. Londres: P. Owen, 1975.

Italiano

Angoscia [Angústia]. Milão: Fratelli Bocca, 1954.

Insomnia (Insônia). Roma: Edizioni Fahrenheit 451, 2008.

San Bernardo. Turim: Bollati Boringhieri Editore, 1993.

Siccità [Vidas secas]. Milão: Accademia Editrice, 1963.

Terra Bruciata [Vidas secas]. Milão: Nuova Accademia, 1961.

Vite Secche [Vidas secas]. Roma: Biblioteca Del Vascello, 1993.

Polonês

Zwiedle Zycie [Vidas secas]. 1950.

Romeno

Vieti Seci [Vidas secas]. 1966.

Sueco

Förtorkade Liv [Vidas secas]. 1993.

Tcheco

Vyprahlé Zivoty [Vidas secas]. Praga, 1959.

Turco

Kıraç [Vidas secas]. Istanbul, 1985.

Bibliografia

sobre Graciliano Ramos

Livros, dissertações,

teses e artigos de periódicos

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. A escrita neorrealista: análise socioestilística dos romances de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1981. xii, 127 p. Bibliografia: p. [120]127 (Ensaio, 73).

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. Graciliano Ramos, cidadão e artista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. 357 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. Graciliano Ramos, cidadão e artista. Brasília, DF: Editora UnB, c1997. 384 p. Bibliografia: p. [375]-384.

ABREU, Carmem Lucia Borges de. Tipos e valores do discurso citado em *Angústia*. Niterói: UFF, 1977. 148 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

ALENCAR, Ubireval (Org.). Motivos de um centenário: palestras — programação centenária em Alagoas — convidados do simpósio internacional. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas: Instituto Arnon de Mello: Estado de Alagoas, Secretaria de Comunicação Social, 1992. 35 p., il.

ANDREOLI-RALLE, Elena. Regards sur la littérature brésilienne. Besançon: Faculté des Lettres et Sciences Humaines; Paris: Diffusion, Les Belles Lettres, 1993. 136 p., il. (Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 492). Inclui bibliografia.

AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. O absurdo na obra de Graciliano Ramos, ou, de como um marxista virou existencialista. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1981. 198 p.

BARBOSA, Sonia Monnerat. Edição crítica de *Angústia* de Graciliano Ramos. Niterói: UFF, 1977. 2 v. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

BASTOS, Hermenegildo. Memórias do cárcere, literatura e testemunho. Brasília: Editora UnB, c1998. 169 p. Bibliografia: p. [163]-169.

BASTOS, Hermenegildo. Relíquias de la casa nueva. La narrativa Latinoamericana: El eje Graciliano-Rulfo. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. Centro Coordinador Difusor de Estudios Latinoamericanos. Traducción de Antelma Cisneros. 160p. Inclui bibliografia.

BISETTO, Carmen Luc. Étude quantitative du style de Graciliano Ramos dans *Infância*. [S.l.], [s.n.]: 1976.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 32ª edição. Editora Cultrix, São Paulo: 1994. 528 p. Graciliano Ramos. p. 400-404. Inclui bibliografia.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. Graciliano Ramos: ensaio. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1969. 160 p., il. Bibliografia: p. 153-156. Inclui índice.

BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos: coletânea. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 316 p. (Coleção Fortuna Crítica).

BRUNACCI, Maria Izabel. Graciliano Ramos: um escritor personagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Crítica e interpretação. 190p. Inclui bibliografia.

BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. 712 p. Graciliano Ramos p. 597-664. Inclui bibliografia.

BUENO-RIBEIRO, Eliana. Histórias sob o sol: uma interpretação de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 306 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. Literatura em campo minado: a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição brasileira. São Paulo: Annablume, FAPESP, 1999.

BUMIRGH, Nádia R.M.C. S. Bernardo de Graciliano Ramos: proposta para uma edição crítica. São Paulo: USP, 1998. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 83 p.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 108 p., il. Bibliografia: p. [110]-[111].

CANIZAL, Eduardo Penuela. Duas leituras semióticas: Graciliano Ramos e Miguel Ángel Asturias. São Paulo: Perspectiva, 1978. 88 p., il.

CARVALHO, Castelar de. Ensaios gracilianos. Rio de Janeiro: Ed. Rio, Faculdades Integradas Estácio de Sá, 1978. 133 p. (Universitária, 6).

CARVALHO, Elizabeth Pereira de. O foco movente em Liberdade: estilhaço e ficção em Silviano Santiago. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. 113 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. A ponta do novelo: uma interpretação da “mise en abîme” em Angústia de Graciliano Ramos. Niterói: UFF, 1978. 183 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1983. 130 p. (Ensaios, 96). Bibliografia: p. [127]-130.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. Roteiro de leitura: São Bernardo de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997. 152 p. Brochura.

CARVALHO, Luciana Ribeiro de. Reflexos da Revolução Russa no romance brasileiro dos anos trinta: Jorge Amado e Graciliano Ramos. São Paulo, 2000. 139 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Sônia Maria Rodrigues de. Traços de continuidade no universo romanesco de Graciliano Ramos. São

Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990. 119 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.

CASTELLO, José Aderaldo. Homens e intenções: cinco escritores modernistas. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1959. 107 p. (Coleção Ensaio, 3).

CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira. Origens e Unidade (1500-1960). Dois vols. Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1999. Graciliano Ramos, autor-síntese. Vol. II, p. 298-322.

CENTRE DE RECHERCHES LATINO-AMÉRICAINES. Graciliano Ramos: Vidas secas. [S.l.], 1972. 142 p.

CERQUEIRA, Nelson. Hermenêutica e literatura: um estudo sobre Vidas secas de Graciliano Ramos e Enquanto agonizo de William Faulkner. Salvador: Editora Cara, 2003. 356 p.

CÉSAR, Murilo Dias. São Bernardo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997. 64 p. Título de capa: Adaptação teatral livre de São Bernardo, de Graciliano Ramos.

[CINQUENTA] 50 anos do romance Caetés. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais, 1984. 106 p. Bibliografia: p. [99]-100.

COELHO, Nelly Novaes. Tempo, solidão e morte. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, [1964]. 75 p. (Coleção Ensaio, 33). Conteúdo: O “eterno instante” na poesia de Cecília Meireles; Solidão e luta em Graciliano Ramos; O tempo e a morte: duas constantes na poesia de Antônio Nobre.

CONRADO, Regina Fátima de Almeida. O mandacaru e a flor: a autobiografia Infância e os modos de ser Graciliano. São Paulo: Arte & Ciência, 1997. 207 p. (Universidade Aberta, 32. Literatura). Parte da dissertação do autor (Mestrado) — UNESP, 1989. Bibliografia: p. [201]-207.

CORRÊA JUNIOR, Ângelo Caio Mendes. Graciliano Ramos e o Partido Comunista Brasileiro: as memórias do cárcere. São Paulo, 2000. 123 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

COURTEAU, Joanna. The World View in the Novels of Graciliano Ramos. Ann Arbor: Univ. Microfilms Int., 1970. 221 f. Tese (Doutorado) — The University of Wisconsin. Ed. Fac-similar.

COUTINHO, Fernanda. Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry. Recife: UFPE, 2004. 231 p. Tese (Doutorado) — Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Inclui bibliografia.

COUTINHO, Fernanda. Lembranças pregadas a martelo: breves considerações sobre o medo em Infância de Graciliano Ramos. In Investigações: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE. Recife: vol. 13 e 14, dezembro, 2001.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar. Rio de Janeiro: Ed. Brasília; Brasília: INL, 1975. 330 p. il. (Coleção Letras, 3). Inclui índice. Bibliografia: p. 311-328.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar. 2. ed., rev. Rio de Janeiro: Ed. Brasília/Rio, 1977. xiv, 247 p., il. (Coleção Letras). Bibliografia: p. 233-240.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar. Prefácio de Gilberto Mendonça Teles. 3. ed., rev. e il. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. xxxiii, 374 p., il. (Coleção Documentos Brasileiros, 202). Bibliografia: p. 361-374. Apresentado originalmente como tese do autor (Doutorado em Literatura Brasileira) — Universidade Clássica de Lisboa. Brochura.

CRUZ, Liberto; EULÁLIO, Alexandre; AZEVEDO, Vivice M. C. Études portugaises et brésiliennes. Rennes: Faculté des Lettres. Rennes: Faculté des Lettres 71. Estudo sobre: Júlio Dinis, Blaise Cendrars, Darius Milhaud e Graciliano Ramos. Travaux de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Rennes, Centre d'Études Hispaniques, Hispano-Américaines et Luso-Brésiliennes (Series, 5), (Centre d'Études Hispaniques, Hispano-américaines et LusoBrésiliennes. [Publications], 5).

DANTAS, Audálio. A infância de Graciliano Ramos: biografia. Literatura infanto-juvenil. São Paulo: Instituto Callis, 2005.

DIAS, Ângela Maria. Identidade e memória: os estilos Graciliano Ramos e Rubem Fonseca. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 426 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

D'ONOFRIO, Salvatore. Conto brasileiro: quatro leituras (Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Osman Lins). Petrópolis: Vozes, 1979. 123 p.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Graciliano revisitado: coletânea de ensaios. Natal: Ed. Universitária, UFRN, 1995. 227 p. (Humanas letras).

ELLISON, Fred P. Brazil's New Novel: Four Northeastern Masters: José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos [and] Rachel de Queiroz. Berkeley: University of California Press, 1954. 191 p. Inclui bibliografia.

ELLISON, Fred P. Brazil's New Novel: Four Northeastern Masters: José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1979 (1954). xiii, 191 p. Reimpressão da edição publicada pela University of California Press, Berkeley. Inclui índice. Bibliografia: p. 183-186.

FABRIS, M. "Função Social da Arte: Cândido Portinari e Graciliano Ramos". Rev. do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 38, p. 11-19, 1995.

FÁVERO, Afonso Henrique. Aspectos do memorialismo brasileiro. São Paulo, 1999. 370 p. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Graciliano Ramos é um dos três autores que "figuram em primeiro plano na pesquisa, com Infância e Memórias do cárcere, duas obras de reconhecida importância dentro do gênero".

FELDMANN, Helmut. Graciliano Ramos: eine Untersuchung zur Selbstdarstellung in seinem epischen Werk. Genève: Droz, 1965. 135 p. facsim. (Kölner romanistische Arbeiten, n.F., Heft 32). Bibliografia: p. 129-135. Vita. Thesis — Cologne.

FELDMANN, Helmut. Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra. [Tradução de Luís Gonzaga Mendes Chaves e José Gomes Magalhães.] Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. 227 p. (Coleção Carnaúba, 4). Bibliografia: p. [221]-227.

FELINTO, Marilene. Graciliano Ramos. São Paulo: Brasiliense, 1983. 78 p., il. "Outros heróis e esse Graciliano". Lista de trabalhos de Graciliano Ramos incluída em "Cronologia": p. 68-75. (Encanto Radical, 30).

FERREIRA, Jair Francelino; BRUNETI, Almir de Campos. Do meio aos mitos: Graciliano Ramos e a tradição religiosa. Brasília, 1999. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília. 94 p.

FISCHER, Luis Augusto; GASTAL, Susana; COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). Graciliano Ramos. [Porto Alegre]: SMC, 1993. 80 p. (Cadernos Ponto & Vírgula). Bibliografia: p. 79-80.

FONSECA, Maria Marília Alves da. Análise semântico-estrutural da preposição “de” em Vidas secas, S. Bernardo e Angústia. Niterói: UFF, 1980. 164 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

FRAGA, Myriam. Graciliano Ramos. São Paulo: Moderna, 2007. Coleção Mestres da Literatura. (Literatura infanto-juvenil).

FREIXEIRO, Fábio. Da razão à emoção II: ensaios rosianos e outros ensaios e documentos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. 192 p. (Temas de Todo o Tempo, 15).

GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim. Graciliano Ramos. Participação especial, Antonio Candido [et al.]. São Paulo: Ática, 1987. 480 p., il. (Coleção Autores Brasileiros. Antologia, 38. Estudos, 2). Bibliografia: p. 455-480.

GIMENEZ, Erwin Torralbo. O olho torto de Graciliano Ramos: metáfora e perspectiva. Revista USP, São Paulo, nº 63, p. 186-196, set/nov, 2004.

GUEDES, Bernadette P. A Translation of Graciliano Ramos Caetes. Ann Arbor: Univ. Microfilms Int, 1976. 263 f. Tese (Doutorado) — University of South Carolina. Ed. fac-similar.

GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. Graciliano Ramos: discurso e fala das memórias. Porto Alegre: PUC/RS, 1982. 406 f. Tese (Doutorado) — Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. Graciliano Ramos e a fala das memórias. Maceió: [Serviços Gráficos de Alagoas], 1988. 305 p., il. Bibliografia: p. [299]-305.

GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. Vidas secas: um ritual para o mito da seca. Maceió: EDICULTE, 1989. 160 p. Apresentado originalmente como dissertação de Mestrado do autor. — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bibliografia: p. [155]-157.

HAMILTON JÚNIOR, Russell George. A arte de ficção de Graciliano Ramos: a apresentação de personagens. Ann Arbor: Univ. Microfilms Int., 1965. Tese (Doutorado) — Yale University. Ed. Fac-similar, 255 f.

HILLAS, Sylvio Costa. A natureza interdisciplinar da teoria literária no estudo sobre Vidas secas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 105 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOLANDA, Lourival. Sob o signo do silêncio: Vidas secas e O estrangeiro. São Paulo: EDUSP, 1992. 91 p. Bibliografia: p. [89]91. (Criação & Crítica, 8).

LEITÃO, Cláudio Correia. Origens e fins da memória: Graciliano Ramos, Joaquim Nabuco e Murilo Mendes. Belo Horizonte, 1997. 230 f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Minas Gerais.

LEITÃO, Cláudio. Líquido e incerto; memória e exílio em Graciliano Ramos. Niterói: EdUFF, São João del Rei:

UFSJ, 2003. 138p.

LIMA, Valdemar de Sousa. Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios. [Brasília]: Livraria-Editora Marco [1971]. 150 p., il. 2. ed. Civilização Brasileira, 1980.

LIMA, Yêdda Dias; REIS, Zenir Campos (Coord.). Catálogo de manuscritos do arquivo Graciliano Ramos. São Paulo: Edusp, [1992]. 206 p. (Campi, 8). Inclui bibliografia.

LINS, Osman. Graciliano, Alexandre e outros. Vitral ao sol. Recife, Editora Universitária da UFPE, p. 300-307, julho, 2004.

LOUNDO, Dilip. Tropical rhymes, topical reasons. An Antology of Modern Brazilian Literature. National Book Trust, Índia. Nova Délhi, 2001.

LUCAS, Fabio. Lições de literatura nordestina. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2005. Coleção Casa de Palavras, 240p. “Especificações de Vidas secas”, p. 15-35, “A textualidade contida de Graciliano Ramos”, p. 39-53, “Graciliano retratado por Ricardo Ramos”, p. 87-98. Inclui Bibliografia.

MAGALHÃES, Belmira. Vidas secas: os desejos de sinha Vitória. HD Livros Editora Curitiba, 2001.

MAIA, Ana Luiza Montalvão; VENTURA, Aglaeda Facó. O contista Graciliano Ramos: a introspecção como forma de perceber e dialogar com a realidade. Brasília, 1993. 111 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília.

MAIA, Pedro Moacir. Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro. Salvador: EDUFBA, 2008. 164 p.: il.

MALARD, Letícia. Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos. Belo Horizonte: Itatiaia, [1976]. 164 p. (Coleção Universidade Viva, 1). Bibliografia: p. 155-164. Apresentado originalmente como tese de Doutorado da autora — Universidade Federal de Minas Gerais, 1972.

MANUEL Bandeira, Aluisto [i.e. Aluisio] Azevedo, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna: [recueil de travaux présentés au séminaire de 1974]. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers, 1974. 167 p. (Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers). Francês ou português. Conteúdo: Roig, A. Manuel Bandeira, ou l'enfant père du poète, Garbuglio, J. C. Bandeira entre o Beco e Pasárgada, Vilhena, M. da C. Duas cantigas medievais de Manuel Bandeira, Mérian, J.-Y. Un roman inachevé de Aluisio Azevedo, Alvès, J. Lecture plurielle d'un passage de Vidas secas, David-Peyre, Y. Les personnages et la mort dans Relíquias de Casa Velha, de Machado de Assis, Moreau, A. Remarques sur le dernier acte de l'Auto da Compadecida, Azevedo-Batard, V. Apports inédits à l'oeuvre de Graciliano Ramos.

MARINHO, Maria Celina Novaes. A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas secas. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2000. 110 p. Apresentado originalmente como dissertação do autor (Mestrado) — Universidade de São Paulo, 1995. Bibliografia: p. [105]-110.

MAZZARA, Richard A. Graciliano Ramos. Nova York: Twayne Publishers, [1974]. 123 p. (Twayne's World Authors Series, TWAS 324. Brazil). Bibliografia: p. 121-122.

MEDEIROS, Heloísa Marinho de Gusmão. A mulher na obra de Graciliano Ramos. Maceió, Universidade Federal de Alagoas/ Deptº de Letras Estrangeiras, 1994.

MELLO, Marisa Schincariol de. Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953). Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado). História Contemporânea. Universidade Federal Fluminense (UFF).

MERCADANTE, Paulo. Graciliano Ramos: o manifesto do trágico. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. 167 p. Inclui bibliografia.

MIRANDA, Wander Melo. Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992. 174 p. Apresentado originalmente como tese do autor (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 1987. Bibliografia: p. [159]-174.

MIRANDA, Wander Melo. Graciliano Ramos. São Paulo: Publifolha, 2004. 96p.

MORAES, Dênis de. O velho Graça. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1992. xxiii, 407 p., il. Subtítulo de capa: Uma biografia de Graciliano Ramos. Bibliografia: p. 333-354. Inclui índice.

MOURÃO, Rui. Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano. Belo Horizonte: Edições Tendências, 1969. 211 p. 2. ed., Arquivo, INL, 1971. 3. ed., Ed. UFPR, 2003.

MUNERATTI, Eduardo. Atos agrestes: uma abordagem geográfica na obra de Graciliano Ramos. São Paulo, 1994. 134 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MURTA, Elício Ângelo de Amorim. Os nomes (próprios) em Vidas secas. Concurso monográfico “50 anos de Vidas secas”. Universidade Federal de Alagoas, 1987.

NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. Fabiano, herói trágico na tentativa do ser. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976. 69 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. Fabiano, herói trágico na tentativa do ser. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1980. 59 p. Bibliografia: p. 55-59.

NEIVA, Cícero Carreiro. Vidas secas e Pedro Páramo: tecido de vozes e silêncios na América Latina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. 92 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NERY, Vanda Cunha Albieri. Graça eterno. No universo infinito da criação. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

NEVES, João Alves das. Graciliano Ramos. Coimbra: Atlântida, 1963. 212 p.

NOGUEIRA, Ruth Persice. Jornadas e sonhos: a busca da utopia pelo homem comum: estudo comparativo dos romances As vinhas da ira de John Steinbeck e Vidas secas de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. 228 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NUNES, M. Paulo. A lição de Graciliano Ramos. Teresina: Editora Corisco, 2003.

OLIVEIRA, Celso Lemos de. Understanding Graciliano Ramos. Columbia, S.C.: University of South Carolina Press, 1988. 188 p. (Understanding Contemporary European and Latin American Literature). Inclui índice. Bibliografia: p. 176-182.

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. A ficção na realidade em São Bernardo. 1. ed. Belo Horizonte: Nova Safra; [Blumenau]: Editora da FURB, c1990. 109 p., il. Baseado no capítulo da tese do autor (Doutorado — UFRJ, 1988), apresentado sob o título: O nome e o verbo na construção de São Bernardo. Bibliografia: p. 102-106.

OLIVEIRA, Jurema José de. O espaço do oprimido nas literaturas de língua portuguesa do século XX: Graciliano Ramos, Alves Redol e Fernando Monteiro de Castro Soromenho. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. 92 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes. Cacos de Memória: Uma leitura de Infância, de Graciliano Ramos. Belo Horizonte, 1992. 115 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais.

PALMEIRA DOS ÍNDIOS. Prefeitura. Dois relatórios ao governador de Alagoas. Apresentação de Gilberto Marques Paulo. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1992. 44 p. “Edição comemorativa ao centenário de nascimento do escritor Graciliano Ramos (1892-1953).” Primeiro trabalho publicado originalmente: Relatório ao Governador do Estado de Alagoas. Maceió: Impr. Oficial, 1929. Segundo trabalho publicado originalmente: 2º Relatório ao Sr. Governador Álvaro Paes. Maceió: Impr. Oficial, 1930.

PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo. Duas leituras semióticas: Graciliano Ramos e Miguel Angel Astúrias. São Paulo: Perspectiva, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. 88 p. (Coleção Elos, 21).

PEREGRINO JÚNIOR. Três ensaios: modernismo, Graciliano, Amazônia. Rio de Janeiro: São José, 1969. 134 p.

PEREIRA, Isabel Cristina Santiago de Brito; PATRIOTA, Margarida de Aguiar. A configuração da personagem no romance de Graciliano Ramos. Brasília, 1983. Dissertação (Mestrado) — Universidade Brasília. 83 p.

PINTO, Rolando Morel. Graciliano Ramos, autor e ator. [São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962.] 189 p. facsim. Bibliografia: p. 185-189.

PÓLVORA, Hélio. “O conto na obra de Graciliano.” Ensaio p. 53-61. Itinerários do conto: interfaces críticas e teóricas de modern short stories. Ilhéus: Editus, 2002. 252 p.

PÓLVORA, Hélio. Graciliano, Machado, Drummond e outros. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975. 158 p.

PÓLVORA, Hélio. “Infância: A maturidade da prosa.” “Imagens recorrentes em Caetés.” “O anti-herói trágico de Angústia.” Ensaios p. 81-104. O espaço interior. Ilhéus: Editora da Universidade Livre do Mar e da Mata, 1999. 162 p.

PUCCINELLI, Lamberto. Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade. São Paulo: Edições Quíron, 1975. xvii, 147 p. (Coleção Escritores de Hoje, 3). “Originalmente a dissertação de Mestrado Graciliano Ramos — figura e fundo, apresentada em 1972 na disciplina de Sociologia da Literatura à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.” Bibliografia: p. 145-146.

RAMOS, Clara. Cadeia. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, c1992. 213 p., il. Inclui bibliografia.

RAMOS, Clara. Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra. [Capa, Eugênio Hirsch]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 272 p., il. (Coleção Retratos do Brasil, 134). Inclui bibliografia.

RAMOS, Elizabeth S. Histórias de bichos em outras terras: a transculturação na tradução de Graciliano Ramos. Salvador: UFBA, 1999. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

RAMOS, Elizabeth S. Vidas Secas e The Grapes of Wrath — o implícito metafórico e sua tradução. Salvador: UFBA, 2003. 162 f. Tese (Doutorado) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

RAMOS, Elizabeth S. Problems of Cultural Translation in Works by Graciliano Ramos. Yale University-Department of Spanish and Portuguese, Council on Latin American and Iberian Studies. New Haven, EEUU, 2004.

RAMOS, Ricardo. Graciliano: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992. 222 p., il.

REALI, Erilde Melillo. Itinerario nordestino di Graciliano Ramos. Nápoles [Itália]: Intercontinentalia, 1973. 156 p. (Studi, 4).

REZENDE, Stela Maris; VENTURA, Aglaeda Facó. Graciliano Ramos e a literatura infantil. Brasília, 1988. 101 p. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília.

RIBEIRO, Magdalaine. Infância de Graciliano Ramos. Autobiografia ou radiografia da realidade nordestina? In: Identidades e representações na cultura brasileira. Rita Olivieri-Gadot, Lícia Soares de Souza (org.). João Pessoa: Ideia, 2001.

RIBEIRO, Maria Fulgência Bomfim. Escolas da vida e grafias de má morte: a educação na obra de Graciliano Ramos. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

RISSI, Lurdes Theresinha. A expressividade da semântica temporal e aspectual em S. Bernardo e Angústia. Niterói: UFF, 1978. 142 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. A face oculta de Graciliano Ramos. Maceió: Secretaria de Comunicação Social: Arquivo Público de Alagoas, 1992. 106 p., il. Subtítulo de capa: Os 80 anos de um inquérito literário. Inclui: "A arte e a literatura em Alagoas", do Jornal de Alagoas, publicado em 18/09/1910 (p. [37]-43). Inclui bibliografia.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Graciliano Ramos: achegas biobibliográficas. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, SENEC, 1973. 92 p., il. Inclui bibliografias.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Graciliano Ramos: vida e obra. Maceió: Secretaria de Comunicação Social, 1992. 337 p., il. ret., fac-símiles. Dados retirados da capa. Bibliografia: p. 115-132.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Graciliano Ramos antes de Caetés: catálogo da exposição biobibliográfica de Graciliano Ramos, comemorativa dos 50 anos do romance Caetés, realizada pelo Arquivo Público de Alagoas em novembro de 1983. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983. 42 p., il. Título de capa: Catálogo, Graciliano Ramos antes de Caetés. Inclui bibliografia. Contém dados biográficos.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. História do romance Caetés. Maceió: Arquivo Público: Subsecretaria de Comunicação Social, 1983. 38 p., il. Inclui bibliografia.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. O romance S. Bernardo. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1984. 25 p. "Catálogo da Exposição Bibliográfica 50 Anos de S. Bernardo" realizada pelo Arquivo Público de Alagoas em dezembro de 1984. Contém dados biográficos. Bibliografia: p. 17-25.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Vidas secas: história do romance. Recife: Sudene, 1999. 150 p., il. "Bibliografia sobre Vidas secas": p. [95]-117.

SANTIAGO, Silviano. Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 235 p. (Coleção Literatura e Teoria Literária, 41).

SANTOS, Valdete Pinheiro. A metaforização em Vidas secas: a metáfora de base animal. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979. 65 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SÉMINAIRE GRACILIANO RAMOS, 1971, Poitiers. Graciliano Ramos: Vidas secas. Poitiers [França]: Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers, 1972. 142 p. (Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers). Seminários: fev.-jun. de 1971. Inclui bibliografia.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. Análise histórica de Vidas secas de Graciliano Ramos. Brasília, 1980. 17 f.

SILVA, Bêlchior Cornelio da. O pio da coruja: ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1967. 170 p.

SILVA, Hécio Pereira da. Graciliano Ramos: ensaio crítico-psicanalítico. Rio de Janeiro, Aurora, 1950. 134 p., 2. ed. rev., Ed. G. T. L., 1954.

SILVEIRA, Paulo de Castro. Graciliano Ramos: nascimento, vida, glória e morte. Maceió: Fundação Teatro Deodoro, 1982. 210 p. : il.

SOUZA, Tânia Regina de. A infância do velho Graciliano: memórias em letras de forma. Editora da UFSC. Florianópolis, 2001.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. História da literatura brasileira, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2ª ed., 2004. 744 p. "O Nordeste em ponta seca: Graciliano Ramos." p. 531-533. Inclui bibliografia.

TÁTI, Miécio. "Aspectos do romance de Graciliano Ramos". Temário — Revista de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-19, jan.-abr., 1952.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Roteiro de Vidas secas: seminário sobre o livro de Graciliano Ramos e o filme de Nelson Pereira dos Santos. Brasília, 1965. 63 p.

UNIVERSITÉ DE POITIERS. Manuel Bandeira, Aluísio Azevedo, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna. Poitiers, 1974. Texto em francês e português. 167 p.

VENTURA, Susanna Ramos. Escritores revisitam escritores: a leitura de Fernando Pessoa e Ricardo Reis, por José Saramago, e de Graciliano Ramos e Cláudio Manuel da Costa, por Silviano Santiago. São Paulo, 2000. 194 p. Anexos. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VERDI, Eunaldo. Graciliano Ramos e a crítica literária. Prefácio de Edda Arzúa Ferreira. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. 184 p., il. Apresentado originalmente como dissertação de Mestrado do autor — Universidade Federal de Santa Catarina, 1983. Bibliografia: p. 166-180.

VIANA, Vivina de Assis. Graciliano Ramos. São Paulo: Nova Cultural, 1990. 144 p.

VIANNA, Lúcia Helena. Roteiro de leitura: São Bernardo de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997. 152 p., il.

ZILBERMAN, Regina. São Bernardo e os processos da comunicação. Porto Alegre: Movimento, 1975. 66 p. (Coleção Augusto Meyer: Ensaios, 8). Inclui bibliografia.

Produções cinematográficas

Vidas secas — Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1963.

São Bernardo — Direção, adaptação e roteiro de Leon Hirszman, 1972.

Memórias do cárcere — Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1983.

Adaptação para rádio e TV

São Bernardo — novela em capítulos baseada no romance, adaptado para a Rádio Globo do Rio de Janeiro por Amaral Gurgel, em 1949.

São Bernardo — Quarta Nobre baseada no romance, adaptado em um episódio para a TV Globo por Lauro César Muniz, em 29 de junho de 1983.

A terra dos meninos pelados — musical infantil baseado na obra homônima, adaptada em quatro episódios para a TV Globo por Cláudio Lobato e Márcio Trigo, em 2003.

Prêmios literários

Prêmio Lima Barreto, pela Revista Acadêmica (conferido a Angústia, 1936).

Prêmio de Literatura Infantil, do Ministério da Educação (conferido a A terra dos meninos pelados, 1937).

Prêmio Felipe de Oliveira (pelo conjunto da obra, 1942).

Prêmio Fundação William Faulkner (conferido a Vidas secas, 1962).

Por iniciativa do governo do Estado de Alagoas, os Serviços Gráficos de Alagoas S.A. (SERGASA) passaram a se chamar, em 1999, Imprensa Oficial Graciliano Ramos (Iogra).

Em 2001 é instituído pelo governo do Estado de Alagoas o ano Graciliano Ramos, em decreto de 25 de outubro. Neste mesmo ano, em votação popular, Graciliano é eleito o alagoano do século.

Medalha Chico Mendes de Resistência, conferida pelo grupo Tortura Nunca Mais, em 2003.

Prêmio Recordista 2003, Categoria Diamante, pelo conjunto da obra.

Exposições

Exposição Graciliano Ramos, 1962, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.

Exposição Retrospectiva das Obras de Graciliano Ramos, 1963, Curitiba (10º aniversário de sua morte).

Mestre Graça: “Vida e Obra” — comemoração ao centenário do nascimento de Graciliano Ramos, 1992. Maceió, Governo de Alagoas.

Lembrando Graciliano Ramos — 1892-1992. Seminário em homenagem ao centenário de seu nascimento. Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador, 1992.

Semana de Cultura da Universidade de São Paulo. Exposição Interdisciplinar Construindo Graciliano Ramos: Vidas secas. Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2001-2002.

Colóquio Graciliano Ramos — Semana comemorativa de homenagem pelo cinquentenário de sua morte. Academia de Letras da Bahia, Fundação Casa de Jorge Amado. Salvador, 2003.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003, São Paulo, SESC Pompeia. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano Ramos, 2003, Araraquara, SP. SESC — Apoio UNESP. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003/04, Fortaleza, CE. SESC e Centro Cultural Banco do Nordeste. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003, Maceió, SESC São Paulo e Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2004, Recife, SESC São Paulo, Fundação Joaquim Nabuco e Banco do Nordeste. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

4º Salão do Livro de Minas Gerais. Graciliano Ramos — 50 anos de sua morte, 50 anos de Memórias do cárcere, 2003. Câmara Brasileira do Livro. Prefeitura de Belo Horizonte.

Entre a morte e a vida. Cinquentenário da morte: Graciliano Ramos. Centenário do nascimento: Domingos Monteiro, João Gaspar Simões, Roberto Nobre. Exposição Bibliográfica e Documental. Museu Ferreira de Castro. Portugal, 2003.

Home page

<http://www.graciliano.com.br>

Seja um Leitor Preferencial Record
e receba informações sobre nossos lançamentos.

Escreva para
RP Record

Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – CEP 20922-970
dando seu nome e endereço
e tenha acesso a nossas ofertas especiais.

Válido somente no Brasil.

Ou visite a nossa home page:
<http://www.record.com.br>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Sumário

- CAPA
- ROSTO
- CRÉDITOS
- NOTA DO EDITOR
- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII
- IX
- X
- XI
- XII
- XIII
- XIV
- XV
- XVI
- XVII
- XVIII
- XIX
- XX
- XXI
- XXII
- XXIII
- XXIV
- XXV
- XXVI
- XXVII
- XXVIII
- XXIX
- XXX
- XXXI
- XXXII
- XXXIII
- XXXIV
- XXXV
- XXXVI
- POSFÁCIO
- VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS
- CRONOLOGIA
- BIBLIOGRAFIA DE AUTORIA DE GRACILIANO RAMOS
- ANTOLOGIAS, ENTREVISTAS E OBRAS EM COLABORAÇÃO
- OBRAS TRADUZIDAS

BIBLIOGRAFIA SOBRE GRACILIANO RAMOS

COLOFÃO

Escrevo com as mãos atadas. Na concretude imóvel do meu quarto, de onde não saio há longo tempo. Escrevo sem poder escrever e: por isso escrevo. De resto, não saberia o que fazer com este corpo que, desde a sua chegada ao mundo, não consegue sair do lugar. Porque eu já nasci velha, numa cadeira de rodas, com as pernas enguiçadas, os braços ressequidos. Nasci com cheiro de terra úmida, o bafo de tempos antigos sobre o meu dorso. Por mais estranho que isso possa parecer, a verdade é que nasci com os pés na cova. Não falo de aparência física, mas de um peso que carrego nas costas, um peso que me endurece os ombros e me torce o pescoço, que me deixa dias a fio — às vezes um, dois meses — com a cabeça no mesmo lugar. Um peso que não é de todo meu, pois já nasci com ele. Como se toda vez em que digo “eu” estivesse dizendo “nós”. Nunca falo sozinha, falo sempre na companhia desse sopro que me segue desde o primeiro dia.

Um sopro que me paralisa. Uma espécie de fardo. Pesado. Mais do que isso: bruto, acimentado, capaz de me tirar todas as possibilidades de movimento, amarrando as articulações uma à outra, colando todos os espaços vazios do meu corpo. Não que eu seja uma pessoa triste. Não se trata de ser ou não ser feliz, mas de uma herança que trago comigo e da qual quero me livrar. Nem que para isso tenha de correr riscos sem medida, nem que para isso tenha de me desfazer de tudo o que construí até hoje, de tudo o que acreditei ser a minha vida. Estou num ponto em que preciso mudar a direção do barco, ou então serei capturada pelo olhar de Medusa e me tornarei pedra, lançada ao mar.

No entanto, as palavras ainda me escapam, a história ainda não existe. Enquanto os músculos pesam e permanecem, o sentido se esvai. Quem sabe aos poucos, quando conseguir dar os primeiros passos, quando conseguir me libertar do fardo, não consiga também dar nome às coisas? E por isso, só por isso escrevo.

[Você não imagina o alívio que acabo de sentir. Há quanto tempo está esparramada nessa cama, inamovível? Há quanto tempo lhe peço para se levantar?] Não sei, desconheço a resposta. Pode ser uma semana, um mês, um ano, ou mesmo uma vida. Sinto-me às vezes um bloco de cimento, às vezes uma nuvem diluída, não percebo sequer a minha forma, os meus contornos. Quero sair do lugar, mas ainda duvido se é essa a melhor escolha. [Não desanime. No início de uma partida, não existem escolhas melhores ou piores, apenas escolhas. É cedo para um julgamento.] Mas e se errar? Se me afundar ainda mais nesse poço de imprecisão e incerteza? Que garantia tenho de que não tropeçarei em mim mesma? [Não posso lhe garantir nada. Só posso prometer uma coisa: arrisque-se, e estarei sempre pronta a lhe estender a mão.]

Para escrever esta história, tenho de sair de onde estou, fazer uma longa viagem por lugares que não conheço, terras onde nunca pisei. Uma viagem de volta, ainda que eu não tenha saído de lugar algum. Não sei se conseguirei realizá-la, se algum dia sairei do meu próprio quarto, mas a urgência existe. Meu corpo já não suporta tanto peso: tornei-me um casulo pétreo. Tenho o rosto abatido, olheiras muito mais velhas do que eu. Minhas bochechas pendem, ouvindo o chamado da terra. Meus dentes mal conseguem mastigar. Sinto um incômodo abissal, como se a gravidade agisse com mais intensidade sobre mim, puxando duas vezes meu corpo para baixo.

Não tenho a mais ínfima ideia do que me aguarda nesse caminho que escolhi. Da mesma forma, não sei se faço a coisa certa. Muito menos se existe alguma lógica, alguma explicação admissível para essa empreitada. Mas ando em busca de um sentido, de um nome, de um corpo. E por isso farei essa viagem de volta, para ver se não os esqueci perdidos por aí, em algum lugar ignoto.

Sem me levantar, pego a caixinha na mesa de cabeceira. Dentro dela, em meio a pó, bilhetes velhos, moedas e brincos, descansa a chave que ganhei do meu avô. Tome, ele disse, essa é a chave da casa onde morei na Turquia. Olhei-o com expressão de desentendimento. Agora, deitada na cama com a chave nas mãos, sozinha, continuo sem entender. E o que vou fazer com ela? Você é quem sabe, ele respondeu, como se não tivesse nada a ver com isso. As pessoas vão ficando velhas e, com medo da morte, passam aos outros aquilo que deveriam ter feito mas, por motivos diversos, não fizeram.

E agora cabe a mim inventar que destino dar a essa chave, se não quiser passá-la adiante.

Você escondeu o quanto pôde, evitou a palavra até onde foi possível. Você assegurou-me de que não morreria doente. De que não morreria. Você assegurou-se disso, agarrou-se a essa certeza que criara para si, mas também para mim. Eu acreditei, você não morreria. Assim podíamos viver tranquilas: criávamos o nosso mundo, o nosso mundo sem morte, e nele vivíamos. Assim não tínhamos com o que nos preocupar: criávamos as nossas certezas, e vivíamos sem dúvidas. Acompanhei a sua fantasia, entrei com você no jogo. Evitávamos juntas a palavra e seguíamos adiante.

Você escondeu o quanto pôde, até o dia em que não pôde mais. No princípio, simplesmente recuávamos o olhar do seu ventre crescendo, do seu pescoço inchando, mas com o tempo fomos obrigadas a ver o que não queríamos. Você tinha uma barriga de grávida, embora não houvesse bebê algum. Gânglios espalhados pelo pescoço, embaixo do braço, na virilha. Cansava-se com pouco. Enjoava. Vomitava sangue. Era a realidade querendo vencer a nossa fantasia: não podíamos mais viver no nosso mundo, estavam nos chamando. A palavra que não queríamos dizer exigia ser dita, pronunciada pausadamente, com todas as letras. Nosso pacto caía por terra.

Você estava sentada no sofá com ar de derrota quando me aproximei e sussurrei em seu ouvido: não faz mal. Se tiver de mudar de mundo, iremos juntas. Não importa aonde for, faremos outro pacto e, se mais tarde for preciso, outro, e depois outro e outro e outro. Faremos quantos pactos forem necessários, mudaremos de mundo quantas vezes nos exigirem, mas uma coisa é certa: minhas mãos estarão sempre coladas às suas.

Não faço outra coisa senão olhar, tocar, observar a chave. Conheço seus detalhes de cor, o tamanho preciso de suas curvas e de sua argola, seu peso, sua cor gasta. Uma chave desse tamanho não deve abrir porta alguma. A essa altura já deveriam por certo ter mudado, se não a porta, certamente a fechadura. Seria um disparate acreditar que tanto tempo depois a chave da casa permaneceria a mesma. Tenho certeza de que até meu avô é consciente disso, mas também imagino que deva ter uma curiosidade enorme de saber se ainda está lá o que deixou para trás. Que coisa estranha, que coisa esquisita deve ser: largar o país, a língua, abandonar a família em direção a algo completamente novo e, sobretudo, incerto.

Ele me contou que o navio onde viajou era descomunal, seu primeiro e único navio. A embarcação estava abarrotada de pessoas, todas com a mesma esperança que ele: conseguir vida melhor em país diferente. Dos irmãos, foi o primeiro a vir, apenas duas malas na mão e alguns contatos no Brasil. Não tinha mais do que vinte anos quando deixou a Turquia. Tempos depois o irmão mais novo se juntaria a ele. A irmã gêmea faleceria de tuberculose. O irmão mais velho casaria e continuaria em Esmirna. A mãe, ele só reencontraria longos anos mais tarde, quando, viúva, decidiria se mudar para o Brasil.

Quantas vezes não ouvi essa mesma história? A dor de nunca mais ter visto o pai nem a irmã, de nunca mais ter pisado na terra que primeiro fora sua. A dor de só ter trazido a mãe a tempo de perdê-la. De ter visto tanta miséria no navio, tanta miséria na terra que deixara. Quantas vezes?

E agora o que ele quer? Que eu vá atrás da sua história, recuperar o seu passado? Por que essa chave, essa missão descabida?

[A história não é só dele, a vida nunca é de uma única pessoa. Se lhe entregou a chave, é porque acredita que ela faça parte da sua história. Você conhece o meu pai: nada para ele é sem razão. Ele poderia ter dado essa chave a mim ou a um dos meus irmãos, mas nunca o fez. Não conheci a Turquia e agora já não posso mais. Poucas vezes ouvi as histórias de sua vinda. Não estou querendo dizer que haja um destino, uma missão que só você possa cumprir. Você sabe, poucas pessoas são tão céticas quanto eu. Mas tampouco acho que possamos estar por aí a refutar o que nos oferecem. Quanto tempo faz que você está abandonada nessa cama? Talvez essa seja uma boa maneira de se mexer, sair do encarceramento desse quarto para ir a um país desconhecido. Acredite nessa história que seu avô lhe oferece: vá em busca de sua casa e tente abrir a porta. Reconte a história do seu avô, reconte a minha também: conte-as você mesma. Não tenha medo de nos trair. Tome essa possibilidade como uma chance de sair do lodo onde se soterrou. Mesmo que não dê em nada, que não ache casa alguma, que não reencontre a parte da família que lá ficou, não importa. Ao menos estará conhecendo novos — e tão antigos — ares.]

Ela parecia um embrulho negro quando veio se despedir do filho. Vêu, vestido, sapatos, olheiras, boca, tudo azul de tão preto. Vestia-se como se fosse a um enterro. O pai, por sua vez, tinha o ar mais descontraído. Trazia no corpo uma roupa do dia a dia: camisa de linho abotoada até o pescoço e para dentro da calça. O cinto avermelhado não combinava com o sapato marrom. Tinha no rosto a expressão de mais um dia como outro qualquer, embora soubesse — e sentisse no peito — que se tratava de um dia diferente. Era como se a casa toda soubesse, mas não o dissesse: os pais, os irmãos, mas também o teto, as paredes, a louça por lavar, a sala arrumada, as almofadas laranja em seu exato lugar no sofá, uma em cada assento, a lâmpada do abajur acesa, os quartos ainda escuros, tudo e todos carregavam nesse dia uma dor muda, um medo mudo, uma ansiedade muda. Era o silêncio que pesava, pedindo a alguém que parte: por favor, fique. Formavam uma fila por ordem de tamanho: primeiro o menino pequeno, depois a menina — sua irmã gêmea —, depois o irmão mais velho, depois, quebrando a ordem, o pai, o mais alto de todos, e, finalmente, a mãe. A porta ainda estava fechada e, por isso, era pouca a luminosidade dentro da casa. Apenas o abajur aceso e um feixe de luz amarelada, muito sutil, que entrava pela janela da cozinha. Já deviam estar em pé à sua espera havia alguns minutos. Não trocavam nenhum olhar, não se falavam. Hirtos, miravam à frente, em direção à parede da sala de estar.

Quando ele entrou na sala, vindo do quarto, não se assustou com a família ao lado da porta, apenas entendeu que era chegada a hora. Carregava uma mala em cada mão e um sobretudo no braço direito. Olhou, atento, ao seu redor, como se pretendesse registrar na memória toda a constituição da casa, o lugar de cada objeto. Tinha medo de esquecer. Afinal, não era esse o motivo de sua partida, mas a necessidade de tentar uma vida nova, em algum lugar em que pudesse florescer. Havia também o exército: se não deixasse a Turquia, teria, como seu irmão mais velho, de servir. Por isso, ia rumo ao Brasil, onde tinha primos e amigos. Venha, a situação aqui é farta, temos inúmeras possibilidades de ganhar bem a vida, diziam todos. Venha, estão precisando de pessoas jovens e bem dispostas como você. Sim, eu vou, aguardem-me, estou chegando. Mãe, pai, vou-me embora, vou ao Brasil encontrar a minha sorte. No rosto dela, uma desilusão macerada. Desde então, não dirigiu mais a palavra ao filho, tampouco ao marido, como se fosse ele o culpado. Mal comia, mal dormia. Mas ele não vacilou, conhecia a mãe, não esperava reação mais branda. Por isso, estava lá, as malas na mão, pronto para se despedir.

Aproximou-se do pequeno e, repousando as malas no chão, segurou seus braços, levantando-o no ar. Eram doces as palavras que lhe dizia, como devem ser as palavras de um irmão mais velho. Com a menina não foi diferente, exceto por seu rosto em lágrimas que o fez chorar também. Só não podia desabar. Não podia ceder à dor, do contrário não seguiria seu caminho. O choro fazia parte de sua escolha. Em seguida, abraçou o irmão mais velho, e essa foi a sua vez de escutar conselhos. O mesmo fez o pai, mas com um tom severo. Que não desandasse, não cedesse ao pecado da carne nem da bebida, que trabalhasse como um bom membro da família e, sobretudo, não deixasse de enviar notícias.

Por último, o momento temido por ele e os outros, a despedida da mãe. Quase não se podia vê-la, enegrecida que estava pelo luto antecipado. Ele sentia no peito uma culpa imensa, uma culpa que carregaria viagem afora, vida afora. Como de praxe, ela carregava um embrulho nas mãos, mantimentos para a viagem. Quando ele se aproximou, ela lhe estendeu o embrulho. E foi só. Não lhe dirigiu o olhar, não fez menção de abrir a boca nem de gesticular. Como quem diz: pegue-o e vá embora, não quero prolongar esse momento. Ele compreendeu a sua vontade. Em silêncio, pegou o que lhe era destinado e abriu a porta. Já não pôde retornar o olhar, seu corpo o incitava a seguir adiante. Foi-se, deixando atrás de si a porta ainda aberta, a casa ainda em silêncio.

A mãe segurou então a maçaneta e, sem esforço, fechou a porta. Depois girou a chave na fechadura. O momento era inquietante, todos aguardavam a sua reação, certos de encontrar em seu semblante uma expressão sofrida, um choro,

ainda que apenas anunciado. No entanto, ela fechou a porta e num relance foi acometida por uma espécie de certeza sem certeza. Em vez de chorar, em vez de sofrer, em vez de provocar condolência nos outros, sorriu: quem sabe não volte a vê-lo algum dia?

Não há nada que me angustie tanto quanto me despedir de alguém: tchau, adeus, au revoir, até breve, até nunca mais. Quando eu era pequena, quando mal sabia dar nome ao que sentia, você partia toda manhã. Como partem todos, de manhã cedo, depois do café. Sabia que voltaria à noite, mas e se não voltasse? Cada manhã, a mesma dor, o mesmo choro: por favor, não parta, não me deixe só, fique comigo, passe o dia comigo, venha à escola comigo, ao parque comigo, assista à televisão comigo, leia quadrinhos comigo, almoce comigo. Tenho que ir, você me dizia, mas à noite a gente se vê, acalme-se, está tudo bem. Você voltava, sempre voltou, cumpria a sua palavra. Mas na manhã seguinte a mesma dor: eu, na frente da porta, impedindo a sua passagem. Que não fosse, sentia que algo de ruim iria acontecer. Não acontecia, nunca acontecia. A dor era minha, só minha: o meu medo era a minha dor. [Eu só estava indo ao trabalho, não iria abandoná-la. De onde esse medo da separação? De onde essa dor precipitada? Não sabia como reagir diante do seu choro desesperado, desproporcional. Seu choro sem justificativa. Eu me perguntava se havia feito algo de errado, se a culpa era minha.] Com o tempo, compreendi que você tinha mesmo de partir, mas nunca deixei de sentir medo. Apenas me controlei, minha idade não permitia mais determinados comportamentos. Por dentro, tudo igual. Quando você saía, eu ia para o quarto e chorava baixinho, sozinha, escondendo as lágrimas até de mim mesma. Só não podia fechar os olhos, senão começava a imaginar tragédia atrás de tragédia. Por isso, ligava a música no volume máximo e começava a dançar. Dançava, dançava e dançava até ter a certeza de que o medo não estava mais lá.

Eu me lembro bem: você levava uns livros embaixo do braço, uma pasta de couro claro na mão. Passamos um pelo outro no corredor do sexto andar. Olhamos um nos olhos do outro. E desviamos o olhar acanhadamente, mas já capturados, presos ao que estava por vir. Não sei se você olhou para trás depois que saímos do mesmo horizonte. Eu estava aflita para ver o seu caminhar de costas, mas fui tomada por um formigamento e só continuei andando porque meu corpo me levava, mas a verdade é que estava paralisada, tomada por esse sentimento que, por mais que tente, não consigo nomear. Levou algum tempo para que nos encontrássemos de novo. Não sei quanto ao certo, mas em todo caso não o suficiente para tirar do meu corpo o formigamento, essa comichão que raras vezes nos atravessa a vida, nos pega de surpresa, mas nos dá sempre a impressão de que estava à espreita.

No térreo, em direção ao ponto de ônibus, arrastava os pés em ritmo compassado, como se estivesse dançando cantigas de infância, serelepe. Fazia tempo não sentia leveza tão porosa me acariciando o rosto, o corpo. E por tão pouco. Não precisava de mais nada, não precisava saber quem você era, com o que trabalhava, de onde vinha, se era comprometido. Tinha o rastro do seu olhar no meu antes de conhecer o seu nome, e isso me bastava.

Nasci no exílio: em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não teria sido menos penoso, menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? Por que tivemos de sair de um lugar para voltar ao mesmo lugar?

Nasci no exílio, onde meus pais estavam sem querer estar. Nasci fora do meu país, no inverno, num dia frio e cinzento. Duas horas de contração sem poder parir, porque eu não tinha virado e a anestesista não estava lá. Penou, a minha mãe, para me ter. E, quando vim ao mundo, ela nem pôde me segurar nos braços, tinham-lhe dado anestesia geral. Pior: quando acordou, percebeu que lhe tinham feito um corte na vertical. Teria para sempre a cicatriz do meu nascimento, um traço reto e em relevo unindo o vão entre os seios ao púbis.

Nasci no exílio: e por isso sou assim: sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra — mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?

[Lá vem você, narrando sob o prisma da dor. Não foi isso o que lhe contei. O exílio não é necessariamente sofrido. No nosso caso, não foi. Eu trabalhava como correspondente de uma revista no Brasil. Seu pai continuava no partido. Estávamos em Portugal: comendo bem, falando a nossa língua, conhecendo gente, trabalhando, nos divertindo. Seus avós vieram nos visitar, muita gente passou por lá. Viajávamos sempre: Paris, Florença, Madri, Atenas, Kiev. Sim, é verdade, a incerteza em relação ao futuro às vezes pesava: será que voltaremos um dia? Mas, responda-me, que futuro é certo? E, no fundo, sabíamos que a situação no Brasil mudaria, só não sabíamos quando. Não, minha menina, os acontecimentos não foram da maneira que você narra. Quando você nasceu, não estava frio nem cinzento. Não penei para parir. Não tomei anestesia nem tenho cicatriz, você nasceu de parto normal. Eu a peguei nos braços imediatamente. Você foi muito querida e desejada, a resposta de um exílio sem dor. Sempre lhe falei: quando veio a anistia, eu não queria voltar. Você era muito pequena, teria ficado ainda alguns anos por lá. Mas seu pai ainda acreditava no partido, nas mudanças possíveis. Então voltamos, para fazer a revolução. Não havia esse sofrimento de que você fala. Ao contrário, havia uma enorme vontade de viver.]

Eu estava com a passagem nas mãos e tinha poucos dias para arrumar a mala. Iria primeiro à Turquia, depois a Portugal. Como era verão, nem precisava me preocupar com roupas de frio. Em todo caso, arrumar mala é sempre uma mistura de alegria e angústia. Que bom, vou viajar, repetia para mim mesma. Logo em seguida me vinha um medo de que nada desse certo. E de repente voltava a alegria de partir. Passei os dias assim: pondo e tirando roupas da mala, no mesmo ritmo em que oscilavam meus sentimentos. Às vezes pensava que poderia ficar mais tempo do que o programado e saía colocando tudo quanto é tipo de roupa. Depois imaginava que não aguentaria nem cinco dias e tirava as roupas quase todas.

Nunca tinha viajado assim antes, com um objetivo a ser cumprido, mas depois de ouvir meu avô e pensar com meus botões acabei decidindo encarar o desafio. Mal ou bem, era uma possibilidade de encontrar algum sentido para as minhas dores e tentar me desfazer delas. Queria voltar a andar, encontrar o meu caminho. E me parecia lógico que se refizesse, no sentido inverso, o trajeto dos meus antepassados ficaria livre para encontrar o meu.

No dia da partida, tive de pedir ajuda para fechar a mala. Mesmo tendo feito rolinhos com as camisetas e esmagado bem as calças, as roupas transbordavam. Na dúvida, é sempre melhor pecar por excesso do que por escassez. Sentei em cima da mala enquanto um amigo me ajudava a puxar o fecho. Você vai se mudar para a Turquia ou para Portugal?, ele brincou. Nunca se sabe, respondi. Ainda ficamos algum tempo conversando, e ele se mostrava mais animado com a viagem do que eu. No final da tarde, o interfone tocou, avisando que o táxi estava na portaria. Descemos juntos, carregando a mala. Quando nos despedimos e entrei no carro, senti meu corpo tremer como se estivesse prestes a fazer algo que não suportaria.

Quando o médico entrou no quarto, trazia na mão um vidro com um objeto muito esquisito, molengo, quase tão grande quanto um melão. Ficamos olhando, aguardando que falasse algo. Ele sorriu, um sorriso que oscilava entre o sarcasmo e o contentamento, e anunciou: este é o seu baço. Isso aí?, você disse, espantada. E por que gostaria de vê-lo?, você continuou, mostrando-se enfezada com a ideia do médico. Ora, porque é o seu baço, ele respondeu, desapontado com a sua falta de vontade. Eu não conseguia tirar o olho do vidro, numa mistura de asco e fascinação. Estava vendo um órgão. Um órgão doente. Era o seu baço. E no entanto eu a olhava e você ainda estava lá, viva. Não precisava dele para continuar. Veja como estava enorme! Normalmente um baço mede cerca de doze centímetros, o seu tinha trinta. Você arregalou os olhos: tudo isso? O médico se aproximou com o vidro, mas você desviou o olhar. Chega, você disse, não insista. Ele saiu da sala decepcionado e voltou logo em seguida para explicar como tinha sido a operação e quais os procedimentos do pós-operatório. Eu não conseguia tirar os olhos do baço, mesmo quando ele não estava mais lá. Havia sangue seco em todo o seu entorno, e ele parecia mole e viscoso.

Um mês antes, o médico dera a notícia: será preciso operar. Seu baço está muito inchado, as células malignas proliferam cada vez mais, você não pode continuar assim. E como vou viver sem baço, doutor? Ora, qualquer um pode viver sem ele, é um órgão inútil. Se é inútil, por que o temos? O médico não respondeu à sua pergunta de menina curiosa, apenas marcou na agenda o hospital e a data da cirurgia. Saímos de lá com o corpo frio. Nunca fiz uma operação, você me disse, tenho medo. Calma, respondi. Não ouviu o que ele falou? Tudo indica que será uma operação bem simples, sem riscos. Enquanto falava, olhava para o seu ventre: uma bola enorme. Verá que depois se sentirá bem melhor. Eu sei, mas mesmo assim tenho medo, você insistiu. Você terá tempo para se acostumar com a ideia, para se preparar. Mas não dê às coisas um tamanho maior do que elas têm: confie nas palavras do médico, ele sabe o que faz. Se disse que você não precisa do baço, que a operação é simples e para o seu bem, acredite nisso. Quando chegamos ao carro, você suava. Quer que eu dirija? Por favor, você respondeu.

Foi um mês demorado, mais do que costumam ser os meses. Todos os dias pensávamos nisso, falávamos disso. O medo estava espalhado por todas as paredes da casa. A cada manhã a mesma angústia, uma vontade de que o tempo passasse logo, de que o tempo não passasse. Que dia é hoje?, você perguntava logo de manhã. Pare de se preocupar tanto, mãe, fique tranquila, vai dar certo, vai dar certo, eu repetia. E você respondia feito eco: é, vai dar certo, vai dar certo. Na verdade, nunca havia passado pela minha cabeça que a operação não correria bem. O médico tinha sido bastante otimista, havia explicado a simplicidade do procedimento, e eu realmente acreditara nele. Não fosse o medo estampado em seu rosto, nem pensaria nisso até o dia de ir para o hospital. [Eu sonhava todas as noites com o bisturi me cortando. Iriam arrancar um pedaço do meu corpo, e tinha medo de não conseguir viver sem ele. Tinha medo de que me cortassem no lugar errado, que não encontrassem meu baço, que tirassem outro órgão, que não conseguissem me fechar de novo.]

Era bem cedo, ainda de madrugada, quando saímos de casa. Você tinha de se internar com antecedência para começar a tomar os remédios e assegurar o jejum. Desde o corredor, já sentíamos o cheiro de geladeira, cheiro de hospital. Sua mão suave, mas quem a visse sem a tocar pensaria que estava tranquila. Sua irmã e meu pai chegaram um pouco depois de nós. Primeiro, vieram uma enfermeira e um enfermeiro: somos os responsáveis pela senhora. Furaram a sua veia de imediato e deixaram-na num soro, onde colocaram também alguns remédios. Ficamos conversando, tentando amenizar o ambiente, procurando dar ao dia um aspecto de normalidade. Minha tia falava do trabalho, meu pai das últimas notícias, e nós duas mais ouvíamos do que falávamos. Uma hora e meia depois, chegou o médico, com o mesmo sorriso que nos mostrou todas as outras vezes em que nos encontramos. Deu bom-dia e explicou que em quinze minutos você seria levada para a sala de operação. Ao todo, a cirurgia não deveria demorar

mais do que uma hora, no máximo duas. Você quase nem assimilava o que ele dizia, o sedativo já começava a fazer efeito. Primeiro, vamos lhe aplicar uma anestesia geral, depois abriremos seu ventre para extrair o baço. Será tudo muito simples.

Quando você foi levada para a sala, deitada na maca, falava coisas quase sem sentido, como as pessoas que falam enquanto dormem. Fui segurando a sua mão até chegarmos à porta que eu não poderia atravessar. Doeu ter de deixá-la sozinha, mas continuava confiando nas palavras tranquilas do médico. Voltei para o quarto, onde ainda estavam meu pai e minha tia. Tínhamos uma expressão séria, aflita. Vamos descer, comer alguma coisa, disse o meu pai. Ficamos mais de uma hora num restaurante na mesma rua do hospital, falando de outras coisas que não você. Comíamos um prato de massa, um refrigerante e uma musse de chocolate enquanto o médico extraía seu baço. Pensávamos nisso o tempo todo, mas não falávamos nada. Acho melhor voltar, eu disse, talvez já tenha acabado. Quando chegamos ao hospital, demoramos para conseguir uma informação. Corria tudo bem, mas a operação demoraria um pouco mais do que o previsto.

Quase uma hora depois, senti o coração atravessar a garganta, quando os enfermeiros chegaram com você. Levantei-me apressada, precisava vê-la. Você estava deitada na maca, um lençol a cobria. Estava acordada, mas ainda sob o efeito sonolento da anestesia. Está tudo bem, mãe? Você me respondeu com um grunhido que não pude compreender. Desde que saiu da sala, ela pergunta por uma tal Vivi. Você se chama Vivi?, quis saber a enfermeira. Não, eu disse, assustada, com medo de você ter enlouquecido, de ter esquecido o meu nome. E me pus a repetir feito boba: mãe, sou eu, você não está me reconhecendo? E você dizia: Vivi. Eu, completamente tomada pela certeza da enfermeira de que Vivi era alguém, perguntei-lhe: quem é Vivi? Você não dizia mais nada, apenas repetia: vi-vi, vi-vi, vi-vi. Até que de repente entendi, você não chamava por ninguém, você falava consigo mesma, falava com o mundo. Foi só então que compreendi que seu medo era sem tamanho. Quando larguei sua mão e você entrou na sala, era isso o que sentia. Eu não tinha entendido nada, não tinha sentido esse medo. Nem passava pela minha cabeça que pudesse acontecer algo de tão grave, você iria apenas tirar o baço. Foi só quando percebi que Vivi não era ninguém que compreendi — pela primeira vez — que o medo que você tinha não era um medo qualquer: era o medo da morte.

Era o nosso primeiro chope, e eu já sabia o que me aguardava. Estávamos num boteco qualquer em Botafogo. Não nos conhecíamos muito bem, mas eu já estava completamente tomada por você, não pensava em outra coisa senão no seu corpo, na sua voz, na sua maneira de andar, de gesticular, de se vestir. Você dizia que me adorava, que eu mexia com você. Dizia que havia muito tempo não sentia isso por alguém, enquanto bebíamos um chope atrás do outro. Eu escutava cada palavra e sentia o corpo tremer: de medo, de desejo, de felicidade. Você me dizia palavras de paixão, e eu acreditava nelas. Mas ao mesmo tempo olhava nos seus olhos e sabia de tudo, descobria tudo. Olhava nos seus olhos e entendia que, por mais que viesse a me amar um dia, jamais nos amaríamos da mesma maneira. Sabia, desde o início, que o meu amor seria sempre mais forte do que o seu, e com isso sabia também que era grande o sofrimento que me aguardava. Era o nosso primeiro chope, e eu estava transbordando de alegria por estar sentada ao seu lado, por ter a certeza de que iríamos juntos para a cama, de que quando fôssemos para a cama daríamos prazer um ao outro, que eu sentiria prazer maior do que nunca antes. Era uma alegria grande, imensa, gigantesca, mal cabia no meu corpo pequeno. Mas era uma alegria misturada com uma dor antecipada, como se eu previsse o nosso futuro e percebesse no seu olhar toda a felicidade e toda a tristeza que me aguardavam.

Já estava no navio quando sentiu o peito apertado, o estômago revirado de angústia: só ele conhecia o verdadeiro motivo de sua partida. Vida melhor sempre se pode conseguir onde se está, mas fugir, não; para isso é preciso pegar um navio, ir para bem longe, principalmente se for de um grande amor, impossível de tão grande, como era o seu. Vinha de terceira classe, a cama apertada, colada a tantas outras em dois andares. Os passageiros eram, em sua maioria, homens sozinhos ou famílias inteiras. Quase não havia mulheres desacompanhadas. O cheiro era azedo desde o princípio da viagem, e ele pensou que seria difícil conviver com o fedor, os desconhecidos, a gritaria das crianças, os bêbados e ao mesmo tempo carregar tanta dor no corpo. Na verdade, não estava motivado para começar uma vida nova tão distante de suas raízes. Ainda por cima, tinha ouvido falar que no Brasil havia uma quantidade enorme de ratos, baratas, animais selvagens espalhados pela rua, lixo por tudo quanto é canto, um calor irrespirável. Mas era lá que tinha primos, contatos, gente que poderia ajudá-lo. Em Esmirna, não poderia continuar.

Um homem já velho depositou seus pertences na cama ao lado da sua, deu-lhe bom-dia e em seguida fechou a cara, feito dissesse que não estava disposto a conversar. Melhor assim, pensou, já que também não estava muito à vontade para conhecer outras pessoas, preferia ficar sozinho, estendido na cama, com os pensamentos levando-o aonde quisesse.

Rosa era o nome dela. Quando descobriu que a filha estava trocando olhares com o funcionário da loja, seu pai não hesitou em tomar as atitudes mais severas. Ela: só poderia sair de casa se acompanhada do irmão mais velho, que estava ali para assegurar as ordens paternas. Ele: despedido imediatamente. Rua, vá procurar emprego em outro lugar, de preferência bem longe do meu estabelecimento, da minha casa, do meu bairro, do meu país. Já fazia um ano que estava à procura de outro emprego e só agora seguia as palavras do antigo patrão. Só agora, às vésperas do casamento da Rosa com o rapaz escolhido por seu pai. Levava na mala a pouca correspondência que trocara com ela, nas raras vezes que, seguindo-a dia e noite, conseguira estar a sós ao seu lado, nem que por apenas alguns ligeiros segundos. Quando soube do noivado, passou dias trancado no quarto até decidir que partiria para um país distante. Antes da viagem para o Brasil, entregou-lhe ainda uma última carta, em que lhe dizia pela última vez palavras doces e ternas, em que jurava pela última vez ser eterno o seu amor.

Cheguei hoje a Istambul. Carregava nas mãos o passaporte português, acreditando que me daria menos chateações. Uma longa fila até alcançar a polícia federal: de um lado, os turcos, do outro, os estrangeiros. Na minha vez: you need a visa. Como assim? É a lei, portugueses precisam de visto. Mas não sou portuguesa, sou brasileira. Não, não sou brasileira, sou turca. Meus avós vieram daqui, são todos turcos. Eu também. Veja, não pareço turca? Olhe o meu nariz comprido, a minha boca pequena, os meus olhos de azeitona. Sou turca. O policial torceu o nariz: you need a visa. Não discuti, meus argumentos nunca o convenceriam. Dei meia-volta e fui à imigração. Enfezada, indignada, decepcionada. Preciso de um visto para entrar no país dos meus avós? Que eles tenham nascido aqui, crescido aqui, nada disso conta? Dez euros e um carimbo no passaporte: üç ay süreli müteaddit giriş vizesidir. Çalışma hakkı vermez. Posso fazer turismo durante três meses, mas não posso trabalhar. Definitivamente, não sou turca.

Você já estava cega de um olho quando o médico disse: não posso fazer mais nada. Se tiver condições, o melhor seria tentar um hospital nos Estados Unidos. Talvez, lá, eles possam impedir o avanço da doença.

Nem hesitamos: fizemos as malas e em dois dias já havíamos mudado de país.

Eu sabia bem que ao tocar pela primeira vez a campainha da sua casa estava assinando um contrato sem vencimento. Se existisse alguma possibilidade de desistência, ela deveria ser fincada ali, naquele momento, antes de atravessar a porta. Mas como não atravessá-la? Por que não atravessá-la? Meu corpo ainda não estava paralisado, eu queria caminhar, queria ir ao encontro do que tinha me pego na esquina, descobrir o que me aguardava do outro lado da rua. Naquele início, a paixão se manifestava como fome — de novidades, conversas, toques, sexo —, eu queria engolir tudo o que estivesse à minha frente, tudo o que viesse de você. E assim foi. Toquei a campainha. Suava. Minha camiseta molhada se colava ao busto, marcando levemente os seios. Quando você abriu a porta, eu não podia esconder o desejo de pular em cima do seu corpo, ali, no corredor de entrada da sua casa. Tenho certeza de que você sentiu meu cheiro de sexo prestes. Deslizou delicadamente a mão direita sobre meu rosto, demorando-se atrás da orelha, no pescoço. Arrumou meu cabelo e com a outra mão segurou minha nuca. Você me exigia demais naquele momento: exigia-me paciência. Deixei-me ser levada, controlando minha fúria e meu desejo de controlar. E nisso estava o meu prazer, em ser surpreendida, em ser guiada numa direção inusitada. A cada toque seu, a cada dedo, lábio, nariz, a cada extremidade sua esbarrando na minha pele, sentia os poros se erigindo, se antenando numa velocidade simetricamente oposta à de seus movimentos. Você demorou a me beijar, a enroscar sua língua na minha até quase a garganta. Antes disso, ficou me acariciando, aproveitando todo o deleite que eu estava disposta a lhe dar. Você me olhava — nos olhos, no queixo, nos seios, no ventre — como se quisesse me tirar toda a estabilidade, como se quisesse tirar os meus pés do chão. E conseguiu. Naquele instante, eu já não pisava em lugar algum. Já não tinha os pés na terra. Não sabia onde estava, mas ao mesmo tempo tinha toda a certeza de que era ali que queria estar. Você não tinha dúvida, eu já era sua. E, como se quisesse me mostrar que estava ciente disso, me segurou com força, apertou meus braços e colocou sua boca à minha, sua língua à minha. Deslizou suavemente a mão pelo meu corpo. Quanto mais seus dedos descobriam o caminho, mais vulnerável eu me sentia. Nesse momento sabia que não haveria volta, já estávamos amarrados. Sua língua estava em meus seios — um e outro —, contornando os mamilos, deixando-os quase tão encharcados quanto meu sexo, ainda à espera. Não por muito tempo, é verdade, pois não demorou para você colocar, certamente, a mão por debaixo da minha saia. A calcinha abafada, úmida. As pernas se abrindo ligeiramente, o convite já feito. E, como pude confirmar tantas outras vezes, poucas coisas me excitavam tanto quanto seus dedos afastando a parte de baixo da calcinha para um lado só, deixando meu sexo descoberto. Para logo cobri-lo de novo, com seus dedos. Leve-me para a cama, eu disse. Você fingiu não ouvir. Com as duas mãos, levantou minha saia, arrancou minha calcinha e se abaixou aos poucos. Continuei de pé, enquanto você, ajoelhado, implorava não sei o que entre as minhas pernas, numa língua que só vocês dois entendiam, o meu sexo e a sua boca.

Nas paredes do quarto, apenas musgo. Um cheiro fétido de coisas guardadas. Objetos esverdeados pelo mofo. Tudo já degradado, tudo velho, antes mesmo do tempo. No centro do quarto, a minha cama. De madeira apodrecida, nem sei como ainda se mantém de pé. No centro da cama, o meu corpo. Dilacerado, aberto por feridas em carne viva. Repleto de nódos roxas e amarelas. De furúnculos. Meu corpo carcomido pela ancestralidade do quarto. Impossibilitado de se movimentar. No centro do corpo, a máquina de escrever. O teclado quase todo apagado, a tinta por acabar. Minhas mãos enxovalhadas pelo sangue seco teclam, uma a uma, as letras do que escrevo.

Se ele quisesse, poderia conservar seu nome, sua origem. Preferiu criar outros, dar um novo nome e uma nova origem à vida que o aguardava. Sentia que para recomeçar precisava de outra identidade: se não deixasse para trás tudo o que havia sido seu até então, estaria para sempre amarrado ao passado.

Saí do aeroporto ainda indignada por ter precisado de um visto. Que esquecesse logo essa história, a falta de reconhecimento da imigração não mudaria em nada a minha relação com o país. Ou então eles estavam certos, não sou mesmo turca, não tenho nada a fazer aqui. Serei uma turista como outra qualquer: a percorrer mesquitas, andar de barquinho no Bósforo, comer cordeiro com espanto, visitar castelos e museus, comprar tapetes, couro e especiarias no grande bazar. Pedirei na rua para tirarem fotos minhas e farei “x” no momento certo. Serei a mais estrangeira das turistas, desajeitada para pedir informações, rindo do que não tem graça. Pegarei o ônibus sightseeing e verei a cidade do segundo andar, prestando atenção às palavras do guia. Contratarei serviços de grupo. Irei a restaurantes com dança típica, mulheres sacudindo o ventre. Depois voltarei ao Brasil e farei uma sessão de fotos com os amigos. Contarei a todos como é lindo o país, que não imaginava tão exuberante, com palácios e mesquitas imensos, cheios de riqueza de outrora. Contarei a todos que nunca antes vira nada tão diferente, uma mistura de cultura oriental com cultura ocidental. Contarei a todos que as mulheres andam, em sua maioria, cobertas por lenços ou véus. Que os homens param o serviço quando escutam o canto de chamada para a reza. Contarei a todos que a cidade é um pouco suja, mas muito segura, não há problema algum em sair com a máquina fotográfica pendurada no pescoço. Por fim, direi a todos que precisam ir, precisam conhecer Istambul, vale a pena, muito a pena, a cidade mais linda que já vi.

Com a indicação do hotel na mão, recusei todas as ofertas de taxistas entre o desembarque e a saída do aeroporto e fui eu mesma tentar encontrar um táxi. Depois de algum tempo caminhando, avistei uma fila de carros: é lá, pensei. Mostrei o papel com as indicações do hotel a um senhor que, por sua vez, me orientou ao carro que me levaria ao meu destino. Não precisei fazer nada, am bos — o senhor a quem havia entregado o papel e o motorista — encarregaram-se de guardar as minhas malas.

O aeroporto era longe, e depois de certo tempo o silêncio começou a me incomodar. Do you speak English?, perguntei ao chofer. Um pouco, ele respondeu, com um sotaque carregado. Senti que a conversa não iria muito adiante e não insisti. Na verdade, não insisti porque não tinha mesmo o que falar. Coube a ele perguntar se era a minha primeira vez na Turquia. Sim, respondi. Você vai adorar: o país é lindo, o povo simpático, acolhedor. Feitos os elogios, não resisti e afirmei, convicta: meus avós são turcos. Turcos? É, turcos, vieram todos daqui, de Esmirna. De Esmirna!? Ele parecia não acreditar em minhas palavras. Virou o rosto uma, duas, três vezes enquanto dirigia, para me olhar com precisão. De repente, como que capturado por uma certeza evidente, proclamou: of course, você tem mesmo cara de turca, a pele morena, o nariz grande. Não sei como não reparei antes. Mas... você não fala turco, fala? Não, infelizmente não, meus avós nunca falaram turco com meus pais. Morro de pena.

Depois da minha revelação, ele foi ainda mais simpático. Fomos conversando até chegar ao hotel. Que eu iria gostar mesmo da cidade, quem sabe não vinha morar aqui um tempo para restabelecer minhas raízes? Aos poucos, fui retomando o bom humor que tinha abandonado na imigração. Talvez houvesse outras coisas para se fazer além do passeio de barco, das mesquitas, dos museus. O motorista já tinha me convencido: tenho cara de turca, não serei uma turista qualquer. Viramos à direita na Rua Ordu Caddesi e, logo entrando na Gençtürk, ele estacionou o carro em frente ao hotel. Levou as malas à recepção e, contente com a gorjeta, se despediu, desejando-me boa sorte.

Morri de rir quando você disse que adorava mulher menstruada. Como assim adora? De que exatamente você gosta? Do cheiro? Da cor? Do gosto, você respondeu. Ri, ensaiei uma cara de nojo: não, não pode ser. Sim, você me assegurou, pode, sim. Aguardei uns segundos, o tempo de saborear a resposta. Então vai.

Esta noite, tive um sonho estranho. Um pesadelo. Chegava à casa do meu avô na Turquia, uma casa grande, bonita, bem antiga, cheia de detalhes na parede, como um vestido bordado. Um tom meio salmonado afirmava que fora pintada havia pouco. A porta — feita com madeira escura, talhada, formando desenhos dentro de desenhos — ocupava quase a metade da parede. E a fechadura, quase imperceptível, em vez de se encontrar, como de costume, à direita da aldrava, ficava no canto esquerdo da porta, próximo à dobradiça. Mergulhei a mão na bolsa, segura de ter a chave de casa, mas para meu espanto não tinha uma chave, tinha várias, uma dezena talvez. Todas enormes! Proporcionais à porta, mas não à fechadura. Joguei a bolsa no chão e, num desespero, pus-me a procurar entre tantas chaves a que pudesse ter o formato certo. Só que, quanto mais eu procurava, mais chaves apareciam, e no final já devia estar cercada por uma centena delas. Repetia a mim mesma: não é possível, ela tem de estar aqui, eu sei que está aqui.

De repente, escutei um rangido forte, era a porta sendo aberta. Um homem que devia ter a idade do meu pai apareceu, convidando-me para entrar. É aqui, venha, entre na sua casa. Tomei um susto. De onde vinha essa pessoa falando português? Venha, ele repetiu. Quando entrei, a casa estava repleta de pessoas de todas as idades, de crianças a idosos, todos com um certo ar familiar. Os homens portavam uma kipá, e as mulheres — nem todas —, um lenço branco sobre as costas. Cercaram-me imediatamente, abraçando-me, acolhendo-me: esta é a sua casa, eles diziam. A mesa estava farta, com pães, mel, maçã, matzá, vinho, boios, queijos, burrecas, pinhonte e amêndoas. Venha, sente-se à mesa, preparamos deliciosos quitutes para você. Não tinha fome, mas o cheiro estava tão convidativo que não resisti. Comecei pelas burrecas: de queijo e de berinjela. Mas não tardou para que eu percebesse que era a única a comer, que era, na verdade, a única sentada à mesa. Enquanto isso, todos me observavam de pé, como se eu fosse um bicho estranho, um animal exótico vindo da selva. Parei de mastigar, procurando algum rosto conhecido. Tive medo. Todos notaram e começaram a rir. Alcancei a porta em um só tempo, queria sair de lá, tinha certeza de que estava na casa errada. De repente ouvi uma voz grave afirmando: esta é a sua família! Tentei abrir a porta, mas ela estava novamente trancada, e eu não tinha mais nenhuma chave comigo. As gargalhadas aumentavam cada vez mais, enquanto eu berrava: cadê a chave? Onde a coloquei?

Acordei com o corpo encharcado de suor, deitada na minha cama, no meu quarto, na minha casa.

Quase todos os dias há momentos em que faço alguma coisa e logo em seguida penso: não sou eu. Coisas bobas, do cotidiano, como sorrir, encolher o corpo no sofá para ler o jornal ou segurar a xícara de café com as duas mãos. De repente, no meio do gesto, sou acometida pela sensação de que não sou eu quem está ali. Quando emendo uma gargalhada na outra, por exemplo, e não consigo parar, tenho a certeza de que é você quem está rindo. [É verdade, somos muito parecidas. Também já tive essa sensação, olhava para você e pensava: como somos iguais.] Mas não é só isso, é uma sensação esquisita, uma certeza absoluta de que não sou eu. Nem sempre é você, às vezes é o papai, às vezes o vovô, às vezes nenhum de vocês. Às vezes sinto que é alguém que nunca conheci, mas que fala através de mim, do meu corpo. Como se meu corpo não fosse apenas meu, e a cada momento eu percebesse essa multiplicidade, a existência de outras pessoas me acompanhando. [Mas isso é apenas uma sensação, não é real. Você é você e ponto final. O resto, querida, são apenas semelhanças que nos fazem lembrar de alguém.] Não, mãe, não vou reduzir o que sinto a essa palavra tão simples: semelhança. Não digo que sejam espíritos, mas semelhança é uma palavra pobre. Talvez não consiga fazê-la acreditar, mas sei que quando meu dorso se curva sobre o corpo em forma de gancho não sou apenas eu quem se curva. Eu sei, mãe, mesmo que não encontre a palavra certa, que meu corpo não é só de mim.

No início era assim: passávamos dias seguidos sem ver a luz do dia, trancados no quarto como se tivéssemos passado a vida esperando esse momento. Esquecíamos tudo o que havia do lado de fora e passávamos os dias e as noites na cama.

Soube da morte da Rosa por uma carta da irmã. Já estava no Rio de Janeiro havia alguns meses, trabalhando com um primo e fazendo projetos para abrir a sua própria loja de ferramentas. Sentia saudades da família e escrevia cartas ao menos uma vez por semana. De lá, as notícias eram quase sempre as mesmas, tinha a impressão de que nada havia mudado depois de sua partida. Seu corpo acelerava toda vez que recebia um envelope da Turquia, abria-o correndo, ansioso por novidades ou uma palavra de alento. A irmã lhe contava do trabalho do pai, dos problemas de saúde da mãe e algumas novidades sobre o irmão mais velho, que iria se casar dali a pouco. O mais novo não falava senão do Brasil, que queria seguir os passos do irmão, tentar a vida lá. Ela, por sua vez, aguardava o resultado da busca do pai por seu futuro marido. Mas não quero me casar assim, quero me casar por amor. Será que o papai nunca vai entender isso? Não quero um marido escolhido por ele, quero poder escolhê-lo eu mesma. Você não concorda comigo, querido irmão? Ele sentiu o peito apertado, conhecia bem o que ela estava falando. Tenho medo de que aconteça comigo o mesmo que se passou com a menina Rosa. Você se lembra da Rosa, filha do seu antigo patrão da sapataria? Pois é, parece que andava apaixonada por um rapaz que o pai não aprovava. Inventaram-lhe então um casamento arranjado, às pressas, pois o pai tinha medo de que ela fugisse com o outro. Mandaram vir um rapaz de Istambul, filho de uma família de prestígio, amigos de infância do pai da Rosa. Ela, por sua vez, não aceitava a decisão da família, não queria outro homem senão aquele que amava. Mas você conhece os procedimentos da nossa comunidade, Rosa nada podia contra a decisão paterna. Sabe qual foi a maneira que encontrou para não ficar em silêncio, meu irmão?

Seu corpo paralisou, não conseguia se mexer, o coração querendo atravessar a garganta, o medo da resposta tomando conta do corpo petrificado. Ele já não podia ler a carta, já não podia não lê-la. Com uma pedra amarrada ao pé, ela se atirou no poço da praça. Matou-se, meu irmão. Encontraram o corpo boiando, o vestido inflado pela água. Você imagina o escândalo? A família proibiu o luto, e agora a comunidade usa o exemplo dela para convencer as moças a se casarem com os pretendentes escolhidos pelo pai. Mas não deveria ser o contrário? Você não concorda que essa história nos mostra a impossibilidade de um casamento sem amor? Ele tremeu, sentiu o estômago revirar, as pernas incapazes de lhe sustentar o corpo, a dor. Arrependia-se: nunca deveria ter vindo ao Brasil. Arrependia-se: deveria tê-la trazido consigo.

O calor era forte, como eu não imaginava antes de sair do Brasil. Parei numa lanchonete para tomar um suco e analisar o mapa que o recepcionista do hotel tinha acabado de me dar. Vista assim, no papel, Istambul me parecia uma cidade como outra qualquer. Procurei a rua do hotel — o que me custou alguns minutos — e percebi que não estava longe do centro, só não sabia se deveria caminhar para a frente ou para trás, para a direita ou a esquerda. Queria ir para Eminönü, onde ficam as mesquitas principais. Queria começar pelo óbvio, para depois me deixar levar pelo desconhecido. Paguei o suco e perguntei ao garçom como eu fazia para chegar lá. Ele me respondeu simpaticamente, mas foi em vão. Mesmo tendo afirmado que falava inglês, só falou em turco. Acabei decidindo pegar um táxi: por favor, o senhor me leve à Mesquita Azul.

O espanto é inevitável. Bastou vê-la para não me arrepender de nada, para não ter medo, para ter uma única certeza: sim, eu tinha feito a escolha certa. A construção não é apenas imensa e impressionante, é também delicada e terrena em seus pequenos detalhes, monumental em seu tamanho, em suas finas e compridas torres (no alto delas, vejo uma leve pintura azul). Esqueço tudo o que há à minha volta, o calor, o cheiro desagradável, a multidão de turistas e de vendedores ambulantes. Esqueço o motivo da minha viagem, a chave, a porta, o meu avô, o passado. Somos só eu e ela naquele instante, como devem ser as verdadeiras relações de amor. Somos eternos por alguns segundos, ela a me olhar em sua quase onipotência, eu a olhá-la em minha precariedade certa. E é assim que a adoro, que a aprecio como jamais havia apreciado monumento algum. Passo longo tempo a percorrer seu espaço externo, prolongando ao máximo o momento da entrada. Vejo um corredor enorme, com uma cadeia de torneiras e banquinhos. No meio dele, três homens — dois rapazes e um senhor — lavam os pés, o rosto, o pescoço. Estou morrendo de calor e gosto da ideia de me refrescar um pouco. Imito-os: sento no banco, ligo a bica e molho apenas as partes expostas do corpo. Os rapazes me olham e riem e cochicham entre si. O senhor se levanta e, quando me dou conta, já está ao meu lado, brandindo as mãos, falando alto comigo. Não entendo uma palavra do que diz, mas entendo que não deveria estar lá, que estou fazendo algo de muito errado. Levanto-me correndo, vermelha, sem graça, envergonhada pela falta de tato, e os dois rapazes riem ainda mais enquanto, enfezado, o homem volta ao seu lugar e recomeça seu ritual. Só mais tarde é que fui descobrir que aquele é um lugar sagrado, mas acima de tudo um lugar apenas para os homens, que devem se purificar antes de entrar na mesquita para as orações.

Distancio-me de lá às pressas e contorno a mesquita até chegar à entrada principal. Subo as escadas e me deparo com um pátio retangular que tem no centro uma espécie de mesquita em miniatura. Ao fundo, uma porta enorme, de madeira, toda talhada, pela qual as pessoas entram e saem. No pátio, vejo muitas famílias, muitas crianças e muitas mulheres com um lenço na cabeça, outras com véu e uma com burca, inteiramente coberta de preto, apenas os olhos à mostra. Já tinha visto algumas em jornais, televisão e filmes. Mas ver uma mulher assim, ao vivo, escondendo tudo, escondendo seu corpo, seu rosto, seu cabelo, provoca-me uma sensação esquisita, ao mesmo tempo um distanciamento enorme, como se houvesse um profundo abismo entre nós, e uma cumplicidade particular às mulheres. Penso que poderia estar no lugar dela e sinto vontade de descobri-la. Sinto vontade de vê-la. Não é uma simples curiosidade, é como se eu precisasse me aproximar dela, tocá-la e, assim, quebrar a nossa barreira. Fixo o olhar nessa mulher, já não posso reparar na mesquita. Quando se dá conta de que está sendo observada, ela muda de lugar, atravessa o pátio e vai se sentar num ponto que meu olhar não alcança, exatamente atrás da construção central. Novamente, sinto-me enrubescer. É de fato a primeira vez que piso num mundo tão diferente e não posso esconder que não sou daqui. Cometo todas as gafes que um habitante local jamais cometeria. Tenho vergonha de mim mesma. Não quero estar à parte, mas tenho a sensação de que é isso o que acontece.

Quando vou entrar na mesquita, um homem se aproxima e me dá um lenço para cobrir a cabeça e outro para as

pernas. Também devo tirar os sapatos. Vejo dois rapazes conversando, ambos com uma credencial no pescoço. Um deles se apresenta e começa a falar comigo. Conversamos um pouco, e ele me pergunta se aceito sua companhia durante a visita. Digo que sim, tenho vontade de estar com alguém de lá e simpatizo com ele. Não sou guia, trabalho aqui na mesquita, e se quiser posso contar algumas coisas sobre sua história, ele me diz. Depois me conta quando, como e por que ela foi construída, me explica o significado de alguns escritos, como rezam os muçulmanos, me mostra a direção de Meca, me diz por que a mesquita se chama azul e também qual o seu verdadeiro nome. Um menino passa por nós com uma roupa que parece de príncipe. Ele está vestido assim porque vai ser circuncidado, revela o rapaz. Mas com essa idade?, pergunto. Sim, alguns o fazem ainda bebês, mas a maioria entre cinco e oito anos. É um momento de grande alegria para eles. Pergunto ao menino se posso tirar uma foto sua. Ele concorda e posa com um grande sorriso, deixando evidente o orgulho de estar vestido com o traje da cerimônia.

A mesquita é enorme, e quase não há ninguém. Delicadamente, peço ao rapaz para ficar um pouco sozinha. Não sou muçulmana, nem mesmo religiosa, mas há algo lá dentro que me dá um sentimento de paz e tenho vontade de ficar sozinha, apenas eu e a minha tristeza, eu e a minha alegria.

Estou quase adormecendo no silêncio quando ele se aproxima para me avisar que preciso sair. Em pouco tempo, começaria a reza, e nesse momento não são permitidos turistas no interior. Saio apressadamente, com receio de uma nova gafe. Na porta, devolvo os lenços e calço novamente meu sapato. Ele ainda está lá e diz que quer me mostrar uma última coisa. Atravessamos o pátio e ele me pede para observar de perto as pilastras, ver se encontro algo de inusitado. Digo que não, sou incapaz de perceber o que ele gostaria que eu percebesse. Então, ele me aponta, quase apagados, vários nomes grafados em árabe. São os nomes dos pedreiros: a cada etapa concluída, eles deixavam suas assinaturas. Trocamos mais algumas palavras e ele se desculpa: preciso ir, tenho de me preparar para as obrigações.

Deixo a mesquita em estado de encantamento. Caminho na praça sem saber onde estou, com os pés ali, mas as ideias em outro lugar. Estou já sentada num banco quando escuto uma voz inundar a praça, a cidade. Uma voz que parece vir de nenhum lugar, de um lugar distante, desconhecido. O som parece arranhado, melancólico, um verdadeiro lamento. Tenho a sensação de já tê-la ouvido antes, mas também a certeza de nunca tê-la ouvido. Vejo as pessoas se apressarem, correrem de um lado para o outro. Deve ser esse, então, o chamado para a reza. A voz persiste, ecoa, continua ressoando mesmo quando não é mais cantada. Em seguida, para e depois recomeça, encontrando ainda algumas pessoas na rua. Pego a minha máquina fotográfica, que também registra sons, e gravo o canto. Quero poder ouvi-lo outras vezes, em outros lugares, outros momentos. Novamente, a voz descansa para em seguida retomar o chamado. A praça fica praticamente vazia, nem os meninos que vendem bugigangas turísticas, nem os vendedores de kebab, nem os pássaros. Apenas turistas como eu. O canto continua, prolonga-se ainda umas quatro vezes, ecoando de maneira inesperada em alguma parte arcaica do meu corpo, alguma memória que ignoro. A voz — um gemido, uma lamúria — se expande por toda a cidade até cessar. Istambul parece então morta, e sinto que há em mim algo muito antigo que começa a renascer.

Já no elevador, perguntei: o que aconteceu? Por que essa pressa toda? A conversa estava tão agradável... Você respondeu: foi você, essa sua roupa, esse seu vestido soltinho, essa sua mania de não usar sutiã. Fiz cara de desentendida: como assim? Pois é isso mesmo, não aguento, fico louco. Estou sentindo uma vontade enorme, uma necessidade de vê-la inteiramente nua. Sorri, ligeiramente envergonhada, e o envolvi num beijo que durou mais do que o tempo de chegarmos ao térreo.

No carro, quase não falamos. Você acelerava, avançava os sinais. Calma, eu dizia. Você virava para o lado e sorria. Parecia que se não chegássemos logo perderíamos o tesão. Nosso desejo era assim, nos arrebatava de repente e éramos quase forçados a segui-lo. Seria árduo ignorá-lo. Eu via você dirigindo e entendia que não poderia ter continuado no jantar. Entendia, porque isso também acontecia comigo.

Em casa, você tirou os sapatos e foi buscar um uísque. Apesar da urgência, você se esforçava para aguardar, para criar uma ambiência sedutora. Serviu-nos e acendeu um cigarro. Também quero um, eu disse, você me passa? Eu tinha o cigarro na boca quando você o acendeu. Ficamos algum tempo assim, bebendo, fumando, olhando-nos, sorrindo. Quase nenhuma palavra, apenas um comentário ou outro. Até o momento em que você me olhou com mais vontade, dizendo-me, com seu olhar, que era chegada a hora. Não falei nada, não perguntei nada. Apenas me levantei da cadeira e, aos poucos, comecei a me despir. Abaixei a alça do vestido deixando à mostra o início dos seios. Você se mexeu no sofá. Sorri. Abaixei-a mais, revelando os seios por completo. Tirei o vestido por baixo e, de uma vez, fiquei apenas de calcinha. Dava para distinguir por debaixo dela, feito sombra, o meu sexo. Vire, você disse. Sem poder vê-lo, senti no dorso todo o perigo do mundo. Eu sabia que você olhava a minha bunda, a parte do meu corpo que você preferia. Você era óbvio ao eleger a bunda, mas ainda assim eu me rejubilava com a sua escolha. Eu continuava de costas quando desci a calcinha. O corpo nu, uma estante de madeira escura à minha frente e a certeza de que você olhava a minha bunda. Vire, você disse novamente. E então cruzamos nossos olhares: você inteiramente vestido, eu inteiramente nua. Eu sentia o seu desejo se espalhando pelo meu corpo no mesmo ritmo em que você meneava os olhos. Nem se quisesse eu conseguiria me mexer, estava paralisada pelo seu olhar.

Foi você quem se levantou e pôs-se também a tirar a roupa. Quando afrouxou o cinto, senti meu sexo esquentar, as mãos cheias de desejo de tocá-lo por dentro da calça. Você tirou a camisa por último, logo após a meia. Seu sexo estava duro, de pé, e eu gostava de olhá-lo assim, como se ele também me olhasse. E gostava de olhar seu tórax definido, quase sem pelos, suas pernas feito de jogador de futebol, seus braços ligeiramente musculosos. Você ainda me olhava, cada vez com mais vontade, e seu olhar me tocava da mesma maneira que seu corpo nu separado do meu. Ficamos distantes um do outro durante algum tempo, até o momento em que nossos sexos quentes já não puderam suportar a solidão, até o momento em que os nossos sexos quentes exigiram a presença de nossas mãos, de nossas bocas e de nossos sexos quentes.

Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós duas (só nós duas) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia. Conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma, mas nós duas (só nós duas) conhecemos a verdade. Eu não nasci assim. Não nasci numa cadeira de rodas, não nasci velha. Nenhum passado veio me assoprar nos ombros. Eu fiquei assim. Fui perdendo a mobilidade depois que você se foi. Depois que conheci a morte e ela me encarou com seus olhos de pedra. Foi a morte (a sua) que me tirou, um a um, os movimentos do corpo. Que me deixou paralisada nessa cama fétida de onde hoje não consigo sair.

[Não quero ser culpada pela sua paralisia. Minha mão continua aqui, estendida, mas não posso colaborar com essa loucura na qual você insiste. Não escolhi partir, e você sabe disso. Agora, cabe a você gerenciar a sua vida, não posso fazer mais do que lhe segurar a mão, do que lhe dirigir a palavra. Entenda: quem partiu fui eu, e a única maneira de permanecer viva é com você. Se você desistir, aí, sim, estarei morta. Se não se mexer, não sairá desse quarto obscuro, eu também continuarei aqui. Levante-se, saia do lugar. Se não pode fazê-lo por você, faça-o por mim. Não lhe peço para viver sem os mortos, mas para viver com eles. Escute-me ao menos uma vez, faça um esforço. Não estou dizendo que seja simples, apenas lhe peço para mudar a posição da câmera, para enxergar de outro ângulo. Você não perdeu nada: nunca perderemos o que já é nosso. Se conseguir entender o sentido dos mortos na vida não ficará mais nem um minuto estendida nessa cama. Não se entregue, pois estará me entregando. Continue a viver, e continuarei vivendo.]

Istambul é uma cidade de portas. Não sei se é porque vim atrás de uma, mas não me lembro de outro lugar que tenha me chamado tanto a atenção por suas portas. Cada uma é minuciosamente trabalhada. Não apenas as portas das mesquitas e dos palácios, mas também as ordinárias, das casas das pessoas, dos pequenos estabelecimentos. Em sua maioria, são de madeira. Quase todas são desenhadas, ornamentadas, e precisam de tempo para ser apreciadas. A cada esquina, deparo-me com uma nova porta que me atrai por motivos diferentes: tamanho da fechadura, complexidade dos desenhos, cor da madeira, peso, cheiro. Às vezes sou surpreendida pelo seu dono, que vem me perguntar se ando à procura de algo: não, explico, estou apenas admirando a porta. Alguns sorriem, outros fecham a cara, outros me contam histórias de suas portas, quantos anos têm, o que representa tal e tal desenho, por que foram feitas de tal maneira, grandes ou pequenas. Às vezes me explicam em inglês, e agradeço, outras em turco, e agradeço da mesma forma. O que me importa é saber que o objeto do meu olhar tem algum significado. E assim vou me preparando para o encontro em Esmirna, familiarizando-me com as portas para não levar um susto inesperado diante daquela que me aguarda.

Existe alguma coisa que a deixe feliz? Sim: andar de bicicleta de madrugada depois de fazer amor. Mas tem de ser aquela bicicleta modelo antigo, o guidão curvo, uma cestinha pendurada. De saia rodada, o vento descobrindo as pernas. Gosto de pedalar em alta velocidade, a rua quase deserta, sem parar nos sinais vermelhos. Pegar avenidas largas, depois ruas estreitas, vielas, me perder por caminhos que não conheço. O sorriso explícito, sem mistério algum. O corpo ainda quente, a calcinha ainda úmida, os braços trêmulos, as pernas bambas.

Encontraram-no deitado no chão, a barriga para baixo, uma poça de vômito seco de um lado e a carta da irmã do outro. Não tinha ido ao trabalho, e seu primo resolvera então mandar o caçula verificar se havia algo de errado. O menino tinha sete anos e levou um susto quando viu o corpo estirado no chão, pensou que estivesse morto. Saiu chorando pela rua, a gritar que tinham matado o primo. O alvoroço foi geral: vieram vizinhos da rua inteira, curiosos, fuxiqueiros, para ver a tragédia. Há pessoas que gostam de ver corpos ensanguentados, esfaqueados, atropelados, para depois virar o rosto e dizer: que horror! Já estavam inventando histórias, que ele devia ter chegado com uma doença do seu país, que tivera um ataque cardíaco, quando o primo — o dono da loja de ferramentas — apareceu e virou o corpo. Com a mão sobre suas narinas, percebeu que ele ainda respirava: não está morto, não, foi só um desmaio. Poucos puderam esconder a decepção estampada no rosto, se era só um desmaio por que tanta balbúrdia? Voltaram quase todos a seus afazeres com exceção do primo e de um vizinho, que lá ficaram para carregar o corpo para a cama, dar-lhe água e tentar reanimá-lo. A princípio, queriam levá-lo ao hospital, mas ele foi recobrando a cor e a lucidez, então acharam melhor deixá-lo lá mesmo. Ele dizia se sentir bem e não queria sair de casa. Deve ter sido coisa à toa, disse o primo: sabe como é, o calor dessa terra é muito forte. Repouse bastante hoje que amanhã já deverá estar bem novamente. Ele fez que sim com a cabeça, pensando que queria ficar a sós, na sua cama morna, embaixo do lençol. Mas ainda teve de esperar o primo jogar conversa fora durante mais de uma hora, e o vizinho também lá, a rir do que contava o primo. Depois se despediram: quero vê-lo amanhã cedo no trabalho, combinado?

No dia seguinte não foi à loja, nem no outro e nem no outro. Passou mais de um mês sem se levantar da cama. Quase não falava, apenas balbuciava sons de desconforto. Não comia mais do que umas torradas com manteiga e um copo de leite com café, estava enfraquecendo, e os parentes diziam que só podia ser descarinho: ele está descarinhado, repetiam, pensando em mandá-lo de volta à Turquia no próximo navio. Mesmo os que moravam no Brasil havia algum tempo ainda misturavam o português com a língua materna. Por isso diziam descarinho, que é a palavra deles para exprimir saudades. Já tinham chamado o médico, que disse estar sadio o paciente: deve ser algum mal da cabeça, porque o corpo funciona perfeitamente. O que não sabiam era que seu coração estava em destroços, esfarelado como um vaso de vidro que tomba no chão. Que para ele só havia noites, que o peito estava moído por um fundo escuro de tristeza e culpa. Tinha perdido o seu amor, a pequena Rosa, e sentia-se igualmente vítima e réu dessa dor. Passou um longo mês na cama, uma verdadeira noite sem fim, pensando nas mãos delicadas da Rosa, nos seus lábios finos, seus cabelos longos, seu jeito acanhado de rapariga pela primeira vez apaixonada. Ela também era a sua primeira paixão, e ele repetia a si mesmo que seria a única, que nunca mais amaria outra mulher como um dia a amara, como ainda a amava. Pensava no corpo suave que não chegara a conhecer, mas também em tudo o que poderia ter feito e não fizera. E, quando pensava que deveria ter ficado em Esmirna, enfrentado o pai da Rosa, os costumes, a tradição, sentia o coração puir-se ainda mais e uma angústia lhe arrebatar o corpo, um incômodo tão grande que ele só conseguia dizer a si mesmo: quero morrer. Chegou a pensar em suicídio, acreditava que só a morte seria capaz de amenizar seu sofrimento. Acreditava também que morrendo não teria mais culpa, que se tivesse o mesmo fim de sua amada seria perdoado. Mas não tinha forças nem mesmo para se levantar. Seu corpo e a cama eram um só, como um dia ele acreditara serem ele e Rosa. As pernas e os braços mal se moviam, nasciam raízes dos seus poros, suas unhas estavam curvas e a pele dando sinais de mofo. Foi só quando o primo apareceu, dizendo que se não se levantasse reuniria os vizinhos para tirá-lo à força, que ele conseguiu, enfim, se erguer. Só então arrancou as crostas que o uniam à cama e se mexeu, depois de mais de um mês esparramado no mesmo lugar, na mesma cama fétida.

[Por que levar tudo para o lado da dor? Por que sempre assim, desde pequena? A história do seu avô não é feita só de perdas. Essa história que você conta também tem outras histórias. Por que não narra, por exemplo, a alegria de desembarcar em terra tão acolhedora como a nossa? Por que não conta que foi a partida que deu a ele tudo o que construiu? Que, ao desembarcar no Brasil, seu avô encontrou uma tranquilidade que não tinha antes? Por que insistir em palavras tão doídas?] Não, eu não posso escrever de outra maneira. Também sei ser alegre, mas não aqui. A alegria também está comigo: nos bares, na praia, com os amigos, em outras viagens. [Mas por que não levá-la para a escrita?] Não, não posso. Se não sangra, a minha escrita não existe. Se não rasga o corpo, tampouco existe. Insisto na dor, pois é ela que me faz escrever. [Mas por que não tenta? Se não pode escrever sem dor, ao menos escreva sem peso, sem culpa. Tire o cimento dos ombros. Seja leve, escreva palavras leves.] Não sei. Vacilo, não tenho certeza se é esse o caminho, mas prometo: tentarei.

Você me ama? Amo. Ama quanto? Ai, lá vem você de novo com essas perguntas! Responde: ama quanto? Amo muito. Mas muito quanto?

Você não pode partir. [Por quê?] Porque não quero, não deixo, porque não é justo. Poderia argumentar que sou muito nova para perdê-la, que você é muito nova para partir. Que não sei como caminhar sem um pouco do seu cheiro a me acompanhar, sem suas palavras doces e ternas a me acalantar. Que ainda não estou preparada para caminhar sozinha, que preciso de um pouco mais de tempo. Que preciso de muito tempo. De todo o tempo. Poderia argumentar que há ainda muitas coisas que não fizemos juntas. Que quando estiver triste não terei colo quente para me receber. Que quando tiver medo não poderei me esconder atrás da sua saia. Que não terei a quem dizer te amo infinitas vezes sem medo algum, sem receio. Porque só o nosso amor não tem medo. Poderia argumentar que há coisas que nunca lhe disse, coisas que quero dizer. Que você também deve ter histórias para me contar. Que quero você ao meu lado para ouvir as aventuras que ainda viverei. Que quero você ao meu lado quando eu publicar o meu primeiro livro. Que quero você ao meu lado quando eu conhecer o meu príncipe encantado e com ele decidir que o amor é eterno. Que quero você ao meu lado quando nascer o meu primeiro filho, e também o segundo e o terceiro. Poderia argumentar isso e mais, porque é infinito o meu desejo de que você fique. Da mesma maneira, sei que há argumentos para a sua partida, que a vida é assim, ela acaba, a morte sempre vem, cedo ou tarde. Mas recuso os argumentos que não venham de mim mesma. E é por isso que grito, esperneio: não parta! Não é justo! E é por isso que berro, enquanto espanco o seu caixão de madeira polida: tirem a minha mãe daí! Lanço as mãos ao ar como os que não têm razão, como os únicos que têm razão, e repito: abram o caixão! Mas estão todos sem jeito e envergonhados: coitadinha dela, era tão próxima da mãe. Eles sentem pena, mas não me ouvem. É um dia quente de sol, como não devem ser os dias em que partem pessoas queridas. Eles descem o caixão e com largas pás cavam a terra. Não há flores, elas não são permitidas. Há pedras. Eles cobrem o caixão com a terra, deixam você lá dentro, sozinha, e eu aqui fora, sozinha. Paro de gritar, mas me recubro da certeza de estar assistindo a uma grande injustiça, talvez a pior de todas. E penso que se você estivesse aqui tudo seria diferente, que se estivesse aqui certamente me ouviria, abriria o caixão e se tiraria de lá, você se levantaria e viria na minha direção, pegaria nos meus braços e me diria que não há por que sofrer. Se você estivesse aqui certamente secaria minhas lágrimas que caem agora, enquanto lhe dirijo a palavra e você não me escuta, você já não pode me escutar.

Estávamos na cama quando o telefone tocou. Do outro lado da linha, uma voz grossa e firme perguntava se eu estava bem e dizia que tinha conseguido o meu número com uma amiga em comum, a dona da festa onde tínhamos nos encontrado havia cerca de uma semana. Como quem não tem o que conversar, mas precisa falar alguma coisa, ele disse: adorei nosso papo, apesar de rápido, e queria conhecê-la melhor. Só respondi com interjeições, mas nem por isso ele se apressou em desligar. Quando começou a falar dos meus olhos, dos meus cabelos, fiquei sem graça, afinal você estava ao meu lado. Como se não o conhecesse, levei um susto quando você, em vez de me pedir para arranjar uma desculpa e me livrar do telefonema, sussurrou baixinho: não desligue, continue falando. Nem tive tempo de esboçar uma resposta, de me opor à sua decisão. Quando me dei conta, você já tinha tirado a minha roupa e, olhando para o meu sexo, era a sua cabeça que eu via. Tentei afastá-la. Você me fixou com um olhar de quem diz para não impedi-lo, um olhar que me afirmava com segurança que eu não me arrependeria. Então me deixei levar. Enquanto ouvia a voz de um estranho, sentia sua língua me umedecendo. Eu tinha o sexo todo depilado, e você passeava livremente por ele, como se agora, que estava descoberto, à mostra, ele escondesse ainda mais segredos. Não foi nada fácil controlar o tom da conversa, prestar atenção ao que ele dizia, para ao menos poder lhe responder: claro, vamos combinar alguma coisa, sim. Você não quer anotar o meu e-mail? Minhas pernas se contorciam enquanto eu falava. Temi que ele desconfiasse de alguma peculiaridade na minha voz e me pus a falar como se estivesse com pressa. Você reparou e me repreendeu. Queria ir até o fim. Então, tive de inventar histórias, inventar assuntos, perguntei-lhe de onde conhecia a nossa amiga em comum, o que fazia da vida, entre outras coisas que não me interessavam absolutamente em nada. Enquanto isso, a sua língua ia ganhando mais intimidade com o meu sexo, e os dois se encaixavam de tal maneira que pareciam duas bocas se beijando, um beijo longo e molhado. Eu tinha a sensação de que os lábios de baixo eram como os lábios de cima, decididos, independentes e, o que era mais inusitado, tinham paladar. Eu sentia o gosto da sua língua, o gosto que tanto conhecia, mas que sentido ali, naquele lugar e naquele momento inesperados, era completamente diferente. Quando, finalmente, resolvi desligar o aparelho, foi porque a minha boca estava entre as minhas pernas, e seria estranho continuar falando, se meus lábios estavam tomados pelos seus.

Quando eu era pequena, minha mãe me narrou uma história que seu pai havia lhe contado quando ela também era pequena. De quando em quando, percebo-me saindo do presente e retornando a essa mesma história, como se de alguma forma ela fosse minha, tamanho o pavor que me desperta. Em Istambul, havia uma família imensa — gerações e gerações — que não saía do lugar. Uma família de preguiçosos, como dizia meu avô, marcada pela imobilidade. Para não terem de se deslocar, moravam todos em casas uma ao lado da outra, ocupando um quarteirão inteiro da cidade. Eram donos de mercearias e alfaiatarias, de forma que nem do quarteirão precisavam se distanciar. Sofriam se, por alguma razão, tivessem de se movimentar além do habitual. Não faziam visitas, a não ser em casos excepcionais. Até que certo dia, em uma das casas da família Tember — era assim que se chamava —, começou um incêndio. O fogo foi se espalhando de casa em casa, até ocupar o quarteirão inteiro. Como de costume, não se mexeram, ficando à espera de ajuda alheia. Mas o fogo era tanto que ninguém quis arriscar a própria vida para salvar a de pessoas tão morosas. E assim, consumidos pela chama, desapareceram todos os membros da família Tember que, devido à paralisia, nunca mais povoariam esta terra.

Na época em que ouvi o relato, fiquei noites sem dormir, pensando em cada uma dessas pessoas, embora nunca tivesse conhecido nenhuma. Não entrava na minha cabeça de menina por que eles não haviam fugido do fogo. Com o tempo, fui deixando essa história de lado, guardada em alguma gaveta da memória. Mas esquecê-la, nunca a esqueci. Ainda hoje, quando me acontece de ficar muito tempo imóvel na cama, inevitavelmente me pergunto se seria capaz de me movimentar, de fugir, caso fosse minha a casa incendiada.

As cartas da irmã foram rareando, o que o entristecia muito. Embora já estivesse acostumado com a nova vida — já eram quase cinco anos de Brasil —, sentia muita falta da família e de algumas coisas que tinha deixado para trás. As cartas eram a única maneira de se sentir mais próximo de lá, cada palavra trazia para ele um pouquinho do cheiro da Turquia, do cheiro de casa. Ele também, quando escrevia, se sentia mais próximo da família e se lembrava dos sábados em que passavam horas em torno da mesa, feito o tempo não existisse. Havia um consenso de que aos sábados não se podia brigar, de forma que, verdadeiro ou não, o clima que reinava na casa era o da harmonia e da ternura. As cartas eram para ele como um sábado, um momento em que se sentia acolhido e seguro. Claro, nem sempre traziam boas novas, como o destino de sua querida Rosa, mas de uns tempos para cá sua irmã contava mais alegrias do que tristezas: o noivo que enfim encontrara, amado por ela e aceito pelo pai; a fartura dentro de casa; o casamento do irmão mais velho; a boa saúde geral, apesar das pequenas queixas da mãe; a paz se instaurando novamente no país. Por isso, quando as cartas deixaram de chegar todas as semanas e começaram a chegar de quinze em quinze dias, e depois uma vez por mês, ele teve receio de que estivessem lhe escondendo alguma coisa, de que houvesse algo que não quisessem lhe contar.

Tentava não pensar nisso e levar a vida normalmente, embora insistisse em saber se havia algum problema. A irmã era sempre contundente: não, meu querido irmão, não há problema algum, mas é que ando sem tempo, tantos os preparativos do casório (ela escrevia isso sabendo que nunca se casaria, as mãos trêmulas pela doença, o corpo mole estirado na cama). Ele acreditava nas palavras que lia, embora desconfiasse que entre elas houvesse algum segredo, um silêncio enorme e perigoso. Por isso, quando recebeu da mão do carteiro um envelope que não trazia o nome da irmã, mas do irmão caçula, entendeu que tinha razão, não estava fantasiando, a verdade era muito diferente da que lia nas cartas. Rasgou o envelope numa pressa afobada, pressentindo que dentro dele não haveria palavras menos dolorosas do que as da morte da Rosa.

Meu querido irmão,

Infelizmente não são boas as notícias que tenho para lhe dar. Sei que há longo tempo você insiste em saber se há algo de estranho aqui em casa, mas, se decidimos não lhe contar nada, foi por opção da nossa irmã. Ela assim o quis, pois não queria lhe trazer preocupações em terra tão distante, e assim o fizemos. Um pouco contra a minha vontade, porque sei que, como eu, você prefere a verdade, mesmo quando ela é dura e triste. Mas, entenda, é difícil recusar um pedido de alguém tão querido quando uma doença arrebatava seu corpo sem piedade, como aconteceu com a nossa irmã.

Se escrevo agora é porque já não há mais o que esconder, já não há mais vontade a ser seguida. Foram sete meses de muita agonia aqui em casa, e, conhecendo o papai como você conhece, deve imaginar que mal podíamos falar sobre o assunto, muito menos mencionar o nome da doença. Mas agora posso falar, devo falar. Tuberculose é o verdadeiro nome, meu irmão. Ela foi acometida pela doença no auge da alegria, quando já tinha decidido com o Samuel a data do casamento. Você tinha que ver, nossa irmã andava serelepe pela casa, rindo à toa, o rosto rejuvenescido, uma felicidade só. Até que um dia acordou com o corpo fraco, uma tosse esquisita arranhando a garganta. Deve ser um resfriado tolo, pensamos. Só que, em vez de melhorar, ela piorava a cada dia, e, quando voltou do médico, percebi que aquela alegria de antes não reapareceria. Acho que nunca vi tanta tristeza numa única pessoa! De um dia para o outro, toda a sua alegria se transformou em dor. O ar fresco e leve que reinava na casa começou a pesar tanto que eu tinha a impressão de que todos nós tínhamos as costas vergadas, de que havíamos adoecido junto com ela.

Nossa casa se tornou a mais triste do bairro, e nela não encontrávamos senão o sofrimento calado de uma família

que sabe que vai perder sua única filha e o sofrimento dessa filha, dessa menina que acreditava ter achado a felicidade. Ela não quis lhe contar nada, meu irmão, porque não queria que você participasse dessa dor, preferia que você continuasse acreditando num mundo que já não existia. O único momento de alegria era quando ela recebia suas cartas com as novidades vindas do Brasil, seu emprego, sua saúde, seus amigos, e por isso queria lhe proporcionar o mesmo sentimento, o mesmo contentamento. Não quero que ele saiba de nada, ela me repetia, pois de nada serviria. Ou você quer que ele deixe seu novo lar para visitar uma irmã que já não tem muito tempo neste mundo de cá? Não sejamos egoístas, ela falava convicta, cada um com a sua sina.

Mas agora, querido irmão, já não tenho por que esconder, pois ela não está mais entre nós para me pedir segredo. Eu sei quanta tristeza esta notícia lhe trará, sobretudo porque era você o irmão mais próximo, seu irmão gêmeo. Sinto a mesma dor, e sei o quanto ela pesa no peito. Principalmente quando penso na sua doçura, na sua leveza, mas também quando penso em tudo o que ela ainda tinha para viver, em tudo o que ainda tínhamos para viver juntos. Não há nada que me entristeça mais do que esse futuro perdido.

Nosso pai e nossa mãe não são mais os mesmos: andam com o olhar perdido, como se já não soubessem o caminho da vida. Nunca vou me esquecer da mamãe em volta do caixão, toda de preto, um lenço cobrindo a cabeça, como no dia em que você partiu, cantando palavras de lamúria a manhã inteira. Quando a olhava desse jeito, tinha a certeza de que a sua dor seria sem fim, que ela jamais seria a mesma. Todos sabemos, mesmo sem viver a experiência, que não existe dor maior do que a de perder um filho.

Poderia estender essa carta em algumas páginas, contar-lhe os detalhes desses longos meses em que apenas esperamos a morte, mas o poupo desse excesso, pois a verdade já está dita, e é isso o que importa. O resto, cabe ao tempo definir. Por enquanto, nada podemos fazer, a não ser rezar pela nossa pequena e pedir para que fique em paz onde estiver. Um abraço terno, Sabi

Quando acordei estava molhada, a sua mão por debaixo da minha saia, a calcinha afastada para o lado. Estávamos rodando a Itália de carro, do norte ao sul. Acordei como quem acorda de um sonho erótico, mas era a sua mão, eram os seus dedos curiosos. O carro em alta velocidade, e você com apenas uma das mãos no volante. Meu corpo lúbrico, não tive como sentir medo. Quando abri os olhos, você mirava atento o horizonte. Então, fechei-os novamente e fingi continuar dormindo. Controlei qualquer vontade de me mexer, afastar mais as pernas ou me afundar no banco. Como se estivesse ausente, não fossem os líquidos falando por mim. Meu corpo, aparentemente imóvel, a mil. Será que você desconfiou que eu estava desperta? Seu dedo cada vez mais ligeiro, pensei que não aguentaria continuar inerte. Era o início do outono, as folhas já alaranjadas. Fiquei imaginando onde estaríamos, se no campo, se na praia, se alguém poderia nos ver da estrada, se poderíamos ser pegos em nosso pequeno delito. Fiquei imaginando a própria situação: nós dois no carro, eu dormindo, você com uma das mãos no volante, a outra em mim. Seu dedo cada vez mais ligeiro, já não pude me conter e movimente o corpo, apenas a tempo do suspiro final.

Cada dia mais murcho, meu corpo já não me pertence. Devastado, é apenas vísceras, tripas que se expõem nos sulcos formados pelos cortes que me arrancaram a pele. O fedor acre de enxofre está cada vez mais forte, e o peso que me assolava o corpo transformou-se numa moleza inerte. Posso sentir o cheiro dos vermes se preparando para o banquete final. Sei que eles se aproximam e já comemoram a grande festa que acontecerá em breve. Em pouco tempo, estarão a me percorrer, fazendo novas perfurações neste corpo já esburacado. Com o grão de energia que ainda me resta, pego a máquina de escrever que me esmaga o ventre e repouso-a no chão. Em seguida, seguro as duas pontas do lençol enroscado ao pé da cama e puxo-o para cima de mim, cobrindo-me inteiramente, fosse um sudário.

Eu não podia dormir. Quando fechava os olhos, sabia como era não enxergar, e não queria sabê-lo. Passei todas as noites lutando contra o sono, inventando maneiras de permanecer com os olhos bem abertos. Ainda que o quarto fosse escuro, havia alguma luminosidade vinda do lado de fora. Às vezes, eu acendia o abajur e passava a madrugada lendo, você nem se dava conta. Eram tantas injeções, tantos medicamentos que, chegada a noite, você apagava. Enquanto isso, eu me esforçava para me manter insone, pois tinha medo de acordar e descobrir que algo tinha mudado. Quando você despertava, meu coração disparava: e então? Como está? Você consegue ver as horas? Fazíamos sempre o mesmo teste. À sua frente, havia um relógio de parede com números grandes. Se você fosse capaz de me dizer as horas, estava tudo bem. Aí, era só aguardar o decorrer de mais um dia. [Eu sabia que a batalha chegava ao fim, que era o momento de repousar as armas. O medo é imenso enquanto lutamos, mas quando sabemos que não há mais por onde ele se esvai, evapora leve no ar. Eu já não tinha medo.] Eu morria de medo, jamais sentira pânico parecido. Era mais grave do que se fosse eu mesma a perder a visão, era você a perdê-la, eu com as mãos abanando, sem nada a fazer. Queria entender exatamente o que você sentia, estar no seu lugar. [No meu lugar? E o que você faria?] Não sei, mas queria saber como era a sua dor e não podia. Era essa a angústia que me inchava o peito. Quando eu fechava os olhos, um pouco do seu sofrimento se pronunciava. Ele me parecia tão enorme, que eu abria os olhos às pressas, era injusto que você fosse obrigada a passar por isso. [Não vou dizer que não sofri, seria mentira. Mas também vivi naquele hospital a alegria mais profunda. Nós duas fechadas no mesmo quarto durante duas semanas, eu nunca tinha sentido amor tão aflorado, tão à superfície. Cada gesto, por menor que fosse, tinha a intensidade de uma declaração. Eu estava desprovida do medo e da angústia, então podia sentir tudo o que você me oferecia: o amor. Existe alegria maior? Você deitada na cama comigo, subvertendo as regras do hospital. Você lendo em voz alta aquele romance epistolar, lembra-se? Nós duas jogando cartas enquanto ainda me era possível. Você me deixando ganhar, como fazem os pais com os filhos pequenos. Você supervisionando o meu soro. Você me contando as suas aventuras. Você controlando se as enfermeiras seguiam à risca as ordens do médico. Você me dando banho de gato, passando pomada na minha vagina, tocando o meu corpo em chagas, meu corpo caruncho repleto de pus, meu corpo cheirando a acidez, cheirando a morte, você o tocando sem asco, como se fosse seu o meu corpo, o nosso.] É verdade, você tem razão. Tampouco eu conhecia a extensão de nosso sentimento. Era como se o esticássemos a cada dia um pouco e, quanto mais o esticávamos, mais entendíamos que ele iria até onde quiséssemos. Ele não tinha fronteiras, não tinha tamanho, era uma presença que se fazia mais forte do que a precariedade da carne. Também não tinha tempo, e foi só mais tarde, quando eu já não temia a sua morte, que compreendi o que na época ainda estava misturado com a dor. Hoje, sei exatamente o que significa esse sentimento entre nós. Hoje, mãe, sou eu que a carrego no ventre.

Eu estava saindo do banheiro quando você me forçou a voltar. De frente para o espelho, eu admirava o reflexo do seu rosto enquanto você afastava as minhas pernas.

Estava andando sob o calor escaldante de Istambul quando me deparei com uma barraca de pepinos. Um senhor descascava habilmente o legume e o vendia por alguns centavos. Pepinos pequenos, médios e grandes. Inteiros, apenas com sal. Não acreditei, era a primeira vez que via algo do gênero. No entanto, nada me era tão familiar. Pepino inteiro com sal, para ser comido como coelhos comem cenoura em desenho animado. Quando era pequena, não almoçava nem jantava se não houvesse um pepino de entrada, inteiro e com sal. No lanche da tarde, pepino. Por favor, eu quero um, disse ao senhor. De qual tamanho? Pequeno, respondi, costumam ser melhores, mais crocantes. Pedi para tirar uma foto ao lado dele, atrás da barraca. Ficou engraçada: o senhor estava sério, compenetrado, o longo bigode seguindo o contorno fechado da boca, e eu, uma boba, faceira com a descoberta. Comecei a pensar que sim, havia um sentido nessa viagem. O passado não era apenas do meu avô, não era apenas daqueles que tinham emigrado. O pepino comprovava.

Depois da morte da irmã, o caçula lhe escreveu ainda algumas cartas, todas manchadas pelo sangue seco de quem se fora. Eram cartas de dor, de lamento. E assim a passagem do carteiro se transformou numa espera indesejada. Até o dia em que o irmão escreveu não para falar da casa em luto, mas de uma decisão que tomara: vou ao Brasil, vou me juntar a você, é chegada a minha hora. A alegria lhe subiu ao peito, encheu seu corpo de um frescor leve, algo como um banho de chuva num dia quente de verão. Receberia Sabi na terra que era já a sua, e assim poderia ajudá-lo a se estabelecer, a crescer aqui como ele havia crescido. Sim, poderia ajudá-lo a ser alguém na vida, e isso o deixava entusiasmado. Enfim uma boa notícia!

No dia previsto, não foi ao trabalho, pediu para o funcionário tomar conta da loja (a essa altura já era dono da sua própria loja de ferramentas). Acordou cedo, tomou um banho, colocou seu melhor perfume, como se fosse ao encontro da mulher amada, e vestiu-se com terno e gravata, pois queria receber o irmão como ele merecia. Mal conseguiu tomar café, tamanha era a ansiedade que lhe remexia o estômago. Saiu de casa apressado, queria estar na Praça Mauá antes das dez, hora em que o navio aportaria. Ficou quase duas horas debaixo do sol escaldante, olhando ansioso para o horizonte, na tentativa de avistar uma embarcação grande como a que o trouxera anos antes.

Estava sonolento num banco da praça, quase dormindo, quando ouviu o apito que esperava: era ele, era seu irmão que chegava. Levantou-se e foi correndo até a beira do píer, queria vê-lo logo, acenar ao irmão para assegurá-lo de sua presença. Enquanto o casco do navio fazia ondulações na água do mar, ele balançava o braço e gritava seu nome: Sabi, Sabi. Com o chapéu de feltro na mão, o irmão respondeu ao aceno. Como estava mudado! Como tinha crescido, meu deus! Era já um homem!

Abraçaram-se durante longo tempo, beijaram os rostos melados, o suor escorrendo pelo corpo todo. Riam, choravam. Mazal tov, repetiam um ao outro, desejando a sorte futura, a sorte na terra nova. Sabi tinha o ar maduro, estava disposto a fazer o necessário para não se arrepender da escolha feita. Ele, seu irmão mais velho, estava orgulhoso, sentia-se um pouco pai do caçula. Sabia que teria muitas obrigações e cuidados em relação a ele, mas isso não o assustava, ao contrário, dava-lhe ânimo, uma felicidade que poucas vezes havia sentido.

Ajudou-o a carregar as malas e o acompanhou à imigração, onde Sabi preencheu todos os papéis e mostrou sua documentação. O irmão já era naturalizado, o que facilitava a aquisição do visto. Ainda assim, demoraram lá dentro, a fila era grande, e as perguntas, intermináveis. Mas, quando saíram da sala — os papéis do caçula nas mãos —, deixaram os aborrecimentos da espera e do calor lá mesmo. Tinham coisas demais a falar um ao outro para perder tempo com ninharias burocráticas. Ele queria saber como estavam pai, mãe e irmão; como tinha sido a viagem; se estava bem e disposto a começar a trabalhar no dia seguinte mesmo. Sabi queria saber como funcionavam as coisas no Rio de Janeiro; onde moraria; se era difícil aprender o português e se podia começar a trabalhar no dia seguinte

mesmo.

Mas que não se afobassem, teriam ainda muito tempo para conversas e aprendizados. Tinham, juntos, um futuro pela frente, um futuro de muita sorte, de acontecimentos inesperados, de amores, de famílias formadas, de trabalho, muito trabalho. Um futuro também de perdas e dores, como todos os futuros. Mas que importância isso tinha naquele momento? Apenas queriam matar as saudades acumuladas, serem irmãos novamente, botar em dia o afeto distante. E planejar o futuro, mesmo que, mais tarde, ele viesse a ser completamente outro.

Não sei se houve um momento específico em que as brigas começaram. Talvez elas tenham sido sempre inerentes a nós dois. Da mesma maneira que não conseguíamos viver sem o corpo um do outro, tampouco conseguíamos vi ver sem brigar. Às vezes nos machucávamos. Quase sempre terminávamos. Quase sempre você terminava, porque eu não sabia o que fazer com o meu corpo sem o seu. Na verdade, você também não, mas fazia parte do seu teatro me mostrar que, ao contrário de mim, você poderia viver bem sozinho, você viveria melhor sozinho. Então, cada vez que percebia que eu estava apegada demais, você dizia: assim não dá, assim não quero, não sei o que fazer com tanta cobrança, precisamos de um tempo, precisamos viver cada um a sua vida. Eu me desesperava, eu berrava: mas a minha vida é a sua, a minha vida é a nossa. E durante horas continuávamos o que para um espectador seria apenas uma encenação, mas para mim era a própria experiência da morte. Até que chegava o momento em que, entre palavras de ódio, surgiam palavras doces. E essas palavras doces acabavam se transformando em beijos doces (desesperados), em toques doces (desesperados), em carinhos doces (desesperados). Então, fazíamos amor (doce, desesperado) como nunca antes. Devorávamo-nos como se tivéssemos acabado de nos conhecer, como se entre nós não houvesse rancores. Os corpos melados sobre a cama, o cheiro de sexo no quarto inteiro. Depois de muito tempo, decidíamos tomar um banho gelado, e era como se fôssemos duas crianças, como se nunca tivéssemos brigado, como se nunca tivéssemos terminado, como se sempre tivéssemos sido um do outro, como se fôssemos para sempre um do outro.

Na entrada, nenhuma das mulheres falava inglês. Estranharam a minha presença no local, o que ficou evidente em seus olhares tortos: não costumavam receber estrangeiras. Ainda assim não precisei de muitos gestos para fazê-las entender que eu queria participar do ambiente delas. Custei a descobrir um banho turco tradicional, frequentado apenas por muçulmanas. No ônibus, aproximei-me de uma moça e, timidamente, perguntei-lhe se poderia me indicar um hammam local. Isso é coisa de turista, as mulheres turcas há muito já não frequentam hammams, ela me respondeu com um largo sorriso, zombando da minha ignorância. Recuei, sem graça, e fui procurar um lugar na traseira do ônibus. Mas, antes de descer, como que arrependida por uma certa indelicadeza, ela me entregou um papel com um nome anotado: Yildiz. Lá, você ainda poderá encontrar o que está procurando, ela me disse.

A senhora da recepção apontou para a minha vestimenta, pedindo para tirá-la. Fiz como as duas meninas ao meu lado, tirei peça por peça, ficando apenas com a calcinha, e as coloquei numa das prateleiras de um pequeno corredor que ligava a entrada e a sala do banho. Em seguida, surgiu uma mulher que arranhava algumas palavras em inglês perguntando se eu queria algum dos serviços que ela oferecia: massagem ou esfoliação. Faz parte da limpeza islâmica esfregar a pele para tirar o que está morto. Aceitei os dois. Ela me pegou pela mão e, juntas, atravessamos a cortina que dava para a sala do banho. Lá dentro, um choque: não tinha nada a ver com o que eu esperava. Claro que eu não imaginava encontrar nenhum padrão cinco-estrelas, afinal, tinha escolhido entrar num banho tradicional, mas também não imaginava que poderia ser tão desleixado e, principalmente, tão sujo. Fios de cabelo espalhados pelo chão, vidros vazios de xampu, embrulhos de sabonete e uma água escura que escorria pelo cômodo. Um calor infernal. Por um átimo, vacilei, quase dei meia-volta: a senhora me desculpe, I'm so sorry, mas tenho que ir, esqueci que tinha um compromisso. Controlei meu ímpeto e disse a mim mesma: se essas mulheres estão aqui, vivas e com uma aparência tão alegre, por que não eu? Se eu quisesse de fato experimentar o mundo delas, teria de deixar o meu na porta.

Como você se chama? Sihem. Como? Sihem. Foi preciso um certo esforço para que eu conseguisse, depois de três ou quatro tentativas, pronunciar corretamente seu nome. Ela sabia que eu estava nervosa, era evidente, o medo rasgava meus olhos. Eu seria capaz de me agachar naquele mesmo instante e me pôr aos prantos, pedindo para me tirarem de lá. Ela também sentia um certo temor, bem menor do que o meu, é verdade, e por isso quase podia escondê-lo. Vínhamos de dois mundos distintos, e a nossa falta de jeito — de uma com a outra — nos lembrava a cada instante que eu era estrangeira. Mas aos poucos fomos nos aproximando, rompendo a distância, e assim comecei a me sentir mais confortável, disposta a participar passo a passo do ritual.

Elas deveriam ser em torno de dez ou doze. Todas — sem exceção — me devoraram com o olhar. Riram entre si, cochicharam palavras que eu não podia entender. Não saberia definir se estavam contentes ou insatisfeitas com a minha presença. Mesmo sem querer, a verdade é que eu era uma intrusa. Sihem ainda me segurava a mão. Atravessamos o primeiro cômodo, onde o calor era mais ameno, e fomos ao segundo, onde se faz a esfoliação. Ela me deu um tapetinho de plástico para não ter contato direto com o chão. Sentei no tapete (não sem certo nojo) e abracei as pernas contra o peito. Enquanto eu aguardava, Sihem enchia um balde d'água, misturando a quente com a fria. De repente, sem que eu esperasse, ela jogou a água de uma só vez sobre mim. Perdi o ar com o líquido entrando nas minhas narinas e comecei a tossir. Ela nem se incomodou e continuou seu trabalho sem reticência. Com um sabonete em pasta, esfregou meu corpo: do rosto aos pés. Nesse momento, comecei a relaxar um pouco e até achei agradável a sensação provocada pelo sabão, que deixava a pele escorregadia. Em seguida, tomei outro banho de balde, mas dessa vez preendi a respiração, para não me atrapalhar novamente.

O que Sihem fazia comigo as outras faziam entre si: uma jogava água na outra, esfregava o corpo da outra, esfoliava a pele da outra. Apenas uma senhora, encostada à parede esquerda, tomava seu banho sozinha. Era

rechonchuda, a barriga se desfazendo em dobras. Fiquei me perguntando se era por isso que ninguém a ajudava. Talvez. Mas talvez não. Será que era infeliz? Ou simplesmente gostava de estar sozinha? Para cada uma das mulheres que estavam ali, ao meu redor, pus-me a imaginar uma história: inventei maridos, traições, filhos, viagens, trabalhos, solidão; inventei tristezas e alegrias; invejei-as e me senti aliviada por não ser nenhuma delas.

Entre tantas mulheres, uma me prendeu a atenção. Morena, os cabelos compridos, a boca carnuda, mais jovem do que a maioria das mulheres presentes, ela se ensaboava como se acariciasse o próprio corpo. Não falava nada, mas interagiu com quem fosse preciso. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Corpo perfeito, como que esculpido. Os seios mais lindos que jamais vi, que jamais quis tocar. Mamilos pequenos e redondos. Corpo sensual em sua falta de vontade de ser sensual. Tentei disfarçar, mas ela percebeu. Tive medo de invadir seu espaço, de impor um olhar não desejado. Ela deixou claro que não, eu não impunha nada. Ao contrário, ela também me olhava, me examinava com o mesmo despudor. Em meio a corpos alheios à sexualidade, corpos que apenas se entregavam à limpeza, estabelecemos nosso laço.

Sihem balançou meus pés: lay down, que eu deitasse de barriga para cima, o que fiz sem vacilar. Ela se pôs a me esfregar com uma luva, arrancando minha pele. Pensei que fosse sangrar, tamanha a força com que me esfoliava. Com olhos de espanto e a mão agitada, pedi que fosse mais gentil. Ela riu, feito para dizer que eu não entendia nada. Ignorou meu pedido e continuou seu trabalho. Que eu não trouxesse meus costumes para lá: se a escolha era minha, que me deixasse levar. Ela não falou nada, mas também não precisava, simplesmente me conduzia a seu bel-prazer, pouco se importando se as minhas vontades eram diferentes. Então, decidi terminar o embate. Se continuasse a tentar me impor não chegaria a lugar algum. Perderia sempre. Que eu relaxasse de vez e aproveitasse a experiência. Até porque, depois de alguns esfregões, acabei me acostumando e já não sentia dor. Na perna, até era gostoso, fazia uma cosquinha agradável.

Quando terminou de me esfoliar, Sihem me fez levantar e olhar para o chão: espalhados, vários pedaços de pele, feito tiras de barbante. Está vendo quanto espagete? Ri: espagete? Até lembrava um pouco, mas era uma associação bastante estranha, imaginar que saíam espaguetes do corpo! Ela fez questão de mostrar que eu tinha muito mais pele morta do que as outras, como quem diz: está vendo como somos limpas?, o que me pareceu levemente irônico; afinal, quando chegara ali, tudo havia se revelado uma imundice sem tamanho, e, de repente, sou eu a acusada de falta de limpeza. Sou chamada de suja porque tenho mais “espaguetes” do que as outras!

Com o olhar ainda capturado pela beleza da menina que acabara de descobrir, fiquei imaginando como deveria ser tocar a sua pele viva, porque é verdade que depois da esfoliação ficamos com o corpo mais deslizante, macio. Nossa cumplicidade era explícita: ela ria da minha falta de jeito, do meu estranhamento diante de experiência tão nova; eu ria em resposta, contente por tê-la ali, no mesmo ambiente, como testemunha do meu primeiro banho turco. Ria da sua beleza, encantada com a sua ternura, quase a dar gargalhadas: nunca antes vira mulher tão bela.

De pé, tomei meu terceiro banho de balde. Já me sentia à vontade para esfregar meu próprio corpo diante de todas. Perguntei a Sihem se poderia, eu mesma, virar o balde sobre a cabeça. Ela o encheu novamente e me entregou faceira, satisfeita consigo própria, certa de que era uma conquista sua, eu estar curtindo o ritual. Vi que as outras mulheres me olhavam e, então, algumas começaram a me dar dicas, explicando-me com gestos como deveria fazer. Imitei-as com esmero. De repente, uma delas veio até mim, me entregou sua luva e pediu que esfregasse suas costas. Tremi: não tinha a menor ideia de como fazer aquilo. Tinha medo, só. Ela ficou esperando que eu a esfoliasse, como Sihem havia acabado de fazer comigo. Cansada de aguardar, virou o corpo, pegou a luva da minha mão e, fazendo gestos no ar, me explicou a tarefa. Nada complicado, bastava entrar no jogo. A luva era áspera e tinha de ser esfregada com força para fazer algum efeito. Tinha a sensação de a estar machucando, mas era evidente que não. Ela estava acostumada, provavelmente deveria frequentar o hammam uma vez por semana, como de costume na religião. Já estava começando a me cansar, quando ela me pediu a luva de volta, abrindo um sorriso de aprovação.

No outro cômodo, o calor era mais suportável. Foi lá que recebi a massagem. Deitada de bruços, sentia a mão de Sihem me relaxando os músculos. Eu estava tensa, como de hábito. A lombar dolorida, o pescoço e os ombros duros, pedras incrustadas no corpo. Você carrega o mundo nas costas?, ela me perguntou. Disse-lhe que sempre me perguntavam isso, mas não, não é o mundo: carrego meu passado, carrego uma história que é e não é minha, e por isso estou aqui, na Turquia. Conte-lhe que meu avô tinha emigrado de Esmirna. Que eu estava lá em busca do meu passado e da casa da minha família. Ela me escutou com atenção e foi como se, naquele momento, nos tornássemos iguais pela primeira vez. Então você é turca? Não exatamente. Você fala turco? Não. Nem um pouco? Não, nadinha

mesmo. Ainda assim você é turca, tem cara de turca, eu já tinha reparado em seus traços. Crec, crec, alguns ossos estalados e uma respiração de alívio. Sua mão era um pouco pesada para meu corpo pequeno, me causando certo incômodo, mas eu não reclamaria de forma alguma, muito menos agora que o elo entre nós havia sido legitimado. Depois de eu ter contado os motivos de estar na Turquia, ela intensificou ainda mais a massagem, feito para fazer a sua parte na tentativa de me desvencilhar do passado. Sentia que ela não estava apenas distendendo meus músculos, mas também lutando contra tudo o que eu acabara de contar.

Estava deitada de bruços quando a menina se foi. Nem sequer pude dizer adeus, olhar em seus olhos uma última vez. Quando Sihem terminou a massagem, ela não estava mais lá. Procurei-a, tensa. Não, ela não poderia ter desaparecido assim. Como poderei prosseguir a viagem sem ela? Sem os seus seios que jamais toquei? Sem a sua boca que jamais beijei? Não, ela não poderia ter ido sem me dizer adeus.

Acho que Sihem ficou comigo mais do que o de costume: quase uma hora, imagino. Eu estava exaurida da viagem, de tantas novidades. Exausta só de pensar em tudo o que viria pela frente. Será que encontraria a casa dos meus antepassados? Que a chave ainda seria a mesma? Eu tentava acreditar nessa história que tinha inventado para mim mesma, nessa história que ainda invento e que é a única capaz de me dar alguma resposta. Nessa história que pode ser a mais descabida, mas também a mais real. Não sei até que ponto são verdadeiras as histórias do meu avô, até que ponto é verdadeiro o que vivo agora. Nem mesmo sei se é verdadeira a minha viagem. Parece que quanto mais me aproximo dos fatos mais me afasto da verdade.

Hoje me masturbei pensando em você com outra. Será que estou ficando louca, meu deus?

Já não estávamos no hospital, mas num hotel típico de uma cidade média dos Estados Unidos, onde tudo parece igual. Pensei que você ainda estivesse dormindo e, para não acordá-la, apenas espirei por detrás da cortina. Do lado de fora, a cidade reluzia. Você ouviu meus passos pelo quarto e perguntou se eu estava de pé. Estou, já são quase nove horas, eu disse, olhando o relógio em cima da mesa de cabeceira. Você tinha os olhos fechados. Vou abrir a cortina, afirmei, está um dia lindo. Você não disse nada, e pensei que era eu quem não deveria ter dito. Vi você abrindo os olhos, e depois fechando, e depois abrindo de novo, e fechando de novo. Então me dei conta de que talvez não fizesse diferença, e percebi que seus olhos abertos não se fixavam em lugar algum, eram como duas bolinhas de gude perdidas, como um instrumento que você não sabia utilizar. Vi, e não disse nada. Fiquei observando e pensando que enquanto eu a olhava você não me olhava. Que nunca mais nos olharíamos nos olhos. Como num filme acelerado, comecei a imaginar tudo o que você não veria mais, nunca mais. O sol lá fora, as cidades do mundo, as pessoas caminhando, as pessoas esbarrando umas nas outras, apressadas ou a passeio, os cachorros, os pássaros, você nunca mais veria o Rio de Janeiro, Ipanema, Copacabana, a praia, o pôr do sol, a lua nascendo por detrás do mar, as árvores, você nunca mais veria filmes, nunca mais leria um livro. E, quando o meu cabelo crescesse ou quando eu o cortasse, ou quando comprasse uma roupa nova, ou quando engordasse, ou quando engravidasse, ou quando envelhecesse, você não veria, você não veria nada. Nunca mais.

Mãe?, eu disse num rompante, quase gritando, feito pedisse socorro. Eu disse: mãe?, quase chorando, quase desabando, como se precisasse da palavra para não desmoronar. Fale, você respondeu sem nenhum ânimo na voz. Acho que vou comprar algo para comer, um sanduíche ou um iogurte. O que você quer? Tanto faz, você respondeu, não tenho fome. Está bem, de repente compro uma fruta então, uma banana ou uma maçã, eu disse enquanto me vestia, os olhos cheios d'água. Só queria sair do quarto para poder chorar sem você me ouvir. E foi o que fiz, ainda no corredor do hotel, até o momento em que voltei trazendo dois sanduíches e uma banana. Não tocamos na comida, nem eu nem você. Quando cheguei, você ainda estava deitada na cama, na mesma posição, abrindo e fechando os olhos. Deixei o saco de papel em cima da mesa onde ficava a televisão e fui me deitar ao seu lado.

Mãe?, eu disse, dessa vez com a voz firme, como se o choro tivesse me levado o medo. Filha?, você disse, com os olhos completamente abertos, sem piscar. Você não enxerga mais nada, não é? Você não respondeu, simplesmente fechou os olhos, e era a sua boca que chorava, os seus lábios virados para baixo. Então a abracei com força, muita força, enquanto lhe dizia: vai ficar tudo bem, você vai ver. Enumerei todas as coisas que você poderia fazer mesmo sem enxergar: você ainda tinha muita música para ouvir, eu leria histórias para você, leria jornais, romances, poesias, poderíamos conversar muito, comer coisas gostosas, beber bons vinhos, você poderia me ditar tudo o que quisesse escrever, poderia imaginar todos os filmes que não veria, pois na sua cabecinha ainda poderia ver muito e muito, ver tudo o que quisesse. Assim, abraçadas, você em silêncio e eu enumerando tudo o que você poderia fazer, inventamos pela última vez o nosso mundo, criamos pela última vez o mundo onde viveríamos. Só que ainda não sabíamos que

em duas semanas nos tirariam tudo, que em duas semanas você não poderia nem ver nem imaginar, nem ouvir música, nem experimentar bons vinhos, nem me abraçar, nem ouvir as tantas e tantas histórias que eu gostaria de lhe contar.

Tenho dois nomes anotados num papel: Raphael e Salomon. O sobrenome é como o meu, igualzinho. São eles que tenho de procurar quando chegar a Esmirna. Segundo meu avô, não deverá ser difícil encontrá-los, pois a comunidade hoje em dia é pequena e não faz muitos anos que ele teve notícias dos dois vindas de primos que moram na França. Sim, pode ser que os caminhos estejam livres e eu os encontre facilmente, mas e depois? O que devo fazer depois de encontrar seus nomes? Tenho receio de não ter o que falar, de não ter assunto algum para conversar com essas pessoas a respeito de quem não tenho a mais vaga ideia. Sei que de alguma maneira, em algum ponto qualquer, os nossos caminhos se cruzam na mesma árvore genealógica. Mas o que eles fazem? O que pensam? De que maneira vivem? Será que teremos afinidades, que teremos assuntos entre nós? Ou será que eles me serão tão estranhos como todos os que vejo caminhando nas ruas de Istambul, como as pessoas com quem esbarro ao acaso e que provavelmente nunca reencontrarei? Tenho receio, mas ao mesmo tempo estou ansiosa para saber o desfecho dessa viagem, dessa história que conto a mim mesma.

Quando você aproximou docemente os lábios dos meus ouvidos, sabia que me faria um pedido: amanhã, quero que você passe o dia na rua e só volte no início da noite. Quero que vista uma minissaia e não coloque calcinha. Assim mesmo: quero você toda nua por debaixo da saia.

Essa viagem é uma mentira: nunca saí da minha cama fétida. Meu corpo apodrece a cada dia, as pústulas corroem minha própria carne e em pouco tempo serei apenas osso. Tenho as pernas em chagas purulentas, a carne viva. Como poderia fazer essa viagem? Não tenho articulações, tenho os ossos colados uns aos outros. Sair do lugar é-me impossível. Só poderia sair da cama se carregada por alguém, mas quem iria levar nos braços corpo tão repugnante? E para quê? Tenho em mim o silêncio e a solidão de uma família inteira, de gerações e gerações. Como se toda a alegria que cada um viveu fosse se desprendendo leve no ar e ficasse apenas a tristeza. E como se essa tristeza fosse se acumulando, se acumulando até chegar a mim. Eu sou o resultado das dores de toda uma família. Quando nasci, meus pais me olharam e desde então souberam que eu era a tristeza e a solidão. Que depois de mim não haveria nada, porque depois da tristeza e da solidão não há nada. Desde pequena, quando alguém me olha, vejo o medo lhe tomar o rosto. Porque desde que vim ao mundo sou velha e carrego a morte estampada nos olhos. E quem me conhece, conhece também a tristeza e a solidão. E conhece o medo.

Nunca saí do lugar, nunca viajei, não conheço senão a escuridão do meu quarto. A chave que meu avô me deu descansa ainda ao meu lado, estirada na cama como parte do meu corpo podre. Estamos, as duas, com uma cor de bronze gasto, empoeiradas. Somos feitas uma: tão enferrujadas que, nas mãos de alguém, seríamos apenas pó, carne e metal despedaçados.

[Você nunca pensa em coisas boas? Não tem sonhos?] Tenho, claro que tenho. Sonho que um dia um príncipe chegará montado num cavalo branco para me buscar. Não precisarei fazer esforço algum, ele saberá que sou a mulher por quem procura. Bastará nos olharmos para saber que fomos feitos um para o outro. Ele me pegará pela mão e me levará, a cavalo, para um lugar lindo, onde haverá uma grande festa, onde reencontrarei todos os que já partiram deste mundo e todos os que nele ainda estão. Lá, viveremos felizes, numa terra que não conhece a morte, não conhece o tempo, não conhece a dor. [Então você sonha?] Sonho, claro. Tenho ainda outro sonho, que nunca contei a ninguém. [E o que é?] Meu sonho, mãe, é escrever. [Escrever?] É, tenho esse sonho impossível: escrever escrever escrever.

Havia jurado nunca mais amar uma mulher e, apesar da vontade de desfazer a jura, foi o que acabou acontecendo. Quando viu Hilda no baile do clube, teve a certeza de que era com ela que construiria um lar. Junto com essa certeza, veio também a certeza de que cultivaria por ela carinho e admiração, mas nunca o amor de um homem e uma mulher. Era desajeitado, não sabia dançar, pisava nos pés de Hilda e ignorava que a música tinha um ritmo a ser seguido. O convite (vamos nos sentar um pouco?) era apenas uma maneira de se esquivar de outra atrapalhão. Hilda não era especialmente bonita — baixinha, as costas meio curvas, o nariz comprido, os dedos tortos —, mas tinha lá a sua graça, o charme de uma mulher sorridente, de bem com a vida. E foi isso que o encantou, queria alguém alegre ao seu lado, alguém que não tivesse vivido dores como as dele. Perguntou-lhe quantos anos tinha, se frequentava sempre o clube e se poderiam se ver na semana seguinte.

Na segunda vez que se viram, não dançaram uma música sequer, apenas conversaram. Ele lhe perguntou sobre a família, de onde vinha, a profissão do pai e onde moravam. Na terceira vez (novamente no clube), perguntou se era solteira. Na quarta (na Praça do Lido), se gostaria de se casar com ele. Na quinta (no Largo do Machado), se poderia falar com o futuro sogro, pedir a mão da filha. Na sexta (na casa dela), Hilda ficou de longe, observando o quase noivo trocar ideias com o pai. Na sétima, na oitava, na nona, na décima e na décima primeira, conversaram sobre o casório e sobre o futuro. Na décima segunda vez que se viram, ela bebeu do vinho que o rabino lhe entregou, e ele quebrou a taça, o barulho dos cacos no chão confirmando que estariam ligados para a vida toda, até que a morte dela os separasse.

E assim foi: ele e Hilda formaram um casal como muitos outros. Os negócios dele começaram a crescer, os lucros ficaram cada vez mais satisfatórios, e ele então decidiu aumentar a loja. Continuou na SAARA, onde estava desde o princípio, mas se mudou para um estabelecimento maior. Ela, em casa, dava início à primeira gestação: que fosse um varão, para continuar o empreendimento do pai. Ele contratou novos funcionários para atender à demanda da loja. Ela sentia enjoos — e sentia falta de alguém em casa. Ele virava noites na loja, tinha grandes ambições, queria crescer e crescer. Ela sentia a barriga crescendo em velocidade assustadora. Ele quase não a via, chegava a casa com cadernos de contas, a cabeça em outro lugar. Ela se emocionou na primeira vez que sentiu os pezinhos do filho lhe chutarem o ventre. Ele estava eufórico com o lucro da loja. Ela deu à luz num dia quente do mês de março. Ele estava lá, o coração palpitando, quando o médico saiu da sala para anunciar a boa-nova: era um menino, seu reino estava garantido.

Quando veio o segundo filho (uma menina), a loja já tinha uma filial em Copacabana, e a família se mudara para uma casa no Leblon — o que, na época, era um desatino: no Leblon? Mas é tão longe, tão deserto... A menina veio em boa hora, pois a mãe começava a sentir o corpo doer: falta de companhia. A filha seria uma verdadeira cúmplice, ao seu lado enquanto ela engomava os colarinhos, preparava a janta, desempoeirava a casa. O filho, por sua vez, já era um pequeno rei, exigindo a todo instante a atenção e os mimos da mãe.

Estavam bem de vida quando Hilda engravidou pela terceira vez: outra menina. Ele ficou um pouco decepcionado com a notícia, enquanto ela aprovou o que o destino lhe reservara: uma nova aliada na casa. Nessa época, a loja tinha mais três filiais espalhadas pela cidade, e não vendia apenas ferramentas, mas qualquer tipo de material de construção. O sucesso dos negócios garantia à família um carro importado, motorista, duas empregadas, colégio bilíngue para os filhos, aulas particulares de piano e de francês, entre tantas outras regalias. A menina que chegava veio aterrissar no seio de uma família que de tão bem-sucedida quase não se lembrava do passado. Imigração, Turquia, guerra e dificuldade eram palavras banidas do vocabulário da casa. Que ninguém falasse do sofrimento nem das arduidades que ele tinha vivido antes do casamento. Afinal, o importante era que agora estavam bem, com saúde,

trabalho e harmonia. O resto era passado, e o passado deve ser silenciado, adormecido entre os fios da memória.

Ninguém se espantou quando Hilda ficou grávida pela quarta vez. Uma família em fartura devia proliferar sem pudor. O segundo menino veio ao mundo no último dia de um inverno atipicamente rigoroso no Rio de Janeiro. Mas chegou fraco, fraquinho, com os pulmões apenas esboçados, e assim não resistiu ao terceiro dia de existência. Não chegou a conhecer a casa e pouco conheceu o colo da mãe. O pai gritava pelos corredores, falava com os próprios botões, Mazal bajo, só pode ser castigo de deus. Sentia-se profundamente culpado, ainda que não tivesse culpa alguma. Deveria ser uma maldição divina por algum pecado seu. Mas justo o menino, repetia, sem medo ou vergonha de que as filhas o ouvissem.

Quatro anos se passaram em que reinaram o silêncio e o lamento. O fantasma do menino rondava todos os aposentos e, assim como o passado, seu nome era interditado. Se alguém lembrasse o ocorrido, mesmo que com uma breve menção, era o suficiente para provocar a fúria paterna, que se exaltava contra aquele que quebrara o silêncio. Como se falar fosse um desrespeito à dor. Até que, num outro dia de inverno, Hilda revelou que estava novamente grávida, teriam mais um menino, era certo.

Desconfiado de um segundo castigo divino, ele se controlou para não bradar contra os céus quando entrou no quarto do hospital e viu uma menina nos braços da esposa. Depois de um menino morto, uma menina. Ela estava ali, frágil, tentando sugar um pouco de leite da mãe, e nem imaginava o quanto teria de ser forte na vida. Era como se seu corpo guardasse um segredo que só seria desvelado anos mais tarde, quando comesçassem a aparecer os primeiros sinais da dor. Mas, mesmo depois de grande, já adulta, quando fosse enfrentar a ditadura e, mais tarde, o câncer, jamais perderia essa fragilidade que se podia perceber no seu corpinho de bebê.

O pai acreditava não amá-la, pois via nela a lembrança do filho morto. Foi só quando sentiu o medo de perdê-la (ela já na prisão), que ele então entendeu que seu amor era antigo e que os laços que os uniam tinham sido atados no hospital, no mesmo dia em que ele insinuou maldizer o destino por ter lhe trazido mais uma menina.

Quando você aproximou docemente os lábios dos meus ouvidos, sabia que me faria um pedido: pense numa mulher. Fechei os olhos e busquei na memória algum corpo feminino que me excitasse. Pensou?, você me perguntou com os dedos desbravando meu sexo. Calma, respondi, sendo imediatamente surpreendida pelo seu rosto entre as minhas pernas. De olhos fechados, pensava nos seios mais lindos que jamais vi, que jamais quis tocar. Mamilos pequenos e redondos. Você, seguro de que eu pensava numa mulher, talvez pensasse nela também. Na mesma ou em outra. E assim fizemos amor durante horas, incansáveis, por todos os cantos da casa, melando o corpo um do outro, o mesmo corpo. Em seguida, nos deitamos na cama e você se pôs a perguntar em quem eu tinha pensado, se ela existia, como ela era. Loura? Morena? Se eu já tinha feito amor com alguma mulher, se tinha tesão por mulher. Então recomeçamos tudo, você excitado com as minhas respostas, eu excitada em lhe contar as minhas histórias, inventar histórias.

Foi a primeira vez que rezei. Nem sabia o que fazer, como fazer, mas rezei: pedi a deus que, se ele existisse, o telefone não tocasse. Rezei baixinho, sussurrando para dentro, com as mãos coladas uma à outra e depois ao peito. Pedi que o telefone não tocasse nunca nunca, que eu não tivesse de dizer alô, ouvir a pessoa do outro lado dizendo que aconteceu. Pedi: não toque não toque não toque. Pedi: por favor, se o senhor existe, não a tire de perto de mim. Por favor, faça com que o telefone não toque nunca nunca. Mas tocou: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze vezes, eu contei, dizendo a mim mesma: não está tocando, eu não estou ouvindo, não está tocando. Depois parou, e por alguns segundos acreditei que não tivesse tocado. Até o momento em que ouvi uma voz vinda do interior do apartamento, um berro, um grito de desespero, e pensei: ele não existe, deus não existe. Era o telefone, sim, ele tinha tocado, já não havia volta. Eu não dissera alô, não ouvira a voz do outro lado, mas tudo tinha acontecido. Meu corpo esmorecia, meu tronco vergava sobre minhas pernas, senti que perderia os sentidos e então, como se me segurasse ao último pedaço de corda, berrei também, fazendo eco à voz que vinha do outro cômodo. Gritei uma lamúria, um uivo trôpego, uma voz em ruína.

Já não podia fazer nada, nem mesmo rezar.

Estou indo rumo ao centro quando os cabelos pretos e compridos de uma mulher do outro lado da rua me chamam a atenção. Será ela? Sua beleza não sai de meus pensamentos, estou obcecada por sua imagem. Sim, é ela, pensei, a mulher do hammam. Hipnotizada, atravesso a rua sem olhar para os lados, apressando-me para não perdê-la de vista. De manhã, são tantas as pessoas na rua que não seria difícil isso acontecer. Esbarro na gente que anda, tropeço, aflito em seguir seus passos. Quando ela sai da multidão e vira à esquerda numa calçada larga, penso, com alívio, que não me escapará. Ela veste uma saia comprida e uma camiseta sem manga. Embaixo do braço, uma pasta não muito grande nem muito pequena. Já não estamos distantes.

Ao atravessar a porta que separa um grande muro do resto da cidade, percebo que acabamos de entrar no Grand Bazaar, uma espécie de bairro, com ruas e esquinas. Mas um bairro onde só há lojas, enfileiradas uma após a outra. Não é preciso muito tempo para que os comerciantes comecem a me chamar para seus negócios. Espanhola? Italiana? Portuguesa? Ou então os mais engraçadinhos: chinesa? japonesa? Ela caminha com pressa, alheia ao que está em volta. Aperto o passo e me posiciono à sua frente, na diagonal. Quando olho para trás, na certeza de rever o olhar do outro dia, não posso esconder a decepção estampada no rosto. Ela me encara, olha com firmeza nos meus olhos, como quem diz: está olhando o quê? Não me intimido, apenas respondo com um olhar frustrado.

Fico perdida no meio do bazar, como um cão sem dono. Escuto as vozes dos comerciantes vindas de todos os lados. Querem atrair os possíveis compradores. Eles permanecem, todos, do lado de fora da loja, tentando chamar a atenção de quem passa. Quando alguém se interessa, eles entram para mostrar os produtos, dispostos a desvelar os segredos e as qualidades de cada objeto.

Uma loja me chama a atenção pelas cores, a iluminação. Só há candeeiros, de todos os tipos, todos os formatos. Alguns para a mesa, outros para pendurar, outros para descansar no chão. São lindos, feitos como uma espécie de mosaico em vidro, alternando as cores, vermelho, azul, verde, laranja, amarelo. São pequenos hexágonos em vidro unidos por uma espécie de gesso. Ao contrário das outras lojas, essa tem velas acesas em quase todos os candeeiros, dando um efeito especial, que atrai os possíveis compradores. Fico admirando o conjunto na entrada, e um senhor aparece para me dar bom-dia. Ele me diz que há diferentes tipos no interior e me convida a entrar. Aceito. A loja é pequena, mas uma graça. Os objetos estão muito bem dispostos e fico realmente encantada com o que vejo. O senhor me observa, mas não fala nada. É difícil escolher, são todos lindos e ao mesmo tempo parecidos. Escolho um quase aleatoriamente e pergunto o preço. É um candeeiro de pendurar no teto, parece uma luminária antiga, me faz pensar nos palácios que visitei. Trinta euros, ele me responde. Sorrio, penso, digo: não tenho euros, sou brasileira. Já haviam me alertado de que não se compra nada sem barganhar, o preço que eles dão nunca é real. Trinta e cinco libras turcas, ele diz. Insisto: é caro. Trinta, ele diz. Vinte, eu digo. Vinte e cinco, não posso fazer por menos. Está bem, concordo, vinte e cinco.

Saio da loja com o embrulho dentro de um saco plástico e continuo o passeio casual pelo bazar. As mais bonitas são as lojas de especiarias com sacos enormes repletos de pimenta, açafrão, páprica, ervas, frutas secas, azeitonas, pistaches e uma variedade enorme de doces turcos. Faço como muitos, experimento um pouco de cada coisa e, no final, levo um pacote de uma espécie de jujuba de pétalas de rosa para me acompanhar no passeio.

Continuo caminhando, fascinada também com as lojas de prata e ouro. Algumas parecem ser muito caras, muito chiques. Outras parecem vender apenas bijuteria, embora me garantam ser tudo legítimo. Há muitas joias que se repetem, o mesmo desenho: com pedras vermelhas, azuis ou verdes, e fios de prata bordada caindo dos brincos ou dos colares. Há um anel que se chama anel do harém: são quatro tiras finas de prata ou ouro com pequenas pedrinhas coloridas formando uma peça relativamente grande. Pergunto por que tem esse nome, e me respondem que dá sorte no

amor, ajuda a arrumar marido. Sorrio. Passo por muitas e muitas lojas. O difícil é sair delas, pois os vendedores insistem, argumentam, barateiam, e não se conformam se não levo nada.

Mas de repente, numa dessas lojas, um anel grande e comprido, oval, feito com prata escura, imitando coisas antigas, e uma pedra verde no centro, me chama a atenção. Pergunto se a prata e a pedra são legítimas, e o vendedor me assegura que sim. Só tenho a palavra dele e decido confiar nela. O anel está ligeiramente folgado, mas o rapaz diz que pode ajustá-lo. Pergunto para quando, e ele responde que para o mesmo dia, no fim da tarde. Quando vai medir meu dedo, vê na outra mão o anel que levo comigo. É bonito, ele diz. Onde comprou? Era da minha mãe e, se não me engano, ela o comprou no Egito. Você está vendo esses buraquinhos todos? Pois então, em cada um havia uma pedra verde. Se quiser, posso colocar novas pedras, ele me oferece. Hesito, tenho medo de não ficar bonito. Não sei, quando o ganhei, ele já era assim, afirmo. E na verdade gosto das coisas que se foram, que não estão mais aqui. Gosto das ruínas, dos segredos do passado. Não gosto das coisas restauradas, como se tivessem sido construídas ontem, mas das marcas, dos vestígios. Depois acrescento: minha mãe comprou esse anel há mais de trinta anos. Será que o meu também vai durar tanto? Eu gostaria de dá-lo à filha que um dia terei. Ele me diz que sim, garante que durará muito tempo. Só não sei quanto à pedra, ele brinca, isso não posso garantir. E rimos os dois.

Quando você aproximou docemente os lábios dos meus ouvidos, sabia que me faria um pedido, por isso me afastei, estava cansada dos seus pedidos. Você disfarçou, fingiu que não tinha percebido meu gesto e tentou se aproximar novamente. Eu disse não, não quero, estou cansada dos seus pedidos. Você me apertou os pulsos, segurando-os com uma única mão. Assustada, gritei: solte-me! Você não me soltou. Com a ponta fina de um lápis que encontrou largado ao seu lado me rasgou a pele do braço. Um filete de sangue escorreu, manchando o sofá onde eu estava sentada. Berrei feito louca. Que você era um psicopata, doente mental, que batia em mulher, que eu ia à delegacia, que o odiava, tinha nojo, azia. Que você era um crápula, um animal, não era gente. Quando você me soltou, empurrei seu corpo com toda a força que encontrei e, com o indicador quase a esfregar seu rosto, disse sem pestanejar: da próxima vez arranco seus olhos. Os dois.

O rosto azul pálido de um defunto, as narinas tampadas com duas bolinhas de algodão, o sorriso derradeiro da morte são coisas que só posso imaginar. Nunca vi um morto, não cheguei a vê-la morta. Vi-a moribunda, a garganta seca a pedir água, a enfermeira a me dizer que eu não poderia lhe dar água, você a me pedir água: tenho sede. E eu, tonta, com medo de lhe dar água e lhe fazer mal, com medo de não lhe dar água e você morrer de sede, perdida no meu medo de menina prestes a perder a mãe, sem saber como agir (se houvesse uma única dor no mundo, seria a dor de ver alguém a quem se ama sucumbir e não poder fazer nada). Você ainda estava aqui, o ar ainda entrava e saía dos seus pulmões, mas eu sabia que em pouco tempo não estaríamos mais juntas, que em pouco tempo a mão morna que eu segurava esfriaria e se tornaria tão indiferente ao meu calor quanto uma pedra. O médico já tinha me alertado: é só uma questão de tempo. Ele não dizia: a sua mãe morreu. Dizia: a sua mãe vai morrer, ela está viva, ela respira, seu coração bate, seu sangue circula, seus olhos abrem e fecham, mas em pouco tempo tudo isso será apenas memória, em pouco tempo seus órgãos vão parar de funcionar e a sua mãe vai morrer, é só uma questão de tempo. Eu tinha vontade de responder: mas ela está aqui, ela respira, ela vive, então ainda há tempo, não para esperar a morte, mas para fazer algo que evite a sua partida. Veja bem, é quase lógico: se ela está aqui, então pode continuar aqui. Mas eu sabia que não havia lógica nenhuma nesse raciocínio, que na verdade isso não era um raciocínio, era o meu desejo tolo, o meu medo gigante de perdê-la.

Voltei a casa com as olheiras quase a alcançar o chão, as costas vergadas me transformando em gancho. É só uma questão de tempo, ressoava a voz do médico nos meus pensamentos. Não a vi morrer, não a vi morta. Foi o telefone tocando que me avisou que nunca mais olharíamos uma no olho da outra, que nunca mais trocaríamos carinhos nem palavras de amor. O telefone e o grito de dor que veio de algum canto da casa. Depois só fomos nos encontrar no dia seguinte, já no cemitério, você dentro do caixão de madeira polida, a tampa fechada, porque enterramos os corpos nus: que eles voltem à terra da mesma maneira que vieram ao mundo, que o fim seja igual ao começo. Eu queria abrir o caixão: tirem a minha mãe daí, mas não me ouviram, não quiseram me ouvir. E por isso não a vi morta, apenas vi o caixão que a levava para debaixo da terra e que daquele momento em diante seria a sua nova morada.

Depois de uma longa noite de insônia, chego à conclusão de que não tenho mais nada a fazer em Istambul, embora ainda haja muitas coisas para se fazer. A cidade é linda, eu poderia ficar aqui muitos dias, mas a verdade é que quanto mais eu fico, mais me distancio do objetivo da viagem. Desço as escadas que me levam à recepção e, lá mesmo, peço ajuda para contatar uma companhia aérea: quero ir a Esmirna ainda hoje.

Não tenho muito tempo até a hora de sair para o aeroporto. Decido dar uma volta perto do hotel, tomar um suco de laranja e me despedir dessa cidade que já é um pouco minha. O sol está mais forte do que nos outros dias, e tudo me parece ainda mais turquesa do que de fato é. Gosto de ficar olhando o rosto das pessoas, as expressões de cansaço, de ânimo, de alegria, de tristeza, de tédio. Apesar da variedade de traços e das diferenças culturais, tenho a sensação de que todas são uma só, de que não tem a menor importância se estou em Istambul ou no Rio. Posso estar equivocada (muitos me diriam isso), mas é o que penso enquanto tomo meu suco sentada ao ar livre, numa ruazinha que cruza a rua do hotel.

Sem pressa, pago ao moço que me serviu e volto para o quarto, quero ligar para meu avô antes de deixar a cidade. Nos falamos assim que cheguei e depois não mais. Imagino que esteja ansioso por novidades. Ele, mais do que ninguém, torce para que a viagem dê certo; afinal, é ele quem me acompanha, a sua história, a sua memória. Do outro lado da linha, escuto a sua voz animada: como está a minha misquitracá? Bem, estou bem. Cheia de novidades para contar, encantada com Istambul. Então me conte. O que tem visto? O que tem feito? Tantas coisas... Relato tudo, conto cada detalhe das coisas que vi, dos cheiros e sabores que experimentei, das cores da cidade, das pessoas. Enquanto me escuta, ele também expressa sua alegria, como se estivesse no meu lugar. Já estamos prestes a desligar quando me pergunta: e a Esmirna, quando é que você vai? Pois é, foi por isso que telefonei, para lhe dizer que estou indo hoje mesmo. Seu silêncio me incomoda: nenhum sinal de entusiasmo? Mas logo em seguida uma voz rouca, porém segura, surge como se vinda de um lugar distante: que bom, querida, que bom. Desligamos o telefone, e chamo o recepcionista, que ele peça o táxi, não vejo a hora de embarcar rumo à cidade que me espera.

Quando o rabino se aproximou com a tesoura, aponte o dedo para o coração e disse: aqui. Eu deveria, em memória do defunto, usar a blusa preta, um corte do lado esquerdo, durante sete dias. E depois jogá-la ao mar. Não sei se por medo ou fadiga, carregou ainda hoje a blusa em meu corpo.

Quando ela chegou, ele pensava na vida, o corpo derramado na cama, o cigarro queimando solitário no cinzeiro. Levantou-se num ímpeto: então, como foi? Ele tinha ficado em casa (não podia estar dando bobeira na rua) enquanto ela fora à reunião. Sem grandes novidades, ela respondeu com uma voz monocórdia, a planilha de sempre. Ele suspirou aliviado, tinha receio de notícias ruins, e disse: vamos comer algo. Foram juntos à cozinha fuxicar o armário em busca de um macarrão e um molho de tomate. Já estou farta de comer sempre a mesma coisa, de não poder ir a restaurantes, de ter que ir ao supermercado afobada, fugindo dos olhares alheios, me escondendo o tempo todo. E temos outra escolha?, ele questionou. Podemos sair do país, ela disse, não percebe que a cada dia a situação fica mais acirrada? Quantos amigos temos na prisão? Hoje mesmo na reunião anunciaram o nome de um tal Humberto, você o conhece? Esse, pelo que entendi, se for pego está morto, ela disse. Ele estremeceu. Você viu onde coloquei o cinzeiro? Acho que está na sala. Coxo pelo pavor, saiu da cozinha à procura do cigarro, as pernas tropeçando em si mesmas. Ela continuou falando com ele, falando sozinha. Que não aguentava mais a clandestinidade, não era essa a vida que tinha sonhado para si.

Trouxe numa bandeja os pratos de macarrão. Ele já tinha fumado três cigarros, um atrás do outro. O rosto pálido, lívido, a gotejar suor. Ela nem percebeu, estava absorta em sua ideia de sair do país. Com a cabeça baixa, ele sussurrou algo que ela não compreendeu. O que você disse? Ele levantou o rosto e repetiu: sente-se aqui, ao meu lado. Nessa época, moravam num quarto e sala na periferia da cidade, um apartamento arranjado pelo próprio partido. Nada do que ali estava era deles senão as roupas. Ela sentiu a mão fria do marido segurando a sua como a de um menino que tem medo de temporal em noite sem lua. Sentiu que o coração dele palpitava, e o seu acelerou igualmente: o que foi? Ele não respondeu, vergando novamente a cabeça. O que foi? Calma, ele disse, tenha calma. Preciso lhe dizer uma coisa, mas, por favor, não me odeie, não me leve a mal. Depois lhe explico tudo com tranquilidade, mas agora o que importa é que você saiba disso, que você me entenda, que aceite eu ter mantido um segredo esse tempo todo. Seus olhos silentes diziam o que a sua voz não era capaz de dizer, e quando ele sussurrou: pequena, o Humberto sou eu, ela estava com a cabeça baixa, as mãos tapando os ouvidos para não ter de ouvir o que já tinha compreendido.

Lá fora a chuva é fina. Ainda nem consegui ter uma ideia de como seja a cidade. O avião atrasou quase quatro horas, e passei mais tempo à sua espera do que dentro dele. Quando cheguei a Esmirna já era noite, e por isso apenas peguei um táxi para o hotel. A viagem me deixou exausta, o corpo moído, os ombros duros. É difícil saber se foi a espera pelo avião ou a ansiedade de chegar logo ao fim dessa história o que me trouxe novamente dores no corpo. No saguão do aeroporto, às vezes pensava que seria um bom desfecho se eu simplesmente fosse impossibilitada de vir a Esmirna por um mau tempo ou algo do gênero. Mas, no final das contas, acabei embarcando, e aqui estou, na cidade de onde saiu a minha família.

Tenho já comigo uma lista telefônica (a recepcionista se mostrou surpresa com o meu pedido, mas também solícita: se precisar de ajuda, posso lhe ensinar como procurar o que deseja), porém tenho de me preparar, pois se porventura não encontro nenhum dos nomes que procuro, não tenho dúvida de que meu corpo paralisa aqui mesmo, e volto a ser o bloco monolítico de antes da viagem. O quarto tem alguns requintes, e não hesito em usufruir do que posso. Um banho de banheira é um bom pedido para meus músculos empedernidos. Deixo a água quente escoando enquanto desfaço a mala. Quando a banheira está quase repleta, mergulho o corpo lentamente: pés, pernas, quadril, tronco, até o momento em que afundo a cabeça na água quente, quase pelando. Sinto os músculos soltando feito gelo da forma em contato com a água. Escuto até o barulhinho, *creec, creec*, dos ossos que estalam. Penso que não há nada como descansar o corpo dentro da água quente. Parece que tudo o que acumulei até aqui se desprende e escorre para fora de mim. Nem sei quanto tempo passa enquanto permaneço abandonada na banheira, quase sem pensar em nada, quase dormindo, deixando que a água faça o que não sou capaz de fazer.

Só depois de vestida é que sento na cama, as costas apoiadas na parede e a lista telefônica no colo. Procuro a letra “s” — apesar de algumas diferenças, o alfabeto turco é quase igual ao nosso — e, os olhos acompanhando o indicador, chego cada vez mais perto do meu próprio sobrenome. Respiro fundo, tenho medo de que o coração ultrapasse a garganta. Lá está ele, igualzinho ao nome impresso na minha carteira de identidade. Procuro pelos nomes que meu avô me deu e encontro três vezes Raphael, e Salomon, apenas uma. Anoto num papel seus telefones e endereços. Será que são eles os primos por quem procuro? Um frio sobe pela minha garganta, e sinto vontade de voltar à banheira e não sair mais de lá. Olho no relógio: quase onze da noite, tarde demais para ligar para pessoas desconhecidas, apesar da suspeita de fazermos parte da mesma família. Melhor deixar para amanhã, digo a mim mesma, enquanto meus olhos fecham lentamente, sem esforço algum.

Quando você aproximou docemente os lábios dos meus ouvidos, tive medo, muito medo. Tremi. Tire a roupa. Tire a roupa toda e me espere na cama, você ordenou. Acuada, obedeci. Nesse dia você me possuiu de maneira que eu nem sabia existir. Nesse dia descobri que não era amor o que sentíamos.

Primeiro o pão ázimo, seco, sem gosto, para lembrar o sofrimento do povo expulso vagando pelo deserto. Depois, a maçã com mel, para não passar fome, não viver na miséria, para ter um ano doce. Mergulho o naco de maçã no pote de mel, cubro-o por inteiro, quero um ano doce, bem doce. Estou cansada de mastigar farinha com água. Não somos muitos em volta da mesa, talvez sete. O pão circula, e cada um pega um pedaço, enquanto repete: el pan de la afriisyon ke komyeram nuestros padres em tyeras de Ayifto. Em seguida, a maçã: Shanah Tova. Não havia nada de religioso no ritual. Para mim, faltava sempre alguma coisa. Faltava verdade. Tudo não passava de uma grande encenação: éramos judeus um dia por ano. Festejávamos o ano-novo, mas para nós o ano só começava no dia primeiro de janeiro. O ano nunca começou em setembro ou outubro. Então, por que a celebração? Por que esse teatro para nós mesmos? [Não entendo por que dizer que não havia verdade. Deus não estava na mesa, concordo, foi a nossa escolha. Não era a religião o que nos importava, mas a tradição. Não queríamos simplesmente jogar na lata de lixo aquilo que nossos antepassados se esforçaram para guardar. O importante era manter a simbologia. Eu queria transmitir um pouquinho do que aprendi para os que vieram depois.] Eu sei. Entendo seu gesto, entendo sua intenção. Romper definitivamente com o passado é mais difícil do que imaginamos, gera culpa, uma culpa que pode se tornar mortal. Penso que é por isso que somos judeus mesmo quando não o somos. Dizemos que se trata de uma questão genealógica, mas é sobretudo uma questão de medo: temos medo de esquecer o passado e ser responsáveis por isso. [O passado não é para ser esquecido.] Se não esquecemos o passado não vivemos o presente. Você sabe, essa dor que sinto no corpo, os ombros pesados, é o passado não esquecido que carrego comigo. O passado de gerações e gerações. [Não, minha filha, o que você suporta em seu dorso frágil são os silêncios do passado. Você carrega o que nunca foi falado, o que nunca foi ouvido. O silêncio é perigoso, eu a alertei.] Mas a culpa não é minha, não fui eu quem guardou os segredos. Eles chegaram a mim sem licença, e eu nem os conheço. [Sim, você os conhece: seu corpo conhece todos os segredos, todos os silêncios, muito mais do que você imagina.] Você confirma então que se trata de uma herança? Que herdei da família todas as dores? Que belo presente! [Não se irrite, de nada adianta. Tampouco se ausente de sua responsabilidade. Você também é responsável pelo seu passado, é responsável pelo que carrega nas costas e, principalmente, pela maneira como o carrega. Existem diferentes formas de lidar com a herança, e você certamente escolheu uma das mais pesadas, mais doloridas.] Não escolhi nada, já disse: vim ao mundo com esse fardo. [Eu estava lá quando você nasceu e me lembro bem: você era um bebê gorducho e fofo, não havia nada de pesado em seu corpo mole.] Não seja irônica, você sabe do que estou falando. [Não se trata de ironia. Quero apenas que tente enxergar as coisas como elas são, que acredite nessa viagem, que acredite que pode e merece ser feliz. Quero que entenda que não precisa ter a família nas costas, que pode se livrar do passado. Mas para isso não pode ignorá-lo: pelo simples fato de que você nunca o ignorou até agora e, por isso, precisa entendê-lo, precisa nomeá-lo.] Já o nomeei: o passado se chama medo. [Nunca conheci ninguém tão cabeça-dura. Mesmo quando você toma decisões, sempre as está questionando. A cada passo que avança, parece que recua outro. O passado não se chama medo. Não questione tanto, minha filha, apenas prossiga a viagem e verá as surpresas que a aguardam, verá o quão leve a vida pode ser.] Você me diz isso agora, mas não se esqueça de que foi você quem me ensinou que antes da maçã doce precisamos comer o pão seco. [É assim mesmo. A matzá serve para nos lembrar do passado sofrido. O pão seco fala da dor, da miséria. E a maçã com mel garante que não precisamos repetir o passado.] Se falam do passado, então por que trago comigo seus silêncios? [Compreendo suas inquietações. Há muitas coisas que não foram

ditas, e são elas que a ameaçam. O medo impediu a palavra. Mas agora cabe a você, cabe aos que ficaram, contar a história, recontá-la. Cabe a você não repetir os mesmos erros, cabe a você falar em nome daqueles que se calaram.] Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós dois (só nós dois) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia. Conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma, mas nós dois (só nós dois) conhecemos a verdade. Eu não nasci assim. Não nasci numa cadeira de rodas, não nasci velha. Nenhum passado veio me assoprar os ombros. Eu fiquei assim. Fui perdendo a mobilidade depois que o conheci. Depois que o amei: depois que conheci a loucura através do amor, o nosso. Foi o amor (excedido) que me tirou, um a um, os movimentos do corpo. Que me deixou paralisada nessa cama fétida de onde hoje não consigo sair.

Estavam já prontos para dormir quando ela afirmou, contundente: consegui asilo na embaixada da Costa Rica. Ele fingiu não escutar. Ela repetiu: consegui asilo na embaixada da Costa Rica. Ele continuou fingindo não escutar. Ela disse: já não posso viver escondida. Vamos fazer como tantos outros. Já resistimos mais do que a maioria, são quatro anos de clandestinidade. Você não percebe que não há mais esperança para nós aqui? Quando a situação melhorar (um dia vai melhorar, tenha confiança) nós voltamos. Ele se deitou debaixo da coberta, continuava fingindo não escutar. Ela se irritou: não vou ficar falando para as paredes. Se não quiser vir comigo, irei sozinha.

Poucos dias depois da sua morte, o médico telefonou para saber como tinha sido a nossa volta ao Brasil, se estava tudo sob controle. Não, eu disse, não há nada sob controle. Não há mais nada que se possa fazer, nem eu, nem você, nem o melhor hospital do mundo. Ele vacilou, gaguejou, depois ficou em silêncio. Tive receio de ouvir minha condenação pela sua voz. Achei que ele fosse dizer que a culpa era minha, que eu havia transgredido as regras, deitado na cama ao seu lado, que não tinha usado máscaras nem luvas, que não havia passado álcool suficiente no cateter antes de injetar a medicação (lembra que quando saímos do hospital eles me treinaram para ser a sua enfermeira particular?). Achei que ele fosse dizer que se eu tivesse seguido uma por uma as suas indicações você não teria partido. Quando ouvi seu silêncio, tive a certeza de que ouviria a minha sentença: culpada. Mas não, o que ouvi foram palavras inesperadas, palavras doces e carinhosas. Ele tinha se envolvido, mãe, sua carapaça de médico tinha dado lugar a um homem enternecido.

Para não me atrapalhar, anoto num papel o que devo dizer: quem sou, de onde vim, por que estou ligando, o que quero. Prefiro começar telefonando ao Salomon, já que seu nome só consta uma vez na lista. Meu corpo está frio, as mãos suam e tremem. Toca, toca, mas ninguém atende. Ligo novamente. Depois de certa insistência, uma voz feminina responde. Pergunto se sabe falar inglês. Ela desliga o telefone na minha cara. Minhas mãos suam e tremem ainda mais. Que vontade de desistir, de não ter que passar por isso! Respiro fundo, telefono uma última vez, e a única coisa que digo é Salomon. Ela fala alguma coisa em turco, e não entendo nada. Repito Salomon, e ela, obviamente, continua falando nessa língua que me é completamente estranha. Arrisco de novo a perguntar se fala inglês, e ela volta a desligar o telefone na minha cara.

Não vai dar certo, penso comigo mesma. E nessa onda de pessimismo fico me chamando de ingênua, me perguntando como pude acreditar que essa procura pelos antepassados poderia ter algum sucesso. Afinal, se não falo turco, como poderei me comunicar com eles? Pego o telefone, mas dessa vez para ligar para o Brasil: vovô, achei os nomes na lista telefônica. Liguei para a casa do Salomon, mas quem atendeu foi uma mulher que não entendia inglês e ficou falando em turco comigo. E eu lá entendo alguma coisa de turco, vovô? Ele começa a rir, e eu, furiosa, retruco: qual é a graça? Com sua voz doce, ele acaba conseguindo mudar meu humor, me convencer de que esses empecilhos fazem parte da viagem, que ele nunca tinha imaginado que seria simples e que o mundo não havia acabado, nem acabaria amanhã: calma, minha misquitraca, ainda é cedo para se sentir derrotada. Mas como vou fazer para falar com eles? Tente em francês. Todos nós estudamos em escolas francesas. E se ainda assim não conseguir, tente em português mesmo, ou no que você souber de espanhol, pois certamente todos falam ladino, que é uma espécie de espanhol antigo. Está bem, eu concordo, mas tenho que ligar para três Raphaéis diferentes, até descobrir qual é o certo. Veja se algum deles mora em Bornava, diz meu avô, e, se sim, tente esse em primeiro lugar.

Nenhum dos três mora onde meu avô indicou, terei que contar com a sorte. Escolho o do meio e telefono com os dedos cruzados, espero que dessa vez eu consiga. Uma voz jovem atende e, para meu alívio, afirma saber francês. Digo que quero falar com o Raphael e, quando ele me diz ser o próprio, desconfio ter escolhido o Raphael errado. Mas não desisto e digo: vim do Brasil, estou à procura de um primo do meu avô, que tem o mesmo nome que você, mas como não tinha o número de telefone dele tive de olhar na lista telefônica. Então, encontrei três nomes iguais, e você é o primeiro para quem estou ligando. Ele pergunta meu nome e o do meu avô. Parece surpreso, não devia estar esperando um telefonema tão inusitado. Meu avô também se chama Raphael, ele diz, e é verdade que tem primos no exterior, que viajaram há muitos anos. Ele se oferece para telefonar ao avô e tentar descobrir se é ele quem procuro. Acho ótima a ideia, assim não preciso começar tudo de novo. Então me deixe o telefone de onde está e, assim que souber de algo, telefono para avisar.

Quando coloco o aparelho no gancho, sinto o corpo relaxar, penso que devo estar no caminho certo. Agora, sim, repito em silêncio e, sem acanhamento, sorrio para mim mesma.

Nenhuma palavra dói mais do que a ausência de palavra. Você não é tolo e sabia muito bem disso. Você me impunha um silêncio devastador. Sumia, não dava notícias, fazia de propósito, queria me ver chegar perto da morte, paralisada, sem forças. Eu esperava o telefone tocar, ele não tocava. E se porventura tocasse não era sua a voz que eu escutava. Esperava o apito do meu computador avisando a chegada de um novo e-mail, ele não apitava. Esperava uma carta, um sinal de fumaça, uma mensagem no celular, esperava que você aparecesse e trouxesse consigo alguma palavra. Esperava e esperava e esperava. E você não vinha. Você me deixava a sós com esse silêncio que dói mais do que um grito arranhado, do que um corte profundo na carne, que dói mais do que a palavra dor. Eu falava sozinha, cantava no banho, telefonava para amigos, enlouquecida, atrás de uma voz, de uma palavra. Mas a sua não aparecia, e, quanto mais o tempo passava, quanto mais eu a procurava, menos esperança tinha de um dia voltar a me mexer.

Primeiro, tiraram-lhe a roupa toda. Mediram cada parte de seu corpo, anotando os detalhes num caderninho ao qual ela não tinha acesso. Examinaram os olhos, a garganta (diga “a”) e o ventre. Em seguida, sentaram-na num banco de metal. Ela se arrepiou com o frio. Em uma única tesourada, seus cabelos foram da cintura ao chão. Ela não sentia ódio, mas tampouco conseguia sossegar o pensamento: por que não tinha partido? Por que havia cedido tanto? Por amor a ele ou ao país? Não sentia ódio, sentia medo, um medo enorme, que lhe saltava pelos olhos, pelas narinas, pelos poros. Queria poder sair de lá: moço, por favor, deixe-me ir, não tenho nada a ver com essa história, não sou quem vocês imaginam, sou uma moça direita, de boa família, isso aqui é um engano. Quando sentiu o roçar da máquina raspando a cabeça, não resistiu, deixou cair a lágrima que em vão guardava para si. O barulhinho irritante do aparelho confirmava que estava de fato ali, que sua via-crúcis estava ainda por começar. Afastaram-lhe o braço com força no momento em que ela manifestou a intenção de esfregar a mão sobre sua nova cabeça. Já não tinha direitos nem sobre seu próprio corpo, estava ali ao bel-prazer dos outros. O serviço concluído, levaram-na pela mão para outra sala, onde havia outras mulheres como ela, inteiramente despidas, o couro cabeludo igualmente raspado.

Tenho um segredo muito grande. Tão grande que às vezes me toma o corpo a ponto de me fazer repetir sem parar: não aguento mais não aguento mais não aguento mais. O silêncio é perigoso, você me dizia. Vivo esse perigo diariamente e sinto o desconforto de não conseguir falar. Sinto o segredo me corroendo, me mutilando lentamente. É um segredo terrível, monstruoso, não tem um resquício sequer de coisa bonita. Fede mais do que enxofre, do que comida podre, do que vômito de doente. Se eu pudesse pegá-lo nas mãos, seria viscoso feito gosma, secreção. Sim, é um segredo feio, muito feio. E foi por isso que decidi não lhe contar, porque não queria mais uma pústula em seu corpo carunchoso. Mas foi também por medo. Certa vez, contei esse segredo a outra pessoa, e ela me disse: você é corajosa, você é forte de não contar nada à sua mãe. Mas a verdade é que não sou corajosa, sou medrosa, e por isso nunca lhe contei. Hoje vivo ainda os perigos desse silêncio. Carrego em meu corpo paralisado cada pedacinho do segredo, cada palavra nunca pronunciada. Mesmo agora, mãe, eu aqui, você aí, não tenho coragem de lhe dizer. E no entanto preciso falar, preciso contar a verdade. Mas tenho medo, muito medo, porque conheço a pontada de cada palavra que escondo, e não quero machucá-la.

Você lembra que, quando eu era pequena, toda vez que queria lhe contar um segredo — como a primeira menstruação, o primeiro beijo —, em vez de falar, escrevia num papel e o deixava em seu quarto para que o encontrasse? Eu morria de medo de falar, lembra? Mas ao mesmo tempo queria que você soubesse, queria lhe contar. Então, fazia isso, usava papel e caneta. Sei que já estou bastante crescida para essa estratégia, e sei também que nós tínhamos intimidade suficiente para eu ter olhado nos seus olhos e contado o segredo. Mas tinha medo de ver o medo e a dor estampados em seu rosto e me sentir culpada por isso. Como não encontro outra maneira de revelar o que guardo comigo há tanto tempo, escreverei uma carta, onde contarei o que tem me infligido tanta agonia, esse segredo atroz que vem carcomendo meu corpo até hoje e que me faz repetir sem parar: não aguento mais não aguento mais não aguento mais. Depois, procurarei um parque, um jardim, talvez uma floresta, onde vou cavar a terra e enterrar o segredo. Por cima da carta, colocarei um pouco de mel para adocicar o gosto amargo que você sentirá. Cobrirei o envelope com terra e, em seguida, plantarei uma roseira. Essa roseira será a mais linda do parque, a mais vistosa. Assim, mãe, quando você encontrar a carta, quando descobrir o segredo e sentir o peito apertar, receba as rosas que lá estarão como um beijo meu, um pequeno alento.

Eu acordava e antes de preparar o café ligava o computador e o celular. Checava os e-mails e a secretária eletrônica para ver se havia algum sinal seu. Meus pensamentos tinham um único objeto: você. Vinte e quatro horas por dia, quando comia, quando trabalhava, quando tomava banho, quando dormia, só pensava em você. Depois do café da manhã, ia direto para o escritório. Lia os jornais na internet, um ou outro blog de amigos e conferia os e-mails novamente. Pegava meu celular e o repousava na escrivaninha, ao meu lado. Então começava a escrever. Escrevia uma palavra, depois outra, e depois pegava novamente o celular para ver se havia uma mensagem ou uma chamada não atendida (eu poderia não ouvir, ele poderia não tocar, essas coisas acontecem). Apagava as duas palavras da tela e escrevia outras três. Levantava, ia passear pela sala, pela cozinha. Na minha cabeça, um único pensamento: você. Uma obsessão. Tomava um café, o segundo do dia. Rodava pela casa em busca de inspiração, mas só encontrava você, em todos os cantos, todas as ideias. Voltava ao escritório e retomava a escrita. Algumas palavras surgiam na tela do computador, e todas me pareciam uma única: você. Apagava tudo. Checava os e-mails: propagandas, amigos convidando para sair ou pedindo favores, informações de palestras ou cursos. De você, nada, nem uma palavra, nem um sinal. Esqueça, eu repetia para mim mesma, concentre-se no seu trabalho, escreva. Olhava novamente para a tela e via o formato de uma página em branco. Mudava a formatação: o espaçamento, o tipo da fonte. Às vezes funcionava, eu mudava a letra e conseguia, como que por milagre, escrever um parágrafo inteiro, de uma só vez. Depois me levantava de novo, passeava de novo pela sala, pela cozinha. O terceiro café. O escritório. Os e-mails, o celular: nada. De repente o telefone tocava, eu atendia afoita, quem sabe não era você? A empresa telefônica oferecendo serviço, meu pai perguntando se estava tudo bem, meu avô, eventualmente algum amigo. A tela do computador de novo, a incapacidade de escrever. Ia para o quarto e deitava na cama ainda desfeita. As cortinas fechadas, como se fosse noite. Debaixo da coberta, olhava o teto e me perguntava se um dia isso passaria, se um dia eu deixaria de pensar em você.

Os pesadelos me tomam a noite toda, e entre eles há apenas o curto tempo do susto, em que acordo e percebo meu corpo molhado de suor. Depois volto a dormir e tenho outro pesadelo. Estou numa casa que desconheço, mas onde reconheço muitas coisas: o retrato do meu avô na parede, os copos de cristal da minha avó, os tapetes turcos da minha própria casa, fotografias em preto e branco, a mesa de vidro, o cheiro de coisas guardadas. A casa é toda de madeira escura, o chão coberto por tapetes bordados à mão. Uma escada me levaria ao segundo andar, onde não sei o que há. É a casa onde passei toda a minha vida, a casa onde nunca estive. Estou sozinha, e tenho medo da solidão. Passei a vida sozinha e fui obrigada a me acostumar com a solidão, apesar do medo. Passei a vida nessa casa de onde tento em vão sair, desde sempre. A porta está trancada à chave, e não a encontro. As paredes são sólidas, devem ser feitas de pedra. A porta é pesada, grande, como se tivesse diferentes camadas. Não desisto de procurar a chave, vasculho os mesmos lugares repetidas vezes, as mesmas gavetas, os mesmos cantos. Não a encontro. Tento gritar por socorro, mas já não tenho voz. Não sei o que há do lado de fora, nem mesmo sei se há algo, ou se estou numa casa abandonada em meio ao nada. Queria ser Alice para sair pelo buraco da fechadura, ver o outro lado do mundo. Queria ver o céu e as árvores que devem estar lá fora. Queria encontrar alguém e andar de mãos dadas sob a noite. Queria ver o rosto de quem amo e poder lhe dizer: te amo. Queria caminhar pelo jardim que imagino haver em volta da casa e colher morangos na minha própria saia. Queria poder me afastar da casa, ver o que nunca vi e não sei como é. Mas a porta está fechada e não há janelas. Meu corpo definha: tenho minha história entranhada nas paredes e a morte que me aguarda.

A dor está em tudo, espalhada por todos os cantos do planeta, por todos os cantos de nós. Não existe nem mesmo um poro da pele que não carregue dor. Os sentimentos mudam, mas a dor persiste. Em tudo o que experimentei, lá estava ela, de um jeito ou de outro. No amor, na alegria, na tristeza, no sofrimento, no luto, nos sonhos: nunca conheci nada disso sem dor. Não concordo quando você diz que sou eu que levo as coisas para o lado da dor. Não sou eu: é a vida, mãe, é ela que é assim.

Essa viagem que faço, esse país estranho onde vim parar, tudo isso dói. É bonito, é interessante, é engraçado, mas dói. Essa herança dói. O que trago comigo sem escolha dói. Essa nossa conversa, mãe, também dói. A história de amor que me arrancou a carne dói. A história do meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói. E, sobretudo, dói falar da dor. Dói escrever esta história: cada nova palavra que encontro dói. Escrever, mãe, dói imensamente: dói tanto quanto é necessário.

Não nos víamos havia mais de um mês. Você me ligou e disse: preciso vê-la. Eu não queria, mas também precisava, também queria. Quando ouvi a campainha, senti que tinha um encontro marcado. Quis fugir pela janela, mas não havia jeito. Estremecia de medo, de pavor, de desejo, de saudades de você. Pode entrar, eu disse, a porta está aberta. Eu estava na sala, sentada no sofá. Quando o vi, me levantei feito bicho ameaçado. À espreita. Você se aproximou e disse: saudades. Você sabia como me desarmar. Eu era ainda um bicho ameaçado, mas já não tinha meios de me defender. Meu corpo todo tremia por dentro, o sangue correndo acelerado. Por fora, era apenas uma menina desprotegida. Seu corpo estava muito próximo ao meu, quase colado, eu sentia sua respiração, seu cheiro, sua presença, mas não conseguia me mexer. Você está linda, ouvi. E esse foi o seu segundo golpe. O terceiro foi abrir os botões da minha blusa, os seios à mostra. Nos meus olhos havia lágrimas que não escorriam. Naquele momento tudo era extremo: o desejo a alegria o prazer a dor. Tudo junto, tudo misturado, tudo um só e enorme, tudo imenso, todos os sentimentos a correr nas minhas veias, no meu corpo paralisado. Você tirou minha blusa e a deixou caída no chão. Depois desabotoou minha calça, você a tirou e também a deixou no chão. Por fim desceu minha calcinha e me deixou sem nada. Era como se você tocasse meus órgãos diretamente, meu sangue, minha carne, sem qualquer proteção. Foi assim quando você deslizou as mãos nos meus seios no meu ventre nas minhas coxas entre as coxas, quando me acariciou o rosto e me puxou o cabelo suavemente, quando passou seus lábios pelo meu corpo todo, quando me penetrou, quando me apertou as pernas, quando me molhou e eu também o molhei. Foi assim do início ao fim: você me tocava a pele, e eu não tinha pele.

Num quarto de três metros quadrados, ligaram o ar condicionado na potência máxima. Queriam transformar o ambiente numa geladeira. Ela experimentava pela primeira vez frio tão áspero. Sentia o rosto rachar, o corpo nu prestes a se transformar em farelos. Tremia. Os dentes um contra o outro. Pressentiu o fim: arrependeu-se de ter entrado nessa vida, não queria morrer. Logo em seguida não se arrependeu mais: se morresse, seria pela causa certa. Os braços pareciam querer fugir do corpo, tanto ela tiritava. Teve uma ideia: pôs-se a fazer polichinelos, a pular sem pausa. Durante quase duas horas, exercitou-se até conseguir diminuir a sensação de frio. Aquecida, sentouse para descansar. Então, o frio foi diminuindo, diminuindo. De repente, ela percebeu que o ar-condicionado não estava mais ligado. Será que a tirariam de lá? O coração acelerou, ninguém podia imaginar o quanto ansiava por ver a luz do dia. Encheu-se de esperança, veria seu marido novamente, seus pais, seus amigos. Prometeu a si mesma que dali para a frente não colocaria mais a vida em risco, nem a sua nem a da família. O pai sempre lhe dissera: dei-lhe do bom e do melhor para isso? Para você colocar tudo a perder? Foi para isso que você se casou? Como fará para me dar netos nessas condições? Mas é por eles que faço isso, pelos filhos que um dia terei, ela repetia. Sentia que o momento chegava, que poderia rever os que lhe faziam falta, seria levada para fora do quarto, seria entregue de volta a casa. Mas de repente sentiu o pescoço quente, estava suando. A testa melada, gotas de suor começavam a escorrer pelo corpo. O calor aumentando, até se transformar num bafo opressor. Não, não sairia de lá. O aquecimento ligado na potência máxima, o quarto agora se transformava num forno.

Se me perguntassem, diria que nunca tinha pensado em viajar em busca do passado. Sempre acreditei que de nada adianta cutucar as ruínas do que não existe mais. Toda lembrança é um vestígio de lágrimas, e, com o passar do tempo, essas lágrimas secam no rosto de quem já se foi. Agora, saindo do hotel após ter conseguido uma pista sobre minha família, sinto que as lágrimas que escorrem não são apenas minhas e que, ao contrário do que imaginava, ainda não secaram.

Pelo que me falaram no hotel, Esmirna é uma cidade pequena, com alguns atrativos turísticos, mas nada comparável a Istambul. Talvez não haja grandes monumentos para ver, mas cada pedacinho dessa cidade, cada porta, cada casa, cada pessoa, me deixa com o coração apertado. Penso que, por onde passo, em outra época passaram meus ancestrais. Penso que poderia ter nascido aqui e esta poderia ter sido a minha cidade. Caminho pelo porto, pela Rua Ataturk Caddesi, e fico pensando que deve ter sido justamente nesse local que meu avô pegou o vapor para o Brasil. O imenso navio do qual ele me falou já esteve nesse mar, aportado nessas mesmas águas. A cidade devia ser muito diferente, imagino, sem os carros que hoje bloqueiam o trânsito, sem tantos prédios, tanta urbanização. Penso que, na verdade, não era essa a cidade do meu avô. Que as cidades, assim como nós, também têm suas lembranças, seus próprios vestígios de lágrimas.

O rosto de Esmirna me parece mais seco do que o meu. O sol forte — não tanto quanto em Istambul — ilumina a Praça do Konak, onde fica a torre do relógio. Deito no muro que separa o asfalto do mar e acabo cochilando um pouco. Só acordo quando um menino me cutuca, querendo saber se não quero comprar uma de suas caixas de passa. Tenho fome, e aceito a oferta. Atrás do relógio, existe uma cidade que ainda não conheço, mas que quase adivinho em seus desenhos, seus cheiros, suas cores.

Sento num café ali mesmo, na praça, e peço um chá de maçã. Hoje estou sem vontade de conhecer a cidade, prefiro ficar olhando o mar e imaginando como deve ter sido sair daqui. Depois, fico refletindo se o avô do Raphael é realmente o primo do meu avô, se vou chegar a conhecê-lo, a conversar com ele. É essa a cidade que procuro, não a cidade dos tapetes e ouros, não a cidade do tabaco e da boa comida, mas a cidade da minha família.

Me avise antes de gozar? Estávamos os dois com cheiro de banho tomado, meu cabelo ainda molhado, o seu quase seco. Seu corpo por cima do meu, na posição mais óbvia, porém insubstituível. As toalhas repousavam ao nosso lado, deixando úmido o lençol. Era um sábado de manhã, e o banho tinha sido uma tentativa de nos curarmos da ressaca de uma sexta-feira noite adentro. Já estou quase. Segure um pouco, pedi, aproximando meus lábios do seu ouvido. Você tirou lentamente seu sexo do meu e, começando pelos lábios, me beijou o corpo inteiro. Na véspera, tínhamos comemorado dois anos de relação (quem diria que ficaríamos tanto tempo juntos?, a pérola que você me disse durante o jantar). Risoto de funghi regado a champanhe. De sobremesa, petit gâteau de goiabada com sorvete de queijo. Coloque de novo, eu disse. Venha por cima, você me pediu. Sorri, você sabia o quanto eu gostava de tê-lo por debaixo de mim, devorando-o do meu jeito, no meu ritmo. Encaixei nossos sexos lentamente, feito o espreguiçar de manhã, na tentativa de esticar o tempo quando queremos que ele não passe. Minhas mãos se arrastavam pelo seu peito quase liso e quase branco, o vermelho do verão já gasto. Venha, você disse, quero gozar com você. Então espere, respondi com a voz de quem anuncia que não será preciso esperar muito, só mais um pouquinho. Depois do restaurante, tínhamos saído para dançar, o que não fazíamos havia algum tempo. Boate de verdade: música eletrônica, pista repleta de mulheres com suas minissaias ou seus jeans justos, topes mostrando o piercing no umbigo, homens com os primeiros botões da camisa abertos, gel no cabelo, caipirinhas e cervejas derramadas no chão, nas roupas. Nós dois lá como se fôssemos assíduos, dançando a noite inteira, esfregando nossos corpos nos nossos e em outros, nos beijando com a língua à mostra, expondo o tesão em público. Estou quase, eu disse, e você tirou uma das mãos do quadril para colocá-la no meu sexo, que antes roçava a sua pele. Mordi os lábios e fechei os olhos com força. Pensei nos nossos corpos sua dos dançando, no corpo grande e musculoso do homem que sem pudor encostou na minha bunda e me apertou a cintura, nos seios indiscretos que você apalpou disfarçadamente. Vou gozar, você disse, fazendo vir o meu gozo, o seu gozo, nossos espasmos juntos, nossos gemidos. Depois não falamos mais nada, nem pensamos em nada, nem quisemos nada, apenas deixamos o tempo passar, saboreando o término de uma noite inteira de desejos acumulados.

Respire: rápido, antes que mergulhem novamente a sua cabeça na bacia funda. Agente firme, você pode aguentar. Eram três homens, três carrascos à sua volta. Ela já nem era mulher, era apenas um corpo desmilinguido, quase sem carne, a pele frouxa se esforçando para segurar os ossos. Cada vez que afundavam a sua cabeça, as pernas se desequilibravam, bambas. Então, para que ela não caísse, um dos carrascos apertava a cabeça com mais força, feito para compensar a falta de apoio dos pés. Ela ouvia vozes distorcidas pela água e, mesmo que fosse capaz de fazer algum esforço, não entenderia o que falavam. Respire: rápido, antes que mergulhem novamente a sua cabeça na bacia funda. Agente firme, você pode aguentar. Não pensava em nada preciso, as imagens lhe surgiam difusas e sem explicação. Já tinha ouvido falar que antes de morrer a pessoa vê a vida inteira como um filme, plano depois de plano. Será que era isso? Que estava morrendo? Que as imagens que via eram as derradeiras? Ela não reagia (não tinha como) e apenas se deixava levar. Quando lhe erguiam a cabeça, não tinha tempo (nem a intenção) de falar, pedir que parassem porque iria contar o que eles queriam ouvir. Respire: rápido, antes que mergulhem novamente a sua cabeça na bacia funda. Agente firme, você pode aguentar. Repetiram o mesmo gesto dezenas de vezes seguidas: cabeça na água, cabeça erguida. Até o momento em que perceberam seus olhos fechados, os membros sem reação alguma, e então pararam. Deixaram seu corpo abandonado no chão frio para que um funcionário o tirasse de lá, arrastado, e o levasse à cela, onde ficaria à espera de um novo chamado.

Tenho medo de ser feliz quero ser feliz tenho medo de ser feliz quero ser feliz tenho medo.

Estamos no carro e o caminho é longo. Raphael me pergunta se gostei do jantar e me pede desculpas pelo inconveniente. Educadamente, digo que foi ótimo, não houve problema algum. Enquanto ele dirige, fico observando seus gestos, o contorno de seu rosto, sua maneira de falar. Penso que poderia ser ele, que poderia estar no seu lugar. Que se tivesse nascido aqui certamente seria uma verdadeira judia, falaria a língua deles, casaria com um judeu. Que se tivesse nascido aqui não teria sido colocada contra a parede: mas você não fala a nossa língua? Todos me olhando com ar de recriminação, como se tivesse cometido uma falta grave, se não mortal. Eu, acuada, ouvindo-os, inconformados, falar entre si na língua que não falo. Raphael, sem jeito, à minha frente, me olhando com cumplicidade, como quem pensa que poderia ser eu, que talvez pudesse ter nascido em outro país e não falar a língua dos avós. Eu olhava nos seus olhos e me apoiava neles, me esforçando para ficar alheia ao que os outros falavam, embora entendesse uma palavra ou outra. Em algum momento quis me justificar: é uma questão de sobrevivência. Meu avô precisou esquecer o passado e por isso nunca falou ladino com minha mãe. Um verdadeiro judeu não esquece o passado, retrucou, firme, o Raphael avô. Talvez meu avô não fosse um verdadeiro judeu, pensei, sem dizer nada.

Você sabe como são as pessoas mais velhas, me diz Raphael assim que o carro para num sinal vermelho. Não fazem por mal, mas por medo. É, respondo, deve ser isso mesmo. E fico pensando se de fato era medo o que seu avô sentia quando afirmou que só falariam ladino durante o jantar, que qualquer outra língua estava proibida. Ninguém discordou, nem o Raphael, nem a Judith, esposa do Raphael avô, nem a Marta, viúva do Salomon. Tive vontade de sair correndo, gritar, em português, que não tinha nada para fazer lá. Mas em vez disso acatei a decisão, sorri e disse, em portunhol, que iria tentar. Apesar desse incidente inicial, aos poucos fui percebendo afinidades entre nós. Quando disse que em casa fazíamos aquela mesma comida, o Raphael avô se soltou um pouco, sorriu pela primeira vez, feito pensasse que o passado não está só na língua.

Já estamos em frente ao hotel quando ele me pergunta se quero ir a Bornava no dia seguinte para conhecer o bairro onde moravam meus avós. A casa não está mais lá, foi destruída há cerca de quinze anos, mas ainda há outras muito parecidas, construídas na mesma época, no mesmo estilo. Tiro a chave da bolsa, seguro-a, observo-a e penso que se já não há mais casa, não tenho motivo para continuar a viagem. Ele entende sem que eu diga uma palavra sequer. Fico pensando se voltaremos a nos ver e talvez ele também esteja pensando nisso. Seu nariz é fino como o meu, mas somos muito diferentes. Jamais diria que somos primos. Ele me agradece com um dos sorrisos mais bonitos que já vi, e nesse momento tenho vontade de lhe dar um beijo. Vontade de lhe dar vários beijos, de abraçá-lo, de convidá-lo para subir, de passar a noite toda com ele. Mas nos despedimos com singelos beijos no rosto, dizendo que esperamos nos encontrar em breve. Fecho a porta do carro e, enquanto caminho até o quarto do hotel, penso que já não tenho o que fazer neste país, que nem mesmo sei se um dia tivera.

Com raiva, com ódio, jogo a máquina de escrever no chão e rasgo todas as folhas escritas. E também as brancas, para não correr o risco de continuar escrevendo. Percebo o quão inútil é escrever essa viagem de volta às origens. Não quero escrever nem mais uma vírgula, quero destruir o que foi escrito. Essa viagem não tem por que existir: nem de verdade nem no papel.

Havia finais de semana em que passávamos o tempo todo em casa, apenas nos deliciando um com o outro. Você me tocava como homem algum. Você me fazia gozar como homem algum. Você me fazia acreditar que era isso o amor. Eu acreditava que o amava. Acreditava que você me amava. Nesses dias, simplesmente esquecia que tinha o corpo aberto por feridas, que você havia me rasgado a pele. Nesses dias, fingia ter o corpo inteiro e o entregava a você. Você sabia tocá-lo sem me machucar, sem pôr a mão nas minhas feridas. Você também esquecia, também fingia. Ainda hoje não sei se havia amor nessa loucura, mas procuro me dizer que não, isso não é amor, procuro acreditar que o amor é outra coisa, que ele não devasta o corpo dessa maneira, não arranca a pele nem nos deixa tão vulneráveis, a carne à mostra. Procuro acreditar nisso, mas tenho medo de estar enganada. Na verdade, morro de medo, medo de que o amor seja de fato essa dor a nos invadir, a nos devorar o corpo, a alma.

Todos repousaram o garfo no prato e olharam na minha direção quando perguntei: a casa do meu avô ainda existe? Raphael titubeou, depois ergueu a cabeça e, sem pestanejar, respondeu: não. Quando sua bisavó se mudou para o Brasil, deixou a casa vazia. Ela ficou abandonada durante muitos anos e depois acabou sendo destruída. Você queria conhecê-la?, ele perguntou. Conte-lhe então que meu avô tinha me dado a chave para tentar abrir a porta da sua antiga casa. Ele me olhou com ar desconfiado: seu avô não sabia que a casa tinha sido destruída? Pega de surpresa, gaguejei e, vacilando, disse: acho que não. Mas saí de lá com a pulga atrás da orelha.

Não se levantou para abrir a porta, nem mesmo se abalou com o somido. Fazia tempo que ele desistira de conferir quem tocava a campainha, sempre as mesmas pessoas querendo consolá-lo. Quando se convenceu de que nada poderia, abandonou-se ao desalento. Só ia à rua para comprar o necessário à sobrevivência. Sentia-se demasiadamente culpado para conseguir retomar a vida. Nunca deveria tê-la deixado sozinha. Por que não a tinha acompanhado? Por que não aceitara seus tantos pedidos de exílio? O asilo na Embaixada da Costa Rica? A escolha pela luta era sua, não dela. Sentia-se culpado.

A campainha continuava tocando, mas dessa vez havia algo de diferente: o intervalo entre um toque e outro era longo demais, sem a insistência frenética habitual, mas ao mesmo tempo nunca tinham insistido tanto. O somido lhe parecia um lamento, um pedido derradeiro de alguém sem forças. Só então, depois de uma ou duas horas, pressentiu que... Sim, era ela do outro lado da porta, vestida como no dia em que havia partido, o mesmo jeans, a mesma camiseta cinza, a mesma bolsa de couro atravessada no corpo. Mas e o resto? O que tinham feito com seus cabelos? Com seus olhos? Seu sorriso? Era ela, agachada na entrada de casa, a cabeça nua entre as pernas. Ela. Ele ainda de pé. Precisou de algum esforço para levá-la ao sofá em seus braços igualmente fracos. Deitou-a com cuidado e se estirou ao seu lado. Não conseguia parar de chorar. E ela: muda, seca. Não se sabe quanto tempo se passou enquanto eles ficaram abraçados no sofá, ele em prantos, ela inerte, sem expressão. Talvez um ou dois dias, talvez meses, anos, talvez para sempre. Sem trocar uma palavra, abraçados, vivendo a mesma dor, dores tão diferentes.

Estou grávida, eu disse. Então tire, você afirmou, sem pudor algum. Tirar? Não tiro. Como assim não tira? Você acha que terei um filho agora? Acho, não, respondi, você vai. Ah, mas não vou mesmo, você me assegurou. Ah, vai, sim, retruquei, convencida. Veremos, você disse. E não tocamos mais no assunto, cada um seguro de sua certeza.

Uma semana depois entendi a contradição de nossos desejos. Até hoje não sei se foi você quem fez isso ou se foi o meu medo. Tomávamos café da manhã juntos, como de costume, quando senti uma pontada aguda no ventre, feito cólica menstrual, porém muito mais intensa. Com as mãos na barriga, me contorci e tive raiva. Você se mostrou preocupado, veio próximo a mim e me abraçou: o que você tem? Não respondi, apenas urrava de dor e o afastei para longe. No meu peito, só havia espaço para o ódio e a certeza de que era você. Fiquei com o corpo vergado, a dor a me tomar o ventre, até o momento em que vi, com a cabeça entre as pernas, um jorro de sangue saindo de mim, uma poça vermelha me manchando a pele, escorrendo pela cadeira. Sem levantar o rosto, chorei em desespero a morte do filho que eu já amava. Nem por um segundo nas horas que se passaram — nem mesmo quando já estava no hospital, refeita, certa de não correr perigo algum — ergui a cabeça, nem por um segundo olhei nos seus olhos: eu tinha medo de encontrar a resposta que eu refutava, de descobrir alguma confissão inóspita. Sim, eu tinha medo de que você não soubesse mentir bem o suficiente para me esconder a verdade.

Entre a sobremesa e o chá, Raphael me perguntou: mas por que seu avô não veio, ele mesmo, tentar abrir a porta?

O mesmo sonho: repete-se. Estou dormindo, você chega e se senta na cama, ao meu lado. Afaga meu cabelo em silêncio. Eu acordo e a vejo. Antes que tenha tempo de me sobressaltar, você se precipita e diz: voltei. Você diz certa em meus olhos: tive que viajar, mas agora estou de volta. Aperto a sua mão com força, para que dessa vez não mais me escape, enrugo a testa e pergunto: quer dizer que a escolha foi sua?

Estou novamente sozinha, passeando pela cidade. Penso em tudo o que fiz até agora. O encontro com a família ainda atravessa minhas ideias, numa mistura de decepção, contentamento e graça. Não posso dizer que tenha ficado realmente frustrada com a ausência da casa, a falta de diálogo com os meus parentes. Nunca imaginei que fosse ser diferente, nunca pensei que haveria uma casa à minha espera, aguardando apenas o encaixe perfeito da chave na fechadura. Quanto ao encontro, tampouco esperava uma história emocionante, dessas que enchem nossos olhos de lágrimas.

Caminho pelas ruas de Esmirna pensando que já realizei a primeira parte da viagem. Não tenho mais o que fazer na Turquia e quero ainda ir a Portugal, onde não há parentes nem casa para procurar. De qualquer maneira, é o país de onde veio a minha família e também onde nasci. Eu tinha nove meses quando saí de lá, nos braços da minha mãe. Certamente, o tempo foi curto, não deu para formar lembranças, mas ainda assim acredito que possa encontrar em Lisboa alguns sentidos para o meu corpo, a minha história.

Eles tinham ficado quase um mês no consulado sem contato com o mundo, sem poder sair, telefonar, receber visitas, nada. Era véspera da partida para a Costa Rica. O vice-cônsul veio bater à porta do quarto onde dormiam: vocês sabem, visitas são proibidas, mas ela insistiu, assumiu o risco e veio visitá-los, disse que não permitiria que a filha partisse sem antes lhe dizer adeus. Vou conceder a visita porque vocês deixam o país amanhã, e não sabemos até quando, mas sejam breves, quinze minutos serão o suficiente. Ela olhou para o marido, os olhos úmidos: minha mãe está aqui, meu deus, ela é louca. Sentia-se orgulhosa pela coragem da mãe. Colocou um lenço por cima dos ombros e foi ao encontro dela. Quinze minutos, não mais do que isso, repetiu o vice-cônsul.

Não se viam havia mais de um ano. Falavam-se às vezes por telefone, quando ela conseguia ligar de um orelhão. Mas sempre às pressas, uma conversa estranha, quase codificada, sem nomes nem locais, apenas para dizer: está tudo bem, não se preocupe, vai dar tudo certo. Do outro lado, a voz da mãe, chorosa, insegura, a ponto de desabar: minha filha, não fique aqui, vá embora do país.

A mãe estava de pé, os ombros curvos como um gancho. A sala era grande, e a filha teve de correr para alcançá-la sem demora. A mãe era menor do que a filha e por isso ficou encaixada em seus braços feito criança. Choravam, as duas, soluçavam. Não diziam nada, apenas se abraçavam e choravam. Qualquer coisa que dissessem, qualquer palavra pronunciada seria muito menos do que tudo o que tinham a dizer uma para a outra. A saudade que sentiam, o aperto no coração, a vida clandestina de uma, a vida pacata da outra, os planos, os projetos, a casa, a falta de casa. Você é louca, mamãe, você sabe os riscos que corre ao vir aqui? Ela não respondeu, sabia de tudo, é lógico, mas como medir os riscos? Como deixar de ver a filha? No dia em que fosse mãe certamente a entenderia. O papai sabe? Não, ele não teria me deixado vir. Ela balançou a cabeça, feito reprimisse uma criança levada. Elas se tocavam, misturavam as mãos, confundiam os rostos, os carinhos. Quanta saudade, minha filha, quanta saudade, mamãe.

Sentaram-se no sofá. A mãe estava ficando velhinha, as pernas roxas de varizes, rechonchudas, já não se sustentava muito tempo em pé. Ficava cansada à toa, eram muitos os problemas de saúde, os médicos, os remédios, comprimidos a cada refeição. Como você está, minha filha? Estou bem. Partimos amanhã, não teremos mais que nos esconder, estou aliviada. Você vem nos visitar assim que puder, não vem? Claro, estaremos lá, eu e seu pai. Telefone, escreva, mande notícias. Pegaremos o primeiro avião. Ela sorriu, respirou com vontade, distendendo o corpo. Deixou ali naquela sala, no sofá, os medos, as angústias e a dor da separação. Embora fossem se separar novamente, dessa vez carregava no peito a certeza de que reveria a mãe. E a cada vez que lhe vinha uma certeza, era um medo que se ia. O vice-cônsul chegou à porta da sala: o tempo acabou. Elas se olharam enternecidas, não queriam se despedir já, quinze minutos não eram nada depois de mais de um ano de distância. Ela se levantou, aproximou-se do senhor austero que a aguardava hirto ao lado da porta, e disse: que diferença faz se são quinze minutos ou uma hora? Ela já está aqui, nada mais pode acontecer. Faz muito tempo que não nos vemos, e ainda não sabemos quanto tempo ficaremos sem nos ver. Poderia argumentar que somos mãe e filha, que temos muito a falar, mas apenas pergunto: que diferença faz? Ele ficou sério, mudo durante alguns segundos, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Está bem, vocês ficam mais um tempo, mas daqui a quarenta e cinco minutos retornarei. E aí pedirei à sua mãe que se retire.

Elas se abraçaram novamente e então desataram a falar, contaram tudo o que não tinham contado nos quinze minutos passados. A mãe contava como estavam os outros filhos, os netos que tinham nascido, como estavam o pai e a loja do pai, contava sobre as obras que tiveram de fazer na casa devido a uma infiltração, contava do seu cansaço, mas também dos seus passeios na orla, de como gostava de ver o pôr do sol no Leblon, de passear pela cidade quando o seu corpo permitia. Ela não tinha grandes novidades, falava sobretudo da tensão, do medo, dos

esconderijos, mas também da esperança de que sua situação melhorasse de agora em diante. A mãe sabia que estivera presa, mas não sabia (não queria saber?) o que havia acontecido lá dentro: era demais para o seu coração de mãe, para o seu corpo frágil. Um dia a filha lhe contaria tudo, porque ela acha que as dores têm de ser ditas, que o silêncio é muito perigoso. Ela lhe contaria tudo o que se passou quando esteve presa, mas não hoje, não nesse dia de encontro e despedida, não depois de tanto tempo sem se verem. Não queria afligir a mãe desnecessariamente. Aguardaria, então, o momento certo, quando ela estivesse no exílio, não mais na Costa Rica, mas em Portugal. Quando a mãe fosse visitá-la e elas tivessem tempo, muito tempo, o tempo delas, não o do relógio do vice-cônsul, aquele senhor austero que, pontualmente, voltava à porta para avisar que dessa vez não poderia mais estender os minutos, que já tinha sido flexível demais, que havia chegado o momento, elas deveriam se separar, dizer adeus, mas que não se preocupassem, não tardaria para que pudessem se reencontrar. Ele falou isso tudo e em seguida abaixou a cabeça, sabendo que então elas davam o abraço derradeiro, que se apertavam com força, que se tocavam com amor e que choravam de saudades antecipadas, como fazem mãe e filha quando precisam dizer adeus.

Entre nós não havia amor. Havia medo.

Quando você se foi era como se eu soubesse desde sempre. Sim, você pode dizer que todos sabem, todos sabemos: a morte é nossa única certeza. Mas há algo que está além dessa certeza, uma certeza ainda maior, maior do que a certeza da morte. E era dela que vinha meu medo. Quando você morreu, foi uma confirmação, como se a morte tivesse passado o tempo todo nos espreitando, nos acompanhando em cada passo. Quando ela chegou, eu sabia que tinha de ser assim, sempre soube, desde o princípio. Mas essa certeza nunca me trouxe paz, ao contrário, trouxe-me o medo mais profundo, a revolta mais gritante, um desconforto pungente.

Quero gritar, mas tenho a boca amordaçada. Meu corpo esparramado na cama deste quarto podre e solitário é um corpo em silêncio.

Duvido que exista alguém que nunca tenha sentido vontade de matar. Talvez poucos tenham sentido tão imensa vontade quanto eu, é verdade, mas imagino que ao menos uma vez na vida todos sintam o desejo macabro de ver no olho alheio o medo da morte. Cheguei a arquitetar planos nas minhas noites de insônia. Não queria apenas que você morresse, queria que fosse eu a matá-lo. Queria ver seus olhos de desespero ao perceber que perderia a vida nas minhas mãos. Como num filme, num livro. Como num desses jornais baratos que podemos comprar todas as manhãs e que trazem na capa a notícia de um assassinato descabido, um filho que matou a mãe ou um marido que matou a mulher por tê-la encontrado na cama com outro. Queria ser eu nos noticiários do dia seguinte: jovem mata namorado durante briga do casal. Tudo planejado, a briga, o local, a arma, o motivo do crime (legítima defesa: ele me matou primeiro). Às vezes observava seu corpo dormindo, o ronco atrapalhando o meu sono, o ar saindo em exagero pela boca, e ficava imaginando como seria perfurar o estômago de alguém, ver o sangue jorrando, a vida lhe escapando, correndo solta por entre meus dedos. Às vezes passavam-se horas e eu ainda a olhá-lo. Às vezes você acordava e me perguntava: o que foi? Nada, só não consigo dormir. Você então me puxava para perto de si, colava o seu corpo ao meu, de lado, as pernas se misturando umas às outras, e me beijava o pescoço. Sussurrava-me palavras doces que eu mal compreendia e voltava a dormir. Eu, encolhida em seus braços, continuava a arquitetar meus planos, à espera da primeira luz da manhã.

Vim a Portugal descobrir minhas origens e o que descobri foi outra coisa: não tenhas medo da palavra amor. Ele me disse isso com os olhos verdes quase a arder os meus, disse-me a palavra amor mesmo sabendo que não me amava (não ainda), e o amor ficou ecoando no quarto, ressoando, ressoando. Quis segurar a frase, prender os sons entre os braços. Não sei se algum dia tive medo do amor, mas a palavra assim, solta no quarto, nunca ouvira nada tão doce. Não tenhas medo da palavra amor.

Não, não tenho medo.

Como é cruel (e bonito) que a vida continue depois de você.

Era sábado à noite, e a música estava no volume máximo. Eu dançava só de calcinha enquanto Linda Scott cantava I've Told Every Little Star. Uma cerveja na mão e várias latinhas vazias em cima da mesa. Dançar é como fazer sexo, eu disse antes de colocar a música. Você fingiu não me ouvir, não gostava de dançar. Deixou-me sozinha na sala quando aumentei o som. Não faz mal, pensei, adoro dançar sozinha. Poucas coisas são melhores para um sábado à noite do que cerveja e música e solidão. Vá fazer outra coisa e me deixe a sós, não me incomode. Eu dançava e não pensava nisso, não pensava em nada. Sorria e sorria e me mexia e sorria. Conduzia o corpo ora para um lado, ora para o outro, a mão encostando de leve o quadril.

Você não demorou para voltar, você não aguentava a sua solidão quando eu estava bem com a minha. Apareceu no corredor com o sorriso sarcástico de sempre, uma cerveja e um cigarro numa das mãos e um CD na outra. Desligou o som e disse: vou botar aquela música que você adora. Concordei, sorrindo, gostando da ideia, sem saber ainda que música seria. Você veio para perto de mim e começou a me acariciar o pescoço, afastando meu cabelo comprido, e me beijou e encostou a cerveja gelada nos meus seios e derramou um pouco de cerveja nos meus seios e me chupou o seio e perguntou: quer dizer que dançar é como fazer sexo? Eu ri, riso de bêbada, riso alegre, riso feliz. Hein, quer dizer que dançar é como fazer sexo? Ri mais e mais. Você jogou a cerveja toda em cima de mim, me deu um banho de cerveja gelada e se afastou. Então, pude ouvir a música, a nossa música. My baby shot me down. Você tinha o olhar que me aterrorizava. Bang bang. Você mirou em mim e atirou, você nem precisava de arma, você atirava e atirava e atirava e tinha as mãos livres. Você me acertou e já não pude dançar, já não pude me mexer. Você se foi, me deixou novamente sozinha e eu nem soube por quê. Estirada no chão até o amanhecer, chorei a minha própria morte.

Ele não sabia de nada, não sabia o que eu estava fazendo em Lisboa, por que estava lá. Quando nos conhecemos, eu ainda carregava a mala, e ele sabia apenas que eu chegava. E pensava que isso era tudo. Que não havia nada antes nem depois disso. Eu estava na Brasileira, tinha acabado de tomar um café e resolvi pedir a quem passava para tirar uma fotografia minha ao lado do Fernando Pessoa. Ele caminhava sozinho, sem nada nas mãos, então pedi: por favor, será que poderia tirar uma foto minha? Ele sorriu, da mesma maneira que eu também sorriria se me pedissem para tirar uma fotografia em frente ao Pão de Açúcar. Não disse nada, apenas tirou o retrato. Depois quis conferir: como faço para ver se está bem? Peguei a máquina de volta: é assim, basta girar esse botão. O que pensas? Hum, refleti: poderia tirar outra? Ele riu novamente e concordou. Convidei-o para tomar algo, se não tivesse nada a fazer, se tivesse tempo. Sim, mas que tal se mudássemos de ambiente? Dessa vez, fui eu quem riu: sem problemas. Mas você se incomodaria se não fôssemos muito longe? É que estou carregando uma mala meio pesada. Continuamos o jogo de sorrisos, um a rir do que o outro falava, como se fôssemos duas figuras exóticas, mas também como se nos entendêssemos perfeitamente e um soubesse o que o outro queria.

O bar era um pouco distante, mas ao menos não precisei carregar a bagagem: carregou para ti, ele ofereceu gentilmente. O ambiente era certamente menos turístico e, talvez por isso, mais simpático. Não tínhamos nada a falar um ao outro: poderíamos falar tudo, qualquer coisa. Tínhamos as nossas vidas inteiras para serem contadas, mas era como se nada disso importasse muito, como se tudo ou nada fosse a mesma coisa. Então, não falamos. Pedimos duas imperiais e simplesmente bebemos. E nos olhamos. E o silêncio entre nós foi aumentando, durando mais e mais, até se transformar num silêncio enorme, quase absoluto, interrompido apenas pelo eventual barulho dos goles de cerveja ou dos nossos olhos a pestanejar. Quando o silêncio cresce sem freios, quando ele é assim muito grande, torna-se ainda mais perigoso. E foi isso o que aconteceu entre nós: o silêncio foi aumentando, aumentando, e o perigo também. O silêncio já estava lá havia tanto tempo que se falássemos perderíamos tudo o que já tínhamos construído, como se qualquer palavra pudesse nos transformar em dois seres feios e sem graça. Implicitamente, estabelecemos o pacto de não destruir o silêncio, apesar dos perigos, pelos perigos. Não ouvimos as pessoas que gritavam ao nosso lado, os homens que entravam e saíam, as mulheres que riam exageradamente, o rapaz que brigava com o garçom porque o sanduíche não estava como ele queria. Não ouvimos o garçom nos perguntando se estávamos satisfeitos, nem o copo caindo da bandeja e se quebrando no chão. Ouvíamos apenas o nosso silêncio e o sangue a circular com força pelas veias, a esquentar o corpo, a nos dar desejo, um enorme desejo de correr perigos. Era como se o mundo ao nosso redor não fosse o mundo, como se o mundo fosse apenas aquilo que existia entre nós. Não conhecíamos nada um do outro, senão o silêncio e o olhar, e por isso não houve pudor, não houve vergonha, não houve medo: houve apenas desejo, silêncio e perigo quando demos o nosso primeiro beijo.

A anistia veio em agosto de 79. Um mês depois, ela desembarcou no Galeão junto com uma dezena de exilados políticos. Flashes da maior parte dos jornais e revistas cariocas estavam lá para cobrir a euforia dos que chegavam e dos que recebiam. O bebê que ela carregava não se incomodou com a multidão, nem mesmo se assustou com a quantidade de pessoas que o pegavam no colo. Era como se ele reconhecesse a casa que ainda não conhecia. Quando saiu a aprovação da Lei da Anistia, ela ponderou: não precisamos voltar agora, estamos bem aqui. A revista tem gostado do meu trabalho como correspondente, você tem feito contatos com o partido no mundo inteiro. E a nossa filha ainda é muito pequena, é cedo para viajar de avião, mudar de ambiente. Ele bateu pé: nosso lugar é lá. E é lá que quero fazer a revolução.

Ela acabou se convencendo de que era mesmo o momento de voltar, fazia tempo que não via a família e os amigos, que não comia pão de queijo nem bebia uma caipirinha. Não foi fácil arrumar a mala, afinal, haviam sido cinco anos de exílio. Tiveram de se desfazer de muita coisa, quadros, sofás, fogão, geladeira. Outras tantas — tapetes, livros, cerâmicas — mandaram por navio. As roupas vieram no avião. Ela veio primeiro com a filha, enquanto ele ficaria ainda dois meses resolvendo a última papelada e cumprindo algumas obrigações do partido. Antes de ir embora, ela reuniu os amigos mais próximos e disse que, se estava feliz pela certeza de reencontrar quem não via fazia muito, estava triste por deixá-los. Havia uma amiga que lhe era especialmente querida (tinham se conhecido na Albânia, onde, num jantar do partido, se entreolharam e seguraram o riso ao ver uma mosca mergulhando na sopa do líder, que pronunciava um discurso pomposo e arrastado) e de quem, estava certa, sentiria imensa falta. Suas filhas tinham quase a mesma idade, e doía pensar que não cresceriam lado a lado, como tinha imaginado tantas vezes.

Ao desembarcar, ela sentiu um frio subindo a espinha, o coração acelerando. Quem estaria lá para recebê-la? Enquanto esperava a bagagem, o tempo lhe parecia interminável, embora ela estivesse de papo com um conhecido que encontrara. Queria sair logo, chegar de verdade. Quando percebeu que era possível ver quem estava do outro lado, aproximou-se do vidro que impedia a passagem. Com os olhos de azeitona afoitos, procurou algum conhecido. Até que levou um susto: arrastando de mansinho a mão pelo vidro, seu pai chegou até ela. Quanto tempo fazia que não se viam! Ela diria que ele estava igual — igualzinho —, não fossem algumas rugas a mais e a coluna mais curva do que na última vez em que se encontraram. Os olhos dos dois estavam molhados, embora as lágrimas não caíssem. Imitando seu gesto, ela encostou a mão no vidro feito fosse segurar a dele. Trocaram carinhos, e era como se o vidro não existisse, até podiam sentir o calor da mão um do outro. De repente, como se ainda não tivesse se dado conta, ele apontou para a neta, era a primeira vez que a via. Ela ficou olhando para os dois, seu pai e sua filha, pensando em coisas óbvias demais, simples demais, coisas que lhe davam a certeza de que voltar tinha sido a melhor escolha.

Sentiu uma mão lhe tocar o ombro, era o conhecido com quem conversara havia pouco se despedindo: vá dar uma olhada, talvez suas malas já tenham chegado. Ela se desconcertou, sentia-se zozna. Ai, que bom, suspirou, vou lá ver então. E desejaram boa sorte um ao outro, felicidades. Enquanto tirava a bagagem da esteira, não pensava em outra coisa, queria sair de lá correndo e abraçar o pai, sem se incomodar com o tumulto que a aguardava, os flashes, os amigos querendo saber como ela estava, a filha passando de colo em colo. Queria apenas sentir que havia chegado.

Você não vai acreditar onde estive hoje. [Onde?] Passeando pela Praça do Rossio, de repente vi, em letras encarnadas e grandes, o nome Pastelaria Suíça. [Não pode ser! Você foi à Pastelaria Suíça?] Pois é, você falava tanto dos doces de ovos desse lugar, que o nome ficou gravado na minha memória. Não acreditei quando, sem querer, me deparei com a grande esplanada, cheia de mesinhas e garçons passando com bandejas fartas de guloseimas. [Eu adorava sentar numa dessas mesas e tomar um café bem forte com algum doce. Cada dia escolhia um diferente.] É aqui, pensei, é esse o lugar do qual a minha mãe sempre falava. [E como poderia não falar? Lembro como se fosse hoje: a sua avó tinha morrido em outubro de 77. Em junho de 78, numa tarde ensolarada de primavera, luz radiante, a Praça do Rossio repleta de pessoas, nervosamente entrei na Farmácia Estácio para pegar o resultado do teste de gravidez. “Positivo”, indicava. “Está grávida”, afirmava o papelzinho com todas as letras. Pulei, ri sozinha, não cabia em mim. Nunca o Rossio exibiu-se tão lindo. Uma resposta de vida. Fui comemorar na Pastelaria, onde comi até não poder mais.] E foi exatamente o que fiz, sentei numa mesa ao ar livre, em pleno burburinho da praça, dos turistas, da gente que passeava ou se apressava por qualquer razão. E pedi dois doces de ovos: um para mim, outro para você.

Não sei se nos encontramos alguma vez, se houve algum momento em que pudemos dizer que o amor entre nós existia como certeza e felicidade, ou se apenas perambulamos um pela vida do outro como os personagens embaçados de um certo cineasta chinês que mostra o amor como impossibilidade. Toda vez que vejo seus filmes, penso em nós, no nosso amor impossível, no nosso amor irrealizado apesar dos anos juntos, e me pergunto se haveria alguma chance de ter sido de outra maneira, ou se a força do nosso amor não estava justamente na sua impossibilidade. Nas vezes em que nos abraçávamos e recaía sobre meu peito a dor de uma certeza: você não era meu. Nas vezes em que fazíamos amor e, mesmo gozando juntos, eu sentia que não era um com o outro, que a distância entre nós não era um vazio, mas um abismo. Como se eu pegasse a sua mão e você não tivesse mão, como se eu quisesse me declarar e você não tivesse ouvidos. Ainda que morássemos na mesma casa, que dividíssemos a mesma cama, que fizessemos tantas e tantas coisas juntos, era como se entre nós houvesse uma faca afiada nas duas extremidades, afirmando que para nos aproximarmos teríamos de nos rasgar ao mesmo tempo no único abraço possível: o abraço da morte suja de sangue.

Perguntei-lhe pelo cavalo branco, ele disse não ter nenhum. E a roupa de príncipe? Também não tenho. E o nome de príncipe? Também não. Tem um buquê de flores então? Tampouco o tenho. Mas isso é fácil de resolver, espera um bocadinho. Quando voltou, trazia escondido atrás do corpo um buquê de flores do campo, de cores variadas, de cheiro bom. Com as duas mãos para trás, pediu-me: escolhe uma. A esquerda, eu arrisquei. E esticando a direita, ele disse: toma, é para ti. Eram lindas, as flores. Eu sorri: sorri muito, de verdade. Ele pegou o buquê da minha mão e o repousou cuidadosamente no chão, ao nosso lado. Então nos beijamos: um beijo terno, doce. E depois tivemos de ir embora, de mãos dadas, eu e ele, sabendo que não éramos eternos, que não éramos príncipe e princesa, mas que nossos lábios se entendiam, que as nossas bocas finas levemente coladas uma à outra eram feito amor de príncipe e princesa. Eram, talvez, o amor.

Tenho certeza que me compreenderá. Você esteve sempre ao meu lado e conhece bem os meus passos. Nossas mãos caminharam dadas até aqui, e tenho as minhas molhadas pelo seu suor. Faremos tudo com calma, muita calma. Olhe para mim, nos meus olhos, agora sou eu quem lhe diz: não tenha medo. Acaricio o seu rosto com a minha mão livre. Sinto que você me aperta a outra. Não tenha medo, repito. Você não diz nada, tem os olhos cheios d'água, como costumam ser os olhos de quem se despede. Estamos no quarto. Você olha à sua volta, e eu não tiro os olhos de você. Não quero me esquecer de nada, de nem um detalhe sequer, mesmo sabendo que um dia me esquecerei, que um dia não saberei mais precisar o tamanho do seu nariz, o contorno da sua boca, a espessura dos seus cabelos. Mesmo sabendo que um dia precisarei de uma fotografia para me lembrar das pequenas coisas. Eu lhe agradeço uma última vez e prometo manter viva a sua memória. Também tenho os olhos cheios d'água. Mas já não tenho medo, tenho algumas certezas. Delicadamente, vou desgarrando a sua mão da minha. Olhamo-nos. Sofremo-nos. Amamo-nos. Sinto um leve alívio quando nossas mãos se separam. Digo: espere. Com mais delicadeza ainda, retiro seu anel e o coloco em meu dedo. Você sorri, aprovando meu gesto. Digo que saberei tomar conta dele, da mesma maneira que um dia você tomou conta de mim. Você alarga o sorriso. Eu a tomo em meus braços e, juntas, deitamos aos poucos na cama. Arrumo seu corpo para que se sinta confortável e escorrego a mão por seus cabelos, seu rosto. Passo a mão sobre seus olhos e você me entende, você os fecha. Beijo-a forte uma última vez. Em seguida, seguro as duas pontas do lençol enroscado ao pé da cama e puxo-o para cima de você, cobrindo-a inteiramente, fosse um sudário.

Não sei quantas taças de vinho havíamos bebido. Estávamos sem roupa havia muitas horas: nuinhos, como ele gosta de dizer. Esparramados no chão na cama no sofá. Falando de coisas sem importância, coisas muito importantes. Tocando o corpo um do outro suavemente, sem pressa. Sabíamos, os dois, da eternidade das horas que passavam. Perguntei-lhe: então, vem você morar no Rio ou venho eu para Lisboa? E rimos, os dois, rimos muito, gargalhamos. Também sabíamos da brevidade do tempo, o que nos permitia brincar como dois meninos, dois adolescentes que fazem planos mesmo quando têm a certeza de que nunca se realizarão. Fazamos o seguinte, ele disse: passamos uma semana em cada cidade. Todo domingo à noite, vamos ao aeroporto e mudamos de continente. Assim não precisamos nos desfazer de nada, mantemos as duas casas, acho que é o mais justo. E o mais divertido, acrescentei. Rimos de novo e bebemos mais vinho e demos mais beijos e fizemos mais carinhos e traçamos mais planos e nos encontramos mais e nos perdemos mais e fomos mais e mais felizes. De tão feliz, eu sentia o peito apertar, uma dor que eu não sabia existir quando se tratava de felicidade.

Preciso falar com você, eu disse. Fale. Venha aqui, respondi, o que tenho para dizer é sério. Você se sentou ao meu lado no sofá. Segurei a sua mão e comecei a discorrer, num rompante, tudo o que havia planejado e decorado fazia mais de uma semana. Falava sem pausas, sem lhe deixar qualquer brecha para me interromper. Você sabe o quanto eu te amo o quanto você é importante para mim tudo o que me ensinou tudo o que aprendi com você você sabe bem que me apaixonei desde o primeiro instante que seu olhar me capturou você sabe melhor do que ninguém que nenhum homem antes havia me dado tanto prazer você sabe o quanto o admiro o quanto respeito a pessoa linda que você é você sabe que pode e sempre poderá contar comigo porque você é e sempre será muito especial para mim você sabe que sempre haverá um espaço para você no meu coração você sabe disso tudo de todo o meu sentimento por você o meu amor por você e por isso acho que você vai entender claro que você vai entender você também deve pensar a mesma coisa que eu você deve concordar comigo não é meu amor você também deve pensar como eu que apesar de todo o amor que sentimos um pelo outro infelizmente não dá mais nunca conseguiremos ser felizes talvez porque o nosso amor seja grande demais não sei talvez porque sejamos pequenos demais para suportar tanto amor talvez ele não caiba em nós por isso tenho a certeza de que você também quer isso você também quer a separação assim como eu você também deve achar que precisamos nos afastar para dar uma chance a nós mesmos para cicatrizar as feridas e sermos felizes ainda que distantes um do outro ainda que impossibilitados de viver o nosso amor. Você me mostrou um sorriso sarcástico, era evidente que não me entregaria de bandeja o que era inteiramente seu. Nunca assumiria uma derrota. Você não disse uma palavra sequer. Simplesmente arrancou a minha blusa e me empurrou com força no sofá, obrigando-me a esticar o corpo. Arrancou-me a calcinha com movimentos bruscos e penetrou imediatamente seu dedo no meu sexo seco. No meu rosto, apenas terror. No meu corpo, a impossibilidade de movimento. Eu já tinha esgotado as minhas forças, e você sabia disso. Você se aproveitava disso. Abaixou o short e ali mesmo, naquele sofá onde outras vezes nos amamos, deitou-se em cima de mim. Eu estava abandonada, entregue à sua vontade, feito me culpasse pelo que acabara de falar. Tinha o sexo áspero, e nem a sua saliva era capaz de umedecê-lo. Você se rejubilava com a minha dor. Você me perguntou: então, não é bom? Não respondi. Não é bom?, você insistiu. Permaneci muda. Não é bom? Não, eu disse, finalmente. Então, como que para calar a minha resposta, você saiu de dentro de mim e me penetrou a boca com uma violência ríspida, eu quase sem conseguir respirar. Você me penetrou a boca até gozar e só retirou seu sexo quando teve a confirmação de que eu já havia engolido tudo. Depois me segurou o rosto com força e, com o olhar transbordando ironia, afirmou: está vendo como podemos ser felizes juntos?

Estávamos juntos havia quatro dias quando ele me perguntou: mas, afinal, por que estás aqui? Era de manhã e tínhamos acabado de tomar café. Do lado de fora estava cinza. Era a primeira vez que eu via Lisboa sem sol. Pouco tempo antes, quando havia saído para comprar pão e doces portugueses (gosto tanto que sou capaz de devorá-los mesmo de manhã: barriga de freira, pastel de nata, guardanapo, travesseiro, ninho de ovos, entre tantos outros), estranhara a pouca luminosidade na cidade. Está feio o tempo hoje, não?, comentei com o padeiro, que me respondeu que gostava imenso de dias nublados. Saí de lá com um pacote repleto de delícias e fui recebida de volta com um largo sorriso.

Levantei da mesa e deitei no sofá para responder à sua pergunta. Enrolando os cachos do cabelo, contei-lhe tudo: da minha paralisia, do meu corpo doente, da chave que meu avô me dera. Contei-lhe que tinha ido à Turquia e que agora estava em Portugal atrás do meu passado. Disse-lhe que precisava acertar as contas de gerações anteriores, acertar as minhas contas. Nasci aqui em Lisboa, sabia? Não! É verdade ou estás a gozar? É verdade, dissilhe sorrindo. Nasci em janeiro de 79 e fui para o Brasil em setembro. Mas guardei o sotaque lisboeta, não percebes? Ele me olhou torto e veio me fazer cosquinhas, me dar beijinhos: então és alfacinha? Sim, eu disse, uma verdadeira alfacinha. Tenho até o passaporte, quer ver? Passe a minha bolsa, por favor. Tirei o passaporte e mostrei-lhe. Está vendo? Ele o folheou, descobriu a minha foto monstruosa — como quase todas as fotos de passaporte — e leu em voz alta: Local de nascimento: São Domingos de Benfica, Lisboa. Então é mesmo verdade, ele disse. Sim, respondi, mas agora me deixe terminar de contar a história. Perguntou, agora escute.

Então, continuei a lhe contar. Contei como tinha sido a viagem à Turquia, as pessoas que tinha encontrado, a casa que não estava mais lá. Contei que tinha feito esse percurso para tentar sair do lugar, porque havia muito eu não me levantava da cama, no Brasil. Contei também da morte da minha mãe, da dor, do luto. Disse-lhe que falo com ela ainda hoje. Falo com os mortos, afirmi, com os mortos que me acompanham. E depois contei do amor que me matou: um dia eu ameí um homem, e esse homem me matou. Conteí da violência, dos rasgos que ele fez na minha carne, e mostrei as marcas, as cicatrizes todas. E disse: se o amor é isso, prefiro não amar. Então ele me abraçou, deitou ao meu lado no sofá, e ficamos os dois agarrados, espremidos num espaço menor do que os nossos corpos juntos. E, enrolando os cachos do meu cabelo, ele disse: não, o amor não é isso. Não tenhas medo.

Você devia estar dormindo há algumas horas. Eu escutava seu ronco, o que me dava ainda mais coragem para fazer aquilo que já não podia esperar. Meu corpo tremia, mas meu coração estava seguro. Levantei-me da cama com todo o cuidado para não acordá-lo. Fui à cozinha, e quando voltei seu corpo estava virado para o outro lado. Tive receio de que tivesse acordado. Sussurrei seu nome, mas você não respondeu. Aproximei meu corpo do seu e pensei que você era bonito enquanto dormia. Seu corpo nu enrolado em si mesmo me dava uma serenidade que seu corpo acordado não tinha. Você era branco, branco, e seus pelos eram apenas uma leve penugem que acariciava sua pele macia. Suas mãos pareciam mãos de bebê, e de repente senti uma enorme vontade de segurá-las, mas tive medo que você acordasse. Passei muitos dias me perguntando se o que sentia por você era amor. Olhando seu corpo em cima da cama pensei que sim, de alguma maneira eu o amava. E foi com esse sentimento que, muito delicadamente, virei seu corpo, a barriga para cima. Você grunhiu algo incompreensível, mas logo em seguida retomou o sono profundo. Estava quente, mas não muito. Estiquei seus braços e suas pernas. De leve, toquei no seu rosto e encostei meus lábios nos seus. Sussurrei seu nome novamente, mas você não respondeu. Tive uma certeza que nunca antes tivera, e meu corpo não tremia mais. Segurei as duas pontas do lençol enroscado ao pé da cama e puxei-o para cima de você, cobrindo-o inteiramente, fosse um sudário. Em seguida, peguei a faca que havia buscado na cozinha e, segurando-a com as duas mãos, atravessei seu ventre. Senti o metal rasgando sua pele macia, perfurando a carne, o estômago. Senti o metal roçando os ossos da sua costela, e então larguei a faca. Você deu um grito de dor e levantou a cabeça, descobrindo a parte de cima do lençol. Você tinha os olhos abertos. Nossos olhos se encontraram pela última vez, e então pude ver a raiva, o medo e a derrota estampados em seu rosto. Em seguida, vi sua cabeça pendendo para o lado e seus olhos se fechando para sempre. Alarguei o olhar e vi o quarto inteiro, vi todos os objetos que um dia tinham sido nossos. No centro da imagem, a nossa cama. Do lado esquerdo da cama, seu corpo branco coberto por um lençol branco. No centro do seu corpo, a faca com a qual eu rasgara a sua pele. No centro do seu corpo, o seu corpo era vermelho, o lençol era vermelho. E era esse vermelho que me reforçava a certeza, que me garantia não haver outro final possível para a nossa história.

Se não te incomodas, prefiro não te levar ao aeroporto. Por quê? Você também não gosta de se despedir, é isso? Odeio despedidas, ele respondeu. Prefiro ficar com a lembrança do que vivemos cá e com a certeza de que um dia nos reencontraremos. Você acha? Ele tinha o sorriso confiante quando me disse: verás que sim. Está bem, então não me leve, mas você fica comigo até o último momento? Ele respondeu me dando um abraço longo e muitos beijinhos pequeninos. Eu estava ansiosa: mais uma despedida para encarar. Vim a Portugal desfazer velhos laços e acabei fazendo novos, e agora teria de dizer adeus novamente. Mas, enfim, se ele tinha certeza de que nos reencontraríamos, eu tentava não pensar no avião que me aguardava. Eu gostava de um dia morar no Rio, ele falou. E eu em Lisboa. Então podemos trocar de casa? Rimos. Mas podemos também coincidir um bocadinho, não é? Sim, claro, respondi. E depois engatei: você ainda tem um vinho alentejano aí? Tenho, queres? Quero. Podemos beber uma garrafa até a hora de ir ao aeroporto, não?

Ele pegou duas garrafas. Abriu uma e, segurando a outra, disse: toma, abre no Brasil e pensa em mim quando tomares. Agradei, você é um amor. Tu é que és. E começamos a brincar: meu docinho de coco. Meu pastel de Belém. Meu chuchuzinho. Meu ninho de ovos. Até o momento em que ficamos sem roupa, e aí já não dizíamos nada. Tínhamos a mesma graça e a mesma leveza: não nas palavras, mas nos gestos. Fazíamos amor como se brincássemos, estávamos sempre a inventar novas coisas, a nos deliciar a cada toque — de mãos, línguas, sexos, pelos, peles, narizes, queixos, olhos, pestanas. Havia algo de especial quando estávamos juntos, talvez essa leveza pueril: podíamos ser crianças sem medo, ser crianças sendo muito velhos. E foi o que fizemos nas nossas últimas horas juntos. Bebemos as duas garrafas de vinho (e agora, como vou fazer para me lembrar de você no Brasil?), rimos, fizemos amor, gozamos um do outro, um com o outro, até que, lutando contra a minha vontade, tive de dizer: acho melhor chamar o táxi, senão vou acabar perdendo o avião. Então fomos tomados por uma certa seriedade, enquanto ele procurava o número de telefone e eu me vestia.

Quinze minutos, ele disse. Torci o nariz: por que tão rápido? Porque os serviços em Portugal funcionam, ele respondeu, rindo de si mesmo. Foi apenas o tempo de eu terminar de me vestir, pegar as malas e lhe dar um abraço apertado e alguns beijos molhados. E deslizar a mão pelo seu rosto algumas vezes. E olhar dentro de seus olhos verdes e sentir os meus ardendo. E dizer: tenho muito carinho por você. E ouvir: também tenho muito carinho por ti. E de sentir suas mãos atravessando meus cabelos, brincando de fazer cachos. E dizer adeus, até logo, até breve, breve.

Ficamos nos olhando até o táxi partir, mesmo depois de o táxi ter partido. Eu tinha o coração cheio de alegria, mas também com um pouco de tristeza. Minha cabeça martelava: por que, quando é bom, não pode dar certo? E depois era eu mesma quem me dizia: pare de pensar assim, já foi bom e já deu certo. Fiquei desse jeito, oscilando entre pensamentos bons e ruins, durante algum tempo. Até me lembrar da frase que um amigo meu sempre dizia: amor não é para guardar, mas para espalhar. Quando lhe contava minhas histórias e depois falava dos meus sonhos de príncipe e princesa, ele sempre afirmava: mas você não é mulher de um amor só, você tem que amar muitas vezes, espalhar essa sua capacidade de amar por aí. Pensei que se lhe contasse esta história ele certamente se exaltaria: não disse? Pense que agora você tem um pouquinho de amor em Lisboa, em mais uma cidade. E uma cidade tão especial para você. Enquanto meus pensamentos reviravam com essas ideias todas, ouvi meu celular apitar: nova mensagem. No cabeçalho, o nome dele, e logo abaixo o texto: acho que tenho toda a ternura e todo o carinho dentro do peito. Obrigado por existires. Beijinhos.

E assim pude partir em paz, voltar para o Brasil com a certeza de que a minha relação com Portugal não era mais uma relação com o passado, nem do passado.

Meu avô entra no quarto reclamando do cheiro acre e perguntando se estou pronta para a viagem. Uma luz serena entra pelas frestas da persiana, anunciando que o sol se porá em breve. Penso que mais um dia termina e que os dias terminando parecem um único e mesmo dia. Olho ao meu redor, enquanto meu avô fala e aguarda uma resposta, e me digo em silêncio que preciso botar o cobertor para lavar, tirar as roupas do chão e o mofo das paredes. Estou enojada do meu próprio casulo.

Ele insiste, quer saber se estou pronta ou não. Chamo-o para perto e, receoso, ele se senta ao meu lado. Vejo o quanto está envelhecido e pela primeira vez penso que não há diferença entre seu rosto e suas mãos, são todos a mesma pele murcha. Sem me levantar, pego a caixinha na mesa de cabeceira. Dentro dela, em meio a pó, bilhetes velhos, moedas e brincos, descansa a chave. Ele estica o olhar e vê o mesmo que eu. Ele me encara, e já não preciso dizer nada. Pego a chave, assopro a poeira em que está mergulhada e, esticando o braço, alcanço a mão do meu avô. Seguro-a com força, e permanecemos com as mãos coladas, a chave entre nosso suor, selando e separando as nossas histórias.

Este livro foi composto na tipologia
ClassGaramond, em corpo 11/15, e impresso
em papel off-white 90g/m² no Sistema Cameron
da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.